# ME VESTIREI DE MEIA-NOITE

## Terry Pratchett

# ME VESTIREI DE MEIA-NOITE

Terry Pratchett

Tradução: SEVERINO DE VILLEGAIGNON

# SUMÁRIO

Capítulo 1 - UM RAPAZINHO PIQUININHO GRANDÃO....6

Capítulo 2 - MÚSICA QUEBRADA .....28

Capítulo 3 -AQUELES QUE SE MEXEM NO SONO.....47

Capítulo 4 -DINHEIRO DE VERDADE .....58

Capítulo 5 -A MÃE DAS LÍNGUAS .....91

Capítulo 6 -A VINDA DO HOMEM ASTUTO .....115

Capítulo 7 -CANTOS NA NOITE.....146

Capítulo 8 -O PESCOÇO DO REI.....174

Capítulo 9 - A DUQUESA E A COZINHEIRA.....200

Capítulo 10 - A GAROTA DERRETENDO .....246

Capítulo 11 - A FOGUEIRA DAS BRUXAS .....280

Capítulo 12 - O PECADO DOS PECADOS.....300

Capítulo 13 - SACUDINDO OS LENÇÓIS.....336

Capítulo 15 - QUEIMANDO O REI .....361

Capítulo 16 - UMA SOMBRA E UM SUSSURRO .....384

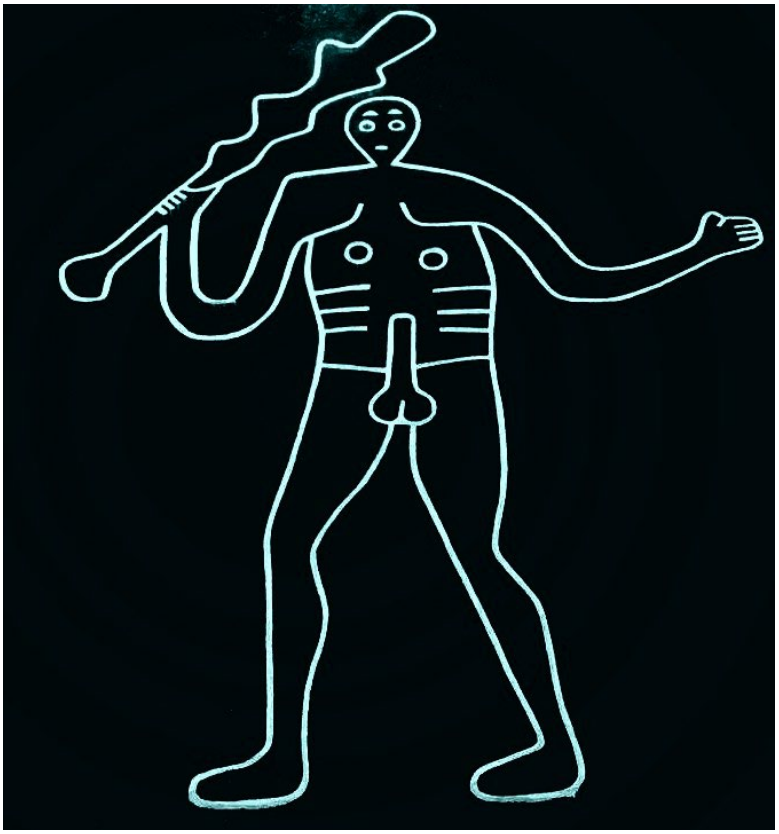
Epílogo - MEIA-NOITE EM PLENO DIA .....398

GLOSSÁRIO FEEGLE .....403

NOTA DO AUTOR.....406

# CAPÍTULO 1

# UM BELO RAPAZINHO PIQUININHO GRANDÃO



Por que, perguntou-se Tiffany Dolorida, as pessoas gostavam tanto de barulho? Por que o barulho era tão importante? Algo muito próximo estava soando muito parecido a uma vaca parindo. Descobriu-se que era um velho órgão de realejo, acionado à mão por um homem esfarrapado e com uma cartola surrada. Ela se afastou o mais educadamente que pôde, mas com o barulho acontecia dele ficar pegajoso; você tinha a sensação de que, se permitisse, ele tentaria segui-la até sua casa.

Mas esse era apenas um som no grande caldeirão de barulho ao seu redor, tudo feito por pessoas e tudo feito por estas mesmas pessoas tentando fazer barulho mais alto do que as outras pessoas fazendo

barulho. Discutindo nas barracas improvisadas, procurando por maçãs ou sapos,[1] torcendo pelos boxeadores e por uma senhora com lantejoulas na corda bamba, vendendo algodão doce a plenos pulmões e, para dizer sem muita firula, bebendo bastante.

O ar acima da planície verde estava denso com o barulho. Era como se todas as populações de duas ou três cidades tivessem chegado ao topo das colinas. E então ali, onde tudo que você geralmente ouvia era o grito ocasional de um gavião, você ouvia o grito permanente de, bem, de todo mundo. Aquilo era chamado de diversão. As únicas pessoas que não faziam barulho eram os ladrões e batedores de carteira, que cuidavam de seus negócios com um silêncio louvável e não se aproximavam de Tiffany; afinal, quem escolheria bater a carteira de uma bruxa? Você teria sorte se recuperasse todos os seus dedos. Pelo menos era isso que eles temiam, e uma bruxa sensata os encorajaria nesse medo.

Quando você era uma bruxa, você representava todas as bruxas, pensou Tiffany Dolorida enquanto caminhava pela multidão, puxando a vassoura atrás dela na ponta de um pedaço de barbante. Ela flutuava alguns metros acima do solo. E ela estava ficando um pouco incomodada com aquilo. Parecia funcionar muito bem mas, mesmo assim, como havia crianças pequenas por toda a feira arrastando balões, também na ponta de um pedaço de barbante, ela não pôde deixar de pensar que isso a fazia parecer mais do que um pouco boba; e algo que fazia uma bruxa parecer boba fazia todas as bruxas parecerem bobas.

Por outro lado, se você o amarrasse a uma cerca viva em algum lugar, certamente haveria algum garoto que desamarraria o barbante e pegaria a vara por conta de um desafio, caso em que provavelmente ele

[1] Isto se fazia com os olhos vendados. N.A.

subiria direto até o topo da atmosfera onde o ar congelava. E muito embora ela pudesse, em teoria, chamar a vassoura de volta, as mães ficavam muito sensíveis por terem que descongelar seus filhos em um dia claro de final de verão. Não seria legal. As pessoas falariam. Aliás, pessoas sempre falavam sobre bruxas.

Ela se resignou novamente a continuar a arrastar a coisa. Com sorte, as pessoas pensariam que ela estava aderindo ao espírito da coisa de uma forma bem-humorada.

Havia muita etiqueta envolvida, mesmo em algo tão enganosamente alegre como uma feira. Ela era a bruxa; quem sabe o que aconteceria se ela esquecesse o nome de alguém ou, pior ainda, se trocasse um nome por outro? O que aconteceria se você esquecesse todas as pequenas rixas e facções, as pessoas que não conversavam com seus vizinhos e assim por diante e muito mais ainda adiante? Tiffany não conhecia o termo "campo minado", mas se conhecesse, lhe teria parecido meio familiar.

Ela era a bruxa. Para todas as aldeias ao longo da terra do Giz ela era a bruxa. Não mais apenas a sua própria aldeia, mas todas as outras tão distantes quanto Ham-on-Rye, por exemplo, que ficava a um bom dia de caminhada dali. A área que uma bruxa considerava como sua, e por cujo povo ela fazia o que era necessário, era chamada de herdade; e no que dizia respeito às herdades, o de Tiffany era das boas. Poucas bruxas tinham um afloramento geológico inteiro para si, mesmo que este estivesse quase todo coberto de grama, e a grama estivesse quase toda coberta de ovelhas. Naquele dia as ovelhas nas colinas foram deixadas sozinhas para fazer o que quer que fizessem quando estavam sozinhas, o que presumivelmente seria praticamente o mesmo que faziam se você as estivesse observando. E as ovelhas, geralmente cuidadas, pastoreadas e vigiadas, agora não eram objeto de nenhum

interesse, porque ali mesmo estava acontecendo a atração mais maravilhosa do mundo.

É claro que a Feira da Escovação era apenas uma das atrações mais maravilhosas do mundo se você normalmente não viajasse mais do que seis quilômetros de casa. Se você morasse perto do Giz, certamente encontraria todo mundo que conhecia[2] na feira.

Muitas vezes era onde você conhecia a pessoa com quem provavelmente se casaria. As meninas certamente usariam seus melhores vestidos, enquanto os meninos exibiriam expressões de esperança e seus cabelos estariam alisados com pomada barata ou, mais comumente, cuspe. Aqueles que optaram pelo cuspe geralmente se saíram melhor, já que a pomada barata era realmente muito barata e muitas vezes derretia e escorria no tempo quente, fazendo com que os rapazes não despertassem o interesse das moças, como eles esperavam fervorosamente, mas das moscas, que tinham seu almoço com seus couros cabeludos.

Porém, como dificilmente o evento poderia ser chamado de "a feira onde você foi na esperança de ganhar um beijo e, se tivesse sorte, a promessa de outro", a feira foi chamada da escovação.

A escovação era realizada durante três dias no final do verão. Para a maioria das pessoas no Giz, era seu feriado. Este era o terceiro dia, e a maioria das pessoas dizia que se você ainda não tivesse dado um beijo, era melhor ir para casa. Tiffany não tinha dado um beijo, mas afinal, ela era a bruxa. Afinal, quem saberia no que poderia se transformar?

Se o clima do final do verão fosse ameno, não era incomum que algumas pessoas dormissem sob as estrelas e também sob os arbustos. E era por isso que se alguém quisesse passear à noite valia a pena ter

[2] E falando como bruxa, ela os conhecia muito bem. N.A.

cuidado para não tropeçar nos pés de outro alguém. Falando com franqueza, havia uma certa quantidade do que Tia Ogg – uma bruxa que fora casada com três maridos – chamava de fazer seu próprio entretenimento. Era uma pena que a Tia morasse lá no alto das montanhas, porque ela teria adorado a escovação e Tiffany teria adorado ver a cara dela quando visse o gigante[3].

Ele – e ele era definitivamente um *ele*, não havia dúvida possível sobre isso – havia sido esculpido na grama milhares de anos antes.[4] Com um contorno branco contra o verde, ele pertencia à época em que as pessoas, num mundo perigoso, tinham que pensar na sobrevivência e na fertilidade.

Ah, e ele também fora escavado, ou pelo menos é o que parecia, antes que alguém inventasse as calças. Na verdade, dizer que ele estava sem calças simplesmente não funcionava. Sua falta de calças enchia o mundo. Simplesmente não se podia passear pela pequena estrada que passava ao longo do sopé das colinas sem perceber que havia uma enorme, por assim dizer, falta de alguma coisa – por exemplo, de algo como calças – além do que havia lá em vez disso. E muito certamente não era a figura de uma mulher mas, definitivamente, a figura de um homem sem calças.

Esperava-se que todos que viessem à escovação trouxessem uma pequena pá, ou mesmo uma faca, e descessem a encosta íngreme para arrancar todas as ervas daninhas que ali cresceram durante o ano

---

[3] Mais tarde, Tiffany percebeu que todas as bruxas provavelmente haviam sobrevoado o gigante, especialmente porque você dificilmente não o notaria se estivesse voando das montanhas para a cidade grande. De qualquer forma, ele meio que se destacava. Mas no caso de Tia Ogg, ela provavelmente se viraria para olhar para ele mais de uma vez. N.A.

[4] Pratchett utilizou-se de uma figura realmente existente: um desenho com mais sessenta metros de cumprimento, delineado por trincheiras escavadas em terreno calcário na encosta de uma colina situada perto da localidade de Cerne Abbas, em Dorset, Inglaterra. O desenho, um homem nu com o falo ereto, é considerado como ligado a cultos de fertilidade da pré-história das ilhas britânicas. N.T.

anterior, fazendo com que o giz por baixo brilhasse com frescura e o gigante se destacasse com ousadia, como se já não fosse o caso. Sempre havia muita risada quando as meninas trabalhavam no gigante.

E o motivo das risadas e as circunstâncias das risadas não podiam deixar de fazer com que Tiffany deixasse de se lembrar de Tia Ogg, que você normalmente sempre veria em algum lugar atrás de Vovó Cera-do-Tempo com um grande sorriso no rosto. As pessoas pensavam nela como uma mulher alegre e falante, mas a velha era muito mais que isso. Ela nunca fora *oficialmente* professora de Tiffany, mas Tiffany não pôde deixar de aprender muitas coisas com Tia Ogg. Ela sorriu para si mesma quando pensou isso. Tia Ogg conhecia todas as coisas antigas e sombrias; magia antiga, magia que não precisava de bruxas, magia que estava embutida nas pessoas e na paisagem. E que diziam respeito a coisas como morte, casamento e noivados. E promessas que eram promessas mesmo que não houvesse ninguém para ouvi-las. E todas aquelas coisas que fazem as pessoas tocarem na madeira e nunca, jamais, passarem perto de um gato preto.

Você não precisava ser uma bruxa para entender isso. O mundo ao seu redor tornava-se nesses momentos especiais mais... bem, mais real e fluido. Tia Ogg chamava isso de numinoso; uma palavra atipicamente solene de uma mulher que provavelmente diria: "Eu gostaria de um conhaque, muito obrigada, e já que estamos falando nisso você poderia fazer um duplo?". E ela contou a Tiffany sobre os velhos tempos, quando parecia que as bruxas se divertiam um pouco mais. Por exemplo, as coisas que você faz em relação à mudança das estações; todos os costumes que agora estavam mortos, exceto na memória do povo; e esta memória, dizia Tia Ogg, era profunda e escura e respirava e nunca desaparecia. Pequenos rituais.

Tiffany gostava especialmente daquele sobre o fogo. Tiffany gostava do fogo. Era seu elemento favorito. Era considerado tão poderoso e tão assustador para os poderes das trevas que as pessoas até se casavam saltando juntas sobre o fogo[5].

Aparentemente ajudava se você cantasse um pouco, de acordo com Tia Ogg, que nunca perdeu tempo em ensinar as letras das canções a Tiffany, mas que imediatamente ficaram em sua mente; boa parte do que Tia Ogg dizia tendia a ser pegajoso.

Mas esses já eram tempos passados. Todo mundo era mais respeitável agora, exceto Tia Ogg e o gigante.

Havia também outras imagens escavadas nas terras do Giz. Um deles era um cavalo branco que Tiffany acreditavas ter saído do chão e galopado em seu socorro. Agora ela se perguntava o que aconteceria se o gigante fizesse a mesma coisa, porque seria muito difícil encontrar rapidamente uma calça com dezoito metros de comprimento. E, de modo geral, você gostaria que fosse rapidamente.

Ela só havia rido do gigante uma vez, e isso fora há muito tempo. Na verdade, havia apenas quatro tipos de pessoas no mundo: homens e mulheres, magos e bruxas. A maioria dos magos viviam em universidades nas grandes cidades e não tinham permissão para se casar, embora a razão pela qual não podiam sempre tenha escapado totalmente ao entendimento de Tiffany. De qualquer forma, você quase nunca os via por ali.

As bruxas eram definitivamente mulheres, mas a maioria das mais velhas que Tiffany conhecia também não tinha se casado, principalmente porque Tia Ogg já havia esgotado todos os maridos

[5] Obviamente, pensou Tiffany, ao pularmos juntos sobre uma fogueira, deveríamos nos preocupar em usar roupas de proteção e ter pessoas com um balde de água à mão, só para garantir. As bruxas podem ser muitas coisas, mas antes de mais nada, são práticas. N.A.

elegíveis, mas provavelmente também porque não tinham tempo. É claro que, de vez em quando, uma bruxa poderia se casar com um marido importante, como Magrat Garlick, em Lancre, embora, segundo todos os relatos, ela só tratasse com ervas atualmente. Mas a única jovem bruxa que Tiffany conhecia que ainda tivera tempo para namorar era sua melhor amiga nas montanhas: Petúlia; uma bruxa que se especializara em magia com porcos e que em breve se casaria com um jovem simpático que em breve iria herdar a fazenda de porcos de seu pai[6], o que significava que ele era praticamente um aristocrata.

Mas as bruxas não eram apenas muito ocupadas, elas também estavam sempre à parte; Tiffany aprendera isso muito cedo. Você estava entre as pessoas, mas não era igual a elas. Sempre haveria uma espécie de distância ou separação. Você não precisava trabalhar para isso, acontecia de qualquer maneira. As garotas que ela havia conhecido quando eram tão pequenas que costumavam correr e brincar apenas com os coletes faziam uma pequena reverência quando passavam por ela na rua, e até os homens mais velhos tocavam seus topetes, ou provavelmente o que eles pensaram que era o topete deles, quando ela passava.

Isso não era apenas por respeito, mas também por uma espécie de medo. As bruxas tinham segredos; elas estavam lá para ajudar quando os bebês nasciam. Quando você se casasse, era uma boa ideia ter uma bruxa por perto (mesmo que você não tivesse certeza se era para dar sorte ou para evitar o azar); e quando você morresse, haveria uma bruxa lá também, para te mostrar o caminho. As bruxas tinham segredos que

[6] Talvez isso tivesse ajudado as ambições românticas de Petúlia o misterioso fato de os porcos do jovem não pararem ficam doentes, e sempre tiveram que ser tratados de caganeiras, vômito cego, os dentes flutuantes, o olho rabiscado, a escara, a ardência, o parafuso solto e a rótula girada ou faltando. Foi um infortúnio terrível, já que mais da metade dessas doenças nunca aparecem em porcos, sendo uma delas exclusiva de peixes de água doce. Mas os vizinhos ficaram impressionados com o esforço que Petúlia para dar-lhes qualquer alívio. Sua vassoura estava sempre indo e chegando, a qualquer hora do dia ou da noite. Ser uma bruxa, afinal, exigia dedicação. N.A.

nunca contavam... bem, pelo menos para pessoas que não eram bruxas. Entre si, quando podiam se reunir em alguma encosta para um ou dois drinques (ou, no caso da Senhora Ogg, um ou nove drinques), fofocavam como gansos.

*Mas nunca sobre os verdadeiros segredos, aqueles que você nunca contou, sobre coisas feitas, ouvidas e vistas. Eram tantos segredos que você temia que vazassem. Ver um gigante sem calças dificilmente valia a pena comentar em comparação com algumas das coisas que uma bruxa poderia ver.*

Não, Tiffany não invejava Petúlia por seu romance, que certamente deve ter acontecido com botas grandes, aventais de borracha nada lisonjeiros e chuva, sem falar em muitos "oincs".

Ela, no entanto, a invejava por ser tão *sensata*. Petúlia tinha resolvido tudo. Ela sabia o que queria que fosse o seu futuro e arregaçava as mangas e o fazia acontecer, nem que tivesse que ficar até os joelhos coberta de 'oincs' se necessário.

Cada família, mesmo nas montanhas, mantinha pelo menos um porco para servir de lata de lixo no verão e como carne de porco, bacon, presunto e salsicha durante o resto do ano.

O porco era *importante*; você podia aplicar terebentina a sua avozinha quando ela estava doente, mas quando o porco estava doente você mandava imediatamente chamar uma bruxa de porcos, e pagava a ela também, e pagava bem, geralmente em salsichas.

Acima de tudo, Petúlia era especialista em aborrecer porcos e, de fato, fora a campeã daquele ano na nobre arte de entediar. Tiffany achou que não poderia haver melhor forma de o definir; sua amiga podia sentar-se com um porco e conversar com ele com gentileza e calma sobre coisas extremamente chatas até que algum mecanismo estranho

do porco assumisse o controle, e então ele daria um pequeno bocejo feliz e cairia, não mais um porco vivo; mas um porco que se tornaria uma contribuição importante para a alimentação da família no ano seguinte. Isto pode não parecer o melhor dos resultados para os porcos; mas dada a forma confusa e acima de tudo barulhenta como os porcos morriam *antes* da invenção da chateação aos porcos, foi definitivamente, no grande esquema das coisas, um negócio muito melhor em todos os aspectos. Sozinha no meio da multidão, Tiffany suspirou. Era difícil quando você usava o chapéu preto e pontudo. Porque, gostemos ou não, a bruxa era o chapéu pontudo e o chapéu pontudo era a bruxa. Isso tornava as pessoas *cuidadosas* com você. Eles seriam respeitosos, ah, sim, e muitas vezes um pouco nervosos, como se esperassem que você olhasse dentro de suas cabeças, o que na verdade você provavelmente poderia fazer, usando os bons e velhos métodos bruxescos de Primeira Visão e dos Segundos Pensamentos.[7]

Mas isso não era realmente mágico. Qualquer um poderia aprendê-los se tivesse um pouco de bom senso, mas às vezes até mesmo um pouco é difícil de encontrar. Muitas vezes as pessoas estão tão ocupadas vivendo que nunca param para se perguntar por quê. As bruxas sim, e isso significava que elas eram necessárias: ah, sim, necessárias... necessárias praticamente o tempo todo, mas não, de uma forma muito educada e definitivamente tácita, não exatamente desejadas.

Aqui não eram as montanhas, onde as pessoas estavam muito acostumadas com bruxas; as pessoas no Giz podiam ser amigáveis, mas não eram amigas; não amigas de verdade. A bruxa era diferente. A bruxa

[7] Primeira Visão significa que você pode ver o que realmente existe, e Segundos Pensamentos significa pensar sobre o que você está pensando. E no caso de Tiffany, às vezes havia Terceiros e Quartos Pensamentos, embora estes fossem bastante difíceis de administrar e às vezes a levassem a bater em portas. N.A.

sabia coisas que você não sabia. A bruxa era outro tipo de pessoa. A bruxa era alguém que talvez você não devesse irritar. A bruxa não era como as outras pessoas.

Tiffany Dolorida era a bruxa, e ela se tornou a bruxa porque eles precisavam de uma. Todo mundo precisa de uma bruxa, mas às vezes simplesmente não sabe disso.

E estava funcionando. As imagens de contos de fadas da harpia velha babando eram apagadas toda vez que Tiffany ajudava uma jovem mãe com seu primeiro filho ou suavizava o caminho de um velho até o túmulo. No entanto, velhas histórias, velhos rumores e velhos livros ilustrados ainda pareciam ter a sua própria influência na memória do mundo.

O que tornava tudo mais difícil era que não havia tradição de bruxas no Giz; nenhuma delas jamais teria se estabelecido lá quando Vovó Dolorida estivesse viva. Vovó Dolorida, como todos sabiam, era uma mulher sábia, e sábia o suficiente para não ser bruxa.

Nunca acontecia nada no Giz que Vovó Dolorida desaprovasse, pelo menos não por mais de dez minutos.

Assim, Tiffany era uma bruxa solitária.

E não só não havia suporte das bruxas da montanha como Tia Ogg, Vovó Cera-do-Tempo e Senhorita Plana, como o povo do Giz não estava muito familiarizado com as bruxas. Claro, se Tiffany pedisse, elas provavelmente iriam até lá. outras bruxas a ajudariam, mas, embora não lhe contassem nada, elas interpretariam isso como se talvez você não conseguisse lidar com a responsabilidade, não estivesse à altura, não tivesse confiança o bastante, não fosse boa o suficiente.

— Com licença, senhorita? — Houve uma risada nervosa. Tiffany olhou em volta e havia duas menininhas com seus melhores vestidos novos e chapéus de palha. Eles estavam olhando para ela ansiosamente, talvez com apenas uma pitada de malícia em seus olhos. Ela pensou rapidamente e sorriu para elas.

— Ah, sim, Becky Pardon e Nancy Upright, sim? O que posso fazer por vocês duas? — Becky Pardon timidamente tirou um pequeno buquê das costas e estendeu-o. Tiffany o reconheceu, é claro. Ela mesma os fazia para as meninas mais velhas, quando era mais nova, simplesmente porque era o que se fazia; era parte da escovação: um pequeno ramo de flores silvestres colhidas na planície, amarradas num ramo com – e este era a parte importante, a parte mágica – um pouco da grama que era arrancada quando o Giz fresco era exposto.

— Se colocar isso debaixo do travesseiro esta noite, você vai sonhar com seu futuro amor —, disse Becky Pardon, com o rosto bastante sério agora.

Tiffany pegou com cuidado o ramo de flores ligeiramente murcho. — Deixe-me ver... — ela disse. — Temos aqui doces-murmúrios, travesseiros-de-senhora, trevo-de-sete-folhas; muita sorte; um raminho de calça-de-velho, macaco-na-parede, ah, amaranto e... — ela olhou para as pequenas flores brancas e vermelhas.

— Você está bem, senhorita? — As meninas disseram.

— Miosótis![8] — Disse Tiffany, de modo mais brusco do que pretendia. Mas as meninas não tinham notado, então ela continuou a dizer, alegremente: — é bastante incomum ver isso aqui. Deve ser um fugitivo de jardim. E, como tenho certeza de que vocês duas sabem,

[8] Os miosótis são uma linda flor vermelha e branca geralmente dada por jovens garotas para sinalizar aos seus rapazes que nunca mais queriam vê-los, ou pelo menos até que aprendessem a se lavar corretamente e conseguissem um emprego. N.A.

vocês os uniram com tiras de junco, que antigamente as pessoas costumavam transformar em velas de junco. Que surpresa adorável. Agradeço muito a ambas. Espero que vocês se divirtam na feira...

Becky levantou a mão. — Com licença, senhorita?

— Há mais alguma coisa, Becky?

Becky ficou vermelha e teve uma conversa apressada com a amiga. Depois se virou para Tiffany, parecendo mais vermelha ainda, mas mesmo assim determinada a saber das coisas até o fim.

— Você não pode se meter em encrencas por fazer uma pergunta, não é, senhorita? quero dizer, apenas fazer uma pergunta?

Ia ser algo "Como posso ser uma bruxa quando crescer?" Tiffany pensou, porque geralmente era. As meninas a viam na vassoura e pensaram que ser bruxa era isso. Em voz alta ela disse: — Não de mim, pelo menos. Faça sua pergunta.

Becky Pardon olhou para suas botas. — Você tem as partes para o amor, senhorita? — Outro talento necessário em uma bruxa é a habilidade de não deixar seu rosto mostrar o que você está pensando e, especialmente, não permitir que ele, não importa o que aconteça, fique tão rígido quanto uma tábua. Tiffany conseguiu dizer, sem uma única hesitação na voz e sem nenhum traço de sorriso embaraçado: — Essa é uma pergunta muito interessante, Becky. Posso perguntar por que você quer saber?

A garota parecia muito mais feliz agora que a questão era, por assim dizer, de domínio público.

— Bem, senhorita, perguntei à minha avó se eu poderia ser bruxa quando fosse mais velha, e ela disse que eu não deveria querer, porque as bruxas não têm partes para o amor, senhorita.

Tiffany pensou rapidamente diante dos dois solenes olhares, como os de uma coruja. Estas são meninas da fazenda, pensou ela, então certamente viram uma gata ter gatinhos e uma cadela ter cachorrinhos. Eles teriam visto o nascimento de cordeiros, e provavelmente uma vaca teria um bezerro, o que é sempre uma coisa barulhenta e que você dificilmente deixa de notar. Elas sabem o que estão me perguntando.

Nesse ponto, Nancy interrompeu: — Só que, se for assim, senhorita, gostaríamos muito de receber as flores de volta, agora que as mostramos a você, porque talvez seja um desperdício, sem ofensa. — Ela recuou rapidamente.

Tiffany ficou surpresa com a própria risada. Já fazia muito tempo que ela não ria. As cabeças se viraram para ver qual era a piada, e ela conseguiu agarrar as duas meninas antes que fugissem e girou-as.

— Muito bem, vocês duas —, disse ela. — Gosto de ver alguns pensamentos sensatos de vez em quando. Nunca hesitem em fazer uma pergunta. E a resposta à sua pergunta é que as bruxas são iguais a todas as outras pessoas quando se trata de partes para o amor, mas muitas vezes estão tão ocupadas correndo de um lado para o outro que nunca têm tempo para pensar nelas.

As meninas pareciam aliviadas porque seu trabalho não tinha sido totalmente em vão e Tiffany estava pronta para a próxima pergunta, que veio novamente de Becky. — Então, você tem um namorado, senhorita?

— No momento não —, disse Tiffany rapidamente, reprimindo sua expressão para que não revelasse nada. — Mas quem sabe, se vocês fizeram isso direito, então eu vou conseguir um, e nesse caso vocês serão melhores bruxas do que eu, isso é certo. — Ambas sorriram ante aquele horrível pedaço de pura adulação, e pararam com as perguntas.

— E agora —, disse Tiffany, — os queijos rolantes vão sair a qualquer minuto. Tenho certeza de que vocês não vão querer perder isso.

— Não, senhorita —, disseram elas em uníssono. Pouco antes de partirem, cheia de alívio e presunção, Becky tocou de leve na mão de Tiffany. — Namorados podem ser muito difíceis, senhorita —, disse ela com a segurança de, até onde Tiffany sabia, oito anos no mundo.

— Obrigada —, disse Tiffany. — Definitivamente, terei isso em mente.

Quando se tratava da diversão oferecida na feira, como pessoas fazendo caretas através de um arreio de cavalo ou brigando com travesseiros no poste gorduroso ou até mesmo balançando atrás de sapos, bem, Tiffany poderia assisti-las ou decidir se recusar a assisti-las; e na verdade preferia, muito, muito mais, não as assistir. Mas ela sempre gostou de ver um bom queijo rolante; ou seja, um bom pedaço redondo de queijo descendo a encosta do morro, embora não atravessando o gigante porque ninguém iria querer comer o queijo depois.

Eram queijos duros, por vezes feitos especialmente para o circuito de queijos rolantes, e o vencedor do queijo que chegasse ileso ao fundo ganhava um cinto com fivela de prata e a admiração de todos.

Tiffany era uma especialista na fabricação de queijos, mas nunca havia participado. As bruxas não podiam entrar nesse tipo de competição porque se você ganhasse – e ela sabia que tinha feito um ou dois queijos que poderiam vencer – todos diriam que isso era injusto porque você era uma bruxa; bem, isso é o que eles pensariam, mas muito poucos diriam isso. E se você não ganhasse, as pessoas diriam: "Que tipo de bruxa não consegue fazer um queijo que consiga ganhar de queijos simples feitos por pessoas simples como nós?"

Houve um movimento suave da multidão no início da rolagem do queijo, embora a barraca de pegar sapos na tina ainda tivesse uma grande multidão, sendo uma fonte de entretenimento muito bem-humorada e confiável, especialmente para aquelas pessoas que não estavam com a cabeça enterradas na tina. Lamentavelmente, o homem que colocava as doninhas nas calças, e aparentemente teve um recorde pessoal de nove doninhas, não estava lá naquele ano, e as pessoas estavam se perguntando se ele havia perdido o jeito. Mas, mais cedo ou mais tarde, todos iriam até a linha de partida para o queijo rolante. Era uma tradição.

A encosta aqui era realmente muito íngreme e sempre houve uma certa rivalidade violenta entre os donos dos queijos, o que levava a empurrões, empurrões, chutes e hematomas; ocasionalmente você quebrava um braço ou uma perna. Tudo corria normalmente enquanto os homens que esperavam alinhavam seus queijos, até que Tiffany viu, e pareceu ser a única a ver, um perigoso queijo rolante sozinho. Estava preto sob a poeira e havia um pedaço de pano sujo azul e branco amarrado nele.

— Ah, não —, ela disse. — Horace. E onde você estiver, os problemas não podem estar muito atrás. — Ela se virou, procurando cuidadosamente por sinais do que não deveria estar ali. — Agora é só me ouvir—, ela disse baixinho. — Eu sei que pelo menos um de vocês deve estar em algum lugar por perto. Isso não é para vocês, é apenas para as pessoas. Entenderam?

Mas era tarde demais. O Mestre-festeiro, com seu grande chapéu mole com renda na aba, soprou o apito e a rolagem do queijo, como ele disse, dava sua partida; o que é um termo muito mais grandioso do que um simples "começou". E um homem com renda no chapéu nunca usaria uma palavra curta onde um termo com mais palavras serviria.

Tiffany mal ousava olhar. Os corredores não corriam, mas rolavam e escorregavam atrás de seus queijos. Mas ela podia ouvir os gritos que se ouviam quando o queijo preto não só disparava para a frente, mas ocasionalmente virava-se e voltava a subir a colina para se chocar contra um dos queijos inocentes comuns. Ela podia apenas ouvir um leve ruído vindo dele quando quase atingiu o topo da colina.

Os corredores-de-queijo gritaram com ele, tentaram agarrá-lo e golpearam-no com paus, mas o queijo pirata seguiu em frente, chegou ao fundo novamente, pouco antes da terrível carnificina de homens e queijos que se amontoavam, e depois rolou suavemente de volta para cima, até o topo e sentou-se lá recatadamente enquanto ainda vibrava suavemente.

No final da encosta, estouravam brigas entre os condutores de queijos que ainda eram capazes de socar alguém, e como todos estavam ocupados observando aquilo, Tiffany aproveitou a oportunidade para agarrar Horace e enfiá-lo em sua bolsa. Afinal de contas, ele lhe pertencia. Bem, quero dizer, que o tinha feito; embora algo estranho deva ter entrado na mistura, já que Horace era o único queijo que comia ratos e, se não fosse impedido, outros queijos também. Não admira que ele se desse tão bem com os Nac Mac Feegles[9], que o tornaram membro honorário do clã. Ele era o tipo de queijo deles.

Disfarçadamente, na esperança de que ninguém notasse, Tiffany levou o saco à boca e disse: — Acha que este é um comportamento aceitável? Não tem vergonha? — A bolsa balançou um pouco, mas ela sabia que a palavra "vergonha" não estava no vocabulário de Horace; e

[9] Se você ainda não sabe quem são os Nac Mac Feegles: 1) seja grato por sua vida monótona; e 2) esteja preparado para bater em retirada se ouvir alguém tão alto quanto seus tornozelos gritar "*Disgraça*"! Eles são, estritamente falando, um povo das fadas, mas provavelmente não é uma boa ideia dizer isso a eles se você ambicionar por um futuro em que você ainda tenha dentes. N.A.

nem qualquer outra, aliás. Ela baixou a sacola, afastou-se um pouco da multidão e disse: — Eu sei que você está aqui, Rob Qualquerum.

E ali estava ele, sentado no ombro dela. Podia sentir o seu cheiro. Apesar de geralmente terem pouquíssimas ocasiões em suas vidas que lembrassem um banho, exceto quando chovia, os Nac Mac Feegles sempre cheiravam a algo como batatas levemente bêbadas.

— A Kelda queria que eu descobrisse como você estava indo — disse o chefe-de-clã Feegle. — Cê não vei' no monte Feegle para vê ela faiz duas semanas —, ele continuou, — e acho que ela receia que algum mal possa acontecer co'cê, trabalhando muito duro e essas coisa.

Tiffany grunhiu, mas apenas para si mesma. — Muito gentil da parte dela. — disse Tiffany. — Sempre há muito o que fazer; certamente a Kelda sabe disso. Não importa o que eu faça, sempre há mais a ser feito. Parece que nunca acaba essa coisa de sempre precisar fazer alguma coisa. Mas não há nada com que se preocupar. Eu estou bem. E, por favor, não deixe Horace aparecer novamente em público; você sabe como ele fica animado.

— Bem, pá falá a verdade, naquela faixa ali tá escrito que isto é pro povo destas colinas e nóis somos mais que "povo". Nóis somo o que tá no fundo da alma do povo! E se cê num pode ser contra o povo, pode menos ainda ser contra os fundos! Além disso, eu queria ir prestar minhas homenagens ao grande sujeitim-sem-calças. É um belo rapazinho piquininho grandão, tô dizendo. — Rob fez uma pausa e depois disse calmamente: — Então posso dizer a ela que você está muito bem consigo mesma, certo? — Havia um certo nervosismo nele, como se quisesse ter dito mais, mas soubesse que não seria muito bem recebido.

— Rob Qualquerum, eu ficaria muito grato se você fizesse exatamente isso —, disse Tiffany, — porque tenho muitas pessoas para enfaixar, se eu não estiver errada.

Rob Qualquerum, de repente parecendo um homem em uma missão ingrata, disse freneticamente as palavras que sua esposa lhe dissera: — A Kelda diz que tem muito mais peixes no mar, senhorita!

E Tiffany ficou perfeitamente imóvel por um momento. E então, sem olhar para Rob, disse calmamente: — Agradeça à Kelda pelas informações sobre pesca. Eu tenho que ir, se você não se importa, Rob. Agradeça à Kelda.

A essa altura, a maior parte da multidão já estava chegando ao fundo da encosta, para ficar boquiaberta, resgatar ou possivelmente tentar alguns primeiros socorros amadores aos corredores- de-queijo que gemiam.

Para os espectadores, claro, foi apenas mais um espetáculo; você não via com frequência uma colisão múltipla tão satisfatória de homens e queijos, e... quem sabe? Poderia mesmo haver algumas vítimas realmente interessantes.

Tiffany, feliz por ter algo para fazer, não precisou abrir caminho; o chapéu preto pontudo poderia criar um caminho através de uma multidão mais rápido do que um profeta através de um mar raso. Ela acenou para a multidão feliz se afastar, com um ou dois empurrões fortes para aqueles de compreensão lenta. No final das contas, não houve muita carnificina naquele ano: um braço quebrado, um pulso quebrado, uma perna quebrada e uma série de hematomas, cortes e erupções cutâneas causadas por escorregões durante a maior parte do percurso. A grama nem sempre é legal. Como resultado, havia vários jovens com dores evidentes, mas eles deixaram claro que não iriam falar sobre seus

problemas com uma jovem senhorita, muito obrigado de qualquer modo; então Tiffany recomendou que aplicassem um cataplasma frio na área afetada onde quer que fosse, quando chegassem em casa; e os observou ir embora com passos instáveis.

Bem, ela se saíra bem, não saíra? Ela usara suas habilidades diante da multidão curiosa e, de acordo com o que ouviu dos velhos e das velhas, tivera um desempenho bastante bom. Talvez ela apenas tenha imaginado que algumas pessoas coraram quando um velho com barba chegando à cintura disse, sorrindo: — Uma garota que sabe consertar ossos não terá problemas para encontrar um marido —, mas isso passou, e sem mais nada para fazer, as pessoas começaram a longa subida de volta colina acima... e então a carruagem passou e então, o que foi pior, parou.

Ostentava o brasão da família Keepsake. Um jovem saiu. Muito bonito à sua maneira, mas também tão rígido que você poderia passar lençóis a ferro nele. Era Roland. Não tinha dado mais que um passo quando uma voz um tanto desagradável vinda de dentro da carruagem lhe disse que deveria ter esperado que o lacaio lhe abrisse a porta, e para que se apressasse porque não tinham o dia todo.

O jovem apressou o passo em direção à multidão e houve um bulício geral porque, afinal, se aproximava o filho do barão, dono da maior parte do Giz e de quase todas as suas casas e; embora fosse um velho decente, certamente mostrar um pouco de educação com sua família era uma atitude sábia... — O que aconteceu aqui? Está todo mundo bem? — ele disse.

A vida no Giz era geralmente agradável e a relação entre mestre e servo era de respeito mútuo; no entanto, os trabalhadores agrícolas herdaram a ideia de que poderia ser imprudente ter demasiadas palavras

com pessoas poderosas, no caso de alguma dessas palavras se revelar uma palavra fora de lugar. Afinal, ainda havia uma câmara de tortura no castelo e mesmo que ela não fosse usada há centenas de anos... bem, melhor estar do lado seguro, melhor recuar e deixar a bruxa falar. Se ela tivesse problemas, poderia voar para longe.

— Um daqueles acidentes que podem sempre ocorrer, receio. — Disse Tiffany, bem consciente de que era a única mulher presente que não fizera uma reverência. — Alguns ossos quebrados que vão se emendar e alguns rostos vermelhos. Tudo resolvido, obrigado.

— Assim vejo, assim vejo! Muito bem, mocinha!

Por um momento, Tiffany acreditou sentir um gosto amargo na boca. Mocinha, vindo dele? Era quase, mas não totalmente, um insulto. Mas ninguém mais parecia ter notado. Afinal, era o tipo de linguagem que os nobres usam quando tentam ser amigáveis e alegres. Ele estava tentando falar com eles como o pai fazia, pensou ela, mas o pai fazia aquilo por instinto e era bom nisso. Você não pode falar com as pessoas como se estivessem em uma reunião pública. — Agradeço a gentileza, senhor. — Disse.

Bem, até agora nada mal, exceto que agora a porta da carruagem se abriu novamente e um delicado pé branco tocou a pedra. Era ela: Angélica ou Letícia ou alguma outra coisa vinda de jardim; na verdade, Tiffany sabia muito bem que era Letícia, mas certamente ela não poderia ser desculpada por apenas um pequeno toque desagradável na privacidade de sua própria cabeça? Letícia! Que nome, aquele. Alguma coisa entre uma salada e um espirro. Além disso, quem era Letícia para manter Roland longe da Feira da Escovação? Ele deveria estar lá! Se o velho pudesse, o pai dele estaria lá! E veja! Sapatinhos brancos

minúsculos! Quanto tempo durariam em alguém que tivesse que fazer qualquer trabalho? Ela se deteve aí: um pouco de maldade bastava.

Letícia olhou para Tiffany e para a multidão com algo parecido com medo e disse: — Vamos indo, por favor? Mamãe está ficando irritada.

E assim a carruagem partiu e o realejo partiu também, graças, e o sol partiu, e nas sombras quentes do crepúsculo algumas pessoas ficaram. Mas Tiffany voou para casa sozinha, bem alto, onde apenas morcegos e corujas podiam ver seu rosto.

# CAPÍTULO 2

# MÚSICA QUEBRADA

ELA AINDA dormia uma hora antes do pesadelo começar.

O que ela mais lembrava naquela noite era a batida da cabeça do senhor Petty contra a parede e o corrimão, enquanto ela o tirava da cama e o arrastava pelas escadas pela camisa de dormir imunda. Ele era um homem pesado e metade dele estava adormecida; a outra metade dele estava completamente bêbada.

O importante era não lhe dar tempo para pensar, nem por um momento, enquanto ela o rebocava como um saco. Ele tinha três vezes o peso dela, mas ela sabia bastante sobre alavancagem. Você não poderia ser uma bruxa se não conseguisse manobrar alguém que fosse mais

pesado que você. Caso contrário, você nunca seria capaz de trocar os lençóis de um inválido. Naquele momento ele desceu os últimos degraus até a minúscula cozinha do chalé e vomitou no chão.

Ela ficou muito feliz com aquilo; Deitar-se sobre o vômito fedorento era o mínimo que o homem merecia, mas ela precisava ser rápida para assumir o comando, antes que ele tivesse tempo de se recompor.

A aterrorizada Senhora Petty, uma mulher tímida como um ratinho, correu gritando pelas ruas até o pub da vila assim que a surra começou, e o pai de Tiffany fez um rapaz correr para a acordar. O senhor Dolorida era um homem de consideráveis dons antecipatórios e sabia que a alegria cervejeira depois de um dia de feira poderia ser a ruína de todos; Pouco depois, enquanto acelerava em direção ao chalé em sua vassoura, Tiffany ouviu a música dissonante começar.

Ela deu um tapa no rosto do senhor Petty. — Você consegue ouvir isso? — ela exigiu, acenando com a mão em direção à janela escura. — Consegue ouvir? Esse é o som da música quebrada, e eles estão tocando para você, senhor Petty, para você. E eles têm paus! E eles têm pedras! Tudo o que eles puderam pegar, e estão com os punhos cerrados e o bebê da sua filha morreu, senhor Petty. Você bateu tanto em sua filha, senhor Petty, que o bebê morreu, e sua esposa está sendo consolada por algumas mulheres e todo mundo sabe que você fez isso, todo mundo sabe.

Ela mirou seus olhos injetados de sangue. As mãos dele fecharam-se automaticamente em punhos porque sempre fora um homem que pensava com eles. Logo ele tentaria usá-los; ela sabia disso, porque era mais fácil dar um soco do que pensar. O senhor Petty abrira com punhos seu caminho pela vida.

A música quebrada se aproximava lentamente, porque é difícil atravessar os campos em uma noite escura quando você bebe um odre de cerveja, não importa o quão justo você esteja se sentindo no momento. Ela tinha que torcer para que eles não entrassem primeiro no celeiro, porque iriam enforcá-lo ali mesmo. Se ele tivesse sorte, eles simplesmente o enforcariam. Quando ela havia olhado para o celeiro e vira o assassinato que havia sido cometido, sabia que, sem ela, tudo aconteceria novamente. Ela havia colocado um feitiço na garota para aliviar sua dor, mantendo esta dor logo acima do ombro dela. Era invisível, é claro, mas em sua mente ardia em uma cor laranja ardente.

— Foi aquele rapaz —, murmurou o homem, com vômito escorrendo pelo peito. — Vindo por aqui, virando a cabeça dela para não ouvir a mãe ou a mim. E ela tem apenas treze anos. Um escândalo.

— William também tem treze anos —, disse Tiffany, tentando manter a voz calma. Foi difícil; a raiva estava explodindo para sair. — Você está tentando me dizer que ela era jovem demais para um pouco de romance, mas jovem o suficiente para apanhar tanto que sangrou em lugares onde ninguém deveria sangrar?

Ela não sabia se ele realmente havia recobrado alguma razão, porque o homem tinha tão pouco dela, na melhor das hipóteses, que era difícil saber se ele tinha alguma.

— Não era certo o que eles estavam fazendo —, disse ele. — Afinal, um homem precisa ter disciplina em sua própria casa, não é mesmo?

Tiffany podia imaginar a linguagem inflamada no pub enquanto a abertura da música terminava. Não havia muitas armas nas aldeias de Giz, mas havia coisas como ganchos de colheita, foices, facas de palha e martelos muito, muito grandes. Não eram armas... até você acertar alguém com elas. E todo mundo sabia do temperamento do velho Petty

e do número de vezes que sua esposa disse aos vizinhos que tinha ficado com o olho roxo ao bater em uma porta.

Ah, sim... ela podia imaginar a conversa no bar, com a cerveja participando e as pessoas lembrando onde todas aquelas coisas que não eram armas estavam penduradas em seus galpões. Cada homem era rei em seu pequeno castelo. Todo mundo sabia disso – bem, pelo menos todo homem – e então você cuidava da sua vida quando se tratava do castelo de outro homem até que o castelo dele começasse a feder, e então você tinha que fazer algo a respeito para que todos os outros castelos não ruíssem. O senhor Petty fora um dos segredinhos sombrios da vizinhança, mas não mais.

— Eu sou sua única chance, senhor Petty —, disse ela. — Corra. Pegue o que puder e fuja agora mesmo. Fuja para onde eles nunca ouviram falar de você, e depois corra um pouco mais, só para garantir, porque não vou conseguir detê-los, entendeu?

Pessoalmente, eu não poderia me importar menos com o que acontece com sua estrutura miserável, mas não desejo ver pessoas boas se transformarem em pessoas más cometendo um assassinato, então você simplesmente atravessa os campos e não vou me lembrar para que lado você foi.

— Você não pode me expulsar da minha própria casa —, ele murmurou, parecendo um desafio bêbado.

— Você perdeu sua casa, sua esposa, sua filha... e seu neto, senhor Petty Você não encontrará amigos aqui esta noite. Estou apenas lhe oferecendo sua vida.

— Foi a bebida que fez isso! — Explodiu Petty. — Foi por conta da bebedeira, senhorita!

— Mas você bebeu a bebida e depois bebeu outra bebida, e outra bebida —, disse ela. — Você bebeu a bebida o dia todo na feira e só voltou porque a bebida queria ir para a cama. — Tiffany só conseguia sentir frieza no coração.

— Sinto muito.

— Não sente o bastante, Mr. Petty, nem de longe. Vá embora e se torne uma pessoa melhor e então, talvez, quando você voltar como um homem mudado, as pessoas aqui poderão dizer olá para você, ou pelo menos acenar com a cabeça.

Ela estivera observando seus olhos e conhecia o homem. Algo dentro dele estava fervendo. Ele estava envergonhado, perplexo e ressentido, e nessas circunstâncias os Pettys do mundo atacavam. — Por favor, não faça isso, senhor Petty —, disse ela. — Você tem alguma ideia do que aconteceria com você se atacasse uma bruxa? — E pensou: Com esses punhos, você provavelmente poderia me matar com um soco e é por isso que pretendo mantê-lo assustado.

— Você colocou a música quebrada em mim, não foi?

Ela suspirou. — Ninguém controla a música, senhor Petty, você sabe disso. Acontece quando as pessoas estão fartas. Ninguém sabe onde começa. As pessoas olham em volta, olham umas para as outras e acenam com a cabeça umas para as outras, e outras pessoas veem isso. Outras pessoas chamam a sua atenção e então, muito lentamente, a música começa e alguém pega numa colher e bate-a num prato, e depois outra pessoa bate um jarro na mesa e as botas começam a bater no chão, cada vez mais alto. É o som da raiva, é o som de pessoas que já estão fartas. Você quer enfrentar a música?

— Você se acha tão inteligente, não é? — Petty rosnou. — Com sua vassoura e sua magia negra, dando ordens às pessoas comuns.

Ela quase o admirou. Lá estava ele, sem amigos no mundo, enterrado em sua própria miséria e... ela fungou; sim, havia urina pingando da barra de sua camisola de dormir, mas ele era estúpido o suficiente para responder daquele jeito. — Não mais inteligente, senhor Petty, apenas mais inteligente que o senhor. E isso nem é difícil.

— Ah, é? Pois ser inteligente vai te botar em apuros. Uma garotinha feito você, toda se intrometendo nos assuntos dos outros... O que vai fazer quando a música chegar para você, hein?

— Corra, senhor Petty. Saia daqui. É sua última chance —, disse. E era bem possível que tivesse sido; ela já podia ouvir vozes individuais agora.

— Bem, Vossa Majestade deixaria um homem calçar as botas? — ele disse sarcasticamente. Ele se abaixou para pegá-las ao lado da porta, mas era possível ler o senhor Petty como um livro muito pequeno, com marcas de dedos em todas as páginas e um pedaço de bacon como marcador.

Ele avançou com os punhos.

Ela deu um passo para trás, pegou seu pulso e deixou a dor sair. Ela sentiu a dor escorrer pelo braço, deixando-o formigando, passando pela mão em concha e por Petty: toda a dor da filha em um segundo. Aquilo o lançou através da cozinha e deve ter queimado tudo dentro dele, exceto o medo animal. Ele correu para a frágil porta dos fundos como um touro, atravessou-a e partiu para a escuridão.

Ela cambaleou de volta para o celeiro, onde uma lamparina estava acesa.

Segundo Vovó Cera-do-Tempo, você não sentia a dor que carregava, mas era mentira. Uma mentira necessária. Você sentia a dor

que carregava e como na verdade não era a sua dor, você conseguiu suportá-la de alguma forma, mas a partida dela deixava você se sentindo fraca e em choque.

Quando a multidão agressiva e barulhenta chegou, Tiffany estava sentada em silêncio no celeiro com a garota adormecida.

O barulho percorreu toda a casa, mas não entrou; essa era uma das regras não escritas. Era difícil acreditar que a anarquia da música quebrada tivesse regras, mas tinha; podia durar três noites, ou parar em uma, e ninguém saía de casa quando a música estava no ar e ninguém voltava sorrateiramente para casa, a menos que fosse para pedir perdão, compreensão ou dez minutos para fazer as malas e fugir. A música quebrada nunca foi organizada. Parecia ocorrer com todos ao mesmo tempo. Tocava quando uma aldeia pensava que um homem havia espancado sua esposa com muita força, ou seu cachorro com muita violência, ou se um homem casado e uma mulher casada se esqueciam de que eram casados com outra pessoa. Havia outros crimes mais sombrios que pediam a música também, mas não eram discutidos abertamente. Às vezes as pessoas conseguiam parar a música corrigindo seus hábitos; mais frequentemente elas faziam as malas e iam embora antes da terceira noite.

Petty nunca teria entendido a dica. Petty teria saído com os punhos levantados. E teria havido uma briga e alguém faria algo estúpido; ou seja, ainda mais estúpido do que Petty teria feito. E então o Barão descobriria e as pessoas poderiam perder o seu sustento, o que significaria que teriam de deixar o Giz e percorrer talvez cerca de dezesseis quilómetros para encontrar trabalho e uma nova vida entre estranhos.

O pai de Tiffany era um homem de instinto aguçado e abriu suavemente a porta do celeiro alguns minutos depois, quando a música já estava diminuindo. Ela sabia que era um pouco embaraçoso para ele; ele era um homem respeitado, mas de alguma forma, agora, sua filha era mais importante do que ele. Uma bruxa não recebia ordens de ninguém, e ela sabia que ele era provocado pelos outros homens.

Ela sorriu e ele sentou-se no feno ao lado dela enquanto a música selvagem não encontrava nada para bater, apedrejar ou enforcar. Por seu próprio modo de ser, o senhor Dolorida não desperdiçava palavras. Ele olhou em volta e seu olhar pousou no pequeno embrulho, embrulhado às pressas em palha e saco, que Tiffany havia colocado onde a garota não o veria.

— Então é verdade; ela estava grávida, não é?

— Sim, pai.

O pai de Tiffany parecia não olhar para nada. — É melhor que não o encontrem —, disse ele após um intervalo decente.

— Sim, Tiffany disse.

— Alguns dos rapazes estavam falando em amarrá-lo. Nós os teríamos impedido, é claro, mas teria sido um mau negócio, com as pessoas tomando partido.

— Seria como veneno para a aldeia.

— Sim.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Então o pai dela olhou para a menina adormecida.

— O que você fez por ela? — Ele perguntou.

— Tudo o que eu pude fazer —, disse Tiffany.

— E você fez aquela coisa de tirar a dor que você faz?

Ela suspirou. — Sim, mas isso não é tudo que terei que fazer. Preciso de uma pá emprestada, pai. Vou enterrar a pobre coisinha na floresta, onde ninguém saberá.

Ele desviou o olhar. — Eu gostaria que não fosse você não tivesse que fazer isso, Tiff. Você ainda não tem dezesseis anos e vejo você correndo por aí cuidando de pessoas e fazendo curativos em pessoas e sabe-se lá mais o que. Você não deveria ter que fazer tudo isso.

— É, eu sei.

— Por quê? — Ele perguntou.

— Porque as outras pessoas não querem, ou não ligam ou não podem, é por isso.

— Mas não é da sua conta, é?

— Eu fiz disso ser da minha conta. Eu sou uma bruxa. É o que fazemos. Quando não e da conta de ninguém, então é da minha conta —, Tiffany disse rapidamente.

— Sim, mas todos pensávamos que seria uma questão de andar em vassouras e coisas assim, e não de cortar as unhas dos pés de velhinhas por causa delas.

— As pessoas não entendem sobre o que é necessário fazer —, disse Tiffany. — Não é que elas sejam ruins; é que elas não pensam sobre isso. Como a velha Senhora Stocking, que não tem nada no mundo, exceto seu gato e muita artrite. As pessoas lhe davam algo para comer com bastante frequência, é verdade, mas ninguém notava que as unhas dos pés estavam tão compridas que se enroscavam dentro das botas e por isso ela não conseguia tirá-las havia um ano! As pessoas por aqui estão bem quando se trata de comida e de ocasionais ramos de flores,

mas não estão por perto quando as coisas ficam um pouco complicadas. As bruxas percebem essas coisas. Ah, há uma certa agitação por aí, isso é verdade, mas é principalmente apenas para chegar rapidamente a algum lugar onde há confusão.

Seu pai balançou a cabeça. — E você gosta de fazer isso?

— Sim.

— Por quê?

Tiffany teve que pensar sobre isso, os olhos do pai nunca deixando seu rosto. — Bem, pai, você sabe como a vovó Dolorida sempre dizia: "Alimente-os quando tiverem fome, vista-os como se estivessem nus e fale por eles como se não tivessem voz"? Bem, eu acho que há espaço aí para "segure-os como se não pudesse se agachar, pegue para eles como se não pudessem se esticar, limpe-os como se não pudesse usar seus braços", não é? E porque às vezes você tem um dia bom que compensa todos os dias ruins e, só por um momento, você ouve o mundo girando —, disse Tiffany.

O pai olhou para ela num misto de orgulho e perplexidade. — E você acha que vale a pena, não é?

— Sim, pai!

— Então estou orgulhoso de você, Jiggit[10]; você está fazendo um trabalho de homem!

Ele usou o apelido que só a família conhecia; então ela o beijou educadamente e não lhe disse que era improvável que ele visse um homem fazendo o trabalho que ela fazia.

[10] Apelido familiar de Tiffany Dolorida. Aparentemente Pratchett usou como referência antigos sistemas de numeração utilizados por pastores no norte da Inglaterra, onde "Jiggit" é a palavra para o número vinte. Tiffany era a vigésima neta de Sarah Dolorida, sua avó. N.T.

— O que vocês vão fazer em relação aos Pettys? —, ela perguntou.

— Sua mãe e eu poderíamos acolher a Senhora Petty e a filha dela e... — O senhor Dolorida fez uma pausa e lançou-lhe um olhar estranho, como se ela o assustasse.

— Nunca é simples, minha menina. Seth Petty era um rapaz bastante decente quando éramos jovens. Não era o porquinho mais inteligente da ninhada, admito, mas era bastante decente à sua maneira. Era o pai dele quem era louco; Quero dizer, as coisas eram um pouco difíceis naquela época e você poderia esperar um golpe na cabeça se desobedecesse, mas o pai de Seth tinha um cinto grosso de couro com duas fivelas, e ele espancava Seth só por olhar de uma forma diferente. Não estou exagerando. Costumava sempre dizer que iria lhe dar uma lição.

— Parece que ele conseguiu —, disse Tiffany, mas seu pai ergueu a mão.

— E então veio Molly —, ele continuou. — Não se pode dizer que Molly e Seth foram feitos um para o outro, porque na verdade nenhum deles foi feito de verdade para ninguém, mas suponho que eles foram felizes juntos. Naquela época, Seth era um pastor, às vezes conduzindo os rebanhos até a cidade grande. Não era o tipo de trabalho para o qual você precisava de muito aprendizado, e pode ser que algumas das ovelhas fossem um pouco mais inteligentes do que ele, mas era um trabalho que precisava ser feito, e ele recebia um salário e ninguém pensava o pior dele por isso. O problema é que isso significava que ele deixava Molly sozinha durante semanas e... O pai de Tiffany fez uma pausa, parecendo envergonhado.

— Eu sei o que você vai me dizer —, disse Tiffany, para ajudá-lo, mas ele teve o cuidado de ignorar isso.

— Não é que ela fosse uma garota má —, disse ele. — é que ela nunca entendeu realmente do que se tratava; e não havia ninguém para contar a ela e havia todos os tipos de estranhos e viajantes passando por aqui o tempo todo. Caras muito bonitos, alguns deles.

Tiffany teve pena dele, sentado ali parecendo infeliz, envergonhado por contar à sua filha coisas que ela não deveria saber.

Então ela se inclinou e beijou-o na bochecha novamente. — Eu sei, pai, eu realmente sei. Amber não é realmente filha dele, certo?

— Bem, eu nunca disse isso, disse? Ela poderia ser... — disse o pai, sem jeito. E este era o problema, não era? Tiffany pensou. Talvez se Seth Petty soubesse de uma forma ou de outra, ele poderia ter aceitado o talvez. Talvez. Ninguém nunca saberia.

Mas ele também não sabia, e haveria dias em que pensaria que sabia e outros em que pensaria o pior. E para um homem como Petty, pouco dado à reflexão, os pensamentos sombrios rolavam em sua cabeça até enredarem seu cérebro. É o primeiro passo, quando o cérebro para de pensar.

Seu pai a observava atentamente. — Você sabe sobre esse tipo de coisa? — ele disse.

— Chamamos isso de fazer a ronda pelas casas. Toda bruxa faz isso. Por favor, tente me entender, pai. Já vi coisas horríveis, e algumas delas ainda mais horríveis porque eram, bem, normais. Todos os pequenos segredos a portas fechadas, pai. Coisas boas e coisas desagradáveis que não vou contar a vocês. É apenas parte de ser uma bruxa! Você aprende a sentir as coisas.

— Bem, você sabe, a vida não é exatamente um mar de rosas para nenhum de nós...—, começou seu pai. — Houve um tempo em que...

— Havia uma velha perto de Talhada —, Tiffany o interrompeu. — E ela morreu em sua cama. Nada de particularmente ruim nisso, na verdade; ela apenas tinha saído desta vida. Mas ela ficou lá por dois meses antes que alguém se perguntasse o que havia acontecido. Eles são um pouco estranhos em Talhada. A pior parte foi que seus gatos não conseguiram sair e começaram a comê-la; Quero dizer, ela era louca por gatos e provavelmente não teria se importado, mas uma das gatas tivera gatinhos na cama dela. Na cama dela mesmo. Foi realmente muito difícil encontrar casas para os gatinhos em lugares onde as pessoas ainda não tivessem ouvido a história. Eles também eram lindos gatinhos, com lindos olhos azuis.

— É... —, seu pai começou. — Quando você diz “na cama dela"... você quer dizer...

— Com a mãe ainda dentro, sim —, disse Tiffany. — Tive que lidar com pessoas mortas, sim. Você vomita um pouco na primeira vez e então percebe que a morte é, bem, parte da vida. Não é tão ruim se você pensar nisso como uma lista de coisas para fazer e faz uma de cada vez. Você também pode chorar um pouco, mas isso faz parte.

— Ninguém te ajudou?

— Oh, algumas senhoras me ajudaram quando bati em suas portas, mas na verdade ela não era da conta de ninguém. As vezes acontece desse jeito. As pessoas sumirem por tudo quanto é buraco. — Ela fez uma pausa. — Pai, ainda não estamos usando a velha cabana de pedra, não é? Você pode pedir a alguns rapazes que limpem aquilo para mim?

— Claro —, disse o pai. — Se importa se eu perguntar por quê?

Tiffany sentiu sua polidez; ele estava falando com uma bruxa. — Acho que estou tendo uma espécie de ideia —, disse ela. — E acho que

posso fazer bom uso dessa cabana. É apenas algo que pensei e de qualquer forma não fará mal nenhum tê-la arrumada.

— Bem, ainda me sinto muito orgulhoso quando vejo você correndo por todo lado naquela sua vassoura —, disse o pai dela. — Aquilo é magia, não é? — Todo mundo quer que a magia exista, Tiffany pensou consigo mesma, e o que você poderia lhes dizer? Que não, que não era? Ou: Sim, existe, mas não é o que você pensa? Todo mundo quer acreditar que podemos mudar o mundo estalando os dedos. — Os anões as fazem —, disse ela. — Não tenho ideia de como eles fazem. O segredo está em se manter em cima delas.

A música quebrada havia morrido agora, possivelmente porque não havia mais nada para fazer, ou talvez porque – e isso era bem provável – se os músicos *quebradeiros* voltassem logo para o pub, talvez houvesse tempo para outro trago antes que ele fechasse...

O senhor Dolorida levantou-se. — Acho que deveríamos levar essa garota para casa, não é?

— Mulher —, corrigiu Tiffany, inclinando-se sobre ela.

— Como?

— Mulher... uma jovem mulher —, disse Tiffany. — Ela merece isso, pelo menos. E acho que deveria levá-la para outro lugar primeiro. Ela precisa de mais ajuda do que eu posso lhe dar. Você pode, por favor, pegar um pouco de corda? Tenho uma alça de couro na vassoura, é claro, mas acho que não será suficiente. Ela ouviu um farfalhar vindo do palheiro acima e sorriu. Alguns amigos poderiam ser dos mais confiáveis.

Mas o senhor Dolorida parecia chocado. — Você a está levando embora?

— Não muito longe. É preciso. Mas olhe, não se preocupe. Se mamãe arrumar uma cama extra, vou trazê-la de volta, bem rápido.

Seu pai baixou a voz. — São eles, não é? Eles ainda seguem você?

— Bem —, disse Tiffany —, eles dizem que não, mas você sabe como os Nac Mac Feegle são mentirosos!

Tinha sido um dia longo e nada bom, caso contrário ela não teria sido tão deselegante mas, estranhamente, não houve resposta de cima para baixo. Para sua surpresa, a ausência de Feegles era surpreendentemente quase tão perturbadora quanto um monte deles aparecendo.

E então, para sua alegria, uma vozinha disse: — Rarará, ela não nos pegou dessa vez, né, mininus? Fiquemo quietinho qui nem camundongos! A Bruaquinha Grandona nem suspeitou de nada! Mininus? Mininus?

— Wullie Doido, juro que cê não tem cérebro suficiente para assoar o nariz —, disse uma voz semelhante, mas irritada. — Que parte de "ninguém deve dizer uma palavrinha" cê não entendeu? Ah, cuméquipodi!

Esta última observação foi seguida pelos sons de uma escaramuça.

O senhor Dolorida olhou nervosamente para o telhado e inclinou-se para mais perto. — Você sabe que sua mãe está muito preocupada com você? E Você sabe que ela acabou de ser avó de novo. E está muito orgulhosa de todos eles. E de você também, é claro —, acrescentou apressadamente. — Mas toda essa história de bruxaria, bem, esse não é o tipo de coisa que um jovem procura numa esposa. E agora que você e o jovem Roland...

Tiffany teve que lidar com aquilo. Lidar também fazia parte da bruxaria. Seu pai parecia tão infeliz que ela fez uma cara alegre e disse: — Se eu fosse você, pai, iria para casa e teria uma noite de sono decente. Eu vou resolver as coisas. Na verdade, há um rolo de corda ali, mas tenho certeza de que não precisarei usá-lo agora.

Ele pareceu aliviado com isso. Os Nac Mac Feegle podiam ser bastante preocupantes para aqueles que não os conheciam muito bem, embora, pensando bem, eles pudessem ser bastante preocupantes, independentemente do tempo que se conhecesse; um Feegle em sua vida logo a mudaria sua vida.

— Vocês estiveram aqui todo esse tempo? — Ela perguntou, tão logo seu pai havia saído.

Por um momento houve uma chuva de pedaços inteiros de feno e Feegles.

O problema de ficar com raiva de Nac Mac Feegles era que era como ficar com raiva de papelão ou do clima; não fazia nenhuma diferença. Ela tentou de qualquer maneira, porque agora era meio que uma tradição.

— Rob Qualquerum! Você prometeu não me espionar!

Rob ergueu a mão. — Ah, bem, aí está, com certeza, mas é um daqueles mal-entendidu, senhorita, porque a gente num távamos espionando, né não, mininus?

A massa de pequenas formas azuis e vermelhas que agora cobria o chão do celeiro levantou a voz num coro perjúrio e mentiras descaradas. A velocidade diminuiu quando eles viram sua expressão.

— Por que, Rob Qualquerum, você insiste em mentir quando é pego em flagrante?

— Ah, bem, essa é fácil, senhorita —, disse Rob Qualquerum, que era tecnicamente o chefe dos Nac Mac Feegles. — Afinal, sabe, qual seria o sentido de mentir quando cê não fez nada de errado? De qualquer forma, agora estou mortalmente ferido até os bofes porque meu bom nome foi caluniado —, disse ele, sorrindo. — Quantas vezes eu menti para você, senhorita?

— Setecentas e cinquenta e três vezes —, disse Tiffany. — Toda vez que você promete não interferir nos meus assuntos.

— Ah, bem —, disse Rob Qualquerum, — você ainda é nossa Bruaquinha Piquininha Grandona.

— Isso pode ou não ser o caso —, disse Tiffany com altivez, — mas sou muito maior e consideravelmente menos pequenininha do que costumava ser.

— E muito mais bruaca —, disse uma voz alegre. Tiffany não precisou olhar para saber quem estava falando. Somente Wullie Doido metia os pés pelas mãos daquele jeito. Ela olhou para seu rostinho radiante. E ele nunca entendia muito bem o que estava fazendo de errado.

Bruaca! Não soava muito bonito, mas toda bruxa era uma bruaca para os Feegles, por mais jovem que fosse. Eles não queriam dizer nada com aquilo - bem, provavelmente não queriam dizer nada com aquilo, mas nunca se poderia dizer com certeza - e às vezes Rob Qualquerum sorria quando dizia aquilo, mas não era culpa deles que para alguém com menos de quinze centímetros alta, a palavra significava alguém que penteava o cabelo com um ancinho e tinha dentes piores do que os de uma ovelha velha. Ser chamada de bruaca quando você tem nove anos pode ser meio engraçado. Não é tão divertido quando você tinha quase

dezesseis anos e teve um dia muito ruim e dormiu muito pouco e realmente precisava de um banho.

Rob Qualquerum percebeu isso claramente, porque se virou para o irmão e disse: — Você consegue se lembrar, meu irmão, que há momentos em que você deveria enfiar a cabeça no traseiro de um pato em vez de falar?

Wullie Doido olhou para os pés. — Desculpa, Rob. Num consegui encontrar um pato na hora.

O chefe dos Feegles olhou para a garota no chão, dormindo suavemente sob o cobertor e de repente tudo ficou sério.

— Se estivéssemos aqui quando aconteceu a surra de cinto, teria sido um dia ruim para ele, vou lhe dizer —, disse Rob Qualquerum.

— Ainda bem que vocês não estavam aqui. — Disse Tiffany. — Vocês não querem pessoas chegando ao seu monte funerário com pás, querem? Vocês têm que se manter bem longe dos 'grandãoszis', estão me ouvindo? Vocês os deixam nervosos. Quando as pessoas ficam nervosas, elas ficam com raiva. Mas já que vocês estão aqui, podem ser úteis. Queria levar essa pobre garota até o monte. — Sim, nós sabemos — disse Rob. — Não foi a própria Kelda que nos enviou aqui para encontrar ocê?

— Ela sabe sobre isso? Jeannie sabe sobre isso?

— Sei bem, não – disse Rob, nervoso. Ele sempre ficava nervoso quando falava da esposa, Tiffany sabia. Ele a amava demais, mas o pensamento dela franzindo a testa em sua direção transformava seus joelhos em geleia. A vida de todos os outros Feegles geralmente girava em torno de brigas, roubos e bebedeiras, com algumas coisas extras, como conseguir comida, que em sua maioria roubavam, e lavar roupa, o que na maioria das vezes não lavavam. Como marido da Kelda, Rob

Qualquerum também tinha que se explicar, e isso nunca era uma tarefa fácil para um Feegle.

— Jeannie tem conhecimento das coisa, cê sabe —, disse ele, sem olhar diretamente para Tiffany. Ela sentiu pena dele então; devia ser melhor estar entre uma rocha e uma situação difícil do que estar entre uma Kelda e uma bruaca, ela pensou.

# CAPÍTULO 3

# AQUELES QUE SE MEXEM NO SONO

A LUA estava alta e transformava o mundo em um quebra-cabeça preto e prateado de bordas afiadas enquanto Tiffany e os Feegles subiam para as colinas. Os Nac Mac Feegles podiam mover-se em silêncio absoluto quando quisessem; A própria Tiffany havia sido carregada por eles, e era sempre um passeio tranquilo, e realmente bastante agradável, especialmente se eles tivessem tomado banho no último mês ou algo assim.

Todo pastor nas colinas deve ter visto o monte funerário Feegle em algum momento ou outro. Nenhum deles jamais falava sobre isso. Algumas coisas deveriam ser deixadas de lado, como o fato de que a perda de cordeiros na região onde os Feegle viviam era muito menor do que em partes mais distantes do Giz mas, por outro lado, algumas ovelhas desapareceriam; seriam os cordeiros fracos ou as ovelhas muito

velhas (Feegles gostavam de carneiro velho e forte, do tipo que você poderia mastigar por horas). Assim, os rebanhos eram guardados e os guardadores recebiam seu pagamento. Além disso, o monte ficava muito perto de tudo o que restava da cabana de pastor da vovó Dolorida, e era um terreno quase sagrado.

Tiffany podia sentir o cheiro da fumaça que subia pelos arbustos espinhosos à medida que se aproximavam. Bem, pelo menos foi uma bênção ela não ter que deslizar pelo buraco para entrar; esse tipo de coisa era muito bom quando se tinha nove anos, mas quando se tinha quase dezesseis era indigno e significava a ruína de um bom vestido e era, embora ela não admitisse isso, apertado demais para ser confortável.

Mas Jeannie, a Kelda, havia feito mudanças. Bem perto do monte funerário existia uma antiga pedreira de calcário à qual se chegava por uma passagem subterrânea. A Kelda havia feito os rapazes trabalharem naquilo com pedaços de ferro corrugado e lona que eles haviam "encontrado" daquela maneira muito distinta que tinham de "encontrar" as coisas. Ainda parecia um típico poço de Giz nas terras altas, porque os arbustos de madressilvas e trepadeiras haviam sido colocados sobre ele, de modo que apenas um rato conseguiria com dificuldade encontrar o caminho para dentro. Porém a água poderia entrar, escorrendo pelo ferro e enchendo barris lá embaixo; e agora havia um espaço muito maior para cozinhar, e até espaço suficiente para Tiffany descer se ela se lembrasse de gritar seu nome primeiro, quando mãos escondidas puxavam os cordões e abriam caminho através dos arbustos intransponíveis como num passe de mágica. A Kelda tinha sua privativa sala de banhos lá embaixo; os Feegles mesmo só tomavam banho quando algo os lembrava, como um eclipse da lua.

Amber foi levada pelo buraco e Tiffany esperou impacientemente perto do local certo na floresta de espinheiros até que os espinhos magicamente "se moveram para o lado".

Jeannie, a Kelda, quase redonda como uma bola de futebol, esperava por ela, com um bebê debaixo de cada braço.

— Estou muito feliz em ver você, Tiffany —, disse ela, e por algum motivo isso soou estranho e deslocado. — Eu disse aos meninos para irem pegar um ar lá fora —, continuou a Kelda. — Este é um trabalho de mulher, e não é uma tarefa muito bonita, tenho certeza de qu'ocê concordará. Eles a deitaram perto do fogo e eu comecei a aplicar calmantes nela. Foi um bom trabalho o que cê fez esta noite; acho que ela vai ficar bem. Sua famosa Madame Cera-do-Tempo não poderia ter feito um trabalho melhor. — Ela me ensinou a aliviar a dor — disse Tiffany.

— Foi mesmo? — respondeu a Kelda, lançando um olhar estranho para Tiffany. — Espero que cê nunca se arrependa do dia em que ela lhe fez... esta gentileza.

Neste momento, vários Feegles apareceram no túnel que levava ao monte principal. Eles olharam inquietos de sua Kelda para sua bruaca, e um porta-voz muito relutante disse: — Não quero interromper nem nada, senhoras, mas estávamos preparando uma ceiazinha noturna, e Rob disse para perguntar se a Grande Bruaquinha gostaria de um pouquinho?

Tiffany fungou. Havia um cheiro definido no ar, e era o tipo de cheiro que você sente quando tem carne de ovelha em conjunto com, por exemplo, um braseiro. Tudo bem, pensou ela, sabemos que eles fazem isso, mas talvez tenham a boa educação de não fazer isso na minha frente!

O porta-voz deve ter percebido isso porque, enquanto torcia loucamente a ponta do kilt com as duas mãos, como um Feegle geralmente fazia quando contava uma mentira enorme, acrescentou: — Bem, acho que ouvi que talvez um pedaço de ovelha meio que acidentalmente caiu na panela quando estava cozinhando e tentamos arrastá-la para fora, mas... bem, você sabe como é uma ovelha... ela entrou em pânico e revidou. — Nesse ponto, o alívio óbvio do orador por ter sido capaz de inventar algum tipo de desculpas o levou a tentar maiores alturas de ficção, e ele continuou: — Acho que deve ter sido suicídio por não ter nada para fazer o dia todo a não ser comer grama.

Ele olhou esperançoso para Tiffany para ver se isso tinha funcionado, momento em que a Kelda o interrompeu bruscamente e disse: — Pequeno Jock Bocademel, basta você entrar lá e dizer que a pequena bruaca gostaria de um sanduíche de carneiro, ok? — Ela olhou para Tiffany e disse: — Sem discussão, garota. Você parece que está quase cambaleando por falta de uma refeição quente decente. Eu sei bem que as bruxas cuidam de todos menos de si mesmas. Corram, rapazes. — Tiffany ainda sentia uma tensão no ar. O olhar solene da Kelda permaneceu fixo nela, e então Jeannie disse: — Você consegue se lembrar de ontem?

Parecia uma pergunta boba, mas Jeannie nunca foi boba. Valia a pena pensar nisso, embora Tiffany desejasse algumas ovelhas suicidas e uma noite de sono decente.

— Ontem... bem, suponho que já seja anteontem... fui chamada para Cinto-Abaixo[11] —, disse ela, pensativa. — O ferreiro de lá não teve

[11] No original: *Buckle-Without*. E há outra aldeia que Pratchett nomeou como *Buckle-With-Many*. Possível tradução: aldeia de Cinto Nenhum e Muitos Cintos. Em sites de fãs há uma pista: [https://discworld.fandom.com/wiki/I_Shall_Wear_Midnight]: As duas aldeias, Buckle-Without e Buckle-With-Many, são brincadeiras com o tipo de nomes encontrados no interior da Inglaterra, onde várias cidades ao longo de um trecho de rio ou área têm o mesmo nome com um modificador - Dartmouth, Dartmoor (uma na foz e outra na charneca do rio Dart); Upper e Lower Slaughter, etc.

cuidado com sua forja e ela rebentou, jogando brasas em sua perna. Tratei dele e tirei a dor, que coloquei na bigorna dele. Para fazer isso, recebi vinte e quatro libras de batatas, três peles de veado curadas, meio balde de pregos, um lençol velho, mas útil para fazer bandagens e um pequeno pote de gordura de ouriço que sua esposa jurou ser um santo remédio para inflamação de garganta. Também comi uma boa porção de ensopado com a família. Depois, como estava por perto, fui até Cinto-Acima, onde resolvi o probleminha do senhor Gower. Mencionei a ele sobre a gordura do ouriço, e ele disse que era uma cura maravilhosa para os imencionáveis,[12]e me trocou um presunto inteiro pelo pote. A Senhora Gower me preparou chá e me permitiu colher uma cesta de apuro-de-amor, que cresce mais livremente em seu jardim do que jamais vi crescer em qualquer outro lugar. — Tiffany fez uma pausa. — Ah, sim, e então parei em Juízo-do-Fim para trocar um cataplasma, e depois fui ver o Barão, e então, é claro, tive resto do dia para mim, uf! Mas, no geral, não foi um dia ruim, pois as pessoas estavam muito ocupadas pensando na feira.

— E com o passar dos dias, o dia passou —, disse a Kelda, — e sem dúvida foi um dia ocupado e útil. Mas durante todo o dia tive premonições a seu respeito, Tiffany Dolorida. Jeannie ergueu uma mão pequena e morena quando Tiffany começou a protestar e continuou: — Tiffany, você deve saber que eu cuido d'ocê. Afinal, você é a bruaca das colinas e eu tenho o poder de vigiar ocê em minha cabeça, de ficar de olho n'ocê, porque alguém precisa fazer isso. Sei que cê sabe disso porque é inteligente, e sei que cê finge que não sabe, assim como eu finjo não saber que sei, e tenho certeza de qu'ocê também sabe disso, certo?

---

Pratchett provavelmente está usando o nome de uma cidade como Buckland in the Moor como fonte e combinando-os com acessórios de moda. Optamos por CINTO-ABAIXO e CINTO-ACIMA, pela maior ocorrência em nossa língua. Não é perfeito. Mas... o que é? N.T.

[12] Um termo vitoriano para se referir às roupas íntimas ou mesmo à genitália. N.T.

— Talvez eu tenha que resolver tudo isso com lápis e papel —, disse Tiffany, tentando rir.

— N'é engraçado, não! Posso te ver, mas como se fosse através de uma nuvem, na minha cabeiça. Perigo em volta d´ocê. E o pior é que não consigo ver de onde vem. E isso não tá certo! — Assim que Tiffany abriu a boca, meia dúzia de Feegles veio correndo do túnel pelo túnel, carregando um prato entre eles. Tiffany não pôde deixar de notar, porque as bruxas notavam as coisas sempre que podiam, que a decoração azul na borda do prato se parecia muito com a do segundo melhor serviço de jantar de sua mãe. O resto do prato estava coberto por um grande pedaço de carneiro, junto com batatas fritas. O cheiro era maravilhoso e seu estômago tomou conta de seu cérebro. Uma bruxa fazia suas refeições onde podia e ficava feliz em recebê-las.

A carne foi cortada ao meio, embora a metade da Kelda fosse um pouco menor que a metade da Tiffany. A rigor, não se pode ter uma metade menor que a outra metade, porque não seria metade, mas as pessoas sabem o que isso significa. E as Keldas sempre tiveram um apetite enorme para seu tamanho, pois tinham muitos bebês para fazer.

De qualquer maneira, não era hora de conversar. Um Feegle ofereceu a Tiffany uma faca que era, na verdade, uma Claymore[13]Feegle, e então ergueu uma lata bastante suja com uma colher enfiada nela.

— Um temperinho? — Ele sugeriu timidamente.

Isto era um pouco elegante para uma refeição Feegle, embora Jeannie os estivesse civilizando um pouco, na medida em que se poderia civilizar um Feegle. Pelo menos eles estavam pegando a coisa. Mesmo

[13] Claymore. Espada escocesa. N.T.

assim, Tiffany entendeu o suficiente para ser cautelosa. — O que tem nele? — Ela perguntou, sabendo que esta era uma pergunta perigosa.

— Oh, um monte de coisa maravilhosa —, disse o Feegle, sacudindo a colher na lata. — Tem maçã silvestre e semente de mostarda e raiz-forte e caracóis e ervas selvagens e alho e um pitada de Joãozim-Atrasadim... Mas ele balbuciou uma palavra um pouco rápido demais para o gosto de Tiffany.

— Caracóis? — ela interrompeu.

— Ah, sim, sim, muito nutritivo, cheio de vitiminas e mineraus, você sabe, e pruteinas, e o bom é que, com bastante alho, eles têm gosto de alho.

— Qual é o gosto deles se você não usar alho? —, perguntou Tiffany.

— "Caracóis", disse a Kelda, com pena do garçom, — e devo dizer que são bons para comer, minha menina. Os rapazes os levam à noite para pastar repolho selvagem e alface silvestre. São muito saborosos e acho que você aprovaria o fato de não haver roubo envolvido.

Bem, isso era uma coisa boa, Tiffany teve que admitir. Feegles roubavam com alegria e repetidamente, tanto por esporte quanto por qualquer outra coisa. Por outro lado, com as pessoas certas, no lugar certo, na hora certa, podiam ser muito generosos, e isso estava, felizmente, acontecendo agora mesmo.

— Mesmo assim, Feegles cultivando? — ela disse em voz alta.

— Ah, não —, disse o porta-voz, enquanto seus companheiros atrás dele imitavam o desgosto pelo insulto, fazendo barulhos de "iuc" e enfiando os dedos na garganta. — Não é agricultura, é criação de gado,

como convém a quem tem espírito livre e gosta de sentir o vento no kilt. Mas veja bem, o estouro da manada pode ser um pouco embaraçoso.

— Pegue um pouco, por favor —, implorou a Kelda. — Isso irá encorajá-los a seguir fazendo.

Na verdade, a *cuisine* Feegle era bastante saborosa. Talvez seja verdade o que dizem, pensou Tiffany, que tudo vai bem com alho. Exceto creme.

— Não se importe com meus meninos —, disse Jeannie depois que ambas comeram até se fartarem. — Os tempos estão mudando e acho que eles sabem disso. Pr'ocê também. Como está se sentindo?

— Ah, você sabe. O de sempre —, respondeu. — Cansada, confusa e chateada. Esse tipo de coisa.

— Cê trabalha demais, minha garota. Temo que cê não tenha o suficiente para comer e certamente posso ver qu'ocê não dorme o suficiente. Quando foi a última vez que cê dormiu em uma cama de verdade, eu me pergunto? Cê sabe que precisa dormir; cê não consegue pensar direito sem algum tempo para descansar. Temo que em breve você precisará de toda a força que puder reunir. Cê gostaria que eu desse calmantes p'rocê?

Tiffany bocejou novamente. — Obrigada pela oferta, Jeannie — disse ela —, mas acho que não preciso deles, se você não se importa. — Havia pilhas de lã gordurosa no canto que provavelmente, há pouco tempo, pertenciam a ovelhas que decidiram dizer adeus ao mundo cruel e cometer suicídio. Elas pareciam muito convidativas. — É melhor eu ir ver a garota. — As pernas de Tiffany não pareciam querer que ela se mexesse. — Mesmo que... imagino que ela esteja tão segura como as casas de um monte Feegle.

— Ah, não — disse Jeannie suavemente enquanto os olhos de Tiffany se fechavam. — Muito, muito mais segura do que nas casas.

Quando Tiffany estava realmente roncando, Jeannie caminhou lentamente para cima e para dentro do monte. Amber estava encolhida perto do fogo, mas Rob Qualquerum colocou alguns dos Feegles mais velhos e mais sábios ao seu redor. Isso porque a luta noturna estava em pleno andamento. Os Nac Mac Feegle lutavam tão frequentemente quanto respiravam, e geralmente ao mesmo tempo. Ocorria sempre por ser um modo de vida, de certa forma. Além disso, quando você tinha apenas alguns centímetros de altura, você tinha o mundo inteiro para lutar e então era melhor aprender cedo. Jeannie sentou-se ao lado do marido e observou a briga por um tempo. Os jovens Feegles estavam quicando nas paredes, em seus tios e uns nos outros. Então ela disse: — Rob, você acha que estamos educando nossos meninos adequadamente?

Rob Qualquerum, que era sensível ao humor de Jeannie, olhou para a menina adormecida.

— Ah, sim, não há dúvida sobre isso; ei, você viu isso? Jock-um-pouco-menor-que-o-pequeno-Jock chutou Wullie Doido bem no pog![14]Isso é que golpe baixo; e olha que ele só tem oito centímetros de altura!

— Ele um dia será um grande guerreiro, Rob, isso é verdade —, disse Jeannie, — mas...

— Eu sempre digo a eles —, Rob Qualquerum continuou entusiasmado enquanto o jovem Feegle voava sobre suas cabeças, — que o caminho para o sucesso é sempre atacar apenas pessoas que são muito maiores do que eles! Regra importante!

[14] o "pog" é uma bolsa de couro que os Feegles levam bem à frente da cintura, perto de um "imencionável". N.T.

Jeannie suspirou quando outro jovem Feegle bateu na parede, balançou a cabeça e voltou correndo para a luta. Era quase impossível machucar um Feegle. Qualquer ser humano que tentasse pisar em um Feegle descobriria que o homenzinho que ele pensava estar sob sua bota estava agora na verdade subindo pela perna da calça, e depois disso o dia só poderia piorar. Além disso, se você viu um Feegle, provavelmente havia muitos mais por aí que você não tinha visto, e eles certamente o viram.

Talvez os grandãoszis tenham problemas maiores porque são maiores do que nós, pensou a Kelda. Ela suspirou interiormente. Ela nunca deixaria o marido saber disso, mas às vezes ela se perguntava se um jovem Feegle poderia aprender algo como, bem, contabilidade. Algo que não significasse que você tinha que ricochetear nas paredes, e que não significasse que você tinha que lutar o tempo todo. Mas então, ele ainda seria um Feegle?

— Temo pela Bruaca Piquininha Grandona, Rob —, disse ela — alguma coisa está errada.

— Ela sempre quis ser uma bruaca, mocinha —, disse Rob. — Agora ela tem que se virar com sua estranheza, assim como nós. Ela é uma tremenda lutadora, cê sabe. Ela beijou o Senhor do Inverno até a morte e bateu na Rainha dos Elfos com uma frigideira.

E me lembro da vez que aquela fera invisível entrou em sua cabeça, e ela lutou contra ela e a mandou embora. Ela é uma lutadora.

— Oh, eu sei disso muito bem —, disse a Kelda. — Ela beijou a face do inverno e fez a primavera voltar. Foi uma grande coisa o que ela fez, com certeza, mas ela tinha o manto do verão sobre ela. Foi esse poder que ela usou contra ele, não apenas o dela. E ela fez aquilo da

melhor maneira, veja bem; não consigo pensar em ninguém que teria feito melhor, mas ela deve tomar cuidado.

— Que inimigo ela pode ter que não possamos enfrentar com ela? — Rob perguntou.

— Não sei dizer —, disse a Kelda, — mas na minha cabeiça, parece assim. Quando ela beijou o inverno, isso me abalou profundamente; parecia que abalou o mundo e não posso deixar de me perguntar se pode haver aqueles que se agitaram durante o sono. Certifique-se, Rob Qualquerum, de manter mais de um olho nela.

## CAPÍTULO 4

## DINHEIRO DE VERDADE

TIFFANY ACORDOU COM FOME e ao som de risadas. Amber estava acordada e, contra todas as probabilidades, feliz.

Tiffany descobriu o porquê quando conseguiu se espremer no túnel que levava ao monte. A garota ainda estava deitada, encolhida de lado, mas um grupo de jovens Feegles a entretinha com cambalhotas e saltos mortais e ocasionalmente fazia tropeçar uns nos outros de maneira humorística.

A risada parecia pertencer a alguém mais jovem do que Amber; parecia a risada que um bebê dá quando vê coisas brilhantes em cores bonitas. Tiffany não sabia como os calmantes funcionavam, mas eram melhores do que qualquer coisa que uma bruxa pudesse fazer; eles pareciam acalmar as pessoas e torná-las melhores de dentro para fora.

Eles faziam você ficar bem e, o melhor de tudo, te faziam esquecer. Às vezes, parecia a Tiffany, a Kelda falava deles como se estivessem vivos... talvez pensamentos vivos, ou criaturas vivas bondosas que de alguma forma eliminavam as coisas ruins.

— Ela está bem —, disse a Kelda, aparecendo do nada. — Ela vai ficá bem. Vai haver pesadelos quando a escuridão aparecer. Os calmantes não podem fazer tudo. Ela tá voltando a si mesma agora, desde o começo, e isso é o melhor.

Ainda estava escuro, mas o amanhecer marcava o horizonte. Tiffany tinha um trabalho sujo para fazer antes do amanhecer.

— Posso deixá-la aqui com você por um tempo? — ela disse. — Há uma pequena tarefa que precisa ser feita.

Eu não deveria ter dormido, ela pensou enquanto saía do poço. Eu deveria ter voltado imediatamente! Eu não deveria ter deixado o coitadinho lá!

Ela puxou a vassoura dos arbustos espinhosos ao redor do monte e parou. Alguém a estava observando; ela podia sentir isso na nuca. Ela se virou bruscamente e viu uma velha toda vestida de preto, bastante alta, mas apoiada em uma bengala. Enquanto Tiffany olhava, a mulher desapareceu lentamente, como se evaporasse na paisagem.

— Madame Cera-do-Tempo? — Tiffany disse para o ar vazio, mas isso foi bobagem. Vovó Cera-do-Tempo não seria vista nem morta com uma bengala, e certamente não seria vista viva com uma, também. E houve movimento no canto do olho. Quando ela se virou novamente, havia uma lebre,[15] apoiada nas patas traseiras, observando-a com interesse e sem nenhum sinal de medo.

[15] Qualquer que seja o sexo da lebre, para o povo-do-lugar de verdade todas as lebres são 'ela'. N.A.

E podiam fazê-lo sem problemas, é claro. Os Feegles não as caçavam, e um cão pastor comum ficaria sem pernas antes que uma lebre ficasse sem fôlego. A lebre não tinha nenhuma toca abafada onde ficar presa; ela vivia na velocidade, disparando pela paisagem como um sonho do vento... podendo se dar ao luxo de sentar e observar o mundo lento passar.

Esta aqui explodiu em chamas. Ela brilhou por um momento e então, totalmente ilesa, saiu correndo como um borrão. Tudo bem, pensou Tiffany enquanto deixava livre o cabo da vassoura, vamos abordar isso do ponto de vista do bom senso. A turfa não estava queimada e as lebres não eram conhecidas por pegar fogo, então... ela parou quando um pequeno alçapão se abriu em sua memória.

*A lebre corre para o fogo.*

Ela tinha visto isso escrito em algum lugar? Teria ouvido isso como parte de uma música? Uma canção de ninar? O que a lebre teria a ver com qualquer coisa? Mas ela era uma bruxa, afinal, e havia um trabalho a fazer. Presságios misteriosos poderiam esperar. As bruxas sabiam que presságios misteriosos existiam o tempo todo. O mundo sempre esteva quase se afogando em presságios misteriosos. Você apenas tinha que escolher aquele que fosse conveniente.

Morcegos e corujas saíram sem esforço do caminho de Tiffany enquanto ela acelerava sobre a vila adormecida. A casa Petty estava no limite. Havia um jardim. Todas as casas da aldeia tinham um jardim. A maioria deles tinha uma horta cheia de verduras ou, se a esposa tivesse a voz de comando, metade de verduras e metade de flores. A casa dos Petty tinha na frente uns mil metros quadrados de urtigas.

Isso sempre irritou Tiffany até o último fio de cabelo. Era muito difícil arrancar as ervas daninhas e produzir uma colheita decente de

batatas? Tudo o que precisavam era de lama, e havia bastante disso numa aldeia agrícola; o truque era impedir que entrasse na casa. O senhor Petty poderia ter feito um esforço.

Ele estava de volta ao celeiro, ou pelo menos alguém estava. O bebê estava agora em cima do monte de palha. Tiffany veio preparada com roupa de cama velha, mas ainda útil, que era pelo menos melhor do que saco e palha. Mas alguém mexeu no corpinho e colocou flores em volta dele, só que as flores eram, na verdade, urtigas.

Também acenderam uma vela em um dos castiçais de folha-de-flandres que todas as casas da aldeia possuíam. Um castiçal. Fogo. Em uma pilha de palha solta. Num celeiro cheio de feno seco e mais palha. Tiffany olhou horrorizada e então ouviu o grunhido acima de sua cabeça.

Um homem estava pendurado nas vigas do celeiro.

Elas rangeram. Um pouco de poeira e alguns pedaços de feno flutuaram. Tiffany os pegou rapidamente e pegou a vela antes que a próxima queda de fiapos incendiasse todo o celeiro. Ela estava prestes a apagá-lo quando lhe ocorreu que isso a deixaria no escuro com a figura girando suavemente que podia ou não ser um cadáver. Ela colocou a vela com muito cuidado perto da porta e procurou algo pontiagudo. Mas este era o celeiro de Petty e tudo era cego, exceto uma serra.

Tinha que ser ele lá em cima! Quem mais poderia ser? — senhor Petty? — Disse ela, subindo nas vigas empoeiradas. Houve algo parecido com um chiado. Isso era bom?

Tiffany conseguiu enganchar uma perna em uma viga, deixando uma mão livre para manejar a serra. O problema era que ela precisava de mais duas mãos. A corda estava apertada em volta do pescoço do homem, e os dentes rombos da serra balançavam nela, fazendo o

homem balançar ainda mais. E ele também estava começando a se debater, o tolo, de modo que a corda não só balançava, mas também se torcia. Mais um pouco e ela cairia.

Houve um movimento no ar, um lampejo de ferro, e Petty caiu como uma pedra. Tiffany conseguiu manter o equilíbrio o tempo suficiente para se agarrar a uma viga empoeirada e meio que subir e meio que rastejar atrás dele.

As unhas dela agarraram a corda em volta do pescoço dele, mas ela estava tão apertada quanto um tambor... e deveria ter havido um floreio de música porque de repente Rob Qualquerum estava ali, bem na frente dela; ele ergueu uma pequena espada brilhante e olhou para ela interrogativamente.

Ela gemeu interiormente. Que bem você está fazendo, Mr. Petty? Que bem você fez nesta vida? Você não consegue nem se enforcar direito. Que bem você fará? Eu não estaria fazendo um favor ao mundo e a você se permitisse que você terminasse o que começou?

Esse era o problema com os pensamentos. Eles pensavam por si mesmos e logo iam caindo em sua cabeça com a esperança de que você pensasse o mesmo que eles. Você tinha que dar um tapa em pensamentos como estes; eles tomariam conta de uma bruxa se ela permitisse. E então tudo desmoronaria e nada sobraria além da gargalhada histérica.

Tiffany tinha ouvido falar que se você quisesse entender alguém você teria de andar uma milha nos sapatos desta pessoa; o que não fazia muito sentido porque, quando você entendesse, provavelmente também saberia que alguém estava atrás de você para acusá-lo de roubo de um par de sapatos... embora, claro, você certamente escaparia porque seu perseguidor estaria descalço. Mas ela entendeu o que o provérbio

realmente significava, e ali estava um homem a um passo da morte. Ela não tinha escolha, não havia outra opção. Por conta de um punhado de urtigas, ela teria que dar-lhe aquela chance; alguma coisa dentro do miserável brutamontes ainda se esforçava para ser boa. Era uma pequena faísca, mas estava lá. Não havia o que discutir.

Odiando-se profundamente por ser tão sentimental, ela acenou com a cabeça para o Grande Homem do clã Feegle. — Tudo bem —, ela disse. — Tente não machucá-lo muito.

A espada brilhou; e o corte foi feito com a delicadeza de um cirurgião, embora o cirurgião devesse ter lavado primeiro as mãos.

A corda realmente saltou quando o Feegle a cortou e disparou como se fosse uma serpente. Petty ofegou com tanta força que a chama da vela perto da porta pareceu se achatar por um momento.

Tiffany levantou-se e limpou os restos de palha e pó dos joelhos. — Por que voltou? — Perguntou. — Procurava alguma coisa? Aliás, que coisa?

O senhor Petty ficou ali deitado. Não houve nem um grunhido em resposta. Era difícil odiá-lo agora, ofegando no chão.

Ser uma bruxa significava que você tinha que fazer escolhas; geralmente as escolhas que as pessoas comuns não queriam fazer ou sequer sabiam delas. Ela então lavou o rosto dele com um pedaço de pano rasgado umedecido na bomba do lado de fora e envolveu a criança morta no pedaço de pano bem maior e mais limpo que ela trouxera para esse fim. Não era a melhor das mortalhas, mas era honesta e civilizada.

Ela lembrou a si mesma, em um estado quase sonambúlico, que precisava aumentar seu estoque de bandagens improvisadas, até que se

deu conta do quanto e a quem deveria estar grata. — Obrigada, Rob —, disse. — Não acho que poderia ter conseguido sozinha.

— Acho que talvez ocê pudesse —, disse Rob Qualquerum, embora ambos soubessem que não poderia. — Acontece que eu estava passando, você sabe, e não te seguindo. Uma dessas coincidências.

— Tem havido muitas dessas coincidências ultimamente —, disse Tiffany.

— Sim —, disse Rob, sorridente, — deve ser outra coincidência.

Era impossível envergonhar um Feegle. Eles simplesmente não conseguiam entender a ideia. Ele estava olhando para ela. — O que acontece agora? — Perguntou.

Essa era a questão, não era? Uma bruxa precisava fazer as pessoas acreditarem que ela saberia sempre o que fazer a seguir, mesmo quando não soubesse. Petty iria viver e a pobre criança não deixaria de estar morta.

— Eu cuidarei das coisas —, disse ela. — É o que nós, bruxas, sempre fazemos.

Só que sou só eu; não existe "nós", ela pensou enquanto voava através das brumas da manhã até o lugar das flores. Eu gostaria... eu gostaria que houvesse.

Nos bosques de aveleiras havia uma clareira de flores que perdurava desde o início da primavera até o final do outono. Havia rainha-dos-prados e dedaleiras e calças-de-velho e barba-de-bode e aquilégia e hera-de-canteiro e sálvia e alfacinha-do-rio e mil-folhas rosa e gálio-amarelo e primaveras sortidas e prímulas e dois tipos de orquídea.

Bem lá onde foi enterrada a velha senhora que eles chamavam de bruxa. Se você soubesse onde procurar, poderia ver o pouco que restava da casa dela debaixo de toda aquela vegetação, e se realmente soubesse onde procurar, poderia ver o lugar onde ela havia sido enterrada. E se você realmente soubesse onde procurar, também poderia encontrar o local onde Tiffany enterrou o gato da velha senhora; havia erva-de-gato crescendo nele. Era uma vez, e a música quebrada veio para a velha e seu gato. Ah, sim, veio, e as pessoas que caminhavam ao som de seus tambores a arrastaram para a neve, demoliram a cabana precária e queimaram seus livros porque tinham pinturas de estrelas neles. E por quê? Porque o filho do Barão tinha desaparecido e a Senhora Snapperly não tinha família nem dentes e, para ser sincera, também soltava umas risadas histéricas de vez em quando. E isso fazia dela uma bruxa e o povo do Giz não confiava nas bruxas. Então ela foi puxada para a neve e enquanto o fogo consumia a palha da cabana, página após página de estrelas estalavam e enrugavam-se ao céu noturno enquanto os homens apedrejavam o gato até a morte. E naquele inverno, depois de ter martelado portas que lhe permaneceram fechadas, a velha morreu na neve, e como teve que ser enterrada em algum lugar, havia uma cova rasa onde ficava a velha cabana.

Mas a velha não teve nada a ver com a perda do filho do Barão, teve? E logo depois, Tiffany foi até um estranho país das fadas para trazê-lo de volta, não foi? E ninguém falava da velha hoje em dia, não é? Mas quando passavam pelo local no verão, as flores enchiam o ar de alegria; e as abelhas o enchiam com as cores do mel.

Ninguém falava sobre isso. Mas afinal, o que você diria? Que havia flores raras crescendo no túmulo da velha e erva-de-gato crescendo onde a menina Dolorida enterrara o gato? Era um mistério, e talvez um julgamento, embora de quem partisse o julgamento, e sobre quem, para

quê e por quê, talvez fosse melhor não pensar, e muito menos discutir. No entanto, flores maravilhosas crescendo sobre os restos mortais da possível bruxa... como isso podia acontecer?

Tiffany não se fazia esta pergunta. As sementes eram caras e ela teve que ir até Duascamisas para obtê-las; mas ela jurou que todo verão o brilho do bosque lembraria às pessoas que havia uma senhora idosa que eles perseguiram até a morte e fora enterrada ali. Ela não sabia bem por que achava que isso era importante, mas tinha certeza, no fundo de sua alma, de que era.

Quando terminou de cavar o buraco fundo e triste, em um pedaço de amor-com-pressa, Tiffany olhou em volta para se certificar de que nenhum viajante matinal estava olhando e usou as duas mãos para preencher o buraco com terra, movendo folhas mortas e transplantando alguns miosótis. Elas não ficaram bem ali, mas cresciam rápido e isso era importante porque... alguém a estava observando. Era importante não olhar em volta. Ela sabia que não poderia ser vista. Em toda a sua vida ela conheceu apenas uma pessoa que era melhor do que ela em não ser vista; e esta pessoa era Vovó Cera-do-Tempo. Ainda estava enevoado e ela teria ouvido se alguém tivesse passado pelo caminho. Também não era um pássaro ou animal. Eles eram sentidos de maneira diferente.

Uma bruxa nunca deveria olhar em volta porque sempre deveria saber quem estava atrás dela. Normalmente ela conseguia descobrir, mas todos os seus sentidos lhe diziam que ninguém além de Tiffany Dolorida estava lá e, de alguma forma, de uma forma estranha, ela sentia que não era bem assim.

— Muita coisa para fazer, muito pouco sono —, disse ela em voz alta, e pensou ter ouvido uma voz fraca dizer: — Sim. — Era como um eco, só que não havia nada de onde ecoar. Ela voou o mais rápido que a

vassoura conseguia; o que, por não ser nada rápido, pelo menos serviu para evitar que parecesse que ela estava fugindo.

Enlouquecer. As bruxas não falavam muito sobre isso, mas estavam cientes disso o tempo todo. Enlouquecer; ou melhor, não enlouquecer, era a alma e o centro da bruxaria, e era assim que funcionava. Depois de um tempo, uma bruxa, que quase sempre trabalhava sozinha na tradição das bruxas, tinha uma tendência a ficar... estranha. Claro, isso dependia do tempo e da força mental da bruxa... mas, mais cedo ou mais tarde elas tendiam a ficar confusas sobre coisas como certo e errado e bom e mau e verdade e consequências. Isso podia ser muito perigoso.

Então as bruxas tinham que manter umas às outras normais, ou pelo menos o que era normal para as bruxas. Não era preciso muito: um chá entre amigas, uma cantoria, um passeio na floresta e, de alguma forma, tudo se equilibrava, e elas podiam ver os anúncios de casas de campo feitas de doces no panfleto de anúncio do construtor sem fazer nenhum depósito.

Acima de tudo, Tiffany estava preocupada com a possibilidade de estar ficando louca. Fazia já dois meses desde a última vez que ela estivera nas montanhas e três meses desde que vira pela última vez à Senhorita Umaturga, a única outra bruxa que era vista no Giz, além de Tiffany. Nunca havia tempo para visitas. Sempre havia algo para se fazer. Talvez fosse esse o segredo da coisa toda, pensou Tiffany. Se você se mantivesse ocupada, não teria tempo para enlouquecer. O sol já estava alto quando ela voltou para o monte funerário Feegle e ela ficou chocada ao ver Amber sentada em sua lateral, cercada por Feegles e rindo. A Kelda estava esperando por Tiffany quando ela guardou a vassoura entre os arbustos espinhosos.

— Espero que você não se importe —, disse ela quando viu o rosto de Tiffany. — A luz do sol é uma grande curadora.

— Jeannie, foi maravilhoso da sua parte aplicar calmantes nela, mas não quero que ela veja muito de vocês. Ela pode contar às pessoas.

— Oh, tudo vai parecer um sonho para ela, os calmantes cuidarão disso —, disse Jeannie calmamente, — e quem vai dar muita atenção a uma garotinha tagarelando sobre as fadas?

— Ela tem treze anos! — Tiffany disse. — Isso não deveria acontecer! — Ela não está feliz?

— Bem, sim, mas...

Havia uma dureza de aço na expressão de Jeannie. Ela sempre foi muito respeitosa com Tiffany, mas respeito, por sua vez, exige respeito em troca. Afinal, era o monte de Jeannie e provavelmente também a terra dela.

Tiffany se conteve em dizer: — A mãe dela vai ficar preocupada.

— É mesmo? — perguntou Jeannie. — E a mãe dela ficou preocupada quando deixou a pobrezinha levando uma surra?

Tiffany desejou que a Kelda não fosse tão astuta. As pessoas costumavam dizer a Tiffany que ela era tão fina que acabaria se espetando, mas o olhar firme da Kelda poderia ter perfurado placas de ferro.

— Bem, a mãe de Amber é... ela não é muito... inteligente.

— Foi o que ouvi — disse Jeannie —, mas a maioria dos animais tem pouco cérebro; e ainda assim a corça se manterá firme para defender seu filhote e uma raposa, por seu filhote, enfrentará o cachorro.

— Os humanos são mais complicados —, disse Tiffany.

— É o que parece —, disse a Kelda, com a uma voz agora gélida.

— Bem, os calmantes estão funcionando bem, então talvez a garota precise voltar ao seu mundo complicado? — Onde seu pai ainda está vivo, Tiffany lembrou a si mesma. E eu sei que ele está. Ele estava machucado, mas respirava e espero, para o seu bem, que ele fique sóbrio. E este problema vai se resolver algum dia? Ele tem que ser resolvido! Tenho outras coisas para fazer! Ainda tenho que ir ver o Barão esta tarde!

O pai de Tiffany as recebeu quando elas entraram no curral; Tiffany geralmente deixava a vassoura amarrada a uma árvore do lado de fora, teoricamente porque assustava as galinhas voar por cima delas, mas principalmente porque ela nunca conseguia pousar com muita elegância e certamente não queria público.

Ele olhou de Amber para sua filha. — Ela está bem? Ela parece um pouco... avoada.

— Ela tomou algo para acalmá-la e fazê-la se sentir melhor —, disse Tiffany, — e não deve andar por aí.

— A mãe dela está num estado terrível, você sabe —, continuou o pai de Tiffany, em tom de censura —, mas eu disse a ela que você estava cuidando de Amber em um lugar muito seguro.

Havia mais do que uma sugestão de 'Você tem certeza disso, não tem?' na maneira como ele falou, e Tiffany teve o cuidado de ignorar e simplesmente disse: — E eu estava. — Ela tentou imaginar a Senhora Petty num estado terrível, mas não conseguiu. Cada vez que ela via a mulher ela tinha uma expressão de apreensão e perplexidade, como se a vida tivesse muitos quebra-cabeças e você apenas tivesse que esperar até que o próximo a atingisse.

O pai de Tiffany puxou a filha para o lado e baixou a voz.

— Petty voltou durante a noite —, sussurrou, — e dizem que alguém tentou matá-lo!

— O quê?

— Tão certo como estar de pé bem aqui.

Tiffany virou-se para Amber. A garota olhava para o céu como se esperasse pacientemente que algo interessante acontecesse.

— Amber —, ela disse cuidadosamente, — você sabe como alimentar galinhas, não é?

— Ah, sim, senhorita.

— Bem, vá alimentar as nossas, pode ser? Há grãos no celeiro.

— Sua mãe as alimentou horas atrás... — começou o pai, mas Tiffany o arrastou rapidamente.

— Quando isso aconteceu? — ela perguntou, observando Amber entrar obedientemente no celeiro.

— Em algum momento ontem à noite, a Senhora Petty me contou. Ele foi espancado gravemente. Naquele velho celeiro sujo. Exatamente onde estávamos sentados ontem à noite.

— A Senhora Petty voltou lá? Depois de tudo o que aconteceu? O que ela vê nele?

O senhor Dolorida deu de ombros. — Ele é o marido dela.

— Mas todo mundo sabe que ele bate nela!

Seu pai parecia um pouco envergonhado. — Bem —, disse ele, — suponho que para algumas mulheres qualquer marido é melhor do que nenhum.

Tiffany abriu a boca para responder, olhou nos olhos do pai e viu a verdade do que ele havia dito. Ela tinha visto algumas delas nas montanhas, desgastadas por muitas crianças e sem dinheiro suficiente. Claro que se conhecessem Tia Ogg, pelo menos alguma coisa poderia ser feita pelas crianças; mas ainda se encontravam famílias que às vezes, para colocar comida na mesa, tinham que vender as cadeiras. E nunca haveria nada que você pudesse fazer sobre isso.

— O senhor Petty não foi espancado, pai, embora não fosse uma má ideia se ele fosse. Encontrei-o tentando se enforcar e cortei a corda.

— Ele tem duas costelas quebradas e hematomas por toda parte.

— Foi uma queda até o chão, pai... ele estava sufocando até a morte! O que eu deveria ter feito? Deixá-lo lá, balançando? Ele viveu para ver um novo dia, quer ele mereça ou não! Não é meu trabalho o de ser um carrasco! Havia um ramalhete, pai! Ervas daninhas e urtigas! Suas mãos estavam inchadas pela urticária! Há pelo menos uma parte dele que merece viver, entende?

— Mas você escondeu o bebê.

— Não, pai, eu fugi com o bebê. Ouça-me, pai, porque você tem que entender. Enterrei a criança, que estava morta. Eu salvei o homem que estava morrendo. Eu fiz essas coisas, pai. As pessoas podem não entender... podem inventar histórias. Eu não me importo. Você faz o trabalho que está à sua frente.

Houve um cacarejo e Amber atravessou o quintal com as galinhas a seguindo em fila. O cacarejo estava sendo feito por Amber e, enquanto Tiffany e seu pai observavam, as galinhas marchavam de um lado para outro como se estivessem sob o comando de um sargento instrutor. A menina ria sozinha entre cacarejos e, depois de conseguir fazer as

galinhas andarem solenemente em círculo, olhou para Tiffany e seu pai como se nada tivesse acontecido e conduziu as aves de volta ao celeiro.

Após uma pausa, o pai de Tiffany disse: — Isso simplesmente aconteceu, não é?

— Sim —, disse Tiffany. — E eu não tenho ideia do porquê.

— Tenho conversado com alguns dos outros rapazes —, disse o pai, — e sua mãe tem conversado com as mulheres. Ficaremos de olho nos Pettys. Foram deixadas de lado coisas que não deveriam tê-lo sido. As pessoas não podem acreditar que podem deixar tudo para que você faça. As pessoas não devem pensar que você pode consertar tudo e, se seguir meu conselho, nem você também. Há coisas que toda a cidade tem que... ela mesma, fazer.

— Obrigada, papai —, disse Tiffany, — mas acho melhor ir falar com o Barão agora.

Tiffany quase não conseguia se lembrar de ter visto o Barão como um homem saudável. Nem ninguém parecia saber o que havia de errado com ele. Mas, como muitos outros inválidos que ela tinha visto, ele de alguma forma continuou em frente, vivendo em compasso de espera e aguardando a morte. Ela tinha ouvido um dos aldeões chamá-lo de porta rangente que nunca fechava; Mas agora, ela achava, ele estava piorando e não demoraria muito para que sua vida, esta sim, se fechasse.

Ela, porém, poderia tirar-lhe a dor e até assustá-la um pouco para que não voltasse por um tempo.

Tiffany correu para o castelo. A enfermeira, Senhorita Spruce, estava esperando quando ela chegou e seu rosto estava pálido.

— Não é um dos dias bons dele —, disse ela, depois acrescentou com um sorrisinho modesto: — Tenho orado por ele a manhã toda.

— Com toda a certeza foi muito gentil da sua parte —, disse Tiffany. Ela teve o cuidado de evitar qualquer sarcasmo em sua voz, mas mesmo assim a enfermeira torceu os lábios.

A sala para a qual Tiffany foi introduzida cheirava a enfermaria em todos os lugares: muita gente e pouco ar. A enfermeira ficou na porta como se estivesse de guarda. Tiffany podia sentir seu olhar permanentemente desconfiado em sua nuca. Esse tipo de atitude era cada vez mais comum. Às vezes havia pregadores errantes que não gostavam de bruxas e as pessoas os ouviam. Parecia a Tiffany que às vezes as pessoas viviam num mundo muito estranho. Todo mundo sabia, de alguma forma misteriosa, que as bruxas fugiam com bebês, estragavam as colheitas e todas as outras bobagens. E, ao mesmo tempo, eles corriam para a bruxa quando precisavam de ajuda.

O Barão estava deitado em um emaranhado de lençóis, o rosto cinzento, o cabelo agora totalmente branco, com pequenas manchas rosadas onde ele havia desaparecido. Ele parecia composto e asseado, no entanto. Sempre fora um homem asseado e todas as manhãs um dos guardas vinha fazer-lhe a barba. Isso sempre o animava, pelo que se sabia, mas naquele momento ele olhava como que através de Tiffany. Ela estava acostumada com isso; o Barão era o que chamavam de "um homem da velha escola". Ele era orgulhoso e não tinha o melhor dos temperamentos, mas se manteria resistindo até o final. Para ele, a dor era um agressor, e o que você fazia com os agressores? Você os enfrentava, porque eles sempre fugiam no final. Mas a dor não sabia dessa regra. Ela simplesmente continuava agredindo, até mais e além. E lá estava o Barão, deitado, com lábios brancos e contraídos; Tiffany podia ouvir os gritos não emitidos.

Ela sentou-se em um banquinho ao lado dele, flexionou os dedos, respirou fundo e então recebeu a dor, chamando-a para fora do corpo

devastado e colocando-a na bola invisível logo acima de seu ombro. — Eu não gosto de magia, você sabe —, disse a enfermeira postada na porta.

Tiffany estremeceu como um equilibrista que acaba de sentir alguém bater na outra ponta da corda com um grande pedaço de pau. Cuidadosamente, ela deixou o fluxo da dor diminuir, um pouco de cada vez.

— Quero dizer —, disse a enfermeira, — eu sei que isso o faz se sentir melhor, mas de onde vem todo esse poder de cura, é isso que eu gostaria de saber!

— Talvez isso venha de todas as suas orações, Senhorita Spruce — , disse Tiffany docemente, e ficou feliz ao ver o momento de fúria no rosto da mulher.

Mas a senhorita Spruce tinha um couro duro de pelar. — Devemos ter certeza de que não nos envolveremos com forças obscuras e demoníacas. Melhor um pouco de dor neste mundo do que uma eternidade de sofrimento no próximo!

No alto das montanhas havia serrarias movidas a água de moinho, e elas tinham grandes serras circulares que giravam tão rápido que não passavam de um borrão prateado no ar... até que um homem distraído se esqueceu de prestar atenção, ocasião em que o borrão se tornou vermelho e começaram a chover dedos.

Tiffany se sentia assim agora. Ela precisava se concentrar e a mulher estava decidida a continuar falando, enquanto a dor aguardava apenas um momento de falta de atenção. Ah, bem, o que se ia fazer... ela jogou a dor em um castiçal ao lado da cama. Ele quebrou instantaneamente e a vela acendeu com um clarão; Tiffany pisou nela até que apagou. Ela se virou então para a enfermeira atônita.

— Senhorita Spruce, tenho certeza de que o que você tem a dizer é muito interessante, mas no geral, senhorita Spruce, eu realmente não me importo com o que você pensa sobre qualquer coisa. Não me importo que você fique aqui, senhorita Spruce, mas o que me importa, senhorita Spruce, é que isso que estou fazendo é algo muito difícil de se fazer e pode ser perigoso para mim se der errado. Vá embora, senhorita Spruce, ou fique, senhorita Spruce, mas acima de tudo, *cale a boca*, senhorita Spruce, porque acabei de começar e ainda há muita dor para extrair.

A senhorita Spruce lançou-lhe outro olhar. Um olhar assustador.

Tiffany retribuiu com seu próprio olhar, e se há uma coisa que uma bruxa aprende a fazer é como olhar.

A porta se fechou atrás da enfermeira enfurecida.

— Fale baixo... ela escuta nas portas.

A voz vinha do Barão, mas não era uma voz; você podia ouvir nele o tom de alguém acostumado a comandar, mas agora ele estava quebrado e falhando, cada palavra implorando por tempo suficiente para dizer a próxima palavra.

— Sinto muito, senhor, mas preciso me concentrar —, disse Tiffany. — Eu odiaria que isso desse errado.

— Claro. Vou ficar em silêncio.

Tirar a dor era perigoso, difícil e muito cansativo, mas havia, bem, uma compensação maravilhosa em ver o rosto cinzento do velho voltar à vida. Já havia um pouco de rosa em sua pele, e isso estava se intensificando à medida que mais e mais dor fluía dele e através de Tiffany e para a nova pequena bola invisível flutuando acima de seu ombro direito.

Equilíbrio. Era sempre uma questão de equilíbrio. Essa foi uma das primeiras coisas que ela aprendera: o centro da gangorra não ia nem para cima nem para baixo, mas subidas e descidas fluíam através dele enquanto ele permanecia imóvel. Você tinha que ser o centro da gangorra para que a dor fluísse através de você, e não para dentro de você. Era muito difícil. Mas ela conseguiria fazer! Ela se orgulhava disso; até Vovó Cera-do-Tempo grunhiu quando Tiffany um dia lhe mostrou como ela dominava o truque. E um grunhido de Vovó Cera-do-Tempo era como uma salva de palmas de qualquer outra pessoa.

Agora o Barão estava sorrindo. — Obrigado, senhorita Tiffany Dolorida. E agora, gostaria de sentar na minha cadeira. — Isso era incomum e Tiffany teve que pensar sobre isso. — Tem certeza, senhor? Ainda está muito fraco.

— Sim, todo mundo me diz isso —, disse o Barão, acenando com a mão. — Não consigo imaginar por que eles acham que eu não sei. Ajude-me a levantar, senhorita Tiffany Dolorida, pois preciso falar com você.

Não foi muito difícil. Uma garota que conseguia tirar o senhor Petty da cama não teria problemas com o Barão, a quem ela tratava como se fosse uma peça de porcelana fina, com a qual ele se parecia.

— Não creio que você e eu, senhorita Tiffany Dolorida, tenhamos tido mais do que as conversas mais simples e práticas durante todo o tempo que você esteve cuidando de mim, certo? — Disse ele quando ela o acomodou com a bengala nas mãos para que ele pudesse se apoiar nela. O Barão não era homem de se recostar numa cadeira se pudesse sentar-se na beirada dela.

— Bem, sim, senhor, acho que você está certo —, disse Tiffany cuidadosamente.

— Sonhei que recebi uma visita aqui ontem à noite, — disse o Barão, dando-lhe um sorrisinho malicioso. — O que você acha disso, senhorita Tiffany Dolorida?

— No momento não tenho ideia, senhor —, disse Tiffany, pensando: Os Feegles não! Que não sejam os Feegles!

— Era sua avó, senhorita Tiffany Dolorida. Era uma mulher encantadora e extremamente bonita. Ah, sim. Fiquei bastante aborrecido quando ela se casou com seu avô, mas acho que foi melhor assim. Sinto falta dela, sabe.

— Verdade? — disse Tiffany.

O velho sorriu. — Depois que minha querida esposa faleceu, ela foi a única pessoa que ousou discutir comigo. Um homem com poder e responsabilidade precisa de alguém que lhe diga quando ele está sendo um idiota. Devo dizer que Vovó Dolorida cumpriu essa tarefa com entusiasmo louvável. E ela precisava, porque muitas vezes eu era um idiota que precisava de um chute na bunda, metaforicamente falando. É minha esperança, senhorita Tiffany Dolorida que, depois que eu estiver em meu túmulo, você preste o mesmo serviço a meu filho Roland que, como você sabe, às vezes tende a ser um pouco cheio de si. Ele vai precisar de alguém que lhe dê um chute na bunda, metaforicamente falando, ou mesmo na vida real, se ele ficar muito arrogante.

Tiffany tentou esconder um sorriso, depois aproveitou um momento para ajustar o giro da bola de dor enquanto ela pairava amigavelmente sobre seu ombro. — Obrigado por sua confiança em mim, senhor. Farei o meu melhor.

O Barão tossiu educadamente e disse: — Na verdade, a certa altura eu alimentei esperanças de que você e o garoto pudessem fazer um acordo mais... íntimo?

— Somos bons amigos —, disse Tiffany cuidadosamente. — Éramos bons amigos e confio que continuaremos a ser... bons amigos. — Ela teve que apressadamente parar a dor que oscilava perigosamente.

O Barão assentiu. — Muito bem, senhorita Tiffany Dolorida, mas, por favor, não deixe que o vínculo de amizade a impeça de dar-lhe um belo chute na bunda, se ele precisar.

— Terei prazer em fazer isso, senhor —, disse Tiffany.

— Muito bem, mocinha —, disse o Barão, — e obrigado por não me repreender por usar a palavra "bunda" ou me perguntar o significado da palavra "metafórico".

— Não, senhor. Eu sei o que significa "metafórico", e "bunda" é de uso tradicional... nada do que se envergonhar.

O Barão assentiu. — Tem uma louvável agudeza adulta. "Traseiro", por outro lado, é francamente para solteironas e crianças pequenas.

Tiffany enrolou as palavras na língua por um momento e disse: — Sim, senhor. Acho que isso, provavelmente, significa que o senhor disse tudo.

— Muito bem. Aliás, senhorita Tiffany Dolorida, não posso esconder meu interesse pelo fato de você não fazer reverências na minha presença atualmente. Por que não?

— Eu sou uma bruxa agora, senhor. Não fazemos esse tipo de coisa.

— Mas eu sou o seu barão, mocinha.

— Sim. E eu sou sua bruxa.

— Mas tenho soldados lá fora que virão correndo se eu chamar. E tenho certeza de que você também sabe que as pessoas por aqui nem sempre respeitam as bruxas.

— Sim, senhor. Eu sei disso, senhor. E eu sou sua bruxa.

Tiffany observou os olhos do Barão. Eles eram de um azul claro, mas agora havia um brilho de travessura neles.

A pior coisa que você poderia fazer agora, disse a si mesma, seria demonstrar qualquer tipo de fraqueza. Ele é como Vovó Cera-do-Tempo: testa as pessoas.

Como se estivesse lendo a mente dela exatamente naquele momento, o Barão riu. — Então você só pertence a si mesma, senhorita Tiffany Dolorida?

— Não sei sobre isso, senhor. Ultimamente sinto como se pertencesse a todos.

— Rá —, disse o Barão. — Você trabalha muito e com muita consciência, segundo me disseram.

— Eu sou uma bruxa.

— Sim —, disse o Barão. — Foi o que você disse, de forma clara e consistente e com bastante repetição.

Ele apoiou as duas mãos magras na bengala e olhou para ela por cima delas.

— Então é verdade, não é? — Disse ele. — Que há cerca de sete anos você pegou uma frigideira de ferro e foi para uma espécie de país das fadas, onde resgatou meu filho da Rainha dos Elfos... uma mulher muito questionável, se entendi corretamente!

Tiffany hesitou sobre isso. — Você quer que seja assim? — Ela perguntou.

O Barão riu e apontou um dedo magro para ela. — Se eu quero que seja? De fato! Uma boa pergunta, senhorita Tiffany Dolorida, que é uma bruxa. Deixe-me pensar... digamos... Eu quero saber a verdade.

— Bem, a parte sobre a frigideira é verdade, devo admitir, e bem, Roland foi bastante agredido, então eu, bem, tive que assumir o comando. Um pouco.

— Um... um pouco? — Disse o velho, sorrindo.

— Não um pouco exagerado —, disse Tiffany rapidamente.

— E por que ninguém me contou isso naquela época, por favor? — Disse o Barão.

— Porque você é o Barão —, disse Tiffany simplesmente, — e garotos com espadas resgatam garotas. É assim que as histórias acontecem. É assim que as histórias funcionam. Ninguém realmente quer pensar o contrário.

— Você não se importou? — Ele não tirava os olhos dela e mal parecia piscar. Não fazia sentido mentir.

— Sim —, ela disse. — Um pouco.

— Foi um pouco razoavelmente grande?

— Eu diria que sim. Mas então fui aprender a ser uma bruxa e isso não pareceu mais importar. Essa é a verdade, senhor. E me perdoe, senhor, mas quem lhe contou isso?

— Seu pai —, disse o Barão. — E sou grato a ele por me contar. Ele veio me ver ontem, para prestar suas condolências, visto que estou,

como você sabe, morrendo. O que é, de fato, outra verdade. E não se atreva a repreendê-lo, mocinha, bruxa ou não. Me promete?

Tiffany sabia que aquela grande mentira magoara seu pai. Ela nunca se preocupou realmente com aquilo, mas seu pai sim.

— Sim senhor, eu prometo.

O Barão ficou em silêncio por um momento, olhando para ela. — Sabe, senhorita Tiffany Dolorida, que é, como repetido regularmente, uma bruxa, estou em um momento em que meus olhos estão turvos, mas minha mente, de alguma forma, vê mais longe do que você pensa. Mas talvez não seja tarde demais para eu acertar as coisas. Debaixo da minha cama há um baú revestido de latão. Vá, abra. Vamos! Abra agora!

Tiffany puxou o baú, que parecia estar cheio de chumbo. — Você encontrará algumas bolsas de couro —, disse o velho atrás dela.

— Tire uma delas. — Tem quinze dólares aí. — O Barão tossiu. — Obrigado por salvar meu filho.

— Veja, eu não posso... — começou Tiffany, mas o Barão bateu com a bengala no chão.

— Cale a boca e escute, por favor, senhorita Tiffany Dolorida. Quando você lutou contra a Rainha dos Elfos, você não era uma bruxa e, portanto, a tradição contra bruxas que aceitam dinheiro não se aplica, — ele disse bruscamente, com os olhos brilhando como safiras.

— No que diz respeito aos seus serviços pessoais para mim, acredito que você foi paga em comida e roupa usada limpa, calçado de segunda mão e lenha. Acredito que minha governanta foi generosa. Eu disse a ela para não ser avarenta.

— Que? Ah, ah, sim, senhor. — E isso era verdade. As bruxas viviam em um mundo de roupas de segunda mão, lençóis velhos (bons

para fazer bandagens), botas com um pouco ou muito uso; ou seja, de itens de segunda mão, terceira mão, quarta mão e daí em diante. Em tal mundo, o que se podia obter de um castelo em funcionamento era como receber a chave da casa da moeda. Quanto ao dinheiro... ela revirou a bolsa de couro nas mãos. Era muito pesada.

— O que você faz com tudo isso que recebe, senhorita Tiffany Dolorida?

— O quê? — Disse distraidamente, ainda olhando para a sacola. — Ahn, é, eu faço trocas, passo para as pessoas que precisam... esse tipo de coisa.

— Senhorita Tiffany Dolorida, você ficou muito evasiva de repente. Acredito que você estava pensando que quinze dólares não é muito, não é, para salvar a vida do filho do Barão?

— Não!

— Vou considerar isso um "sim", então, certo?

— Você vai aceitar isso de mim como um não, senhor! Eu sou sua bruxa! — Ela olhou para ele, ofegante. — E estou tentando equilibrar uma bola de dor bastante difícil, senhor.

— Ah, neta de Vovó Dolorida. Peço humildemente seu perdão, como ocasionalmente deveria ter pedido o dela. Mas, mesmo assim, faça-me o favor e a honra de pegar aquela bolsa, Senhorita Tiffany Dolorida, e dar ao seu conteúdo o uso que bem quiser, em minha memória. Tenho certeza de que é mais dinheiro do que você jamais viu.

— Eu frequentemente não vejo dinheiro algum —, protestou ela, chocada com aquilo.

O Barão bateu novamente com a bengala no chão, como se estivesse aplaudindo. — Duvido muito que você já tenha visto dinheiro

como esse —, ele disse alegremente. — Veja, embora haja quinze dólares na sacola, eles não são os dólares com os quais você está acostumada, ou seriam se você estivesse acostumada com eles. São dólares antigos, de antes de começarem a estragar com a moeda. O dólar moderno é maioritariamente de latão, na minha opinião, e contém tanto ouro como água do mar. Estes, porém, são Dinheiro de Verdade, se me desculpa o pequeno gracejo.

Tiffany desculpou a piadinha dele, porque ela não a entendera. Ele sorriu diante da perplexidade dela.

— Resumindo, Senhorita Tiffany Dolorida, se você levar essas moedas ao negociante certo, ele deverá lhe pagar, ah, eu estimaria algo em torno de cinco mil dólares de Ankh-Morpork. Não sei o que isso significaria em termos de botas velhas, mas é bem possível que você pudesse comprar uma bota velha do tamanho deste castelo.

Não posso aceitar, Tiffany pensou. Além de tudo, a bolsa acabou se mostrando extremamente pesada. — Isso é demais para uma bruxa —, foi o que acabou dizendo.

— Mas não muito para um filho —, disse o Barão. — Nem muito para um herdeiro, nem muito para a continuidade ao longo das gerações. E nem demais para remover uma mentira do mundo.

— Mas ele não pode me comprar outro par de mãos —, disse Tiffany, — ou mudar um segundo do passado.

— No entanto, devo insistir para que você o aceite —, disse o Barão, — se não for por você, que seja por mim. Isso vai tirar um peso da minha alma e, acredite, vem bem a calhar um pouco de leveza neste momento, não concorda? Vou morrer em breve, não vou?

— Sim, senhor. Muito em breve, eu acredito, senhor.

Tiffany estava começando a entender algo sobre o Barão e não ficou surpresa quando ele riu.

— Sabe —, ele disse, — a maioria das pessoas teria dito: "Oh, não, meu velho, você ainda tem muito tempo, você estará de pé e fora daqui em pouco tempo, ainda há muita vida em você!"

— Sim, senhor. E eu sou uma bruxa, senhor.

— E neste contexto isso significa...?

— Eu me esforço muito para não ter que contar mentiras, senhor.

O velho mexeu-se na cadeira e de repente ficou solene. — Quando chegar a hora... —, ele começou, e hesitou.

— Eu lhe farei companhia, senhor, se desejar —, disse Tiffany. O Barão pareceu aliviado.

— Você já viu Morte?

Ela estava esperando por isso e estava pronta. — Normalmente você apenas o sente passando, senhor, mas eu o vi duas vezes, no que teria sido em carne e osso, se ele tivesse alguma carne. Ele é um esqueleto com uma foice, assim como nos livros... na verdade, acho que é porque é assim que ele aparece nos livros. Ele foi polido, mas firme, senhor.

— Aposto que sim! — O velho ficou em silêncio por um tempo e depois continuou. — Ele… deu alguma dica sobre a vida após a morte?

— Sim, senhor. Aparentemente não tem mostarda lá e tive a impressão de que também não tem picles.

— Mesmo? surpreendente, isso. Suponho que chutney esteja fora de questão?

— Não me aprofundei no assunto dos condimentos picantes em conserva, senhor. Ele tinha uma foice bem grande.

Houve uma batida forte na porta. — Você está bem, senhor? — A Senhorita Spruce gritou bem alto.

— Em ótimas condições, querida Senhorita Spruce —, o Barão respondeu em voz alta; depois baixou a voz para dizer conspiratoriamente: — Acredito que nossa Senhorita Spruce não gosta muito de você, minha querida.

— Ela acha que sou anti-higiênica —, disse Tiffany.

— Nunca entendi realmente toda essa bobagem —, disse o Barão.

— É muito fácil —, disse Tiffany. — Tenho que colocar as mãos no fogo sempre que houver oportunidade.

— Que? Você coloca as mãos no fogo?

Agora ela lamentava ter mencionado isso, mas sabia que o velho não ficaria satisfeito até que ela lhe mostrasse. Ela suspirou e foi até a lareira, tirando um grande atiçador de ferro do suporte. Ela admitiu para si mesma que gostava de exibir esse truque de vez em quando e o Barão seria um público agradecido. Mas ela deveria fazer isso? Bem, o truque do fogo não era tão complicado e seu equilíbrio da dor estava bom, e não era como se o Barão ainda tivesse muito tempo.

Ela tirou um balde de água do pequeno poço no outro extremo da sala. O poço tinha sapos e, portanto, o balde também, mas ela foi gentil e os jogou de volta no poço. Ninguém gosta de ferver um sapo. O balde de água não era estritamente necessário, mas tinha um papel a desempenhar. Tiffany tossiu teatralmente. — Está vendo, senhor? Tenho um atiçador e um balde de água fria. Atiçador de metal frio, balde de

água fria. E agora... Eu seguro o atiçador na mão esquerda e enfio a mão direita na parte mais quente do fogo, assim.

O Barão engoliu em seco quando chamas explodiram em torno de sua mão e a ponta do atiçador em sua outra mão de repente ficou vermelha.

Com o Barão devidamente impressionado, Tiffany mergulhou o atiçador no balde de água, de onde irrompeu uma nuvem de vapor. Então ela ficou na frente do Barão, erguendo as duas mãos, ambas ilesas.

— Mas eu vi chamas subindo! — disse o Barão, com os olhos arregalados. — Bem-feito! Muito bem-feito! Algum tipo de truque, certo?

— Está mais para uma habilidade, senhor. Eu Coloco minha mão no fogo e mando o calor para o atiçador. Eu apenas fiz o calor se mover de uma coisa para outra. A chama que você viu foi causada pela queima de pedaços de pele morta, sujeira e todas aquelas coisinhas nojentas, invisíveis e perigosas que pessoas anti-higiênicas podem ter nas mãos... — Ela fez uma pausa. — Você está bem, senhor? — O Barão estava olhando fixamente para ela.

— Senhor?

— Senhor?

O velho falou como se estivesse lendo um livro invisível: — *A lebre corre para o fogo. A lebre corre para o fogo. O fogo a toma, e ela não se queima. O fogo a ama, e ela não se queima. A lebre corre para o fogo. O fogo a ama, e ela é livre*... Tudo voltou para mim! Como é que eu pude esquecer isso! Como me atrevi a esquecer isso? Disse a mim mesmo que me lembraria disso para sempre, mas o tempo passa e o mundo se enche de coisas para lembrar, coisas para fazer, que exigem seu tempo, que

exigem sua memória. E você esquece as coisas que eram importantes, as coisas reais.

Tiffany ficou chocada ao ver lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Eu me lembro de tudo —, ele sussurrou, sua voz pontuada por soluços. — Lembro-me do calor! Eu me lembro da lebre!

Nesse momento a porta se abriu e a Senhorita Spruce entrou na sala. O que aconteceu a seguir demandou um momento, mas pareceu a Tiffany se estender por uma hora. A enfermeira olhou para ela segurando o atiçador, depois para o velho em lágrimas, depois para a nuvem de vapor, depois de volta para Tiffany enquanto ela soltava o atiçador, e depois de volta para o velho, e depois de volta para Tiffany quando o atiçador caiu na lareira com um estrondo que ecoou pelo mundo.  E então a senhorita Spruce espirou fundo como uma baleia se preparando para mergulhar no fundo do oceano. — O que você pensa que está fazendo com ele? — gritou. — Saia daqui sua vadia descarada!

A capacidade de falar de Tiffany voltou rapidamente e depois se transformou na capacidade de gritar. — Eu não sou descarada e não sou de vadiar!

— Vou chamar os guardas, sua bruxa negra da meia-noite! — Gritou a enfermeira, indo em direção à porta. — São apenas onze e meia! — Tiffany gritou atrás dela e correu de volta para o Barão, sem saber o que fazer a seguir. A dor se deslocou. Ela podia sentir. Não estava conseguindo manter a mente focada.

As coisas estavam ficando fora de equilíbrio. Concentrou-se por um momento e depois, tentando sorrir, virou-se para o Barão. — Sinto muito se o aborreci, senhor —, ela começou, e então percebeu que ele estava sorrindo em meio às lágrimas e todo o seu rosto parecia irradiar luz do sol.

— Me aborrecer? Meu Deus, não, não estou chateado. Ele tentou se levantar na cadeira e apontou para o fogo com um dedo trêmulo. — Eu estou, de fato, me sentido completo! Eu me sinto vivo! Sou jovem, minha querida senhorita Tiffany Dolorida! Me lembro daquele dia perfeito! Não consegue me ver? Lá embaixo, no vale? Um dia perfeito e fresco de setembro. Um garotinho com jaqueta de lã grossa que coçava demais, pelo que me lembro, sim, coçava demais e cheirava a mijo! E meu pai estava cantando "Melodiosas cantam as cotovias", e eu estava tentando harmonizar; o que é claro que não consegui fazer porque tinha a voz como a de um coelho, e estávamos vendo os homens queimarem os restolhos depois da colheita. Havia fumaça por toda parte e, à medida que o fogo avançava, camundongos, ratos, coelhos e até raposas corriam em nossa direção, fugindo das chamas. Os faisões e perdizes levantaram voo no último momento, como sempre fazem, e de repente fez-se silêncio e vi uma lebre. Ah, ela era grande... você sabia que as pessoas do campo costumavam pensar que todas as lebres eram fêmeas? E ela ficou ali parada, olhando para mim, com pedaços de grama queimada caindo ao nosso redor, e as chamas atrás dela; e ela estava olhando diretamente para mim e eu juro que quando ela soube que tinha chamado minha atenção, se lançou no ar e pulou direto no fogo. E é claro que chorei muito, porque ela era bela e graciosa. E meu pai me pegou e disse que me contaria um segredinho. E então me ensinou a canção da lebre, para que eu soubesse a verdade e parasse de chorar. Mais tarde, caminhamos sobre as cinzas e não havia nenhuma lebre morta. — O velho virou a cabeça desajeitadamente para ela e sorriu, realmente sorriu. Ele brilhava.

De onde aquilo estava vindo? Tiffany se perguntou. É amarelo demais para a luz do fogo, mas as cortinas estão fechadas. Está sempre muito escuro aqui, mas agora é a luz de um dia fresco de setembro...

— Lembro-me de ter feito um desenho dele com giz de cera quando chegamos em casa, e meu pai ficou tão orgulhoso dele que o levou por todo o castelo para que todos pudessem admirá-lo —, continuou o velho, tão entusiasmado quanto um menino. — Um rabisco de criança, claro, mas ele falava sobre aquilo como se fosse uma obra de gênio. Pais fazem essas coisas. Encontrei-o entre seus documentos depois que ele morreu e, na verdade, se você estiver interessada, vai encontrá-lo em uma pasta de couro dentro do baú de dinheiro. Afinal, é uma coisa preciosa. Nunca contei isso a ninguém —, disse o Barão. — Pessoas, dias e memórias vêm e vão, mas essa memória sempre esteve lá. Nenhum dinheiro que eu pudesse lhe dar, Senhorita Tiffany Dolorida, que é a bruxa, poderia retribuir por me trazer de volta aquela visão maravilhosa. Do qual me lembrarei até o dia em que...

Por um momento as chamas do fogo pararam e o ar ficou frio. Tiffany nunca teve certeza de ter visto Morte, e não viu realmente; talvez de alguma forma estranha tudo tivesse acontecido dentro de sua cabeça. Embora, onde quer que ele estivesse, bem, ele estava lá.

NÃO FOI APROPRIADO? Disse Morte.

Tiffany não recuou. Que sentido teria? — Você providenciou isso? — Ela perguntou.

POR MAIS QUE EU GOSTASSE DE RECEBER O CRÉDITO, OUTRAS FORÇAS ESTÃO EM AÇÃO. UM BOM DIA PARA VOCÊ, SENHORITA DOLORIDA.

Morte foi embora e o Barão o seguiu, um garotinho com seu novo casaco de lã, que fazia muita coceira e às vezes cheirava a xixi,[16] seguindo o pai pelo campo fumegante.

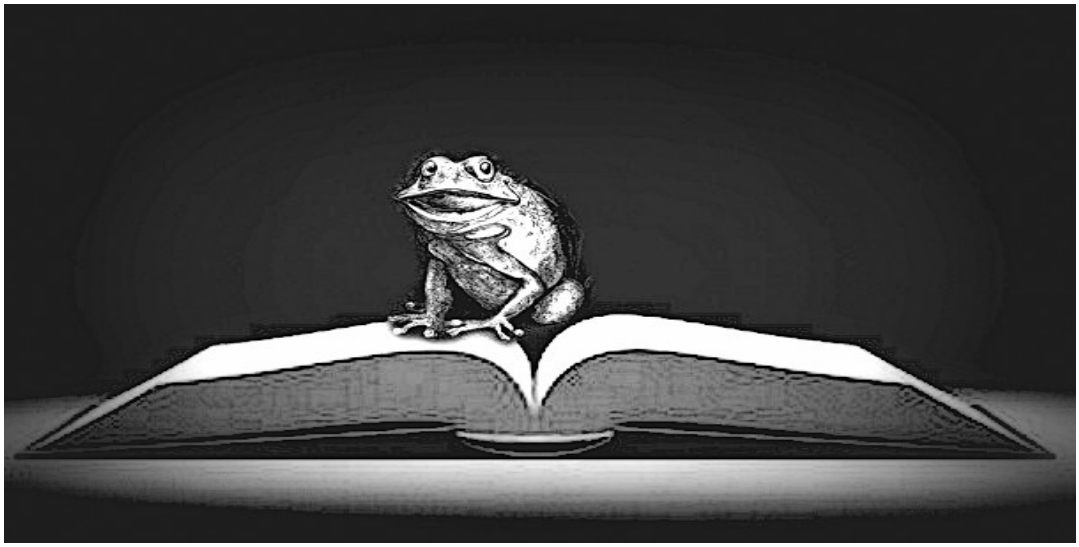
[16] Os antigos fabricantes de tecidos usavam a urina como mordente para as tinturas usadas na confecção de roupas de lã, para que as cores ficassem fixas e não escorressem; como resultado,

Então Tiffany colocou a mão no rosto do morto e, com respeito, fechou seus olhos, onde a luz dos campos em chamas diminuía.

elas podem ficar um pouco fedorentas por anos. Nem mesmo a senhorita Umaturga poderia ter explicado melhor e permanecido tão calma, embora provavelmente tivesse usado o termo “sucos corporais evacuados". N.A.

# CAPÍTULO 5

# A MÃE DAS LÍNGUAS



DEVERIA TER havido um momento de paz; na verdade, houve um momento de metal. Alguns guardas do castelo estavam se aproximando, suas armaduras fazendo ainda mais barulho do que as armaduras normalmente fazem, porque nenhuma delas estava corretamente ajustada. Não ocorriam batalhas ali há centenas de anos, mas eles ainda usavam armaduras, por conta de raramente precisarem de consertos e não se desgastarem.

A porta foi aberta por Brian, o sargento. Em seu rosto havia uma expressão complicada para descrever. Era a expressão de um homem que acaba de saber que uma bruxa malvada, que ele conhece desde criança, matou o chefe e o filho do chefe está fora, e a bruxa ainda está

na sala, e uma enfermeira, de quem ele não gostava muito, estava cutucando seu traseiro e gritando. — O que está esperando, homem? Cumpra seu dever!

Tudo aquilo estava lhe dando nos nervos.

Lançou um olhar tímido para Tiffany. — Bom dia, senhorita, está tudo bem? — Então olhou para o Barão em sua cadeira. — Ele tá morto então, né não?

— Sim, Brian, está. — Respondeu Tiffany. Ele morreu há apenas alguns minutos e tenho motivos para acreditar que ele estava feliz.

— Bem, então isso é bom, suponho —, disse o sargento, — e seu rosto se contorceu em lágrimas, de modo que as palavras seguintes foram engolidas e úmidas. — Sabe, ele foi realmente muito bom para nós quando minha avó estava doente; ele mandava refeições quentes para ela todos os dias, até o fim.

Ela segurou sua mão sem encontrar resistência e olhou por cima de seu ombro. Os outros guardas também choravam; e choravam ainda mais porque sabiam que eram homens grandes e fortes, ou assim esperavam, e não deveriam chorar de jeito nenhum. Mas o Barão sempre esteve lá, como parte da vida, como o nascer do sol. Tudo bem, talvez ele lhe desse uma bronca se você estivesse dormindo em serviço ou tivesse uma espada cega (apesar do fato de que nenhum guarda de que tenha memória precisou usar sua espada para algo mais do que levantar a tampa de uma lata de geleia), mas no final das contas ele era o Barão e eles eram seus homens e agora ele se fora.

— Pergunte a ela sobre o atiçador! — gritou a enfermeira atrás de Brian. — Vá em frente, pergunte a ela sobre o dinheiro!

A enfermeira não conseguia ver o rosto de Brian. Tiffany podia. Ele provavelmente havia sido cutucado no traseiro novamente e de repente ficou lívido.

— Desculpe, Tiff... quero dizer, senhorita, mas esta senhora aqui diz que acha que você cometeu um assassinato e um roubo —, disse ele, e seu rosto acrescentou que seu dono naquele momento não estava pensando a mesma coisa e não queria se meter em problemas com ninguém, especialmente Tiffany.

Tiffany o recompensou com um pequeno sorriso. Lembre-se sempre de que você é uma bruxa, ela disse a si mesma. Não comece a gritar por sua inocência. Você sabe que é inocente. Você não precisa gritar nada.

— O Barão teve a gentileza de me dar algum dinheiro por... cuidar dele —, disse ela. — E suponho que a Senhorita Spruce deve tê-lo ouvido inadvertidamente fazendo isso e teve uma impressão errada.

— Era muito dinheiro! — Insistiu a Senhorita Spruce, com o rosto vermelho. — O grande baú debaixo da cama do Barão estava aberto!

— Tudo isso é verdade —, disse Tiffany, — e parece que a senhorita Spruce estava ouvindo acidentalmente há algum tempo.

Alguns dos guardas riram dissimuladamente, o que deixou a senhorita Spruce ainda mais irritada, se isso fosse possível. Ela avançou.

— Você nega que estava ali com um atiçador e a mão em chamas? — Ela exigiu, com o rosto vermelho como um peru.

— Eu gostaria de dizer uma coisa, por favor —, disse Tiffany. — É muito importante. — Ela podia sentir a dor impaciente agora, lutando para se libertar. Suas mãos estavam úmidas.

— Você estava fazendo magia negra, admita!

Tiffany respirou fundo. — Não sei o que é isso —, disse ela, — mas sei que estou segurando logo acima do ombro a última dor que o Barão jamais sentirá; e tenho que me livrar dela logo e não posso me livrar dela aqui, com toda essa gente. Por favor? Preciso de um espaço aberto agora mesmo! — Ela empurrou a Senhorita Spruce para fora do caminho e os guardas rapidamente se afastaram para lhe dar passagem, para extremo aborrecimento da enfermeira.

— Não a deixem ir! Ela vai voar para longe! É isso que elas sempre fazem!

Tiffany conhecia muito bem o castelo; todos conheciam. Havia um pátio logo abaixo de alguns degraus de escada; e ela se dirigiu para lá rapidamente, sentindo a dor se agitar e se desenvolver. Você tinha que pensar nela como um tipo de animal que você poderia manter sob controle, mas isso só funcionava por um certo tempo. E que iria se acabar... bem agora, na verdade.

O sargento apareceu ao lado dela e ela agarrou o braço dele. — Não me pergunte por que —, ela conseguiu dizer com os dentes cerrados, — mas jogue seu capacete para o alto!

Ele era inteligente o suficiente para seguir ordens e lançou o capacete no ar como um prato de sopa. Tiffany lançou a dor atrás dele, sentindo sua terrível suavidade enquanto encontrava sua liberdade. O capacete parou no ar como se tivesse atingido uma parede invisível e caiu sobre os paralelepípedos em uma nuvem de vapor e se dobrou quase ao meio. O sargento o pegou e imediatamente o largou novamente.

— Tá danado de quente! — Ele olhou para Tiffany, que estava encostada na parede e tentando recuperar o fôlego. — E você tem tirado uma dor dessa assim todos os dias?

Ela abriu os olhos. — Sim, mas normalmente tenho bastante tempo para encontrar um lugar onde despejá-la. Água e rocha não são muito boas, mas o metal é bastante confiável. Não me pergunte por quê. Se tento pensar em como funciona, não funciona.

— Ouvi falar que você também pode fazer todos os tipos de truques com fogo, é verdade? — O sargento Brian disse em tom de admiração.

— É fácil trabalhar com o fogo se você mantiver a mente clara, mas a dor... a dor contra-ataca. A dor está viva. A dor é o inimigo.

O sargento tentou cuidadosamente recuperar o capacete, esperando que já estivesse frio o suficiente para segurá-lo. — Terei que me certificar de tirar o amassado antes que o chefe veja —, ele começou. — Você já sabe como ele é exigente quanto a estarmos sempre impecáveis... Ah. — Ele olhou para o chão.

— Sim —, disse Tiffany, da maneira mais gentil que pôde. — Vai demorar um pouco para se acostumar, não é? — Sem dizer nada, ela entregou-lhe o lenço e ele assoou o nariz.

— Mas você pode aliviar a dor —, ele começou, — então isso significa que você pode...? — Tiffany ergueu a mão.

— Pare bem aí —, disse ela. — Eu sei o que você vai perguntar e a resposta é não. Se você tivesse a mão amputada, eu provavelmente poderia te fazer esquecer isso até que você tentasse comer seu jantar, mas coisas como perda, dor e tristeza? Isso eu não posso fazer. Eu não ousaria me intrometer com elas. Existe algo chamado "calmantes", e só conheço uma pessoa no mundo que consegue fazer isso, e não vou pedir a ela que me ensine. É muito profundo.

— Tiff... — Brian hesitou e olhou em volta, como se esperasse que a enfermeira aparecesse e o cutucasse por trás novamente.

Tiffany esperou. Por favor, não pergunte, ela pensou. Você me conhece a sua vida toda. Você não pode pensar... Brian olhou para ela suplicante. — Você... pegou alguma coisa? — A voz dele foi sumindo.

— Não, claro que não —, disse Tiffany. O que é que você tem na cabeça? Como é que pode pensar uma coisa dessas?

— Não sei — disse Brian, corando de vergonha. — Bem, está tudo bem então.

— Suponho que é melhor garantir que o jovem mestre saiba —, disse Brian depois de outra boa assoada no nariz, — mas tudo que sei é que ele foi para a cidade grande com sua... — Ele parou novamente, envergonhado.

— Com sua noiva —, disse Tiffany com determinação. — Você pode dizer isso em voz alta, sabe?

Brian tossiu. — Bem, você vê, nós pensamos... bem, todos nós pensamos que você e ele eram, bem, você sabe...

— Sempre fomos amigos —, disse Tiffany, — e isso é tudo. — Ela sentiu pena de Brian, embora ele muitas vezes abrisse a boca antes de conseguir que uma ideia se fixasse em seu cérebro; ela então ela tocou em seu ombro. — Olha, por que não vou até a cidade grande e o encontro? — Ele quase derreteu de alívio. — Você faria isso?

— Claro. Vejo que você tem muito o que fazer aqui e isso vai tirar um peso da sua cabeça.

É claro que vai sobrecarregar a minha, pensou ela enquanto corria pelo castelo. A notícia se espalhou. As pessoas estavam paradas,

chorando ou apenas parecendo confusas. A cozinheira correu até ela quando estava saindo.

— O que eu devo fazer? Tenho o jantar da pobre alma no fogão!

— Então tire-o e dê-o a alguém que precisa de um bom jantar —, disse Tiffany com firmeza.

Era importante manter o tom calmo e ocupado. As pessoas estavam em choque. Ela também estaria, quando tivesse tempo, mas neste exato momento era importante trazer as pessoas de volta ao mundo do aqui-e-agora.

— Escutem-me, todos vocês —, e sua voz ecoou pelo grande salão. — Sim, seu barão está morto, mas você ainda tem um barão! Ele estará aqui em breve com sua... senhora, e vocês devem deixar este lugar impecável para eles! Todos conhecem seu trabalho! Vão em frente com ele! E lembrem-se dele gentilmente e limpem o lugar por causa dele.

Funcionou. Sempre funcionava. Era preciso uma voz que soasse como se seu dono soubesse o que estava fazendo para que as coisas fossem feitas; especialmente se sua dona estivesse usando um chapéu preto pontudo. Houve uma súbita onda de atividade.

— Suponho que você acha que se safou, não é? — Disse uma voz atrás dela.

Tiffany esperou um momento antes de se virar e, quando se virou, estava sorrindo.

— Por que, senhorita Spruce —, ela disse, — você ainda está aqui? Bem, talvez haja alguns pisos que precisem ser esfregados? — A enfermeira era a própria visão da fúria.

— Eu não esfrego pisos, sua pequena e arrogante...

— Não, você não esfrega nada, não é, senhorita Spruce? Eu percebi! Agora, a senhorita Flowerdew, que esteve aqui antes de você, esta sim sabia como esfregar um piso. Ela podia esfregar um piso para que você pudesse ver seu rosto nele; embora no seu caso, Senhorita Spruce, eu possa imaginar por que isso não seria atraente. A senhorita Jumper, que tivemos antes dela, até usava areia branca para esfregar o chão; areia branca! Ela perseguia a sujeira como um terrier perseguindo uma raposa!

A enfermeira abriu a boca para falar, mas Tiffany não deixou espaço para as palavras.

— A cozinheira me contou que você é uma mulher muito religiosa, sempre de joelhos, e por mim tudo bem, absolutamente tudo bem, mas nunca lhe ocorreu levar um esfregão e um balde para lá? As pessoas não precisam de orações, senhorita Spruce; precisam que você faça o trabalho que está na sua frente, senhorita Spruce. E estou farta de você, senhorita Spruce e especialmente de seu adorável casaco branco. Acho que Roland ficou muito impressionado com seu maravilhoso jaleco branco, mas eu não, senhorita Spruce, porque a senhora *nunca fez nada que pudesse sujá-lo*. A enfermeira levantou a mão. — Eu poderia dar um tapa em você, agora!

— Não —, disse Tiffany com firmeza. — Não poderia.

A mão ficou onde estava.

— Nunca fui tão insultada antes em minha vida! — Gritou a enfermeira enfurecida.

— Mesmo? — Disse Tiffany. — Estou genuinamente surpresa. — Ela virou-se, deixou a enfermeira esperando e marchou até um jovem guarda que acabara de entrar no corredor. — Eu vi você por aí. Acho que não sei quem você é. Qual o seu nome, por favor?

O guarda em treinamento fez o que provavelmente pensou ser uma saudação marcial. — Preston, senhorita.

— O Barão foi levado para a cripta, Preston?

— Sim, senhorita, e peguei algumas lanternas, alguns panos e um balde de água morna, senhorita. — Ele sorriu quando viu a expressão dela. — Minha avó costumava fazer o trabalho de preparar ao morto quando eu era pequeno, senhorita. Eu poderia ajudar, se quisesse.

— Sua avó deixava você ajudar?

— Não, senhorita —, disse o jovem. — Ela disse que os homens não podiam fazer esse tipo de coisa a menos que tivessem um certificado em doutrina.

Tiffany pareceu confusa por um momento. Doutrina?

— Você sabe, senhorita. Doutrina: pílulas e poções e serrar pernas e similares.

Uma luz se fez. — Ah, você quis dizer um funerário. Eu acho que não. Não se trata de tornar a pobre alma melhor. Eu farei isso sozinha, mas obrigado por perguntar de qualquer maneira. Este é um trabalho de mulher.

Não sei exatamente por que é trabalho de mulher, disse ela para si mesma ao chegar à cripta e arregaçar as mangas. O jovem guarda até pensou em trazer um prato de terra e um prato de sal.[17]

Bem pensado; sua avó, ela pensou. Finalmente alguém ensinou algo útil a um menino!

[17] O solo e o sal eram uma tradição antiga para manter os fantasmas afastados. Tiffany nunca tinha visto um fantasma, então provavelmente funcionavam, mas de qualquer forma funcionavam na mente das pessoas, que se sentiam melhor por saber que estavam ali; e depois que você entendia isso, entendia bastante sobre magia. N.A.

Ela chorava enquanto deixava o velho "apresentável", como dizia Vovó Cera-do-Tempo. Ela sempre chorava. Era necessário. Mas você não fazia isso onde alguém pudesse ver, não se você fosse uma bruxa. As pessoas não esperavam por isso. Isso os deixaria desconfortáveis.

Ela deu passo para trás. Bem, o velho garoto parecia melhor do que ontem, ela tinha que admitir. Como toque final, ela tirou duas moedas do bolso e colocou-as delicadamente sobre as pálpebras dele. Esses eram os velhos costumes, ensinados por Tia Ogg, mas agora havia um novo costume, conhecido apenas por ela.

Ela se apoiou na beirada da laje de mármore com uma das mãos e segurou o balde de água com a outra. Ela ficou ali, imóvel, até que a água do balde começou a ferver e o gelo se formou na laje. Ela levou o balde para fora e despejou seu conteúdo no ralo.

O castelo estava movimentado quando ela terminou e ela deixou as pessoas cuidarem das outras coisas a fazer. Ela hesitou ao sair do castelo e parou para pensar. Muitas vezes as pessoas não paravam para pensar. Elas pensavam enquanto avançavam. Às vezes, no entanto, era uma boa ideia. Apenas para parar de se mover, caso você tenha se movido na direção errada.

Roland era o único filho do Barão e, até onde Tiffany sabia, seu único parente, ou pelo menos o único parente que tinha permissão para chegar perto do castelo; depois de algumas lutas jurídicas horríveis e caras, Roland conseguiu banir as terríveis tias, as irmãs do Barão que, francamente, até o velho Barão considerava o par de ratazanas velhas mais desagradável que qualquer homem poderia encontrar nas calçadas de sua vida. Mas havia outra pessoa que deveria saber, que não era de forma alguma parente do Barão, mas que era, no entanto, bem, alguém

que deveria saber algo tão importante como isto, o mais rapidamente possível. Tiffany foi até o monte Feegle para ver a Kelda.

Amber estava sentada do lado de fora quando Tiffany chegou, costurando à luz do sol.

— Olá, senhorita —, ela disse alegremente. — Vou dizer à Senhora Kelda que você está aqui. — E com isso ela desapareceu no buraco tão facilmente quanto uma cobra, tal como Tiffany já fora capaz de fazer.

Por que Amber voltara para lá? Tiffany se perguntou. Ela a levara para o sítio Dolorida por segurança. Por que a garota subiu o Giz até o monte? Como ela se lembrava de onde estiveram?

— Criança muito interessante, essa —, disse uma voz, e o Sapo[18] esticou a cabeça para fora de uma folha. — Devo dizer que você parece extremamente perturbada, senhorita.

— O velho Barão está morto —, disse Tiffany.

— Bem, era de se esperar. Longa vida ao Barão... disse o Sapo.

— Ele não tem vida alguma para ser longa —, disse Tiffany. — Está morto.

— Não —, coaxou o Sapo. — Isso é o que geralmente o que se costuma dizer. Quando um rei morre, você deve anunciar imediatamente que há outro rei. É importante. Eu me pergunto como será o novo. Rob Qualquerum diz que é um idiota que não serve para lamber suas botas. E que desprezou você de modo muito feio. —

[18] O Sapo não tinha outro nome senão o de Sapo e havia se juntado ao clã Feegle alguns anos antes, e achou a vida no monte muito mais preferida do que sua existência anterior como advogado ou, para ser mais preciso, como advogado que tinha ficado muito esperto na presença de uma fada madrinha. A kelda se ofereceu várias vezes para devolvê-lo à sua forma original, mas ele sempre recusara. Os próprios Feegles o consideravam o cérebro do grupo, já que ele conhecia palavras mais longas do que eles. N.A.

Quaisquer que fossem as circunstâncias do passado, Tiffany não iria deixar isso passar sem contestação.

— Não preciso que Qualquerum faça qualquer um lamber nada para mim, muito obrigada. De qualquer forma —, acrescentou ela, — ele não é o barão deles, é? Os Feegles se orgulham de não terem nenhum senhor.

— Você está correta em sua afirmação —, disse o Sapo ponderadamente, — mas você deve lembrar que eles também se orgulham de beber o máximo possível sob a menor desculpa possível, o que os deixa com um temperamento incerto; e que o Barão acreditava definitivamente que ele é, de fato, o proprietário de todas as propriedades nas redondezas. Uma reivindicação que se sustenta na lei. Embora deva dizer e lamentar que não posso mais fazer o mesmo. Agora, a garota, bem, ela é algo estranha. Não percebeu?

— Eu não percebi? Tiffany pensou subitamente. O que eu deveria ter notado? Amber era apenas uma criança;[19] ela a via por aí, não tão quieta a ponto de ser preocupante, não tão barulhenta a ponto de ser irritante. E era isso. Mas então ela pensou: As galinhas. Aquilo havia sido estranho.

— Ela sabe falar Feegle! — Disse o Sapo. — E não estou falando de todo esse negócio de "*Disgraça*", "aidinóis"; isso é apenas o patoá.[20] Estou falando das coisas antigas de verdade que as Kelda falam; a língua que eles falavam de onde quer que tenham vindo antes de chegarem aqui. Sinto muito, mas com preparação tenho certeza de que poderia ter composto uma frase melhor. — Ele fez uma pausa. — Eu mesmo não entendo uma palavra de Feegle, mas parece que a garota como que

[19] Isso queria dizer que, do ponto de vista de Tiffany, isso significava alguns anos mais jovem que Tiffany. N.A.
[20] Patoá, do francês *patois*. Dialeto de uma língua, quase sempre oral, falado numa região restrita.

"pegou" a língua de imediato. E outra coisa, juro que ela está tentando falar comigo em sapo. Eu mesmo não sou muito bom nisso de falar sapo, mas um pouco de compreensão veio com a... mudança de forma, por assim dizer.

— Você está dizendo que ela entende palavras incomuns? — Perguntou Tiffany.

— Não tenho certeza —, disse o Sapo. — Mas acho que ela entende o que significam.

— Tem certeza? —, disse Tiffany. — Sempre achei que ela era um pouco simplória.

— Simplória? — Disse o Sapo, que parecia estar se divertindo. — Bem, como advogado posso lhe dizer que algo que parece muito simples pode ser incrivelmente complicado, especialmente se estou sendo pago por hora. O sol é simples. Uma espada é simples. Uma tempestade é simples. Por trás de tudo que é simples há uma enorme cauda de complicação.

Amber colocou a cabeça para fora do buraco. — A Senhora Kelda disse para encontrá-la no fosso de calcário —, disse ela com entusiasmo.

Houve uma leve comemoração vinda do poço de mina quando Tiffany se abaixou cautelosamente através da cuidadosa camuflagem.

Ela gostava do poço. Parecia impossível ser verdadeiramente infeliz ali, com as paredes brancas e úmidas embalando-o e a luz do dia azul brilhando entre as sarças. Às vezes, quando era muito mais nova, ela via peixes antigos nadando dentro e fora do poço de calcário, peixes antigos da época em que o Giz era a terra sob as ondas. A água já havia desaparecido há muito tempo, mas as almas dos peixes fantasmas não haviam se dado conta. Eles eram tão blindados quanto cavaleiros de

armadura e tão antigos quanto o Giz. Porém, ela já não os via mais. Talvez sua visão mude à medida que você envelhece, pensou ela.

Havia um cheiro forte de alho. Grande parte do fundo da cova estava cheia de caracóis. Feegles caminhava cuidadosamente entre eles, pintando números em suas conchas. Amber estava sentada ao lado da Kelda, com as mãos cruzadas nos joelhos. Visto de cima, pareceria para todo o mundo um concurso de cães pastores ovelheiros, mas com menos latidos e muito mais pegajoso.

A Kelda avistou Tiffany e levantou um dedo minúsculo aos lábios, seguido por um breve aceno de cabeça para Amber, que agora estava absorta no processo. Jeannie indicou um espaço vago a seu lado. — Estamos vendo os rapazes colocarem nossa marca no gado, sabe. — Disse. Havia um leve toque de estranheza em sua voz. Era o tipo de voz que um adulto usa quando diz a uma criança, "estamos nos divertindo, não é?", caso a criança ainda não tenha chegado a essa conclusão. Mas Amber realmente parecia estar se divertindo. Ocorreu a Tiffany que estar perto dos Feegles parecia deixar Amber feliz.

Ela teve a impressão de que a Kelda queria manter a conversa leve, então simplesmente perguntou: — Por que marcá-los? Quem vai tentar roubá-los?

— Outros Feegles, é claro. Meu Rob acha que eles farão fila para roubar nossos caracóis enquanto estiverem desprotegidos, entendeu?

Tiffany ficou perplexa. — Por que eles estariam desprotegidos? — Porque meus rapazes, cê sabe, estiveram roubando o gado dos outros. É uma antiga tradição Feegle; significa que todo mundo se envolve em muitas brigas, roubos e, claro, o favorito de todos os tempos, bebedeira. — A Kelda piscou para Tiffany. — Bem, isso mantém os rapazes felizes e evita que eles se preocupem e fiquem no nosso pé, cê sabe.

Ela piscou para Tiffany novamente e tocou levemente na perna de Amber, dizendo algo para ela em uma língua que parecia uma versão muito antiga de Feegle. Amber respondeu no mesmo idioma. A Kelda acenou com a cabeça significativamente para Tiffany e apontou para o outro lado do poço.

— O que você acabou de dizer a ela? — Disse Tiffany, olhando para a garota, que ainda observava os Feegles com o mesmo interesse sorridente.

— Eu disse a ela que você e eu teríamos uma conversa para adultos —, disse a Kelda, — e ela apenas disse que os meninos eram muito engraçados e, não sei como, mas ela aprendeu a Mãe das Línguas. Tiffany, eu só falo a língua com uma filha e com nosso bardo, o gonnagle, cê sabe; e, eu estava conversando com ele no monte ontem à noite quando ela se juntou a nós! Ela o entendeu só de ouvir! Isso não deveria acontecer! Esse é um dom raro que ela tem, não há dúvida. Ela deve compreender os significados em sua cabeça, e isso é mágico, senhorita, a coisa real, magia de verdade sem a menor dúvida.

— Como isso pôde acontecer?

— Quem sabe? — Disse a Kelda. — É um dom. E se você seguir meu conselho, você colocará essa garota para treinar.

— Ela não é um pouco velha para começar? — Disse Tiffany.

— Coloque-a na arte ou encontre algum canal para seu dom. Acredite, minha garota, eu não gostaria que você acreditasse que espancar uma garota quase até a morte é uma coisa boa, mas quem sabe como nossos caminhos são escolhidos? E então ela acabou aqui, comigo. Ela tem o dom da compreensão. Ela teria encontrado de outra maneira? Você sabe muito bem que o sentido da vida é encontrar o seu dom. Encontrar o seu presente é felicidade. Nunca o conseguir é miséria. Cê

disse que ela é um pouco simplória; encontre para ela um professor que possa trazer à tona o que há de complicado nela. A menina aprendeu uma língua difícil apenas ouvindo. O mundo precisa de pessoas que possam fazer isso.

Fazia sentido. Tudo o que a Kelda disse fazia sentido.

Jeannie fez uma pausa e disse: — Lamento muito que o Barão esteja morto.

— Me desculpe, — disse Tiffany. — Eu queria ter contado a você.

A Kelda sorriu para ela. — Você realmente acha que uma Kelda precisa ser informada de coisas assim, minha garota? Ele era um homem decente e cê foi bastante correta com ele.

— Tenho que encontrar o novo Barão —, disse Tiffany. — E vou precisar que os meninos me ajudem a encontrá-lo. Há milhares de pessoas na cidade e os rapazes são muito bons em encontrar coisas.[21]

Ela olhou para o céu. Tiffany nunca tinha voado até a cidade grande antes e não tinha muita vontade de voar até lá no escuro. — Partirei ao amanhecer. Mas antes de tudo, Jeannie, acho melhor levar Amber para casa. Você gostaria disso, não é, Amber? — ela disse desesperançada...

Três quartos de hora depois, Tiffany voou com sua vassoura de volta para a aldeia, os gritos ainda ecoando em sua cabeça. Amber não iria voltar.

[21] Ela manteve para si qualquer pensamento sobre o fato de que o que eles eram melhores ainda em encontrar eram coisas que pertenciam a outras pessoas. Era verdade, porém, que os Feegles podiam caçar como cães e também beber como peixes. N.A.

Na verdade, ela deixara claro sua relutância em deixar o monte, apoiando os braços e as pernas no buraco e ficando ali gritando a plenos pulmões cada vez que Tiffany dava um puxão suave; quando ela o soltou, a garota voltou a se sentar ao lado da Kelda. Então era isso. Você tenta fazer planos para as pessoas e as pessoas fazem outros planos. Fosse como fosse, Amber tinha pais; pais horríveis, se poderia dizer, e você poderia acrescentar que isso era dizer pouco sobre eles. Mas pelo menos eles tinham que saber que ela estava segura... E, de qualquer forma, que possíveis danos poderiam ocorrer a Amber sob os cuidados da Kelda?

A senhora Petty bateu a porta quando viu que era Tiffany quem estava no degrau, e abriu-a novamente quase imediatamente, em meio a lágrimas. O lugar fedia não apenas a cerveja velha e comida ruim, mas também a desamparo e perplexidade. Um gato, o mais sarnento que Tiffany já vira, era quase certamente outra parte do problema.

A senhora Petty ficou apavorada e caiu de joelhos no chão, implorando incoerentemente. Tiffany preparou-lhe uma xícara de chá, o que não era uma tarefa para os mais sensíveis, já que a louça que a casa possuía estava empilhada na pia de pedra, que estava cheia de água viscosa que ocasionalmente borbulhava. Tiffany passou vários minutos esfregando intensamente antes de conseguir um copo onde não receasse beber, e mesmo assim alguma coisa estava chacoalhando dentro da chaleira.

A senhora Petty sentou-se na única cadeira que tinha quatro pernas e balbuciou sobre como seu marido era realmente um bom homem, desde que o jantar fosse servido na hora certa e Amber não fosse travessa. Tiffany havia se acostumado com esse tipo de conversa desesperada quando estava "percorrendo as casas" nas montanhas. Elas eram geradas pelo medo; medo do que aconteceria com quem falava quando fosse deixada sozinha novamente. Vovó Cera-do-Tempo tinha

um jeito de lidar com isso, que consistia em colocar o medo da Vovó Cera-do-Tempo em absolutamente todo mundo; mas Vovó Cera-do-Tempo tinha anos de experiência sendo, bem, Vovó Cera-do-Tempo.

Um interrogatório cuidadoso e não agressivo trouxe a notícia de que o senhor Petty estava dormindo no andar de cima, e Tiffany simplesmente disse à senhora Petty que Amber estava sendo cuidada por uma senhora muito gentil enquanto ela se curava. A senhora Petty começou a chorar novamente. A miséria do lugar também estava irritando Tiffany e ela tentou evitar ser cruel; mas então, quão difícil era jogar um balde de água fria no chão de pedra e esfregar e varrer porta afora com uma vassoura? Quão difícil era fazer sabão? Você poderia fazer um bastante aceitável com cinza de madeira e gordura animal. E, como sua a mãe dissera certa vez, "Ninguém é pobre demais para lavar uma colher"; embora o pai, só para irritar a mãe, ocasionalmente mudasse para "Ninguém é pobre demais para lavar uma mulher". Mas, com aquela família, por onde começar? E o que quer que estivesse na chaleira ainda estava chacoalhando, provavelmente tentando sair.

A maioria das mulheres nas aldeias crescia e se tornava durona. Era preciso ser dura para criar uma família com o salário de um trabalhador rural. Havia um ditado local que contava de uma espécie de receita para lidar com um marido problemático. Era: "Torta de língua, celeiro frio e tacho de cobre". Isso significava que um marido problemático recebia uma bronca em vez do jantar; e que depois seria jogado no celeiro para dormir e se levantasse a mão para a esposa ele poderia levar uma boa pancada com a longa vara que cada casa tinha para mexer a roupa na tina. Eles geralmente se davam conta de seu erro antes da música quebrada tocar.

— Você não gostaria de tirar umas férias curtas longe do senhor Petty? — sugeriu Tiffany.

A mulher, pálida como uma lesma e magra como uma vassoura, pareceu horrorizada.

— Ah, não! — Ela arquejou. — Ele não saberia o que fazer sem mim!

E então... tudo deu errado, ou melhor, muito mais errado do que já estava. E foi tudo tão inocente, porque a mulher estava muito abatida.

— Bem, pelo menos posso limpar sua cozinha para você —, disse Tiffany alegremente.

Teria sido bom se ela simplesmente tivesse pegado uma vassoura e começado a trabalhar, mas, ah, não, ela teve que olhar para o teto cinza cheio de teias de aranha e dizer: — Tudo bem, eu sei que vocês estão aqui; vocês sempre me seguem, então sejam úteis e limpem bem esta cozinha!

Nada aconteceu por alguns segundos; e então ela ouviu, porque estava esperando, uma conversa abafada perto do teto.

— Cês ouviru isso? Ela sabe qui nóis taqui! Cumé qu'ela sempre sabe?

Uma voz ligeiramente diferente de Feegle disse: — É porque sempre seguim'ela seu doidim piquinim!

— Ah, tá certo. Disso eu já sei até as tampas; o qu'eu quero dizer é... nós já num prometemo num seguir ela nunca mais?

— Certo, foi um juramento solene.

— Exatamente, é purisso que não posso deixar de ficar um pouco decepcionado c'a grande bruaca piquininha grandona não botar fé

numa promessa solene. Iss'é uma coisa que fere um pouco meus sentimentos.

— Mas nóis quebramos o juramento solene; causo que é uma coisa de Feegle.

Uma terceira voz disse: — Fiquem atentos, seus *fedidus*, ela tá batendo os pés! — Um redemoinho atingiu a pequena cozinha suja[22].

Água espumejante rodopiava em torno das botas de Tiffany, que de fato estiveram batendo. É preciso dizer que ninguém poderia criar uma bagunça mais rapidamente do que um grupo de Feegles, mas, estranhamente, eles também poderiam limpar uma bagunça, mesmo sem a ajuda de passarinhos e diversas outras criaturas da floresta.

A pia esvaziou-se num instante e encheu-se novamente de espuma de sabão. Pratos de madeira e canecas de lata zumbiam no ar enquanto o fogo era aceso. Acompanhado de muito barulho de coisas se esbatendo, a caixa de lenha ficou cheia. Depois disso, as coisas aceleraram e um garfo estremeceu ao se chocar contra a parede ao lado da orelha de Tiffany. O vapor subia como uma névoa, de onde saíam ruídos estranhos; a luz do sol entrou pela janela repentinamente limpa, enchendo a sala com um arco-íris; uma vassoura passou empurrando o resto da água à sua frente; a chaleira ferveu; um vaso de flores apareceu sobre a mesa – algumas delas, é certo, de cabeça para baixo – e de repente a sala estava fresca e limpa e não cheirava mais a batatas podres.

Tiffany olhou para o teto. O gato estava segurando-se nele pelas quatro patas. E deu a Tiffany o que definitivamente era um "olhar". Até uma bruxa pode receber um "olhar" de um gato que já ultrapassara seus limites com aquilo e ainda estava no meio daquilo. Tiffany finalmente

[22] Tiffany conquistou a admiração de outras bruxas ao persuadir os Feegles a fazerem tarefas. O lamentável era que Feegles fariam qualquer tarefa, desde que fosse barulhenta, bagunçada e extravagante. E, se possível, incluísse gritos. N.A.

localizou a senhora Petty debaixo da mesa, com as mãos na cabeça. Quando finalmente foi convencida a sair e sentar-se numa cadeira bonita e limpa em frente a uma xícara de chá de uma caneca maravilhosamente limpa, ela fez questão de concordar que havia havido uma grande melhora, embora mais tarde Tiffany não conseguisse deixar de admitir que a senhora Petty provavelmente teria concordado com absolutamente qualquer coisa se Tiffany fosse embora.

Não foi um sucesso, então, mas pelo menos o lugar estava muito mais limpo e a senhora Petty certamente ficaria grata quando tivesse tempo para pensar sobre isso. O rosnado e um baque que Tiffany ouviu enquanto saía do jardim molambento era provavelmente o gato, despedindo-se do teto.

— Talvez isso tenha sido um pouco estúpido —, pensou em voz alta, carregando a vassoura no ombro, já no meio do caminho de volta para a fazenda.

— Num fique vexada —, disse uma voz. — Se tivéssemos tido tempo, poderíamos ter feito pão também. — Tiffany olhou para baixo e lá estava Rob Qualquerum, junto com meia dúzia de outros, conhecidos como Nac Mac Feegle, Pequenos Homens Livres e, às vezes, os Réus, os Culpados, as Pessoas procuradas pela polícia para ajudá-los nas investigações e às vezes também aqueles do tipo "aquele ali, o segundo da esquerda, juro que foi ele".

— Vocês continuam me seguindo! — Ela reclamou. — Vocês sempre prometem não fazer isso e continuam fazendo!

— Ah, mas cê não leva em conta o *Geas*, as obrigações que nóis temos sobre nóis, sabe. Cê é a bruaca, a bruxa das colinas e devemos de estar sempre prontos para proteger ocê e ajudá ocê, não importa o que cê diga —, disse Rob Qualquerum com firmeza. Houve um rápido

balançar de cabeças entre os outros Feegles, causando a queda de pedaços de lápis, dentes de ratos, o jantar da noite anterior, pedras interessantes com buracos, besouros, pedaços promissores de ranho guardados para exame mais tarde e caracóis.

— Vejam —, disse Tiffany, — vocês não podem simplesmente sair por aí ajudando as pessoas, quer elas queiram ou não!

Rob Qualquerum coçou a cabeça, recolocou o caracol que havia caído e disse: — Por que não, senhorita? Cê faz isso.

— Eu não faço! — Ela disse em voz alta, mas por dentro uma flecha atingiu seu coração. E pensou: nem sequer fui gentil com a senhora Petty, fui? Sim, era verdade que a mulher parecia ter tanto cérebro quanto o de um camundongo mas, por mais imunda que fosse, a casa fedorenta era a casa da senhora Petty, e Tiffany tinha entrado com um bando de, bem, para não ficar nas sutilezas, Nac Mac Feegles; e simplesmente havia estragado tudo, mesmo que o lugar estivesse menos bagunçado do que antes. Eu fui brusca, mandona e hipócrita. Minha mãe poderia ter lidado melhor com isso. Se chegasse a esse ponto, provavelmente qualquer outra mulher na aldeia poderia ter lidado melhor com a situação, mas eu sou a bruxa e entrei e a assustei. Eu, uma garota com um chapéu pontudo.

A outra coisa que ela pensava sobre si mesma era que, se não se deitasse logo, iria cair. A Kelda estava certa; ela não conseguia se lembrar da última vez que dormira em uma cama de verdade, e havia uma esperando por ela na fazenda de seus pais. E, pensou de repente e com culpa, ainda precisava avisar aos próprios pais que Amber Petty estava de volta com os Feegles...

Sempre há alguma coisa, pensou ela, e depois há outra coisa em cima da coisa; e então não há fim para as coisas. Não admira que as

bruxas recebessem vassouras. Os pés simplesmente não conseguiriam fazer aquilo sozinhos.

Sua mãe estava cuidando do irmão de Tiffany, Wentworth, que estava com um olho roxo.

— Ele estava brigando contra os meninos grandes —, queixou-se a mãe. — Ficamos com um olho roxo, não é, Wentworth?

— É, mas eu chutei Billy Teller bem nos culhões.

Tiffany tentou reprimir um bocejo. — Por que você brigou, Went? Achei que você fosse mais sensato.

— Disseram que você era uma bruxa, Tiff —, disse Wentworth. E a mãe de Tiffany se virou com uma expressão estranha em seu rosto.

— Sim, bem, é o que eu sou —, disse Tiffany. — É o meu trabalho.

— Sim, mas duvido que você faça o tipo de coisas que eles disseram que você estava fazendo —, disse o irmão dela.

Tiffany encontrou o olhar de sua mãe.

— Essas coisas eram ruins? — perguntou.

— Rá! Coisas ruins não são nem a metade —, respondeu Wentworth. Sangue e ranho cobriram sua camisa, onde haviam pingado de seu nariz.

— Wentworth, suba para o seu quarto —, ordenou a Senhora Dolorida e provavelmente, pensou Tiffany, nem mesmo a Vovó Cera-do-Tempo teria sido capaz de pronunciar uma ordem que foi obedecida tão instantaneamente. E tão cheia da ameaça implícita do Juízo Final, se não obedecida.

Quando as botas do menino relutante desapareceram na escada, a mãe de Tiffany virou-se para a filha mais nova, cruzou os braços e disse: — Não é a primeira vez que ele se envolve em uma briga como essa.

— Está Tudo nos livros com ilustrações —, disse Tiffany. — Estou tentando explicar às pessoas que as bruxas não são velhas loucas que andam por aí lançando feitiços nas pessoas.

— Quando seu pai chegar, vou chamá-lo para conversar com o pai de Billy —, disse a mãe. — Billy é trinta centímetros mais alto que Wentworth, mas seu pai... ele é sessenta centímetros mais alto que o pai de Billy. Não haverá nenhuma briga. Você conhece seu pai. Ele é um homem calmo, seu pai. Nunca o vi socar um homem mais de duas vezes; nunca foi necessário. Ele manterá as pessoas calmas. Eles ficarão calmos ou então saberão que é melhor ficarem calmos. Mas algo não está certo, Tiff. Estamos todos muito orgulhosos de você, você sabe, do que você está fazendo e tudo mais, mas isso está afetando as pessoas de alguma forma. Eles estão dizendo algumas coisas ridículas. E estamos tendo dificuldades para vender os queijos. E todo mundo sabe que você é a melhor em queijos. E agora, Amber Petty. Você acha certo ela estar andando por aí com... eles?

— Espero que sim, mãe, — disse Tiffany. — E a menina tem uma mente muito forte e, mãe, no final das contas, tudo que posso fazer é o melhor que posso.

Mais tarde naquela noite, Tiffany, cochilando em sua antiga cama, ouviu seus pais conversando baixinho no quarto de baixo. E embora, é claro, as bruxas não chorassem, ela sentia uma vontade irresistível de fazê-lo.

# CAPÍTULO 6

# A VINDA DO HOMEM ASTUTO

TIFFANY ESTAVA IRRITADA consigo mesma por ter dormido demais. Sua mãe até teve que trazer uma xícara de chá para ela. Mas a Kelda estava certa. Ela não estava dormindo direito e a cama antiga, mas aconchegante, como que se fechara em torno dela.

Ainda assim, poderia ter sido pior, disse a si mesma enquanto partiam. Por exemplo, poderia haver cobras na vassoura. Os Feegles ficaram muito felizes, como disse Rob Qualquerum, em "sentir o vento sob seus kilts". Feegles provavelmente eram melhores que cobras, mas isso era apenas um palpite. Eles faziam coisas como correr de um lado a

outro da vassoura para ver coisas interessantes sobre as quais estavam sobrevoando e, em uma ocasião, ela olhou por cima do ombro e viu cerca de dez deles pendurados na parte de trás ou, para ser mais preciso, um deles estava pendurado na parte de trás do bastão e então um estava pendurado nos calcanhares do outro que estava pendurado nos calcanhares de outro, e assim por diante, até o último Feegle. Eles estavam se divertindo, gritando de tanto rir, seus kilts realmente balançando ao vento. Presumivelmente, a emoção compensava o perigo e a falta de uma vista, ou pelo menos, de uma vista que qualquer outra pessoa gostaria de ter.

Um ou dois realmente perderam o controle e se soltaram das cerdas da vassoura, flutuando para longe e para baixo enquanto acenavam para seus irmãos, gritando um "iaarrruuu!" e tratando aquilo como se fosse uma grande brincadeira. Feegles tendiam a quicar quando atingiam o chão, embora às vezes o danificassem um pouco. Tiffany não estava preocupada com a viagem de volta para casa; sem dúvida haveria muitas criaturas perigosas preparadas para saltar sobre um homenzinho correndo, mas quando ele chegasse em casa haveria de fato consideravelmente menos delas. Na verdade os Feegles foram, pelos padrões Feegle, muito bem-comportados no voo e não atearam fogo à vassoura até que estivessem a cerca de trinta quilômetros da cidade, um incidente anunciado por Wullie Doido dizendo "Opa!", e então, culpadamente, tentando esconder o fato de que ele ateou fogo às cerdas ao ficar na frente do fogo para escondê-lo.

— Você ateou fogo à vassoura de novo, não foi, Wullie? — Afirmou Tiffany com firmeza. — O que foi que aprendemos da última vez? Não ateamos fogo na vassoura sem um bom motivo.

A vassoura começou a tremer enquanto Wullie Doido e seus irmãos tentavam apagar às chamas. Tiffany procurou na paisagem abaixo deles algo macio e de preferência molhado para pousar.

Não adiantava ficar com raiva de Wullie, porém; ele vivia num mundo dele próprio em forma de Wullie. Você tinha que tentar pensar na diagonal.

— Eu só me pergunto, Wullie Doido —, ela disse enquanto a vassoura fazia um barulho desagradável, — se, trabalhando juntos, será que poderíamos descobrir por que minha vassoura está pegando fogo? Você acha que pode ter algo a ver com o fato de você estar segurando um fósforo na mão?

O Feegle olhou para o fósforo como se nunca tivesse visto um antes, depois colocou-o nas costas e olhou para os pés, o que foi bastante corajoso da sua parte, dadas as circunstâncias.

— Realmente não sei, senhorita.

— Veja —, disse Tiffany enquanto o vento soprava ao redor deles, — sem cerdas suficientes, não consigo dirigir muito bem e estamos perdendo altura, mas ainda assim, infelizmente, indo muito rápido. Talvez você possa me ajudar com este enigma, Wullie?

Wullie Doido enfiou o dedinho na orelha e mexeu-o como se estivesse vasculhando o próprio cérebro. Então ele se animou. — Não deveríamos pousar, senhorita?

Tiffany suspirou. — Eu gostaria de fazer isso, Wullie Doido, mas, você vê, estamos indo muito rápido e o chão não. O que temos nessas circunstâncias é o que eles chamam de "se espatifar".

— Num tava pensando em você cair no chão, senhorita —, disse Wullie. Ele apontou para baixo e acrescentou: — Eu estava pensando que você gostaria de pousar naquilo.

Tiffany seguiu a linha do dedo que apontava. Abaixo deles havia uma longa estrada branca e nela, não muito longe, havia algo oblongo, movendo-se quase tão rápido quanto a própria vassoura. Ela ficou olhando, ouvindo seu cérebro calcular, e então disse: — Ainda teremos que perder um pouco de velocidade...

E foi assim que uma vassoura fumegante carregando uma bruxa aterrorizada e cerca de duas dúzias de Nac Mac Feegles, segurando seus kilts para diminuir a velocidade, pousou no telhado do expresso de Lancre para Ankh-Morpork.

A carruagem tinha boas molas e o cocheiro recuperou o controle dos cavalos rapidamente. Houve silêncio quando ele desceu da boleia, enquanto a poeira branca começava a se acumular na estrada. Ele era um homem de aparência pesada que fazia uma cara feia a cada passo, e em uma das mãos segurava um sanduíche de queijo meio comido e na outra um pedaço inconfundível de cano de chumbo. Ele fungou.

— Meu supervisor terá que ser informado. Danos à pintura, viu? Tenho que fazer um relatório quando há danos na pintura. Odeio relatórios; nunca tive muita facilidade com as palavras. Mas tenho que fazer isso quando houver danos à pintura. — O sanduíche e, mais importante, o cano de chumbo desapareceram dentro do sobretudo enorme e Tiffany ficou surpresa com o quão feliz ela se sentiu com isso.

— Sinto muito mesmo —, disse ela enquanto o homem a ajudava a descer do teto da carruagem.

— Não sou eu, você entende, é a pintura. Eu digo a eles, olha, eu digo a eles que existem trolls, existem anões, hein, e você sabe como eles

dirigem, olhos semicerrados a maior parte do tempo porque eles não gostam do sol. — Tiffany ficou sentada imóvel enquanto ele inspecionava os danos; então ele olhou para cima e notou o chapéu pontudo.

— Ah —, ele disse categoricamente. — Uma bruxa. Primeira vez para tudo, eu suponho. Você sabe o que estou trazendo aqui, senhorita?

Qual poderia ser a pior coisa? Pensou Tiffany.

— Ovos? — Ela disse.

— Rá —, disse o homem. — Não temos tanta sorte. São espelhos, senhorita. Um espelho, na verdade. Também não é plano; é uma bola, me disseram. Está tudo muito bem embalado e seguro, ou pelo menos foi o que pensaram porque não sabiam que alguém iria cair do céu sobre eles. — Ele não parecia zangado, apenas exausto, como se esperasse permanentemente que o mundo lhe presenteasse com um soco. — Foi feito pelos anões —, acrescentou. — Dizem que custou mais de mil dólares Ankh-Morpork e você sabe para que serve? Pendurar num salão de baile da cidade onde pretendem dançar a valsa, que uma jovem bem-educada como você não deveria saber dançar; pelo fato, diz o jornal, de que leva à depravação e as coisas que vem depois.

— Estou chocada! — Disse Tiffany, pensando que algo assim era esperado dela.

— Bem, acho que é melhor ir ver quais são os danos —, disse o motorista, abrindo laboriosamente a traseira da carruagem. Uma grande caixa ocupava bastante espaço. — Está quase todo cheio de palha —, disse ele. — Me dê uma mão para tirar isso aqui, pode ser? E se tilintar, estaremos ambos em apuros.

Acabou não sendo tão pesada quanto Tiffany esperava. Mesmo assim, baixaram-na delicadamente até a estrada e o cocheiro remexeu na palha do interior, tirando a bola de espelhos e segurando-a no alto como uma joia rara com a qual, de fato, ela se parecia. Aquilo encheu o mundo com uma luz brilhante, deslumbrando os olhos e enviando feixes de raios cintilantes por toda a paisagem. Nesse momento o homem gritou de dor e deixou cair a bola que se espatifou em um milhão de pedaços, enchendo o céu só por um momento com um milhão de imagens de Tiffany, enquanto ele, enroscado, caiu na estrada levantando mais poeira branca e fazendo pequenos ruídos de choro enquanto o vidro caía ao seu redor.

Em pouco menos de um instante o homem que gemia foi cercado por um círculo de Feegles, armados até os dentes com espadas claymores, e mais claymores, e porretes, machados, e outros porretes e pelo menos mais uma claymore. Tiffany não tinha ideia de onde eles estiveram escondidos; um Feegle poderia se esconder atrás de um fio de cabelo.

— Não o machuquem —, ela gritou. — Ele não ia me machucar! Ele está muito doente! Mas sejam úteis e arrumem todos esses vidros quebrados! — Ela se agachou na estrada e segurou a mão do homem.

— Há quanto tempo você tem ossos saltitantes, senhor?

— Oh, tenho sido um mártir por conta deles nestes últimos vinte anos, senhorita, um mártir —, gemeu o cocheiro. — É o solavanco da carruagem, entende. São as molas... elas não funcionam! Acho que não consigo dormir mais do que uma noite decente em cinco, senhorita, essa é a verdade. Eu cochilo um pouco, me viro, como todo mundo faz, e ouço um pequeno clique e então é uma agonia, acredite.

Exceto por alguns pontos no limite da visão, não havia mais ninguém por perto; exceto, é claro, um bando de Nac Mac Feegles que, contra todo o bom senso haviam aperfeiçoado a arte de se esconderem uns atrás dos outros.

— Bem, acho que posso ajudá-lo —, disse Tiffany.

Algumas bruxas usavam um assim chamado "emaranhado" para ver o presente e, com alguma sorte, também o futuro. Na escuridão esfumaçada do monte Feegle, a Kelda praticava o que ela chamava de "esconderosos"... as coisas que você fazia e transmitia, mas, no geral, as transmitia como um segredo. E ela estava perfeitamente consciente de que Amber observava com claro interesse. Uma criança estranha, ela pensou. Ela vê, ela ouve, ela entende. O que daríamos por um mundo cheio de pessoas como ela? Ela havia montado o caldeirão[23] e acendido uma pequena fogueira sob o couro.

A Kelda fechou os olhos, concentrou-se e leu as memórias de todos os Keldas que já existiram e que existiriam.

Milhões de vozes flutuavam em seu cérebro sem nenhuma ordem específica, às vezes suaves, nunca muito altas, muitas vezes tentadoramente além de seu alcance. Era uma maravilhosa biblioteca de informações, exceto que todos os livros estavam fora de ordem, assim como todas as páginas, e não havia índice em lugar nenhum. Ela teve que seguir fios que desapareciam enquanto ela ouvia. Ela se esforçou enquanto pequenos sons, pequenos vislumbres, gritos abafados, correntes de significado chamavam sua atenção para um lado e para

[23] Uma mensagem do autor: nem todos os caldeirões são de metal. Você pode ferver água em um caldeirão de couro, se souber o que está fazendo. Você pode até fazer chá em saquinho de papel se tiver cuidado e souber fazer. Mas, por favor, não faça isso, ou se fizer isso, não conte a ninguém que eu te contei. N.A.

outro... e lá estava ele, na frente dela como se sempre tivesse estado ali, entrando em foco.

Ela abriu os olhos, olhou para o teto por um momento e disse: — Procuro a bruaca piquininha grandona e o que é que estou vendo?

Ela olhou para a névoa de memórias antigas e novas e jogou a cabeça para trás, quase derrubando Amber, que disse, interessada: — Um homem sem olhos?

— Bem, acho que posso ajudá-lo, senhor... hum...

— Carpeteiro, senhorita. William Glottal Carpeteiro.

— Carpeteiro? — disse Tiffany. — Mas você é um cocheiro.

— Sim, bem, há uma história engraçada ligada a isso, senhorita. Carpeteiro, veja você, é meu nome de família. Não sabemos como conseguimos isso porque, veja bem, nenhum de nós jamais colocou um carpete!

Tiffany deu-lhe um sorrisinho gentil. — E...?

O senhor Carpeteiro lançou-lhe um olhar perplexo. — E o que? Essa foi a história engraçada! — Ele começou a rir e gritou novamente quando um osso saltou.

— Ah, tá —, disse Tiffany. — Desculpe, sou um pouco lenta. — Ela esfregou as mãos. — E agora, senhor, vou consertar seus ossos.

Os cavalos da carruagem observaram com silencioso interesse enquanto ela ajudava o homem a se levantar, estendendo a mão enquanto ele tirava o enorme sobretudo (com muitos grunhidos e pequenos gritos) e o colocava de pé de modo que suas mãos repousassem sobre a carruagem.

Tiffany concentrou-se, apalpando as costas do homem através do colete fino e... sim, lá estava ele, um osso saltitante.

Ela foi até os cavalos, sussurrando uma palavra em cada ouvido que agitava as moscas, só para garantir. Depois voltou para o senhor Carpeteiro, que esperava obedientemente, sem ousar se mexer. Enquanto ela arregaçava as mangas, ele disse: — Você não vai me transformar em algo antinatural, vai, senhorita? Eu não gostaria de ser uma aranha. Tenho um medo mortal de aranhas, e todas as minhas roupas são feitas para um homem com duas pernas.

— Por que diabos você acha que eu o transformaria em alguma coisa, senhor Carpeteiro? — disse Tiffany, passando suavemente a mão pela espinha dele.

— Bem, salvando sua honrosa presença, senhorita, pensei que era isso que as bruxas faziam, senhorita... coisas desagradáveis, senhorita, lacraias e tudo mais.

— Quem te contou isso?

— Não posso dizer com certeza —, disse o cocheiro. — É meio que... você sabe, o que todo mundo sabe.

Tiffany colocou os dedos com cuidado, e encontrando o osso saltitante, disse: — Isso pode doer um pouco —, e empurrou o osso de volta no lugar.

O cocheiro gritou novamente. Seus cavalos tentaram fugir, mas suas pernas não funcionavam como sempre, não com a palavra ainda soando em seus ouvidos. Tiffany sentiu vergonha na época, há um ano, quando adquiriu o conhecimento da palavra do cavaleiro; mas muito mais sentiu o velho ferreiro que ela ajudou até que a morte viesse, com gentileza e sem dor; de todo modo, ele sentiu vergonha por não ter nada

com que pagá-la por seu trabalho meticuloso e você tinha que pagar à bruxa do mesmo modo como tinha que pagar ao barqueiro. Então ele sussurrou em seu ouvido a palavra do cavaleiro que lhe dava o controle de qualquer cavalo que a ouvisse. Você não poderia comprá-la, não poderia vendê-la, mas poderia doá-la e ainda mantê-la, e mesmo que fosse feita de chumbo valia seu peso em ouro. O antigo proprietário tinha-lhe sussurrado ao ouvido: — Prometi não contar a palavra a nenhum homem, e não o fiz! — E ele ria-se ao morrer; o seu sentido de humor era um pouco semelhante ao do senhor Carpeteiro.

E o senhor Carpeteiro, um tipo bem pesado, havia escorregado suavemente pela lateral da carruagem e então...

*— Por que você está torturando o velho, sua bruxa malvada? Não vê que ele está com uma dor terrível?*

De onde isso veio? Um homem gritando, com o rosto branco de fúria, as roupas tão escuras quanto uma caverna fechada ou – e a palavra veio a Tiffany de repente – como uma cripta. Não havia ninguém por perto ela tinha certeza, e ninguém em nenhum dos lados, exceto um fazendeiro ocasional observando os restolhos queimarem enquanto limpavam a terra.

Mas o rosto dele estava agora a poucos centímetros do dela. E ele era real, não algum tipo de monstro, porque monstros geralmente não têm pequenas gotas de saliva na lapela. E então ela sentiu... ele fedia.

Ela nunca sentiu um cheiro tão ruim. Era algo físico como uma barra de ferro; e lhe parecia que não cheirava com o nariz, mas com a mente. Uma imundície que tornava a privada comum tão perfumada quanto uma rosa.

— Estou pedindo educadamente que você se afaste, por favor —, disse Tiffany. — Penso que você pode ter tido a ideia errada.

*— Garanto a você, criatura diabólica, que tenho apenas as ideias certas! E isso é para devolvê-la ao inferno miserável e fedorento do qual você nasceu!* — Tudo bem, um louco, pensou Tiffany, mas se ele... tarde demais. O dedo balouçante do homem chegou muito perto de seu nariz e, de repente, a estrada vazia continha um suprimento de Nac Mac Feegles para uma vida inteira. O homem de preto atacou-os, mas esse tipo de coisa não funcionava muito bem com um Feegle. Ele conseguiu, apesar do ataque de Feegle, gritar: — *Vão embora, diabinhos nefastos*!

Todas as cabeças dos Feegle se viraram esperançosas quando ouviram isso. — Ah, sim —, disse Rob Qualquerum. — Se houver algum diabinho por aí, nós somos os garotos que vão lidar com eles! Sua vez, senhor! — Eles saltaram sobre ele e terminaram amontoados na estrada atrás dele, tendo passado direto por ele. Eles automaticamente se socaram enquanto cambaleavam, com base no fato de que se você está tendo uma boa briga, não quer estragar o ritmo.

O homem de preto olhou para eles e depois não prestou mais atenção alguma.

Tiffany olhou para as botas do homem. Eles brilhavam à luz do sol e isso era esquisito. Ela estava parada na poeira da estrada há apenas alguns minutos e suas botas estavam cinzentas. E havia o chão onde o homem estava, e isso também era esquisito. Muito errado, num dia quente e sem nuvens. Ela olhou para os cavalos. A palavra os segurava, mas eles tremiam de medo, como coelhos diante do olhar de uma raposa. Então ela fechou os olhos e olhou para ele com a Primeira Visão, e viu. — Você não tem sombra. — Disse. Sabia que algo não estava certo aqui.

E agora ela olhava diretamente nos olhos do homem, quase escondidos sob a aba larga do chapéu e... ele... não tinha... olhos. A

compreensão brilhou nela como gelo derretendo... Nenhum olho, nem olhos comuns, nem olhos cegos, nem órbitas oculares... apenas dois buracos na cabeça: ela podia ver através dos campos fumegantes além. Ela não esperava o que aconteceu a seguir.

O homem de preto olhou para ela novamente e sibilou: — *Você é a bruxa. Você é ela. Onde quer que você vá eu vou te encontrar*.

E então ele desapareceu, deixando apenas uma pilha de Feegles lutadores na poeira.

Tiffany sentiu algo em sua bota. Ela olhou para baixo e uma lebre, que devia ter fugido dos restolhos em chamas, olhou para ela. Eles se olharam por um segundo e então a lebre saltou no ar como um salmão saltitante e atravessou a estrada. O mundo estava cheio de presságios e sinais; e uma bruxa realmente tinha que escolher os que eram importantes. Por onde ela poderia começar ali?

O senhor Carpeteiro ainda estava encostado na carruagem, totalmente ignorante do que acabara de acontecer. De certa forma, Tiffany também estava, mas ela descobriria.

— Você pode se levantar de novo agora, senhor Carpeteiro. — Disse.

Ele fez isso com muito cuidado, fazendo uma careta enquanto esperava pelos relâmpagos de agonia em suas costas. Ele se mexeu experimentalmente e deu um pequeno pulo na poeira, como se estivesse esmagando uma formiga. Isso pareceu funcionar e ele tentou um segundo salto e então, abrindo bem os braços, gritou — Ieeebaa! — E rodopiou como uma bailarina. O seu chapéu caiu e as suas botas com tachas bateram na poeira e o senhor Carpeteiro era um homem muito feliz enquanto girava e saltava; quase deu uma cambalhota e quando descobriu que era apenas meia cambalhota, ele rolou e ficou de pé;

pegou a atônita Tiffany e a fez dançar ao longo da estrada, gritando: — Um, dois, três, um, dois, três, um, dois, três —, até que ela conseguiu se soltar, rindo. — Eu e a mulher vamos sair hoje à noite, mocinha, e vamos valsar!

— Mas eu pensei que isso levava a um comportamento depravado? — Disse Tiffany. O cocheiro piscou para ela. — Bem, tudo o que podemos fazer é ter esperança! — Ele disse.

— Não exagere, senhor Carpeteiro —, avisou ela.

— Na verdade, senhorita, acho que vou exagerar sim, se não lhe importa. Depois de todos os rangidos e gemidos e de quase não dormir, acho que gostaria de exagerar um pouco, ou se possível muito! Ah, e que boa menina você é por pensar nos cavalos —, acrescentou. — Isso mostra nobreza de caráter.

— Fico feliz em vê-lo tão bem-humorado, senhor Carpeteiro.

O cocheiro ensaiou uma pequena pirueta no meio da estrada. — Sinto-me vinte anos mais jovem! — Ele sorriu para ela. Então seu rosto ficou um pouco nublado.

— É... quanto eu devo a você?

— Quanto me custarão os danos à pintura? — Tiffany perguntou.

Eles se entreolharam e então o senhor Carpeteiro disse: — Bem, não posso pedir nada, senhorita, já que fui eu quem quebrou a bola de espelhos.

Um pequeno tilintar fez Tiffany olhar para trás onde a bola de espelhos, aparentemente ilesa, girava suavemente e, se você olhasse com atenção, logo acima do chão.

Ela se ajoelhou em uma estrada totalmente livre de vidros quebrados e disse, aparentemente para ninguém: — Vocês juntaram tudo de novo?

— Ah, certo, disse Rob Qualquerum alegremente atrás da bola. — Mas foi feito em pedacinhos! Ah, sim, com um pedacinho é mais fácil, você sabe. Veja, quanto menores os pedaços, mais eles se encaixam novamente. Cê só precisa dar um empurrãozinho neles e as molículas piquininhas vão se lembrar de onde deveriam estar e elas ficarão juntas novamente, problema nenhum! E nem sei por que essa cara aí de surpresa; causo que nóis nunca que quebramos coisa nenhuma.

O senhor Carpeteiro estava com um olhar fixo em Tiffany. — Foi você que fez isso, senhorita?

— Bem, mais ou menos —, disse Tiffany.

— Eu bem que já sabia disso! — disse Carpeteiro, todo sorrisos. — Então eu digo *quid pro quo*, dar e receber, bater por bater, olho por olho, uma coisa por outra, olho por olho e eu por você. — E deu uma piscadela. — Vou dizer que deu certo e a empresa pode colocar a papelada onde o macaco colocou a moeda... o que você diz sobre isso, hein? — Ele cuspiu na mão e estendeu-a.

Nossa, pensou Tiffany, um aperto de mão com cuspe sela um acordo inquebrável; graças a Deus tenho um lenço razoavelmente limpo.

Ela assentiu sem palavras. E ali tinha havido antes uma bola quebrada que agora parecia ter se consertado. O dia estava quente, um homem com buracos onde deveriam estar os olhos havia desaparecido no nada... Por onde deveria começar? Alguns dias você aparava unhas dos pés, removia lascas e costurava pernas; e alguns dias eram dias assim.

Eles apertaram as mãos, um tanto úmidas, o cabo de vassoura foi enfiado entre os fardos atrás do cocheiro, Tiffany subiu ao lado dele e a viagem continuou, com a poeira subindo da estrada à medida que ela passava e tomando formas estranhamente desagradáveis até que se assentasse novamente. Depois de um tempo o senhor Carpeteiro disse com uma voz cautelosa:

— É... esse chapéu preto que você está usando; você vai continuar usando?

— Isso mesmo.

— Só que, bem, você está usando um lindo vestido verde e, se assim posso dizer, seus dentes são lindos e brancos. — O homem parecia estar lutando com um problema.

— Eu os limpo com cinza e sal todos os dias. Eu recomendo —, disse Tiffany.

A conversa estava se tornando difícil. O homem pareceu chegar a uma conclusão. — Então você não é realmente uma bruxa, certo? — Disse, esperançoso.

— Está com medo de mim, senhor Carpeteiro?

— Essa é uma pergunta que dá medo, senhorita.

Verdade; dá mesmo, pensou Tiffany. Em voz alta, ela disse: — Olha, senhor Carpeteiro, qual é o problema?

— Bem, senhorita, já que você perguntou, tem havido algumas histórias ultimamente. Você sabe, sobre bebês sendo roubados, esse tipo de coisa. Crianças fugindo e tal. — Ele se animou um pouco. — Mesmo assim, imagino que estas eram bruxas velhas e perversas... você sabe, com tipo, narizes aduncos, verrugas e vestidos pretos malignos; e não garotas gentis como você.

— Sim, isso é exatamente o tipo de coisa que elas fariam! — Depois de resolver esse enigma de forma satisfatória, o cocheiro falou pouco durante o resto da viagem, embora assobiasse muito.

Tiffany, por sua vez, ficou sentada em silêncio. Por um lado, ela agora estava muito preocupada e, por outro lado, quase conseguia ouvir as vozes dos Feegle entre as malas de correio, lendo as cartas de outras pessoas uns para os outros.[24]

Ela tinha que torcer para que eles estivessem colocando as cartas de volta nos envelopes certos.

A música dizia:

ANKH-MORPORK! A CIDADE-EMOÇÃO!

TEM OS TROLLS EM CIMA, EMBAIXO OS ANÕES!

TALVEZ SEJA MELHOR QUE UM BURACO NO CHÃO!

ANKH-MORPORK! A CIDADE-EMOÇÃOOOOOOOOOO!

Não era, na verdade. Tiffany só estivera lá uma vez e não havia gostado muito da cidade grande. Cheirava mal e havia muitas pessoas e muitos lugares. E o único verde estava na superfície do rio, que só poderia ser chamado de lama porque uma palavra mais precisa não poderia ser seria impressa.

O cocheiro parou diante de um dos portões principais, embora estivessem abertos.

[24] Jeannie, uma kelda moderna, incentivou a alfabetização entre seus filhos e irmãos. Seguindo o exemplo de Rob Qualquerum, eles acharam a experiência muito válida porque agora podiam ler os rótulos das garrafas antes de bebê-las, embora isso não fizesse muita diferença, porque a menos que houvesse uma caveira e ossos cruzados nele, um Feegle provavelmente beberia de qualquer maneira e mesmo assim teria que ser uma caveira e ossos muito assustadores. N.A.

— Se seguir meu conselho, senhorita, vai tirar o chapéu e vai entrar sozinha. De qualquer forma, esta vassoura agora está mais parecendo lenha. — Ele deu a ela um sorriso nervoso. — A melhor das sortes para você, senhorita.

— Senhor Carpeteiro —, disse ela em voz alta, consciente das pessoas ao seu redor. — Espero que quando você ouvir as pessoas falarem sobre bruxas, você mencione que conheceu uma e que ela melhorou suas costas... e, se eu posso acrescentar, salvou seu sustento. Obrigada pela carona.

— Bem, com certeza direi às pessoas que conheci uma das boas —, disse ele.

Com a cabeça erguida ou pelo menos tão alta quanto apropriado quando você está carregando sua vassoura danificada por cima do ombro, Tiffany entrou na cidade. O chapéu pontudo recebeu um ou dois olhares e talvez algumas carrancas, mas a maioria das pessoas nem olhava para ela; no campo, todas as pessoas que você conhecia eram alguém que você conhecia ou um estranho que valia a pena investigar, mas aqui parecia que havia tantas pessoas que era uma perda de tempo até mesmo olhar para elas e possivelmente perigoso em qualquer caso. Tiffany se agachou.

— Rob, você conhece Roland, o filho do Barão?

— Vixe, o coisinha de nada —, disse Rob Qualquerum.

— Bem, mesmo assim —, disse Tiffany, — sei que você pode encontrar pessoas e gostaria que você fosse procurá-lo para mim agora, por favor.

— Se importaria se a gente tomasse um trago enquanto procuramos? —, disse Rob Qualquerum. — Um homem poderia

morrer de sede por aqui. Não consigo me lembrar de um tempo em que não tivesse doidinho prum traguinho ou dez. — Tiffany sabia que seria tolice dizer sim ou não e se contentou com: — Só um então. Quando você conseguir um, é claro.

Atrás dela houve um leve assobio de vento e os Feegle desapareceram. Ainda assim seriam fáceis de encontrar; bastava apenas prestar atenção em ruídos de vidro quebrando. Claro, quebrando vidro que se consertava sozinho. Outro mistério: ela olhou para a bola de espelhos com muito cuidado enquanto a colocavam de volta na caixa e não havia nem um arranhão nela.

Ela olhou para as torres da Universidade Invisível. Abarrotadas de homens sábios com chapéus pontudos ou, pelo menos, homens com chapéus pontudos. Mas havia outro endereço, este bem conhecido das bruxas, que à sua maneira era igualmente mágico: o Empório de Piadas de Boffo, na Rua do Décimo Ovo, número quatro. Ela nunca tinha estado lá, mas ocasionalmente recebia um catálogo.

As pessoas começaram a notá-la mais quando ela saiu das ruas principais e percorreu os bairros. Lá podia sentir os olhos sobre ela enquanto caminhava pelas pedras. Não aparentavam zanga ou hostilidade. Elas estavam apenas... observando, como se estivessem se perguntando o que fazer com ela e ela tinha que torcer para que não fosse, por exemplo, picadinho.

Não havia campainha na porta do Empório de Piadas do Boffo. Havia uma almofada de peidos; e para a maioria das pessoas que vinham comprar coisas no empório, uma almofada de peidos, talvez em conjunto com uma porção generosa de vômitos falsos, era a última palavra em entretenimento; o que de fato era, infelizmente.

Mas bruxas de verdade muitas vezes também precisavam do Empório Boffo. Havia momentos em que você tinha que parecer uma bruxa, e nem toda bruxa era boa nisso ou então estava ocupada demais para bagunçar o cabelo. Então era no Boffo que você comprava verrugas e perucas falsas, caldeirões estupidamente pesados e crânios artificiais. E, com alguma sorte, você poderia conseguir o endereço de um anão para ajudá-la a consertar sua vassoura.

Tiffany entrou na loja, admirando o som profundo de peidos da almofada, dando uma volta e meio que passando através de um absurdo esqueleto falso com olhos vermelhos brilhantes; e chegou ao balcão, momento em que alguém soprou uma língua-de-sogra em seu rosto. A língua-de-sogra desapareceu, sendo substituída pelo rosto de um homem pequeno e de aparência preocupada, que disse:

— Por acaso você não achou isso nem mesmo remotamente divertido?

— Absolutamente não —, ela disse.

O homem suspirou e empurrou a coisa guinchadora sem graça para atrás do balcão. — Infelizmente ninguém acha —, disse ele. — Tenho certeza de que estou fazendo alguma coisa errada. Ah, bem, o que posso fazer por você, senhorita... Ah, você é uma das de verdade, não é? Eu sempre percebo de primeira!

— Olha —, disse Tiffany, — nunca encomendei nada de você, mas costumava trabalhar com a Senhorita Traição, que... — mas o homem não a estava ouvindo. Em vez disso, ele estava gritando para um buraco no chão. — Mãe? Temos uma de verdade!

Alguns segundos depois, uma voz perto do ouvido de Tiffany disse: — Derek às vezes se engana e você pode apenas ter encontrado a vassoura. Você é uma bruxa, não é? Me mostre!

Tiffany desapareceu. Ela fez isso sem pensar... ou melhor, pensou tão rápido que seus pensamentos não tiveram tempo de acenar para ela enquanto passavam.

Foi somente quando notou que o homem, Derek, estava olhando boquiaberto para o nada, ela percebeu que havia desaparecido se mesclando ao entorno o mais rápido que pode; porque desobedecer àquela voz atrás dela seria definitivamente uma coisa imprudente de se fazer. Uma bruxa estava atrás dela: definitivamente uma bruxa; e uma bruxa habilidosa também.

— Muito bom —, disse a voz aprovadoramente. — Muito bom, de fato, minha jovem. Ainda posso ver você, é claro, porque estava observando com muita atenção. Minha nossa, uma de verdade.

— Sabe, vou me virar —, avisou Tiffany.

— Não me lembro de ter dito que você não poderia, minha querida.

Tiffany se virou e se deparou com a bruxa dos pesadelos: chapéu surrado, nariz incrustado de verrugas, mãos parecidas com garras, dentes escurecidos e – Tiffany olhou para baixo – ah, sim, grandes botas pretas. Não era preciso estar muito familiarizado com o catálogo de Boffo para ver que o palestrante usava toda a linha de cosméticos da linha "Bruxa com pressa" ("Porque você não vale nada")[25].

— Acho que deveríamos continuar esta conversa em minha oficina —, disse a horrível bruxa, desaparecendo no chão. — Suba no alçapão quando ele subir, tudo bem? Faça um café, Derek. — Quando Tiffany chegou ao porão, o alçapão descendo de forma incrivelmente

[25] Porque "você não vale nada"; uma brincadeira com o slogan comercial da empresa de cosméticos L'Oréal, "Porque você vale a pena". O slogan é usado aqui para a linha "Hag in a Rush", (bruxa com pressa) de Boffo, uma brincadeira com nomes de produtos do estilo "For the Woman in a Rush" (Para a mulher com pressa). N.T.

suave, encontrou o que seria de esperar de uma oficina da empresa que fazia todo o necessário a uma bruxa que precisasse de algum Boffo em sua vida. Fileiras de máscaras de bruxa bastante assustadoras estavam penduradas em um varal e os bancos estavam cheios de garrafas coloridas; prateleiras de verrugas estavam colocadas para secar e várias coisas que explodiam estavam fazendo isso em um grande caldeirão perto da lareira. Era um caldeirão de verdade,[26] aliás.

A horrível bruxa estava trabalhando em um banco e ouviu-se uma gargalhada terrível. Ela se virou, segurando uma pequena caixa quadrada de madeira com um pedaço de barbante saindo dela. — Gargalhada de primeira classe, não acha? Um arranjo simples de fio e resina com caixa de ressonância porque, francamente, gargalhar é um pouco assim um pé-no-saco, não acha? Acredito que também posso fazer com que funcione a corda. Me avise quando entender a piada.

— Quem é você? — explodiu Tiffany.

A bruxa colocou a caixa em sua bancada. — Oh, querida —, ela disse, — onde estão meus modos?

— Não sei —, disse Tiffany, que estava ficando um pouco cansada. — Talvez a corda tenha acabado?

A bruxa abriu um sorriu com dentes pretos. — Ah, sarcástica. Gosto disso numa bruxa, mas não muito. — Ela estendeu uma garra. — Senhora Proust.

A garra estava menos úmida do que Tiffany esperava.

---

[26] A maioria das pessoas que cozinham com caldeirões os usa como uma espécie de banho-maria, com pequenas panelas cheias de água nas bordas absorvendo o calor do grande caldeirão no qual talvez você possa colocar uma perna de porco inteira e, quem sabe, alguns bolinhos em um saco de pano. Desta forma, uma refeição bastante grande para várias pessoas pode ser preparada de uma só vez e de forma bastante barata, incluindo o pudim. Claro, isso significava que você teria que engolir muita comida fervida... mas coma, faz bem para você! N.A.

— Tiffany Dolorida —, ela disse. — Como vai? — Sentindo que se esperava algo mais dela, Tiffany acrescentou: — Eu costumava trabalhar com a Senhorita Traição.

— Ah, sim, uma ótima bruxa — disse a Senhora Proust. — E uma boa cliente. Muito interessada nas verrugas e nos crânios, pelo que me lembro. — Ela sorriu. — E como duvido que queira se divertir em uma noitada de garotas, devo presumir que precisa da minha ajuda? O fato de sua vassoura ter cerca de metade das cerdas necessárias para a estabilidade aerodinâmica confirma minha suposição inicial. Aliás, você já entendeu a piada?

O que ela deveria dizer? — Acho que sim...

— Vá em frente, então.

— Não direi até ter certeza —, disse Tiffany.

— Muito sábio —, disse a senhora Proust. — Bem, vamos consertar sua vassoura, certo? Isso significará um pequeno passeio e, se eu fosse você, deixaria seu chapéu preto para trás.

Instintivamente, Tiffany agarrou a aba do chapéu. — Por quê?

— A senhora Proust franziu a testa, fazendo com que seu nariz quase encostasse no queixo. — Porque você pode encontrar... Não, eu sei o que podemos fazer. — Ela remexeu na bancada e, sem pedir permissão, enfiou algo no chapéu de Tiffany, bem atrás. — Aqui —, ela disse. — Ninguém vai prestar atenção agora. Desculpe, mas as bruxas estão um pouco impopulares no momento. Vamos consertar essa sua vassoura o mais rápido possível, caso você precise sair com pressa.

Tiffany tirou o chapéu e olhou o que a senhora Proust tinha enfiado na aba. Era um pedaço de papelão colorido preso em um

barbante e dizia: *Chapéu de aprendiz de bruxa com glitter maligno. Tamanho 7 - Preço: AM$2,50. Boffo! Um nome para conjurar!!!*

— O que é tudo isso? — Ela exigiu saber. — Você até espalhou glitter maligno nele.

— É um disfarce —, disse a senhora Proust.

— Que? Você acha que alguma bruxa que se preze andaria pela rua usando um chapéu como este? — Disse Tiffany com raiva

— Claro que não —, disse a senhora Proust. — O melhor disfarce para uma bruxa é uma roupa de bruxa bem barata! Uma bruxa compraria roupas em uma loja que vende artigos de piadas nojentas, fogos de artifício para usar dentro de casa, perucas ridículas e, nossa linha de produtos mais lucrativa, membros gigantes infláveis rosa para despedidas de solteira? Isto seria impensável! É um Boffo, minha querida, puro e legítimo Boffo! Disfarce, subterfúgio e desorientação são o nosso lema. Todos os três são o nosso lema. E, incrível relação qualidade/preço, são também o nosso lema. Não há reembolso em hipótese alguma, são também lemas importantes. Assim como nossa política de lidar terminalmente com ladrões de lojas. Ah, e também temos um lema sobre as pessoas fumarem na loja, embora esse não seja um lema muito importante.

— Hein? — Disse Tiffany em estado de choque, que não tinha ouvido a lista de lemas porque estava olhando para os "balões" rosa pendurados no teto. — Achei que fossem leitões!

A senhora Proust deu um tapinha na mão dela. — Bem-vinda à vida na cidade grande, minha querida. Podemos ir agora?

— Por que as bruxas são tão impopulares no momento? — Perguntou Tiffany.

— É incrível as ideias que as pessoas às vezes metem na cabeça —, disse a senhora Proust. — De modo geral, acho melhor manter a cabeça baixa e esperar até que o problema desapareça. Você só precisa ter cuidado.

E Tiffany pensou que realmente precisava ter cuidado.

— Senhora Proust —, disse ela. — Acho que já entendi a piada.

— Mesmo, querida?

— Pensei que você fosse uma bruxa de verdade se disfarçando de bruxa falsa...

— Sim, querida? — Disse a senhora Proust, com a voz como melaço.

— O que seria muito divertido, mas acho que há outra piada e não é muito engraçada.

— Ah, e qual seria, querida? —, Disse a senhora Proust com uma voz que agora tinha traços de casinhas feitas de doces.

Tiffany respirou fundo. — Esta é mesmo a sua cara, não é? As máscaras que você vende são máscaras suas.

— Bem observado! Bem observado, minha querida! Só que você não observou exatamente, não é? Você sentiu isso quando apertou minha mão. E... mas vamos lá, vamos levar sua vassoura para aqueles anões.

Quando saíram, a primeira coisa que Tiffany viu foram dois meninos. Um deles estava prestes a atirar uma pedra na vitrine. Então avistou a senhora Proust e uma espécie de silêncio terrível se instalou.

— Atire a pedra, meu rapaz —, disse a bruxa.

O menino olhou para ela como se ela estivesse louca.

— Eu disse para atirar a pedra, meu rapaz, ou o pior vai acontecer.

Claramente presumindo agora que ela era mesmo louca, o garoto atirou a pedra na janela; e a janela a apanhou e jogou de volta nele, derrubando-o no chão. Tiffany acompanhou tudo. Ela viu a mão de vidro sair do vidro e pegar a pedra. E ela a viu jogar a pedra de volta. A senhora Proust inclinou-se sobre o menino, cujo amiguinho acabara de passar sebo nas canelas.

— Hmm, vai sarar. — Disse. — Mas não vai sarar mais se eu te vir novamente. — Ela se virou para Tiffany.

— A vida pode ser muito difícil para o pequeno lojista —, disse ela. — Vamos, é por aqui.

Tiffany estava um pouco nervosa sobre como continuar a conversa e então optou por algo inocente, como, — Eu não sabia que havia bruxas de verdade na cidade.

— Ah, somos poucas aqui —, disse a senhora Proust. — Fazendo a nossa parte, ajudando as pessoas quando podemos. Como aquele garotinho lá atrás, que agora já aprendeu a cuidar da própria vida; e faz bem ao meu coração pensar que posso tê-lo dissuadido de uma vida inteira de vandalismo e desrespeito pela propriedade de outras pessoas que, guarde minhas palavras, resultariam na obtenção de um colar, cortesia do carrasco.

— Não sabia que se podia ser bruxa na cidade —, disse Tiffany. — Disseram-me uma vez que é preciso pedra boa para criar bruxas; e todo mundo diz que a cidade é construída sobre lodo e lama.

— E alvenaria —, disse a senhora Proust alegremente. — Além de granito e mármore, sílex e depósitos sedimentares diversos, minha

querida Tiffany. Rochas que outrora saltaram e fluíram quando o mundo nasceu no fogo. E você vê as pedras nas ruas? E é certo que cada uma delas teve sangue sobre si, em algum momento. Para onde quer que você olhe, pedra e rocha. E em todos os lugares que você não pode ver, pedra e rocha! Pode imaginar como é mergulhar fundo e sentir com seus ossos a pedra viva?  E o que fazemos com a pedra? Palácios e castelos, mausoléus e lápides, e belas casas, e muralhas de cidades, meu Deus! Não apenas nesta cidade. A cidade está construída sobre si mesma; e sobre todas as cidades que vieram antes. Você pode imaginar como é se deitar em uma laje antiga e sentir o poder da rocha sustentando você contra o puxão do mundo? E tudo isso é meu para usar, cada pedra; e é aí que a bruxaria começa. As pedras têm vida e eu faço parte dela.

— Sim —, disse Tiffany. — Eu sei.

De repente o rosto da senhora Proust estava a poucos centímetros do dela; o temível nariz adunco quase tocando o seu, os olhos escuros em chamas. Vovó Cera-do-Tempo podia ser assustadora, mas pelo menos Vovó Cera-do-Tempo era, à sua maneira, bonita; a senhora Proust era a bruxa malvada dos contos de fadas, o rosto uma maldição, a voz o som da porta do forno batendo atrás das crianças. A soma de todos os medos noturnos, enchendo o mundo.

— Ah, você sabe, não é, bruxinha com seu vestidinho alegre? O que é que você sabe? O que você realmente sabe? Ela deu um passo para trás e piscou. — Mais do que eu suspeitava, ao que parece — disse ela, relaxando. — Terra sob as ondas. No coração do Giz, a sílex. Sim, de fato.

Tiffany nunca tinha visto anões no Giz, mas nas montanhas eles estavam sempre por perto, geralmente com uma carroça. Compravam, vendiam e faziam vassouras para as bruxas. Vassouras muito caras. Por

outro lado, as bruxas raramente compravam uma. Eram herdadas, passadas de geração em geração, de bruxa para bruxa, às vezes precisando de um novo cabo, às vezes de novas cerdas, mas, claro, sendo sempre a mesma vassoura.

A de Tiffany foi deixada para ela pela senhorita Traição. Era desconfortável e não muito rápida e tinha o hábito ocasional de andar para trás quando chovia, e quando o anão encarregado da oficina barulhenta e ecoante a viu, balançou a cabeça e fez um barulho de sucção entre os dentes, como se a visão daquela coisa realmente tivesse estragado seu dia e ele talvez tivesse que ir embora e chorar um pouco. — Bem, é olmo, não é? —, disse ele para um mundo indiferente. — É de um bosque de várzea o seu olmo, pesado e lento, e é claro que há os besouros a considerar. Muito sujeito a besouros, seu olmo. Atingido por um raio, não foi? Não é uma boa madeira para relâmpagos, seu olmo. Dizem que ela os atrai. Tendência para corujas também.

Tiffany assentiu e tentou parecer conhecedora; ela inventara o raio, porque a verdade, por valiosa que fosse, era também uma coisa muito estúpida, embaraçosa e inacreditável.

Outro anão, quase idêntico, materializou-se atrás de seu colega. — Deveria ter escolhido o freixo.

— Ah, sim —, disse o primeiro anão sombriamente. — Não há como errar com o freixo. — Ele cutucou a vassoura de Tiffany e suspirou novamente.

— Parece que há um começo de infestação de fungo de madeira na junta da base —, sugeriu o segundo anão.

— Não ficaria surpreso com nada, com seu olmo —, disse o primeiro anão.

— Olha, você pode consertar o suficiente para me levar para casa? — Tiffany perguntou.

— Oh, nós não "consertamos as coisas" —, disse o primeiro anão altivamente, ou melhor, metaforicamente altivo. — Fazemos um serviço sob medida.

— Eu só preciso de algumas cerdas —, disse Tiffany desesperadamente e então, esquecendo que não poderia admitir a verdade,

— Por favor! Não foi minha culpa que os Feegles tenham posto fogo na vassoura.

Até aquele momento havia muitos ruídos de fundo na oficina dos anões, enquanto dezenas de anões trabalhavam em seus próprios bancos e não prestavam muita atenção à discussão, mas agora houve um silêncio, e nesse silêncio um único martelo caiu no chão.

O primeiro anão disse: — Quando você diz Feegles, você não quer dizer Nac Mac Feegles, não é, senhorita?

— Isso mesmo.

— Os selvagens? Aqueles que dizem... *Disgraça*? — Ele perguntou bem devagar.

— Praticamente o tempo todo —, disse Tiffany. Ela achou que deveria deixar as coisas claras e acrescentou: — Eles são meus amigos.

— Ah, são? — Disse o anão. — E algum dos seus amiguinhos está aqui neste momento?

— Bem, eu disse a eles para procurarem um jovem meu conhecido —, disse Tiffany, — mas eles provavelmente já estão em um pub. Existem muitos pubs na cidade?

Os dois anões se entreolharam. — Cerca de trezentos, eu diria —, disse o segundo anão.

— Tantos assim? — Disse Tiffany. — Bem, não espero que eles venham me procurar por pelo menos meia hora.

E de repente o primeiro anão ficou com num bom humor frenético. — Meu Deus, onde estão nossos modos? — Ele disse. — Qualquer coisa por uma amiga da senhora Proust! Vou lhe dizer uma coisa: será um prazer oferecer-lhe nosso serviço expresso gratuitamente e por nada, incluindo cerdas e creosoto grátis, sem qualquer custo! — Serviço expresso significa que você partirá imediatamente depois —, disse o segundo anão categoricamente. Ele tirou o capacete de ferro, enxugou o suor de dentro com o lenço e colocou-o de volta na cabeça rapidamente. — Ah, sim, de fato —, disse o primeiro anão. — E é agora mesmo; isso é o que expresso significa.

— Amigo dos Feegles, é? — perguntou a senhora Proust enquanto os anões corriam para lidar com a vassoura de Tiffany. — Eles não têm muitos, acredito. Mas falando em amigos — ela continuou num tom subitamente tagarela —, você conheceu Derek, não foi? Ele é meu filho, você sabe. Conheci o pai dele em um salão de dança com péssima iluminação. O senhor Proust era um homem muito gentil; um que sempre teve a gentileza de dizer que beijar uma senhora sem verrugas era como comer um ovo sem sal. Ele faleceu há vinte e cinco anos, de um infortúnio. Lamento muito não ter podido ajudá-lo. — O rosto dela iluminou-se. — Mas fico feliz em dizer que o jovem Derek é a alegria da minha — ela hesitou — meia-idade. Um rapaz maravilhoso, este meu querido. Será uma garota de sorte a que apostará no jovem Derek, posso garantir. Ele é totalmente dedicado ao seu trabalho e presta muita atenção aos detalhes. Sabia que ele afina as almofadas de peido todas as manhãs e se preocupa se alguma delas estiver no tom errado? E

meticuloso? Quando estávamos desenvolvendo nossa hilariante coleção de cocô de cachorro artificial "Pérolas do Pavimento", ele deve ter passado semanas acompanhando quase todos os tipos de cachorro da cidade com um caderno, uma espátula e uma cartela de cores, só para conseguir que fosse tudo exatamente igual ao original. Um rapaz muito meticuloso, limpo, com todos os dentes. E muito cuidadoso com quem anda... — Ela lançou a Tiffany um olhar esperançoso, mas um tanto tímido. — Não está funcionando, não é?

— Ah puxa, deu pra perceber? — Disse Tiffany.

— Eu ouvi as *palavras derramadas* —, disse senhora Proust.

— O que é uma palavra derramada?

— Não conhece? Uma palavra derramada é uma palavra que alguém quase diz, mas não o faz. Por um momento elas pairam na conversa, mas não são faladas... e posso dizer que, no caso do meu filho Derek, foi bom que você não as tenha dito em voz alta.

— Sinto muitíssimo, de verdade. — Disse Tiffany.

— Sim, bem, esteja informada, então —, disse a senhora Proust.

Cinco minutos depois elas saíram da oficina com Tiffany rebocando uma vassoura totalmente funcional atrás dela.

— Na verdade —, disse a senhora Proust enquanto caminhavam, — agora que penso nisso, seus Feegles me lembram muito Arthur Piquininho Louco. Duro como um prego e quase do mesmo tamanho. Mas nunca o ouvi dizer "desgraça", no entanto. Ele é policial da Guarda.

— Ai, os Feegles realmente não gostam de policiais —, disse Tiffany. Mas ela sentiu que deveria equilibrar isso um pouco, então acrescentou: — Mas eles são muito leais, principalmente prestativos, bem-humorados na ausência de álcool, muito honrados se você

considerar um determinado tipo de honra e, afinal, eles apresentaram o arminho frito ao mundo.

— O que é um arminho? — Perguntou a senhora Proust.

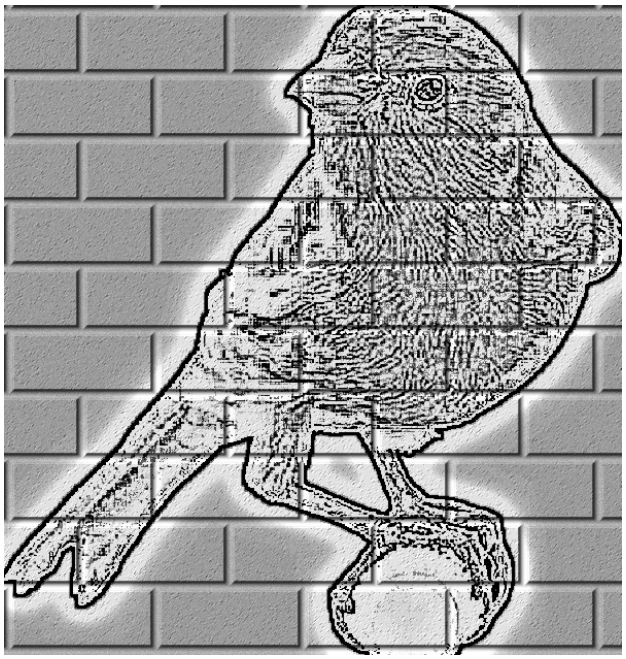
— Bem, hmmm... você conhece uma doninha? É muito parecido com uma doninha.

A senhora Proust ergueu as sobrancelhas. — Minha querida, dou muito valor à minha ignorância sobre arminhos e doninhas. Parece coisa do campo para mim. Não suporto o campo. Muito verde me deixa com raiva —, disse ela, lançando um olhar trêmulo para o vestido de Tiffany.

Estavam neste ponto quando, como que obedecendo a algum sinal celestial, houve um grito distante de "*Disgraça*!" seguido pelo som sempre popular, pelo menos para um Feegle, de vidro quebrando.

# CAPÍTULO 7

# CANTOS NA NOITE



QUANDO TIFFANY E senhora Proust chegaram à origem da gritaria, a rua já estava coberta por uma espetacular camada de vidro quebrado, e homens de aparência preocupada, com armaduras e o tipo de capacete com o qual você poderia tomar sopa em caso de emergência. Um deles estava montando barricadas. Outros guardas estavam claramente descontentes por estarem do lado errado das barricadas, especialmente porque naquele momento um guarda extremamente grande saiu voando de um dos bares que ocupavam um lado quase todo da rua. A placa informava que a rua ali se chamava a Cabeça do Rei, mas pelo que parecia, a Cabeça do Rei agora estava com dor de cabeça.

O guarda levou consigo o que restava do vidro e quando pousou na calçada, seu capacete, que poderia conter sopa suficiente para uma

família numerosa e todos os seus amigos, rolou pela rua fazendo um gloing!

Tiffany ouviu outro guarda gritar: — Eles pegaram o Sarja!

À medida que mais vigias chegavam correndo dos dois lados da rua, a senhora Proust cutucou o ombro de Tiffany e disse docemente: — Conte-me novamente sobre os pontos positivos deles, sim?

Estou aqui para encontrar um rapaz e lhe dizer que o pai dele morreu, disse Tiffany para si mesma. E não para tirar os Feegles de mais uma encrenca!

— Seus corações estão no lugar certo —, disse ela.

— Não duvido —, disse a senhora Proust, que parecia estar se divertindo muito, — mas os traseiros deles estão numa pilha de vidro quebrado. Ah, aí vêm os reforços.

— Não acho que farão muito melhor —, disse Tiffany — e para sua surpresa descobriu que estava errada. Os guardas estavam se espalhando agora, deixando um caminho livre até a entrada do pub; Tiffany teve que olhar com atenção para ver uma pequena figura andando firmemente ao longo dele. Parecia um Feegle, mas estava usando... Ela parou e olhou com atenção... Sim, usava um capacete de vigia um pouco maior que o topo de um saleiro, o que era impensável. Um Feegle da lei? Como poderia haver tal coisa?

Mesmo assim, chegou à porta do bar e gritou:

— Vocês, *fedidu*s, estão todos presos! Agora é assim que vai ser, cêis sabe: cêis pode fazer as coisas da maneira mais difícil, ou... — Ele fez uma pausa por um momento. — Não, vamos do modo difícil, é isso —, ele concluiu. — Não conheço outro jeito! — E com isso ele saltou através da porta.

Feegles lutavam o tempo todo. Para eles, lutar era um hobby, exercício e entretenimento combinados. Tiffany tinha lido no famoso livro sobre mitologia do professor Chaffinch que muitos povos antigos pensavam que quando os heróis morriam eles iam para algum tipo de salão de festas, onde passariam toda a eternidade lutando, comendo e bebendo.

Tiffany achou que isso ficaria um tanto chato por volta do terceiro dia, mas os Feegles adorariam; e provavelmente até os heróis lendários os expulsariam antes que a eternidade terminasse, depois de sacudi-los primeiro para recuperar todos os talheres. Os Nac Mac Feegle eram de fato lutadores ferozes e temíveis, com a pequena desvantagem – do ponto de vista deles – de que após o início de qualquer luta, o puro prazer tomava conta e eles tendiam a atacar uns aos outros, às árvores próximas e, se nenhum outro alvo fosse apresentado, eles mesmos. Os guardas, depois de reanimarem o sargento e encontrar o capacete para ele, sentaram-se para esperar que o barulho diminuísse. E pareceu que só depois de um ou dois minutos o pequeno vigia voltou do prédio destruído, arrastando por uma perna, Yan Grandão, um gigante entre os Feegles e agora, ao que parecia, dormindo profundamente. Ele foi largado, o policial voltou e saiu com Rob Qualquerum inconsciente por cima de um ombro e Wullie Doido no outro.

Tiffany ficou olhando, com a boca aberta. Isso não poderia estar acontecendo. Os Feegles sempre venciam! Nada superava um Feegle! Eram irrefreáveis! Mas lá estavam eles: detidos, e detidos por uma criatura tão pequena que parecia a metade de um conjunto de sal e pimenta.

Quando acabou de retirar todos os Feegles, o homenzinho correu de volta para o prédio e saiu muito rapidamente, carregando uma mulher com pescoço de peru que tentava acertá-lo com o guarda-chuva,

uma tentativa infrutífera, já que ele a equilibrava cuidadosamente sobre a cabeça. Ela foi seguida por uma jovem criada trêmula, segurando uma volumosa bolsa de viagem. O homenzinho colocou a mulher no chão ao lado da pilha de Feegles e, enquanto ela gritava para os guardas prenderem-no, voltou para dentro e saiu novamente equilibrando três malas pesadas e duas caixas de chapéus.

Sem nenhum prazer, Tiffany reconheceu a mulher. Ela era a Duquesa, mãe de Letícia, pessoa assaz assustadora. Será que Roland realmente sabia no que estava se metendo? Letícia ela mesma não era má pessoa, se você gostasse do tipo, mas a mãe dela aparentemente tinha tanto sangue azul nas veias que poderia explodir; e naquele momento parecia que isso ia acontecer. E como era apropriado que os Feegles tivessem destruído o prédio onde a arrogante velha e desagradável estava hospedada.

Quanta sorte uma pessoa poderia ter? E o que a Duquesa pensaria sobre Roland e sua futura esposa pintora de aquarelas serem deixados no prédio desacompanhados?

Esta pergunta foi respondida pela visão do homenzinho arrastando os dois para fora do prédio, ambos vestidos com roupas muito caras. Roland usava um smoking um pouco grande demais para ele, enquanto as roupas de Letícia eram simplesmente uma massa de babados sobre babados; na opinião de Tiffany, roupas sem nenhuma utilidade prática para ninguém. Rá!

Ainda mais guardas estavam chegando, provavelmente porque já haviam lidado com Feegles antes, com o que tiveram o bom senso de caminhar, e não correr, até a cena do crime. Mas havia um homem alto – com mais de um metro e noventa de altura –, de cabelos ruivos e usando uma armadura tão polida que cegava, e que estava tomando

depoimento do proprietário; soou como um grito prolongado no sentido de que os guardas deveriam fazer com que aquele terrível pesadelo não mais ocorresse.

Tiffany se virou e se viu olhando diretamente para o rosto de Roland.

— Você? Aqui? — Conseguiu dizer. Ao fundo, Letícia desatava a chorar. Rá, bem a cara dela!

— Olha, eu tenho que te contar uma coisa muito...

— O chão desabou —, disse Roland antes que ela pudesse terminar, como alguém que ainda está sonhando. — O chão realmente caiu!

— Olha, eu preciso... — ela começou de novo, mas desta vez a mãe de Letícia estava de repente à sua frente.

— Eu conheço você! Você é a garota-bruxa, não é? Não negue! Como ousa nos seguir até aqui!

— Como eles fizeram o chão cair? — Perguntou Roland, com o rosto pálido. — Como você fez o chão cair? Diga-me!

E então veio o cheiro. Foi como ser atingida, inesperadamente, por um martelo. Sob sua perplexidade e horror, Tiffany sentiu algo mais: um fedor, um fedor, uma imundície em sua mente, terrível e implacável, um composto de ideias horríveis e pensamentos podres que a fizeram querer tirar o cérebro e lavá-lo.

Era ele, o homem de preto sem olhos! E o cheiro!!! Um banheiro para doninhas doentes não poderia cheirar pior! Achei que da última vez foi ruim, mas era um canteiro de prímulas! Ela olhou em volta desesperadamente, esperando não ver o que estava procurando.

Os soluços de Letícia foram ficando mais altos, e combinando muito mal com os sons dos gemidos e palavrões dos Feegles que estavam começando a acordar.

A futura sogra de Roland o agarrou pela jaqueta. — Afaste-se dela agora mesmo; ela não é nada além de uma...

— Roland, seu pai está morto!

Isso silenciou a todos e Tiffany de repente ficou em meio a um emaranhado de olhares. Ah, meu Deus, ela pensou. Não era para ter acontecido assim.

— Sinto muito —, ela conseguiu dizer em meio ao silêncio acusador. — Não houve nada que eu pudesse fazer. — Ela viu a cor refluir em seu rosto.

— Mas você estava cuidando dele —, disse Roland, como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça. — Por que você parou de mantê-lo vivo?

— Tudo o que pude fazer foi tirar a dor. Sinto muito, mas isso foi tudo que pude fazer. Sinto muito.

— Mas você é uma bruxa! Achei que você era boa nisso; você é uma bruxa! Por que ele morreu?

*O que a cadela fez com ele? Não confie nela! Ela é uma bruxa. Não permita que uma bruxa viva!*

Tiffany não ouviu as palavras; pareciam rastejar pela sua mente como uma espécie de lesma, abandonando lodo, e mais tarde ela se perguntou por quantas outras mentes teriam elas rastejado; naquele momento, no entanto, apenas sentiu a senhora Proust agarrá-la pelo braço. Ela viu o rosto de Roland se contorcer de fúria e se lembrou da figura gritando na estrada, sem projetar sombra em plena luz do sol,

proferindo insultos como se fossem vômito e deixando-a com uma sensação doentia de que nunca mais conseguiria ficar limpa.

E as pessoas ao seu redor tinham uma aparência preocupada e aflita, como coelhos sentindo o cheiro de uma raposa.

Então ela o viu. Quase invisível, pouco além da multidão. E lá estavam eles, ou melhor, não estavam. Os dois buracos no ar olhando para ela apenas por um momento, antes de desaparecerem. E não saber para onde foram os tornou piores.

Ela se voltou para a senhora Proust. — O que foi aquilo?

A mulher abriu a boca para responder, mas a voz do guarda alto disse: — com licença, damas e cavalheiros, ou melhor, apenas um cavalheiro e as demais, damas, na verdade. Eu sou o Capitão Cenoura e, como sou o oficial de serviço esta noite, o prazer duvidoso de lidar com esse incidente recai sobre mim, e então... — Ele abriu seu caderno, tirou um lápis e deu-lhes um sorriso confiante.

— Quem será o primeiro a me ajudar a desvendar esse pequeno enigma? Para começar, eu gostaria muito de saber o que um bando de Nac Mac Feegle está fazendo na minha cidade, além de tentarem se recuperar?

O brilho de sua armadura feria os olhos. E cheirava fortemente a sabonete e isso era bom o suficiente para Tiffany.

Ela começou a levantar a mão, mas senhora Proust agarrou-a e segurou-a com firmeza. Isso fez com que Tiffany se desvencilhasse de senhora Proust com ainda mais firmeza e depois dissesse com uma voz mais firme do que o aperto: — Serei eu, capitão.

— E você seria...?

A pessoa que correria daqui o mais rápido possível, Tiffany disse para si mesma, mas falou: — Tiffany Dolorida, senhor.

— Saindo para uma despedida de solteira, quem sabe?

— Não —, disse Tiffany.

— Sim! — Disse a senhora Proust rapidamente.

O capitão inclinou a cabeça para o lado. — Então, só uma de vocês está indo pra uma? — Isso não parece muito divertido —, disse ele, com o lápis posicionado sobre a página.

Isto foi claramente demais para a Duquesa, que apontou um dedo acusador para Tiffany, tremendo de raiva. — É tão claro quanto o nariz em seu rosto, policial! Esta... esta... esta bruxa sabia que estávamos viajando para a cidade para comprar joias e presentes e claramente, repito, claramente, conspirou com seus diabinhos para nos roubar!

— Eu nunca fiz isso! — Tiffany gritou.

O capitão ergueu a mão, como se a Duquesa fosse uma mão de tráfego em movimento. — Senhorita Dolorida, você realmente encorajou Feegles a vir para a cidade?

— Bem, sim, mas eu realmente não pretendia. Foi uma espécie de coisa repentina. Eu não pretendia... — O capitão ergueu a mão novamente. — Pare de falar, por favor. — Ele esfregou o nariz. Então ele suspirou. — Senhorita Dolorida, estou prendendo você por suspeita de... bem, só estou suspeitando. Além disso, sei muito bem que é impossível prender um Feegle que não quer ser preso. Se eles forem seus amigos, acredito — ele olhou em volta significativamente — que eles não farão nada para causar mais problemas e, com sorte, todos nós conseguiremos ter uma noite de sono decente. Minha colega policial, Capitã Angua, irá acompanhá-la até a Sede da Guarda. Senhora Proust,

poderia fazer a gentileza de acompanhá-los e explicar como funciona o mundo à sua jovem amiga? — A capitã Angua deu um passo à frente; ela era feminina, linda e loira e... estranha.

O Capitão Cenoura voltou-se para Sua Senhoria. — Senhora, meus oficiais terão prazer em acompanhá-la a qualquer outro hotel ou pousada de sua escolha. Vejo que sua criada está segurando uma bolsa de aparência bastante imponente. Conteria ela as joias das quais falou? Nesse caso, podemos verificar se algo foi roubado?

Sua Senhoria não gostou daquilo, mas o capitão, alegremente, não percebeu; daquele jeito muito profissional que os policiais têm de não ver coisas que não querem ver. E havia uma sensação definitiva de que ele não teria prestado muita atenção de qualquer maneira.

Foi Roland quem abriu a sacola, retirou o conteúdo das compras e os expôs contra a luz. O papel de seda foi cuidadosamente retirado e, sob a iluminação dos lampiões da rua, algo brilhou tão intensamente que parecia não apenas refletir a luz, mas também gerá-la, em algum lugar dentro das pedras brilhantes. Era uma tiara. Vários dos guardas engoliram em seco. Roland ganhou um ar presunçoso. Letícia parecia discutivelmente cativante. A senhora Proust suspirou. E Tiffany... voltou no tempo, só por um segundo. Mas naquele segundo ela era uma garotinha novamente, lendo o livro bem manuseado de contos de fadas que todas as suas irmãs haviam lido antes dela.

Mas ela tinha visto o que elas não tinham visto; ela tinha visto através daquilo. O livro mentia. Não, bem, não mentiu exatamente, mas expôs verdades que você não quereria saber; que só garotas loiras e de olhos azuis poderiam pegar o príncipe e usar a coroa reluzente. Fazia parte da natureza do mundo. Pior ainda, esta natureza era relacionada à coloração do seu cabelo. Ruivas e morenas às vezes conseguiam mais do

que apenas um papel secundário na terra das histórias, mas se tudo o que você tivesse fosse um tom de cabelo castanho um tanto grisalho, você seria considerada uma criada.

Ou você poderia ser a bruxa. Sim! Você não precisava ficar presa à história. Você poderia mudar isso, não apenas por você, mas por outras pessoas. Você poderia mudar a história com um aceno de mão.

Ela suspirou de qualquer maneira, porque o adorno de joias era uma coisa maravilhosa. Mas a parte bruxa e sensata dela disse: "com que frequência você usaria isso, senhorita? Uma vez ou outra? Algo tão caro como aquilo passaria todo o tempo em um cofre!"

— Então nada foi roubado —, disse o capitão Cenoura, feliz. — Bem, isso é bom, não é? Senhorita Dolorida, sugiro que diga aos seus amiguinhos para segui-la em silêncio, sim?

Tiffany olhou para os Nac Mac Feegle, que estavam em silêncio, como se estivessem em estado de choque. É claro que, quando cerca de trinta combatentes mortais eram espancados até à submissão por um homenzinho, demorava algum tempo para inventar uma desculpa que salvasse as aparências.

Rob Qualquerum olhava para ela com uma rara expressão de vergonha. — Desculpe, senhorita. Desculpe, senhorita —, ele disse. — Nós simplesmente bebemos demais. E você sabe, quanto mais você bebe, mais sabe que quer beber ainda mais, até cair, que é quando você sabe que já bebeu o suficiente. Aliás, o que é esse inferno de *crème-de-menthe*? Uma bela cor verde, sabe, devo ter bebido um balde daquela coisa! Suponho que não faz sentido dizer que estamos realmente arrependidos. Mas você sabe, encontramos o lixo inútil para você.

Tiffany olhou para o que restava da Cabeça do Rei. À luz das lanternas, parecia uma espécie de esqueleto cintilante de um edifício.

Enquanto ela observava, uma grande viga começou a ranger e caiu, desculpando-se, sobre uma pilha de móveis quebrados.

— Eu disse para você encontrá-lo; eu não disse que você deveria arrancar fora as portas —, disse ela. Ela cruzou os braços e os homenzinhos ficaram ainda mais próximos uns dos outros; o próximo estágio da raiva feminina seria o bater dos pés, o que geralmente as levava a chorar e a caminhar em direção às árvores. Agora, porém, perfilaram-se ordenadamente atrás dela, da senhora Proust e da capitã Angua.

A capitã acenou com a cabeça para a senhora Proust e disse: — Tenho certeza de que todos concordamos que não serão necessárias algemas... certo, senhoras?

— Ah, você me conhece, capitã —, disse a senhora Proust.

Os olhos da capitã Angua se estreitaram. — Sim, mas não sei nada sobre sua amiguinha. Gostaria que você carregasse a vassoura, senhora Proust.

Tiffany percebeu que não adiantava discutir e entregou a vassoura sem reclamar. Eles caminharam em silêncio, exceto pelos murmúrios abafados dos Nac Mac Feegles.

Depois de algum tempo, o capitão disse: — Não é uma boa hora para se usar chapéus pretos pontudos, senhora Proust. Houve outro caso, nas planícies. Em algum buraco esquecido aonde ninguém vai. Espancaram uma senhora idosa por ter um livro de feitiços.

— Não!

Elas se viraram para Tiffany e os Feegles se chocaram contra seus tornozelos.

A capitã Angua balançou a cabeça. — Desculpe, senhorita, mas aconteceu. Acabou sendo que era um livro de poesia klatchiana, sabe. Toda aquela escrita sinuosa! Suponho que pareça um livro de feitiços para aqueles inclinados a esperar que seja. Ela morreu.

— O The Times é o culpado —, disse a senhora Proust. — Quando eles colocam esse tipo de coisa no jornal, isso dá ideias às pessoas.

Angua encolheu os ombros. — Pelo que ouvi, as pessoas que fizeram isso não gostavam muito de ler.

— Vocês têm que parar isso! — Disse Tiffany.

— Como, senhorita? Nós somos a Guarda da Cidade. Não temos nenhuma jurisdição fora dos muros. Existem lugares nos sertões dos quais provavelmente nunca ouvimos falar. Não sei de onde vem essas coisas. É como se uma ideia maluca tivesse caído do ar. — A capitã esfregou as mãos. — Claro que não temos bruxas na cidade —, disse ela, — embora haja muitas noites de despedida de solteira, não é, senhora Proust? — E a capitã deu uma piscadela. Ela realmente piscou, Tiffany tinha certeza disso; da mesma forma que tivera certeza de que o Capitão Cenoura realmente não gostava muito da Duquesa.

— Bem, acho que as bruxas de verdade logo acabariam com isso —, disse Tiffany. — Certamente fariam isso nas montanhas, senhora Proust.

— Ah, mas não temos bruxas de verdade na cidade. Você ouviu a capitã. — A senhora Proust olhou feio para Tiffany e depois sibilou: — Não discutimos perto de pessoas normais. Isso as deixa nervosas.

Pararam em frente a um grande edifício com luminárias azuis em cada lado das portas. — Bem-vindas à Casa da Guarda, senhoras —, disse a Capitã Angua. — Agora, senhorita Dolorida, terei que trancá-la

numa cela, mas será limpa – sem ratos, quase nenhum – e se a senhora Proust lhe fizer companhia, então, digamos, eu posso ser um meio esquecida e deixa a chave na fechadura, entendeu? Por favor, não saia do prédio, porque você será caçada. — Ela olhou diretamente para Tiffany e acrescentou: — E ninguém deveria ser caçado. É uma coisa terrível ser caçada.

Ela as conduziu pelo prédio até uma fileira de celas surpreendentemente aconchegantes, gesticulando para que entrassem em uma delas. A porta da cela bateu atrás dela e eles ouviram o som de suas botas enquanto ela voltava pelo corredor de pedra.

A senhora Proust foi até a porta e passou a mãos através das grades. Houve um tilintar de metal e sua mão voltou com a chave. Ela colocou-o no buraco da fechadura daquele lado e virou-o. — Aqui —, ela disse. — Agora estamos duplamente seguros.

— Ichh, *Disgraça*! — Disse Rob Qualquerum. — Olha para nós agora! Chutados pruma gaiola!

— De novo! — Disse Wullie Doido. — Num sei se um dia vô poder me olhar de frente.

A senhora Proust sentou-se novamente e olhou para Tiffany. — Tudo bem, garota, o que foi que vimos? Sem olhos, eu percebi. Sem janelas para a alma. Sem alma, talvez?

Tiffany se sentia péssima. Não sei! Eu o encontrei na estrada para cá. Os Feegles passaram direto por ele! Ele parece um fantasma. E ele fede. Você sentiu o cheiro? E a multidão estava se voltando contra nós! Que mal estávamos causando?

— Não tenho certeza se é um "ele", — disse a senhora Proust. — Pode mais ser até um "isso". Poderia ser algum tipo de demônio,

suponho... mas não sei muito sobre eles. O varejo de pequeno porte é mais o meu forte. Não que isso não possa ser um pouco demoníaco às vezes.

— Até Roland se voltou contra mim —, disse Tiffany. — E sempre fomos... amigos.

— Arrã —, disse a senhora Proust.

— Não venha com "arrã" pra cima de mim —, retrucou Tiffany. — Como é que atreve a me vir com um "arrã"?! Pelo menos eu não saio por aí fazendo as bruxas parecerem ridículas!

A senhora Proust deu-lhe um tapa. Foi como levar um tapa de um lápis com borracha. — Você é uma garota rude e impertinente, jovem atrevida. E logo comigo que saio por aí mantendo as bruxas seguras.

Nas sombras do teto, Wullie Doido cutucou Rob Qualquerum.

— Não podemos deixar alguém bater na nossa bruaca piquininha grandona, né Rob?

Rob Qualquerum colocou um dedo nos lábios. — Ah, bem, pode ser um pouquim difícil com esse mulherio discutindo, cê sabe. Fique longe disso, se quiser seguir meus conselhos de homem casado. Qualquer homem que interfira em discussão de mulher vai acabar co'as duas pulando e atacando ele num instantim. Num tô falan'o sobre cruzar os braços, franzir os lábios e bater os pés. Tô falan'o sobre bater com o bastão de cobre.

As bruxas se entreolharam. Tiffany sentiu-se subitamente desorientada, como se tivesse passado de A a Z sem passar pelo resto do alfabeto. — Isso de agora aconteceu mesmo, garota? — Disse a senhora Proust.

— Sim, aconteceu — disse Tiffany bruscamente. — Mas dói ainda.

A senhora Proust disse: — Por que fizemos isso?

— Para dizer a verdade, eu estava com ódio de você —, disse Tiffany. — Apenas por um momento. Isso me assustou. Eu só queria me livrar de você. Você era tão...

— Tão medonha? — Disse a senhora Proust.

— Isso mesmo.

— Ah —, a senhora Proust disse. — Discórdia. Voltar-se contra a bruxa. Sempre culpar à bruxa. Onde isso começa? — Talvez tenhamos descoberto. — Seu rosto feio olhou para Tiffany e então ela disse: — quando você se tornou uma bruxa, garota?

— Acho que foi quando eu tinha uns oito anos —, disse Tiffany. E contou à senhora Proust a história da Senhora Snapperly, a bruxa das aveleiras.

A mulher ouviu atentamente e sentou-se na palha. — Sabemos que isso acontece às vezes —, disse ela. — A cada centenas de anos ou por aí, de repente todo mundo pensa que as bruxas são más. Ninguém sabe por que isso acontece. Simplesmente parece acontecer. Você tem feito alguma coisa ultimamente que possa ter atraído atenção? Algum ato de magia especialmente importante ou algo assim?

Tiffany pensou no passado e disse: — Bem, houve o Colmeeiro. Mas ele não era tão ruim assim. E antes disso houve a Rainha das Fadas, mas isso foi há muito tempo. Foi horrível também, mas de modo geral, acho que bater na cabeça dela com uma frigideira foi a melhor coisa que eu poderia ter feito naquele momento. E, bem, acho que seria melhor dizer que há alguns anos eu beijei o inverno...

A senhora Proust estava ouvindo isso de boca aberta e então disse: — Foi você?

— Sim, Tiffany disse.

— Tem certeza? — A senhora perguntou.

— Sim. Fui eu. Eu estava lá.

— Como foi?

— Frio e depois úmido. Eu não queria ter tido que fazer aquilo. Desculpe, ok?

— Há cerca de dois anos? — Disse a senhora Proust. — Que interessante. Os problemas pareceram começar por volta desta época, sabia? Nada particularmente notável; era como se as pessoas não nos respeitassem mais. Apenas algo no ar, você poderia dizer. Por exemplo, aquele garoto com a pedra esta manhã. Bem, ele nunca teria ousado tentar isso há um ano. As pessoas sempre acenavam para mim quando eu passava, naquela época. E agora eles franzem a testa. Ou fazem algum pequeno sinal, para o caso de eu trazer azar. As outras também me contaram sobre isso. Como tem sido lá onde você vive?

— Não sei, na verdade —, disse Tiffany. — As pessoas ficavam um pouco nervosas comigo, mas no geral suponho que era porque eu conhecida de um monte delas. Mas tudo parecia meio esquisito. E eu achava que era assim que deveria ser. Eu havia beijado o inverno e todo mundo sabia disso. Na verdade, eles continuavam falando sobre aquilo. Quero dizer, aquilo só se deu apenas por uma vez.

— Bem, as pessoas são forçadas a viverem um pouco mais juntas por aqui. E as bruxas têm memória longa. Não me refiro a bruxas como indivíduos; mas todas as bruxas juntas podem se lembrar dos momentos realmente ruins. Quando usar um chapéu pontudo significava ter uma pedra foi atirada contra você, se não pior. E quando você volta mais longe do que isso... é como uma doença —, a senhora Proust disse. —

Isso meio que cresce. Está no vento, como se fosse de pessoa para pessoa. O veneno vai para onde o veneno é bem-vindo. E sempre há uma desculpa, não é mesmo, para atirar uma pedra na velha que parece engraçada. É sempre mais fácil culpar alguém. E depois de chamar alguém de bruxa, você ficaria surpresa de quantas outras coisas você poderia culpá-la.

— Eles apedrejaram o gato dela até a morte —, disse Tiffany, quase para si mesma.

— E agora há um homem sem alma que está seguindo você. E o fedor dele faz até as bruxas odiarem bruxas. Por acaso não sente vontade de atear fogo em mim, senhorita Tiffany Dolorida?

— Não, claro que não —, disse Tiffany.

— Ou me imprensar no chão pondo muitas pedras em cima de mim?

— Do que você está falando?

— Não foram só pedras —, disse a senhora Proust. — Você ouve as pessoas falarem sobre bruxas sendo queimadas; mas não creio que muitas bruxas reais tenham sido queimadas, a menos que tenham sido enganadas de alguma forma; acho que eram principalmente mulheres idosas pobres. As bruxas são geralmente muito "encharcadas" e provavelmente são um desperdício terrível de madeira boa. Mas é muito fácil empurrar uma senhora idosa até o chão e tirar uma das portas do celeiro e colocá-la em cima dela como se fosse um sanduíche e empilhar pedras sobre ela até que ela não consiga mais respirar. E isso faz com que toda a maldade desapareça. Só que não. Porque há outras coisas acontecendo, e outras velhinhas. E quando elas acabam, sempre há os velhos. E sempre os forasteiros. E sempre há os que não se encaixam em nenhum esquema. E então, talvez, um dia, sempre haverá você. É aí que

a loucura para. Quando não há mais ninguém para ficar louco. Você sabe, Tiffany Dolorida, que senti quando você beijou o inverno? Qualquer pessoa com um pingo de talento mágico sentiu alguma coisa. — Ela fez uma pausa e seus olhos se estreitaram. E olhando fixamente para Tiffany. — O que você despertou, Tiffany Dolorida? Que coisa áspera abriu os olhos que não tinha e se perguntou quem você era? O que trouxe sobre nós, senhorita Tiffany Dolorida? O que você fez?

— Você acha que... — Tiffany hesitou e então disse: — que ele está atrás de mim?

Ela fechou os olhos para não ver o rosto acusador e lembrou-se do dia em que beijou o inverno. Houve terror, uma apreensão terrível e a estranha sensação de estar aquecida enquanto estava rodeada de gelo e neve. E quanto ao beijo, bem, foi tão gentil quanto um lenço de seda caindo sobre um tapete. Até que ela derramou todo o calor do sol nos lábios do inverno e o derreteu em água. Gelo para fogo. Fogo para gelo. Ela sempre foi boa com fogo. O fogo sempre foi seu amigo. Não era como se o inverno tivesse morrido; houve outros invernos desde então, mas não tão ruins, nunca tão ruins. E não foi apenas um beijo. Ela fez a coisa certa na hora certa. Foi o que você fez. Por que ela teve que fazer isso? Porque foi culpa dela; porque ela desobedeceu à senhorita Traição e participou de uma dança que não era apenas uma dança, mas a curva das estações e a virada do ano. E, com horror, ela se perguntou: onde isso termina? Você faz uma coisa tola e depois uma coisa para consertar; e quando você corrige, alguma outra coisa dá errado.  Onde isso vai parar? A senhora Proust observava-a fascinada.

— Tudo o que fiz foi dançar —, disse Tiffany.

A senhora Proust pôs a mão em seu ombro. — Minha querida, acho que você terá que dançar de novo. Posso sugerir que você faça algo muito sensato neste momento, Tiffany Dolorida?

— Sim, Tiffany disse.

— Ouça o meu conselho —, disse a senhora Proust. — Normalmente não dou nada, mas fiquei muito animada por pegar aquele rapaz que ficava quebrando minhas janelas. Então estou com humor para um bom humor. Há uma senhora que tenho certeza que gostaria muito de falar com você. Ela mora na cidade, mas você nunca a encontrará, não importa o quanto tente. Mas ela vai encontrar você num piscar de olhos; e meu conselho é que, quando ela te encontrar, você ouça tudo o que ela lhe disser.

— Então, como faço para encontrá-la? — Disse Tiffany.

— Você está com pena de si mesma e não escuta —, disse a senhora Proust. — Ela vai encontrar você. Você saberá quando ela o fizer. Ah, minha nossa, saberá sim. — Ela enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena lata redonda, cuja tampa abriu com uma unha preta.

O ar de repente ficou picante.

— Rapé? — disse ela, oferecendo a lata a Tiffany. — Hábito sujo, claro, mas limpa os tubos e me ajuda a pensar. — Ela pegou uma pitada do pó marrom, colocou-o nas costas da outra mão e cheirou-o com um som que parecia uma buzina ao contrário. Ela tossiu e piscou uma ou duas vezes e disse: — É claro que os bichos-papões marrons não agradam a todos, mas suponho que eles contribuem para aquele olhar desagradável de bruxa. De qualquer forma, espero que em breve nos sirvam o jantar.

— Eles vão nos alimentar? — Disse Tiffany.

— Ah, sim, são uma gente decente, embora o vinho da última vez tenha sido um pouco ruim, na minha opinião —, disse a senhora Proust.

— Mas... estamos em uma prisão.

— Não, minha querida, estamos em celas da polícia. E, embora ninguém diga isso, estamos trancados aqui para nossa proteção. Veja bem, todo mundo está trancado do lado de fora e, embora às vezes ajam como idiotas, policiais não conseguem deixar de ser espertos. Eles sabem que as pessoas precisam de bruxas; eles precisam de pessoas extraoficiais que entendam a diferença entre o certo e o errado, e quando o certo é errado e quando o errado é certo. O mundo precisa de pessoas que trabalham nos limites. Eles precisam de pessoas que possam lidar com os pequenos solavancos e inconvenientes. E os pequenos problemas. Afinal, somos quase todos humanos. Quase todo o tempo. E quase toda lua cheia a capitã Angua vem até mim para preparar uma receita para suas almofadas endurecidas.

A lata de rapé foi usada novamente.

Depois de um tempo, Tiffany disse: — Almofada dura é uma doença de cachorro.

— E lobisomens —, disse a senhora Proust.

— Ah. Achei que havia algo estranho nela.

— Ela mantém o controle, veja bem —, disse a senhora Proust. — E mora com o Capitão Cenoura e não morde ninguém... embora, pensando bem, ela possivelmente morda o Capitão Cenoura, mas... pouco falar, pouco a reparar, tenho certeza de que você concordará. Às vezes o que é legal não é o certo e às vezes é preciso uma bruxa para perceber a diferença. E às vezes um polícia também, se você contar com o tipo certo de polícia. Pessoas inteligentes sabem disso. Pessoas

estúpidas não. E o problema é que pessoas estúpidas podem ser muito inteligentes. A propósito, senhorita, seus amiguinhos barulhentos escaparam.

— Sim —, disse Tiffany. — Eu sei.

— Não é uma vergonha, depois de terem prometido solenemente à Guarda que ficariam? — A senhora Proust evidentemente gostava de manter uma reputação de maldade.

Tiffany limpou a garganta. — Bem —, disse ela, — suponho que Rob Qualquerum lhe diria que há momentos em que as promessas devem ser cumpridas e momentos em que as promessas devem ser quebradas, e é preciso ser um Feegle para saber a diferença.

— Quase se poderia dizer que você veio desta cidade, senhorita Tiffany Dolorida.

Se você precisasse guardar algo que não precisasse ser guardado, possivelmente porque ninguém em sã consciência iria querer roubá-lo, então o cabo Nobbs, da Vigilância da Cidade, seria, por falta de uma maneira melhor de descrevê-lo e na ausência de qualquer evidência biológica concreta em contrário, o seu homem. E agora ele estava parado nas ruínas escuras e esmagadoras da Cabeça do Rei, fumando um cigarro horrível feito de todas as pontas fedorentas de cigarros previamente fumados enrolados em um papel de cigarro novo; e sugando aquela bagunça horrível até aparecer algum tipo de fumaça.

Ele nunca notou a mão que tirou seu capacete, nem sequer sentiu o golpe milimetricamente preciso na cabeça; e certamente não sentiu as mãozinhas calejadas que colocaram o capacete de volta em sua cabeça enquanto baixavam seu corpo adormecido até o chão.

— OK —, disse Rob Qualquerum num sussurro rouco, olhando em volta para as madeiras enegrecidas. — Agora, não temos muito tempo, cêis sabe, então...

— Bem, bem, eu sabia que vocês *fedidus* voltariam aqui se eu esperasse tempo suficiente —, disse uma voz no escuro. — Assim como o cachorro volta a seu vômito e o tolo à sua loucura, assim o criminoso volta à cena do crime.

O guarda conhecido como Arthur Piquininho Louco acendeu um fósforo que era, para um Feegle, uma tocha muito boa. Houve um tilintar quando algo que era do tamanho de um escudo para um Feegle, mas que teria sido um distintivo para um policial humano, caiu no chão na frente dele. — Iss'é para mostrar a vocês, idiotinhas, que não tô de serviço, ok? E né possível ser policial sem distintivo, né não? Eu só queria sabê por que ocês, caloteiros, falam direito como eu faço, porque, cês sabe, não sou um Feegle.

Os Feegles olharam para Rob Qualquerum, que encolheu os ombros e disse: — que diabo cê pensa que é, então?

O Pequeno Arthur Piquininho Louco passou as mãos pelos cabelos, só que nada caiu. — Bem, minha mãe e meu pai me disseram que eu era um gnomo, como eles...

Ele parou de falar porque os Feegles estavam gritando e batendo nas pernas de alegria, o que costumava durar muito tempo. Arthur Piquininho Louco assistiu um pouco antes de gritar:

— Não acho isso engraçado!

— Cê não quer ouvir a si mesmo? — Disse Rob Qualquerum, enxugando os olhos. — Cê tá falando Feegle, pode crer! Sua mamãe e seu papai não te contaram? Nós, Feegles, nascemo sabendo falar!

*Disgraça*! Igual que um cachorro; já nasce sabendo latir! Cê não pode me dizer qu'é um gnomo! A seguir cê vai me dizer que é uma fada!

Arthur Piquininho Loco olhou para suas botas. — Meu pai fez essas botas para mim —, disse ele. — Nunca que tive coragem de dizer prele que num gosto de botas nos pés. A família inteira fabricava e consertava sapatos há centenas de anos, sabe, e eu não era nada bom em remendar; e então um dia, todos os anciãos da tribo me chamaram e disseram que eu era um enjeitado perdido. Que eles tavam se mudando prum novo acampamento e me encontraram, um mininim chorando na estrada bem ao lado de um gavião que eu tinha estrangulado até a morte depois que ele me arrancou do berço; eles achavam que ele estava me levando para casa para alimentar seus filhotes.  E os velhos gnomos tiraram os chapéus e disseram que embora ficassem muito felizes em me deixar ficar, por ser capaz de morder raposas até a morte e tudo mais, talvez fosse hora de eu sair para o mundo grande e descobrir quem era meu povo.

— Bem, mocim, cê encontrou seu povo —, disse Rob Qualquerum dando uma cutucada em suas costas. — Cê fez bem em ouvir um monte de sapateiro velhos. Tem sabedoria no 'queles te falaro, com certeza.

Ele hesitou por um momento e depois continuou:

— No entanto, é um pouquim difícil aceitar que você seja — sem querer ofender — um policial. — Ele deu um pulinho para trás, só por precaução.

— Verdade —, Arthur Piquininho Louco disse, com satisfação. — Considerando que cês são um bando de ladrões depravados sempre embriagados, além de escarnecedores da legalidade, sem qualquer respeito pela lei!

Os Feegles assentiram alegremente, embora Rob Qualquerum tenha dito: — Você se importaria de acrescentar as palavras cachaceiro e desordeiro? Nós num gostamos que nos tomem por coisa pouca.

— E quanto ao roubo-de-gado-de-caracóis, Rob? — Disse Wullie Doido alegremente.

— Beeem —, disse Rob Qualquerum, — na verdade, o roubo-de-gado-de-caracóis ainda está nos estágios iniciais de desenvolvimento neste momento.

— Vocês não têm um lado positivo? — Disse Arthur Piquininho Louco desesperadamente.

Rob Qualquerum parecia confuso. — Nós meio que pensamos que esses eram nossos pontos positivos, mas s'ocê quer ser exigente: nunca roubamo quem num tem dinheiro, temo corações de ouro, embora talvez - OK, principalmente - o ouro de outra pessoa; e nós inventamo o arminho frito. Isso deve contar para alguma coisa.

— Como isso pode ser bom? — Disse Arthur.

— Bom, isso evita qu'algum outro pobre diabo tenha que fazer isso. É o que poderíamos chamar de explosão de sabor; você dá um gole, prova e então há uma explosão.

A despeito de si mesmo, Arthur Piquininho Louco estava sorrindo. — Vocês, rapazes, não têm vergonha?

Rob Qualquerum correspondeu, sorriso por sorriso. — Eu não poderia dizer —, ele respondeu, — mas se temos, provavelmente pertencia a outra pessoa.

— E quanto à pobre garota piquininha grandona jogada na cela da Sede da Guarda? — Disse Arthur Piquininho Louco.

— Oh, ela vai esperar até de manhã —, disse Rob Qualquerum, tão arrogantemente quanto pôde dadas as circunstâncias. — Ela é uma bruaca de recursos consideráveis.

— Cês acha? Vocês *fedidu*s piquinim derrubaram um pub inteiro até o chão! Como alguém pode consertar isso?

Dessa vez, Rob Qualquerum lançou-lhe um olhar mais demorado e pensativo antes de dizer: — Bem, senhor policial, parece que o senhor é um Feegle e um policial. Bem, é assim que o mundo gira. Mas a grande questão para vocês dois é: você é um delator?

O turno estava sendo trocado na Sede da Guarda. Alguém entrou e entregou timidamente à senhora Proust um prato bastante grande de frios e picles, e uma garrafa de vinho com duas taças. Depois de um olhar nervoso para Tiffany, o vigia sussurrou algo para a Senhora Proust e, com um movimento, ela tirou um pequeno pacote do bolso e colocou na mão dele. Ela então se voltou e se sentou novamente na palha.

— E vejo que ele teve a decência de abrir a garrafa e deixar o vinho respirar um pouco —, disse ela, e acrescentou, ao ver o olhar de Tiffany: — o guarda-lanceiro Hopkins tem um pequeno problema: prefere que sua mãe nunca descubra e eu fiz uma pomada bastante útil. Eu não cobro dele, é claro. Uma mão lava a outra, embora no caso do jovem Hopkins eu espere que ele a lave primeiro.

Tiffany nunca tinha bebido vinho antes; em casa você bebia cerveja fraca ou cidra fraca, com álcool apenas o suficiente para matar as coisinhas nojentas e invisíveis que mordem, mas não álcool suficiente para torná-la mais do que um pouco boba. — Bem —, ela disse, — nunca pensei que a prisão seria assim!

— Prisão? Eu te disse, minha querida, isso não é uma prisão! Se você quer saber como é uma prisão, visite o Tanty! Aquilo é um lugar escuro, se você gostar de um! Aqui os guardas não escarram a sua comida... pelo menos quando você está vigiando, e certamente nunca na minha, pode ter certeza disso. O Tanty é um lugar difícil; eles gostam de pensar que qualquer pessoa que for colocada lá pensará mais de duas vezes antes de fazer qualquer coisa que possa colocá-la lá novamente. Eles arrumaram o lugar um pouco, atualmente, e nem todo mundo que entra sai em um caixão de pinho, mas as paredes ainda gritam silenciosamente para quem tem audição. Eu as ouço. — Ela abriu a caixa de rapé com um clique. — E pior do que a gritaria é o som dos canários na ala D, onde prendem os homens que não ousam enforcar. Eles botam cada um sozinho em um quartinho e lhe dão um canário como companhia. — Nesse momento a senhora Proust tomou uma pitada de rapé, com tanta velocidade e volume que Tiffany ficou surpresa por não ter saído pelas suas orelhas.

A tampa da caixa de rapé foi fechada novamente. — Esses homens, observe bem, não são assassinos comuns... ah, não, eles mataram pessoas por um hobby, ou por um deus ou para ter algo para fazer, ou porque não foi um dia muito agradável. Eles fizeram coisas piores do que apenas assassinato, mas sempre terminava com assassinato. Noto que você não tocou na sua carne...?! Ah, bem, se você tem certeza... — a senhora Proust fez uma pausa com um pedaço bastante grande de carne magra em conserva na faca e continuou: — O engraçado, porém, é que esses homens cruéis costumam cuidar de seus canários e choram quando morrem. Os guardas costumam dizer que é tudo uma farsa; dizem que faziam aquilo para os assustar, mas não tenho certeza. Quando eu era jovem, costumava fazer tarefas para os guardas e olhava para aquelas portas grandes e pesadas e ouvia os passarinhos, e me

perguntava o que é que faz a diferença entre um homem bom e um homem tão mal que nenhum carrasco na cidade – nem mesmo meu pai, que poderia tirar um homem de sua cela e tê-lo completamente morto enforcado em sete segundos e um quarto – ousasse colocar uma corda em volta do pescoço deles, para o caso deles, eventualmente, pudessem conseguir escapar dos fogos do inferno e voltassem para se vingar. — A senhora Proust parou ali e estremeceu, como quisesse se livrar das lembranças. — Essa é a vida na cidade grande, garota; não é um ameno canteiro de doces prímulas, como no campo.

Tiffany não ficou muito feliz em ser chamada de garota novamente, mas isso não foi o pior. — Doces prímulas? — Ela disse. — Não havia doces prímulas quando tive que cortar a corda de um homem enforcado. — E ela teve que contar à senhora Proust tudo sobre o senhor Petty e Amber. E sobre o ramalhete de urtigas.

— E seu pai lhe contou sobre as surras? — Perguntou a senhora Proust. — Cedo ou tarde, é tudo uma questão da alma.

A refeição estava saborosa e o vinho surpreendentemente forte. E a palha estava muito mais limpa do que se poderia esperar. Tinha sido um dia longo, acumulado em cima de outros dias longos. — Por favor —, disse Tiffany, — podemos dormir um pouco? Meu pai sempre diz que as coisas ficarão melhores pela manhã.

Houve uma pausa. — Depois de refletir —, disse senhora Proust, — acho que seu pai pode acabar se enganando.

Tiffany deixou que as nuvens do cansaço a levassem. Ela sonhou com canários cantando no escuro. E talvez ela tenha imaginado, mas pensou ter acordado por um momento e visto a sombra de uma anciã olhando para ela. Certamente não era a senhora Proust, que roncava de modo terrível. A forma ficou ali por um momento e depois desapareceu.

Tiffany lembrou: o mundo está cheio de presságios e você escolhe os que te agradarem mais.

## CAPÍTULO 8

## O PESCOÇO DO REI

TIFFANY FOI ACORDADA pelo rangido da porta da cela se abrindo. Ela se sentou e olhou em volta. A senhora Proust ainda dormia e roncava tanto que seu nariz tremia. Correção: a senhora Proust parecia estar dormindo. Tiffany gostava dela, de uma forma cautelosa, mas será que poderia confiar nela? Às vezes ela parecia quase... ler sua mente.

— Eu não leio mentes —, disse a senhora Proust, virando-se.

— Senhora Proust!

A senhora Proust sentou-se e começou a tirar pedaços de palha do vestido.

— Eu não leio mentes —, disse ela, sacudindo e jogando restos de palha no chão. — Eu realmente tenho habilidades aguçadas, mas não sobrenaturais, que aperfeiçoei ao máximo, e não se esqueça disso, por favor. Espero sinceramente que eles nos tragam um café da manhã que não esteja frio.

— Sem problema... o que gostariam que a gente trouxesse?

Eles olharam para cima e viram os Feegles sentados na viga, balançando os pés alegremente.

Tiffany suspirou. — Se eu perguntasse o que vocês estiveram fazendo ontem à noite, mentiria para mim?

— De jeito nenhum, pela nossa honra como Feegles —, disse Rob Qualquerum, com a mão onde achava que estava o coração.

— Bem, isso parece definitivo —, disse a senhora Proust, levantando-se.

Tiffany balançou a cabeça e suspirou novamente.

— Não, não é tão simples assim. — Ela olhou para a viga: — Rob Qualquerum, é verdade o que me disse há pouco? Estou perguntando a você como a bruxa das colinas.

— Ah, sim.

— E isto agora?

— Ah, sim.

— E isto agora?

— Ah, sim.

— E isto agora?

— Ah... bem, só uma mentirinha, sabe, dificilmente é uma mentira, só algo que num seria bom de cê saber.

Tiffany virou-se para a senhora Proust, que sorria. — Os Nac Mac Feegles acham que a verdade é tão preciosa que não deveria ser muito divulgada —, disse ela, como que se desculpando.

— Ah, pessoas que agradam a meu coração —, disse a senhora Proust, mas então, lembrando-se, acrescentou: — Se eu tivesse um, claro.

Ouviu-se o som de botas pesadas, que se aproximavam sem perder peso, mas muito rapidamente, e descobriu-se que pertenciam a um guarda alto e magro, que cumprimentou a Senhora Proust tocando seu capacete e a Tiffany com um aceno de cabeça.

— Bom dia, senhoras! Meu nome é policial Haddock e me disseram para avisar que vocês foram dispensadas, mas com uma advertência —, disse ele. — Embora eu deva lhes dizer que ninguém sabe exatamente sobre o que eu deva adverti-las, pelo que posso dizer, e se eu fosse vocês me considerariam geralmente na situação de estarem advertidas, por assim dizer, de uma maneira geral e genericamente inespecífica, e espero que um pouco castigadas pela experiência, sem intenção de ofender, tenho certeza. — Ele tossiu e continuou, depois uma olhadela nervosa à senhora Proust —, E o Comandante Vimes pediu-me para deixar claro que os indivíduos conhecidos conjuntamente como Nac Mac Feegle deverão sair desta cidade até o pôr do sol.

Houve um coro de reclamações dos Feegles na trave, que na opinião de Tiffany eram tão bons em indignação atônita quanto em embriaguez e roubo:

— Ah, cês não iria implicar co'a gente se a gente fosse grandes!

— Num foi nenhum de nós! Foi um sujeito grande que depois saiu correndo!

— Nós num tava lá! Pode perguntar pra eles! Eles também não tavam lá! — E outras desculpas desse tipo, cê sabe.

Tiffany bateu o prato de lata nas barras até que silenciassem. Então ela disse: — desculpe-me, por favor, policial Haddock. Tenho certeza de que todos lamentamos muito pelo pub... — ela começou, e ele acenou para ela.

— Se quer meu conselho, senhorita, simplesmente saia em silêncio e não fale com ninguém sobre pubs.

— Mas veja... todos nós sabemos que eles destruíram a Cabeça do Rei e...

O policial a interrompeu novamente. — Passei pela Cabeça do Rei esta manhã —, disse ele, — e definitivamente não estava destruída. Na verdade, havia multidões ali. Todos na cidade foram dar uma olhada naquilo. A Cabeça do Rei está exatamente como sempre foi, até onde posso ver, com apenas um pequeno detalhe que é, a saber, que agora está de trás para frente.

— O que você quer dizer com "de trás para frente"? — Perguntou a senhora Proust.

— Quero dizer que está virada ao contrário —, disse o policial pacientemente, — e quando estive lá agora há pouco, pode apostar que não a chamavam mais de Cabeça do Rei.

A testa de Tiffany enrugou-se. — Então... eles estão chamando agora de Pescoço do Rei? — O policial Haddock sorriu. — Bem, sim, posso ver que é uma jovem bem-educada, senhorita, porque a maioria das pessoas por aí está chamando de C...

— Não tolero obscenidades! — Disse severamente a senhora Proust.

Sério mesmo? Pensou Tiffany. Com meia vitrine cheia de "nem-diga-o-nome" infláveis e cor-de-rosa e outros itens misteriosos que não tive a chance de ver com muita clareza? Mas suponho que seria um mundo estranho se fôssemos todos iguais, e especialmente se fôssemos todos iguais à senhora Proust.

E no alto ela podia ouvir o sussurro dos Nac Mac Feegles, com Wullie Doido fazendo mais barulho do que o normal. — Eu falei, num falei? Eu disse que aquela coisa tava de trás para frente, eu disse, mas não, cês não prestaro atenção! Posso ser doido, mas num sou estúpido.

A Cabeça do Rei, ou pelo menos qualquer parte da anatomia do rei que fosse agora, não estava muito longe, mas as bruxas tiveram que abrir caminho através da multidão quando estavam a pelo menos cem metros de distância, e muitas das pessoas da multidão seguravam canecas de cerveja nas mãos. A senhora Proust e Tiffany usavam botas com tachas, uma bênção para quem precisasse passar apressada por uma multidão e lá, na frente delas estava, na falta de uma palavra melhor, (embora os Feegles talvez tivessem usado uma palavra diferente; e na verdade os Feegles não teriam hesitado em usar uma palavra diferente...), bem, estava o que agora era chamado o Traseiro do Rei, o que foi um alívio. Parado em frente à porta dos fundos, que agora cumpria a função anteriormente deixada para a porta da frente, distribuindo canecas de cerveja com uma das mãos e pegando dinheiro com a outra, estava o senhor Wilkin, o proprietário. Ele parecia um gato no dia em que choveu ratos.

De vez em quando, ele conseguia encontrar tempo nesse esforço heroico para dizer algumas palavras a uma senhora magra, mas de aparência decidida, que anotava coisas em um bloco.

— A senhora Proust cutucou Tiffany. — Vê aquela ali? Essa é a senhorita Cripslock do The Times, e ali... — ela apontou para um homem alto com uniforme da Patrulha — — bem ali, o homem com quem ela está falando, é o Comandante Vimes da Patrulha da Cidade.

Homem decente, parece sempre mal-humorado, e não suporta maluquices sem sentido. Isso vai ser interessante porque ele não gosta de nenhum tipo de rei; um de seus ancestrais cortou a cabeça do último rei que tivemos.

— Isso é terrível! Ele mereceu isso?

A senhora Proust hesitou por um momento e depois disse: — Bem, se é verdade o que disseram ter encontrado em sua masmorra particular, então a resposta é "sim" em letras grandes. De qualquer forma, eles levaram o ancestral do comandante a julgamento, porque, aparentemente, cortar cabeças de reis sempre causa uma certa quantidade de comentários. Quando o homem estava no banco dos réus, tudo o que ele disse foi: "Se a besta tivesse cem cabeças, eu não teria descansado até ter cortado todas elas.", o que foi considerado uma confissão de culpa. Ele foi enforcado e, muito mais tarde, ergueram-lhe uma estátua, o que lhe diz mais sobre as pessoas do que você gostaria de saber. O apelido dele era Velho Cara de Pedra e, como você pode ver, é de família.

Tiffany podia, e isso acontecia porque o comandante estava se movendo propositalmente em direção a ela; sua expressão a de um homem que tinha muitas coisas por fazer, todas elas mais importantes do que o que ele estava tendo que fazer agora. Ele fez um pequeno aceno

respeitoso para a senhora Proust e tentou, sem sucesso, não encarar Tiffany.

— Você fez isso? — Não, senhor!

— Você sabe quem fez isso?

— Não, senhor.

O comandante franziu a testa. — Mocinha, se um ladrão invade uma casa e depois volta e coloca tudo onde estava, ainda aconteceu um crime, entendeu? E se um edifício que foi gravemente danificado, juntamente com o seu conteúdo, for encontrado na manhã seguinte, todo brilhante e novo, embora virado para o lado errado, também eles – e portanto, os envolvidos – ainda são, no entanto, criminosos. Só que não tenho ideia de como chamar isso e, francamente, preferiria que me livrassem de toda essa maldita história.

Tiffany piscou. Ela não tinha ouvido a última frase, não exatamente; mesmo assim se lembrava de tê-lo feito. Deviam ter sido as tais palavras derramadas! Ela olhou para senhora Proust, que assentiu alegremente, e na cabeça de Tiffany havia uma palavrinha que dizia "sim".

Em voz alta, senhora Proust disse: — Comandante, parece-me que nenhum dano real foi causado, dado que, fosse eu um juiz, veria que o senhor Wilkins aqui está fazendo um comércio estrondoso no Traseiro do Rei e provavelmente não aceitaria de bom grado a volta da Cabeça do Rei.

— Certíssimo! — Disse o proprietário, enfiando dinheiro em uma sacola. O Comandante Vimes estava carrancudo e Tiffany captou as palavras que ele estava quase dizendo, mas não de fato: — não vai haver volta de nenhum rei enquanto eu estiver aqui!'

A senhora Proust intrometeu-se novamente. — Que tal deixar que seja chamado de Pescoço do Rei? — Ela sugeriu. — Especialmente porque ele parece ter caspa, cabelo oleoso e um furúnculo grande e maduro!

Para deleite de Tiffany, o rosto da comandante permaneceu impassível como sempre, mas ela captou o tremor de uma palavra derramada que era um triunfante "Sim!". E nesse ponto senhora Proust, que acreditava em garantir a vitória por todos os meios à sua disposição, entrou na conversa novamente com: — Esta é Ankh-Morpork, senhor Vimes; no verão o rio pega fogo e costuma chover peixes e estrados de camas. Então, no grande esquema das coisas, quando você pensa sobre isso, o que há de tão errado em um pub girando em seu eixo? A maioria de seus clientes faz o mesmo! A propósito, como está o seu rapazinho?

Aquela pergunta inocente pareceu surpreender o comandante. — Ah. Ele... ah, eu... ele está bem. Ah, sim, muito bem. Você estava certa. Tudo o que ele precisava era de uma bebida com gases e um grande arroto. Posso conversar com você em particular, senhora Proust? O olhar que ele lançou para Tiffany deixou bem claro que "privado" não a incluía.

Ela então abriu caminho com cuidado por entre a multidão de pessoas alegres, às vezes alegres demais; pessoas esperando para tirar fotos em frente ao Pescoço do Rei, e deixou-se desaparecer em primeiro plano e ouvir Rob Qualquerum comandando as tropas, que o ouviriam quando não houvesse nada melhor para fazer.

— Muito bem —, ele dizia, — qual de vocês, *fedidus*, decidiu pintar um pescoço de verdade na placa? Tenho certeza de que normalmente não é feito assim.

— Foi Wullie —, Disse Yan Grandão. — Ele achou que as pessoas iam pensar que sempre foi assim. Ele é doido, cê sabe.

— Às vezes a loucura acerta —, disse Tiffany. Ela olhou em volta... E lá estava ele, o homem sem olhos, andando no meio da multidão, atravessando por entre as pessoas como se fossem fantasmas; mas ela podia ver que eles sentiam a presença dele de alguma forma; um homem passou a mão no rosto, como se sentisse o caminhar de uma mosca; outro deu um tapa na própria orelha. Entretanto, pouco depois elas foram... mudadas. Quando seus olhos viram Tiffany, eles se estreitaram; então homem fantasmagórico se dirigiu a ela e toda a multidão tornou-se uma enorme carranca. E aí veio o fedor, arrastando-se atrás dele e tornando a luz do dia cinzenta. Era como o fundo de um lago onde coisas morreram e apodreceram durante séculos.

Tiffany olhou em volta desesperadamente. A virada da Cabeça do Rei enchera a rua de curiosos e sedentos. As pessoas tentavam cuidar de seus negócios, mas eram cercadas pela multidão na frente e pela multidão atrás delas e, claro, pelas pessoas com bandejas e carrinhos que enxameavam pela cidade e tentavam vender alguma coisa para qualquer um que ficasse parado por mais de dois segundos. Ela podia sentir a ameaça no ar, mas na verdade era mais do que uma ameaça... era ódio, crescendo como uma planta depois da chuva, enquanto o homem de preto se aproximava. Aquilo a assustou. É claro que ela tinha os Feegles com ela, mas, de modo geral, os Feegles tiravam você de problemas, colocando-o em um tipo diferente de problema.

O chão se moveu repentinamente embaixo dela. Houve um ruído metálico de raspagem e o fundo do seu mundo caiu, mas apenas cerca de um metro e oitenta. Enquanto ela cambaleava na escuridão sob a calçada, alguém passou por ela com um alegre "Com licença".

Houve mais ruídos metálicos inexplicáveis e o buraco redondo acima de sua cabeça desapareceu na escuridão.

— Tivemos muita sorte, aqui —, disse a voz educada. — O único que vamos conseguir por hoje, imagino. Por favor, tente não entrar em pânico até eu acender a lanterna de segurança. Se você quiser entrar em pânico depois disso, vai depender inteiramente de você. Fique perto de mim e quando eu disser: "Ande o mais rápido possível enquanto prende a respiração", faça isso, pelo bem de sua sanidade, de sua garganta e, possivelmente, de sua vida. Não me importa se você entende ou não; apenas faça, porque talvez não tenhamos muito tempo.

Um fósforo foi aceso. Houve um pequeno estalo e um brilho verde-azulado no ar bem na frente de Tiffany. — Só um pouco de gás do pântano —, disse o informante invisível. — Não é tão ruim; nada com que se preocupar ainda, mas fique por perto, lembre-se!

O brilho verde-azulado começou a se mover muito rápido e Tiffany teve que andar também rapidamente para acompanhá-lo, o que não era tarefa fácil, porque o chão sob suas botas era, por sua vez, como cascalho, lama ou ocasionalmente algum tipo de líquido, mas provavelmente não do tipo do qual você gostaria de saber. Aqui e ali, ao longe, havia pequenos brilhos de outras luzes misteriosas, como fogos-fátuos que você às vezes vê em terreno pantanoso.

— Vamos, não se atrase! — Disse a voz à sua frente.

Logo Tiffany perdeu todo o senso de direção e, aliás, de tempo.

Então houve um clique e a figura foi delineada contra o que parecia ser uma porta perfeitamente comum, exceto que era em arco terminava em um ponto no topo.

— Por favor, tenha a gentileza de limpar bem os pés no tapete do lado de dentro; vale a pena tomar precauções aqui.

Atrás da figura ainda sombria, velas se acendiam e agora iluminavam uma figura feminina com roupas pesadas e rígidas, botas grandes e um capacete de aço na cabeça; entretanto, enquanto a observava, a figura retirou cuidadosamente o capacete. Ela balançou o rabo de cavalo, o que sugeria que ela era jovem, mas seu cabelo era branco, sugerindo que ela era velha. Ela era, pensou Tiffany, uma daquelas pessoas que escolhe para si um visual que combina com elas e não atrapalha, e nunca o muda até morrer. Também havia rugas, e a guia de Tiffany tinha o ar preocupado de alguém que tenta pensar em várias coisas ao mesmo tempo; e pela expressão em seu rosto ela estava tentando pensar em todas estas coisas. Havia uma pequena mesa na sala, com um bule de chá, xícaras e uma pilha de pequenos cupcakes.

— Entre —, disse a mulher. — Bem-vinda. Mas onde estão meus modos? Meu nome é... Smith, por agora. Acredito que senhora Proust possa ter me mencionado? E você está nas Herdades Irreais, possivelmente o lugar mais instável do mundo. Gostaria de algum chá?

As coisas tendem a parecer melhores quando o mundo para de girar e você tem uma bebida quente à sua frente, mesmo que ela esteja sobre uma caixa velha.

— Lamento que não seja um palácio —, disse a senhorita Smith. — Nunca fico aqui mais do que alguns dias seguidos, mas preciso estar perto da Universidade e ter privacidade absoluta. Este era um pequeno chalé fora dos muros da Universidade, sabe, e os bruxos costumavam jogar fora todos os seus resíduos aqui. Depois de algum tempo, todos os diferentes pedaços de lixo mágico começaram a reagir uns com os outros de maneiras que só posso chamar de imprevisíveis. Tipo, ratos

falantes, pessoas com as sobrancelhas crescendo até um metro e oitenta de comprimento e os sapatos andando sozinhos. As pessoas que moravam nas proximidades fugiram, e seus sapatos também. E como não havia mais ninguém reclamando, a Universidade simplesmente jogou ainda mais coisas por cima do muro. Nesse aspecto, os bruxos são como gatos quando vão ao sanitário; uma vez que você se afaste dele, não estará mais lá. — É claro que depois se tornou um vale-tudo, com quase todo mundo jogando qualquer coisa e fugindo muito rapidamente, muitas vezes perseguido por sapatos, mas nem sempre com sucesso. Gostaria de um cupcake? E não se preocupe, comprei-os de manhã de um padeiro bastante confiável, então sei que estão frescos; e praticamente dominei a magia por aqui há cerca de um ano atrás. Não foi muito difícil; magia é em grande parte uma questão de equilíbrio, mas é claro que você sabe disso. De qualquer forma, o resultado é que há uma névoa tão mágica sobre este lugar que duvido que até mesmo um deus possa ver isso. — A senhorita Smith comeu delicadamente metade de um cupcake e equilibrou a outra metade em seu pires. Então se inclinou para mais perto de Tiffany.

— Qual foi a sensação, senhorita Tiffany Dolorida, quando você beijou o inverno?

Tiffany olhou para ela por um momento. — Olha, foi só um beijinho, ok? E sem línguas, garanto! — Então ela disse: — você é a pessoa que a senhora Proust disse que iria me encontrar, não é?

— Sim —, disse a senhorita Smith. — Espero que isso seja óbvio. Eu poderia lhe dar um sermão longo e complicado — ela continuou bruscamente —, mas acho que seria melhor se eu lhe contasse uma história. Sei que você foi ensinada por Vovó Cera-do-Tempo, e ela te contou que o mundo é feito de histórias. E é melhor que eu diga de antemão que esta é uma das mais desagradáveis.

— Eu sou uma bruxa, você sabe —, disse Tiffany. — Já vi coisas desagradáveis.

— É o que você pode pensar —, disse a senhorita Smith. — Mas, por enquanto, quero que você imagine uma cena, há mais de mil anos e imagine um homem, ainda muito jovem. E ele é um caçador de bruxas, um queimador de livros e um torturador, porque pessoas mais velhas que ele, que são muito mais vis do que ele, lhe disseram que é isso que o Grande Deus Om quer que ele seja. E neste dia ele encontrou uma mulher que é uma bruxa, e ela é linda, surpreendentemente linda, o que é bastante incomum entre as bruxas, pelo menos naquela época...

— Ele se apaixona por ela, não é? — Interrompeu Tiffany.

— Claro —, disse a senhorita Smith. — Garoto conhece garota, um dos maiores motores de causalidade narrativa no multiverso ou, como algumas pessoas podem dizer, "Tinha que acontecer". Gostaria de continuar este discurso sem interrupções, pode ser?

— Mas ele vai ter que matá-la, não é?

A senhorita Smith suspirou. — Já que você perguntou, não necessariamente. Ele acha que se ele a resgatar e eles conseguirem chegar ao rio, então eles poderão ter uma chance. Ele está desnorteado e confuso. Ele nunca teve sentimentos assim antes. Pela primeira vez na vida, ele realmente precisa pensar por si mesmo. Há cavalos não muito longe. Há alguns guardas e alguns outros prisioneiros, e o ar está cheio de fumaça porque há uma pilha de livros em chamas, o que está fazendo os olhos das pessoas lacrimejarem.

Tiffany se inclinou para a frente na cadeira, tentando captar às pistas, tentando descobrir o final com antecedência.

— Há alguns aprendizes que ele está treinando, e também alguns membros muito antigos da igreja Omniana que vieram assistir e abençoar os procedimentos. E, finalmente, há várias pessoas da aldeia vizinha que estão a aplaudir ruidosamente porque não serão elas que vão ser mortas e geralmente não têm muito entretenimento. Na verdade, é praticamente mais um dia no escritório, só que a garota que está sendo amarrada à estaca pelos aprendizes chamou sua atenção e agora o observa com muita atenção, sem dizer uma palavra, nem mesmo gritando uma palavra, ainda não.

— Ele tem uma espada? — Perguntou Tiffany.

— Sim, ele tem. Posso continuar? Bom. Agora, ele caminha em direção a ela. Ela está olhando para ele, sem gritar, apenas observando e ele está pensando... o que ele está pensando? Ele está pensando: "Posso enfrentar os dois guardas? Os aprendizes me obedecerão?" E então, ao se aproximar, ele se pergunta se conseguiriam chegar até os cavalos em meio a toda aquela fumaça.  E este é um momento eternamente congelado no tempo. Grandes acontecimentos aguardam sua decisão. De qualquer forma, uma ação simples e a história será diferente e você pensará que depende do que ele fizer a seguir. Mas veja bem, o que ele está pensando não importa, porque ela sabe quem ele é e o que fez, e as coisas ruins que ele fez e pelas quais é famoso, e enquanto ele caminha em sua direção, inseguro, ela o conhece pelo que ele é, mesmo que ele desejasse não ser, e passa suavemente as duas mãos pela armação de vime que colocaram em volta dela para mantê-la de pé, e o agarra e o segura com força enquanto a tocha cai sobre a madeira oleosa e as chamas brotam. Ela nunca tira os olhos dele e nunca afrouxa o aperto... Gostaria de uma xícara de chá fresco?

Tiffany piscou para afastar a fumaça, as chamas e o choque. — Por favor, como você sabe tanto sobre isso? — Perguntou.

— Eu estava lá.

— Mil anos atrás? — Sim.

— Como você chegou lá?

— Eu caminhei —, disse a senhorita Smith. — Mas esta não é a questão. A questão é que então ocorreu a morte – e o nascimento – daquilo que chamamos de Homem Astuto. E ele ainda era um homem, no começo. Ele ficou com feridas terríveis, é claro. Que duraram muito, muito tempo. E a caça às bruxas continuou... minha nossa, continuou sim. Você não saberia dizer a quem os outros caçadores de bruxas mais temiam: as bruxas ou a ira do Homem Astuto se eles não encontrassem as bruxas que ele exigia e acredite, com o Homem Astuto em seus calcanhares, você encontrará tantas bruxas quanto ele quiser, ah, sim.

— E o próprio Homem Astuto sempre conseguia encontrar às bruxas. Era incrível. Considere uma pequena vila tranquila onde todos se davam razoavelmente bem e onde não se havia encontrado a nenhuma bruxa. Porém, quando o Homem Astuto chegava, de repente havia bruxas por toda parte mas, infelizmente, não por muito tempo. Ele acreditava que as bruxas eram a razão de quase tudo de ruim que acontecia; e que roubavam bebês e faziam com que as esposas fugissem dos maridos e que o leite azedasse. Acho que a minha favorita foi a de que as bruxas iam para o mar em cascas de ovo para afogar marinheiros honestos. — Neste ponto, a senhorita Smith levantou a mão. — Não, não diga que seria impossível até mesmo para uma pequena bruxa entrar em uma casca de ovo sem esmagá-la, porque isso é o que nós na arte chamaríamos de argumento lógico e, portanto, ninguém que quisesse acreditar que as bruxas afundavam os navios prestaria qualquer atenção a isso.

— Isso não poderia continuar, é claro. As pessoas podem ser muito estúpidas e podem se assustar facilmente, mas às vezes você encontra pessoas que não são tão estúpidas e não têm tanto medo; e assim o Homem Astuto é expulso do mundo. Jogado fora como o lixo que ele é.

— Mas esse não foi o fim dele. Tão grande, tão temível era seu ódio por qualquer coisa que ele considerasse bruxaria que de alguma forma ele conseguiu viver apesar de não ter mais um corpo. Embora não houvesse mais pele nem osso, sua raiva era tanta que ele sobreviveu. Como um fantasma, talvez. E, de vez em quando, encontrando alguém que o deixasse entrar. Há muitas pessoas por aí com mentes venenosas que se abrirão para ele. E há quem prefira estar por trás do mal do que diante dele, e um deles escreveu para ele o livro conhecido como A Fogueira das Bruxas.

— Mas quando ele assume o controle de um corpo... – e acredite, no passado, existiram aquelas pessoas desagradáveis que pensaram que suas terríveis ambições seriam satisfeitas se lhe permitissem fazê-lo – o dono do corpo logo descobre que não tem controle de forma alguma. Eles também se tornam parte dele. E só quando é tarde demais é que percebem que não há escapatória, não há libertação. Exceto na morte...

— O veneno vai para onde o veneno é bem-vindo —, disse Tiffany. — Mas dá a impressão de que pode entrar, seja bem-vindo ou não.

— Sinto muito —, disse a senhorita Smith, — mas direi: "bem-feito". Você é tão boa quanto dizem. Realmente não há nada físico agora no Homem Astuto. Nada que você possa ver. Nada que você possa possuir. E embora muitas vezes mate aqueles que foram tão generosos em sua hospitalidade, ele ainda parece prosperar. Sem um corpo para chamar de seu, ele flutua no vento e, suponho, que durma de alguma

forma. E se ele fizer isso, eu sei com o que ele sonha. Ele sonha com uma linda jovem bruxa, a mais poderosa de todas as bruxas.

E ele pensa nela com tanto ódio que, segundo a teoria das cordas elásticas, ele percorre todo o universo e volta vindo de uma direção diferente; de modo que parece ser uma espécie de amor. E ele quer vê-la novamente. Nesse caso, ela quase certamente morrerá.

— Algumas bruxas – verdadeiras bruxas de carne e osso – tentaram lutar contra ele e venceram. E às vezes elas tentaram e morreram. E então, um dia, uma garota chamada Tiffany Dolorida, por causa de sua desobediência, beijou o inverno. O que, devo dizer, ninguém nunca fez antes. E o Homem Astuto acordou. — A senhorita Smith largou a xícara. — Como bruxa, você sabe que não deve ter medo?

Tiffany assentiu.

— Bem, Tiffany, você deve criar um lugar para o medo, o medo sob controle. Achamos que a cabeça é importante, que o cérebro se senta como um monarca no trono do corpo. Mas o corpo também é poderoso e o cérebro não consegue sobreviver sem ele. Se o Homem Astuto assumir o controle do seu corpo, não acho que você seria capaz de lutar contra ele. Ele será diferente de tudo que você já conheceu antes. Ser capturada significará, em última análise, morrer. O que é pior, tornar-se sua criatura. Nesse caso, a morte será uma libertação desejada. E assim ficam as coisas, senhorita Tiffany Dolorida. Ele acorda, fica à deriva, procura por ela. Procura por você.

— Bem, pelo menos nós a encontramos —, disse Rob Qualquerum. — Ela está em algum lugar deste monturo purulento.

Os Feegles estavam boquiabertos diante da bagunça borbulhante e supurante das Herdades Irreais. Coisas misteriosas caíam, giravam e explodiam sob os escombros.

— Será morte certa entrar aí —, disse Arthur Piquininho Louco. — Morte certa. Cês tão condenados.

— Ah, sim, estaremos todos condenados, mais cedo ou mais tarde —, disse Rob Qualquerum jovialmente. Ele fungou. — Que diabos é esse fedor?

— Desculpe, Rob, fui eu —, disse Wullie Doido.

— Ah, não, conheço o seu cheiro — disse Rob. — Mas sei que já senti o cheiro antes.

Foi aquela coisa esquisita que a gente cheirou na estrada. Tão lembrando? Todo de preto. Muito carente no departamento de globo ocular. Maldição pra ele, que a maldição ele fedia. E me lembro que ele falou umas palavras muito das feias para a nossa bruaca piquininha grandona. Minha Jeannie mando que a gente devemos ficar sempre por perto da bruaca piquininha grandona e acho que aquele *fedidu* precisa de um banho.

Arthur Piquininho Louco precipitou as coisas. — Bem, Rob, entrar lá é contra a lei, sabe? — Ele apontou para uma placa antiga e meio derretida, mas legível, na qual estavam as palavras: ACESSO ESTRITAMENTE PROIBIDO.

Rob Qualquerum olhou para ele. — Homessa, agora cê não me dá nenhuma escolha —, disse ele, — e ainda me fez lembrar que já tamos todos mortos.[27]

[27] Na verdade, os Nac Mac Feegle acreditam que o mundo é um lugar tão maravilhoso que, para terem entrado nele, devem ter sido muito bons em outra existência e ter chegado, por assim dizer, ao céu. É claro que às vezes eles pareciam morrer, mesmo aqui, mas gostam de pensar nisso como

PORRADA!

Havia dezenas de perguntas que Tiffany poderia fazer, mas a que lutava para chegar ao topo era: "que acontecerá se o Homem Astuto me alcançar?"

A senhorita Smith olhou para o teto por um momento. — Bem, suponho que do ponto de vista dele, será como um casamento. Do seu ponto de vista, será exatamente como estar morta. Não, pior, porque você estará lá dentro, olhando o que ele pode fazer com todos os seus poderes e todas as suas habilidades para com todas as pessoas que você conhece. Comemos o último cupcake?

Não vou demonstrar nenhum medo, disse Tiffany para si mesma. — Fico feliz em ouvir isso —, disse a senhorita Smith em voz alta.

Tiffany pulou da cadeira furiosa. — Não se atreva a fazer isso, senhorita Smith!

— Tenho certeza de que havia mais um cupcake —, disse a senhorita Smith, e depois acrescentou: — Esse é o espírito, senhorita Tiffany Dolorida.

— Eu já derrotei um Colmeeiro, sabe? Posso cuidar de mim mesma.

— E sua família? E todo mundo que você conhece? De um ataque que eles nem saberão de onde veio? Você não entende. O Homem Astuto não é um homem, embora já tenha sido, e agora nem é um fantasma. Ele é uma ideia. Infelizmente ele é uma ideia cuja hora chegou.

---

uma partida para nascer de novo. Numerosos teólogos especularam que esta era uma ideia estúpida, mas certamente era mais agradável do que muitas outras crenças. N.A.

— Bem, pelo menos eu sei quando ele está perto de mim —, disse Tiffany, pensativa. — Há um fedor terrível. Até pior que o dos Feegles.

A senhorita Smith assentiu. — Sim, vem da mente dele. É o cheiro da corrupção... corrupção do pensamento e da ação. Sua mente capta isso e não sabe o que fazer com isso, então arquiva-o em "fedor". Todos os que têm inclinação para a magia podem cheirá-lo; mas quando as pessoas comuns o encontram, isso as transforma, torna-as um pouco parecidas com ele. E assim os problemas o acompanham onde quer que ele vá.

E Tiffany sabia exatamente a que tipo de problema ela se referia, embora suas memórias a levassem de volta no tempo, para antes de o Homem Astuto acordar.

Em sua mente ela podia ver as peças com bordas pretas soprando de um lado para o outro no vento do final do outono, suspirando com desespero no ouvido de sua mente; e o pior de tudo, ah, sim, o pior de tudo, o nariz de sua mente farejou o cheiro forte e acre de papel antigo meio queimado. Em sua memória, alguns dos pedaços flutuavam ao vento impiedoso como mariposas que haviam sido esmagadas e quebradas, mas ainda assim tentavam voar desesperadamente.

E havia estrelas neles.

As pessoas marcharam sob a música quebrada e arrastaram rudemente para fora a anciã enrugada, cujo único crime, até onde Tiffany podia ver, era não ter mais dentes e cheirar a xixi. Eles atiraram pedras, quebraram janelas, mataram o gato, e tudo isso foi feito por pessoas boas, pessoas legais, pessoas que ela conhecia e encontrava todos os dias; e eles fizeram todas essas coisas sobre as quais, mesmo agora, nunca comentavam. Foi um dia que de alguma forma desapareceu do calendário. E foi naquele dia, com um bolso cheio de

estrelas carbonizadas, sem saber o que estava fazendo, mas determinada a fazê-lo, ela se tornou uma bruxa.

— Você disse que outras lutaram contra ele? — Ela perguntou à senhorita Smith. — Como conseguiram fazê-lo?

— Aquele último cupcake ainda estava no saco com o nome do padeiro, tenho certeza. Você não está sentada em cima, está? — A senhorita. Smith pigarreou e disse: — Sendo bruxas muito poderosas, entendendo o que significa ser uma bruxa poderosa e aproveitando todas as oportunidades, usando todos os truques e, suspeito, entendendo a mente do Homem Astuto antes dele entender a delas. Eu me arrastei penosamente por muito tempo para aprender sobre o Homem Astuto —, ela acrescentou, — e a única coisa que posso lhe dizer com certeza é que a maneira de matar o Homem Astuto é com astúcia. Você precisará ser mais astuta do que ele.

— Ele não pode ser tão astuto se demorou todo esse tempo para me encontrar —, disse Tiffany.

— Sim, isso me intriga —, disse a senhorita Smith. — E deveria intrigar você. Eu esperava que isso levasse muito tempo. Mais de dois anos, pelo menos. Ou ele foi muito inteligente – e, francamente, ele não tem nada com que ser inteligente – ou, de alguma forma, alguma outra coisa chamou sua atenção. Alguém mágico, eu acho. Você conhece alguma bruxa que não seja sua amiga?

— Certamente que não —, disse Tiffany. — Alguma das bruxas que o derrotaram ainda está viva?

— Sim.

— Estava pensando, se eu encontrasse alguma... talvez pudessem me dizer como fizeram isso?

— Já te falei. Ele é o Homem Astuto. Por que ele deveria cair no mesmo truque duas vezes? Você tem que encontrar seu próprio caminho. Aquelas que a treinaram não esperariam nada menos.

– Isso não é algum tipo de teste, é? – Disse Tiffany, e então ficou envergonhada com o quão ridículo aquilo soou. — Não se recorda do que Vovó Cera-do-Tempo sempre diz? — Disse a senhorita Smith.

— Tudo é um teste. — Elas disseram isso juntas em uma só voz, se entreolharam e riram.

Nesse momento se ouviu um cacarejar. A senhorita Smith abriu a porta e uma pequena galinha branca entrou, olhou em volta com curiosidade e explodiu. Onde estivera havia uma cebola, totalmente equipada com mastro e velas. — Lamento que você tenha visto isso —, disse a senhorita Smith. Ela suspirou. — Acontece o tempo todo, eu receio. As Herdades Irreais nunca são estáticas, veja você. Toda a magia, batendo uma na outra, pedaços de feitiços se enrolando em outros feitiços, novos feitiços sendo criados nos quais ninguém jamais pensou antes... é uma bagunça. Isso gera coisas de forma bastante aleatória. Ontem encontrei um livro sobre cultivo de crisântemos, impresso em cobre sobre água. Você poderia pensar que ele tenderia a chapinhar um pouco, mas tudo parecia que se manteria unido até que a magia acabasse.

— Isso trouxe má sorte para a galinha —, disse Tiffany nervosamente.

— Bem, posso garantir que não era uma galinha há dois minutos —, disse a senhorita Smith, — e agora provavelmente está gostando de ser um vegetal marítimo. Agora talvez você possa entender por que não passo muito tempo aqui. Certa vez, tive um incidente com uma escova

de dente que não esquecerei tão cedo. — Ela empurrou ainda mais a porta e Tiffany viu os *emaranhados*.

Não havia como confundir um *emaranhado* com qualquer outra coisa.[28]

Bem, no começo havia e ela os confundira com um monte de lixo.

— É incrível o que você pode encontrar nos bolsos se estiver em um ferro-velho mágico —, disse a senhorita Smith calmamente.

Tiffany olhou para os *emaranhados* gigantes novamente. — Isso não é um crânio de cavalo?[29]E isso não é um balde de girinos?

— Sim. Algo vivo sempre ajuda, não acha?

Os olhos de Tiffany se estreitaram. — Agora isso é um cajado de mago, não é? Achei que paravam de funcionar se uma mulher tocasse num!

A senhorita Smith sorriu. — Bem, eu tenho o meu desde que estava no berço. Se você souber onde procurar, poderá ver as marcas que fiz quando meus dentes começaram a sair. É o meu bastão e funciona, embora deva dizer que começou a funcionar melhor quando tirei o nó da extremidade. Não tem nenhum uso prático e perturba o equilíbrio. Agora, você pode parar de ficar aí de boca aberta?

---

[28] Uma bruxa construía um "emaranhado" com tudo o que tinha nos bolsos, mas se você se preocupasse com as aparências, prestaria atenção às coisas que "acidentalmente" tinha nos bolsos. Não faria nenhuma diferença em como os "emaranhados" funcionavam, mas se houvesse outras pessoas por perto, então, uma noz misteriosa, ou um pedaço de madeira interessante, um pedaço de renda e um alfinete de prata sugeriam “bruxa” de maneira muito mais lisonjeira do que, digamos, um cadarço quebrado, um pedaço de saco de papel rasgado, meio punhado de penugens diversas e indescritíveis e um lenço que fora usado tantas vezes que, assustadoramente, se fariam necessárias as duas mãos para dobrá-lo. Tiffany geralmente mantinha um bolso apenas para ingredientes de "emaranhados", mas se a senhorita Smith tivesse feito essa bagunça da mesma maneira, então ela tinha bolsos maiores que um guarda-roupa; aquilo quase tocava o teto. N.A.

[29] O crânio de um cavalo sempre parece assustador, mesmo que alguém tenha passado batom nele. N.A.

A boca de Tiffany se fechou e depois se abriu novamente. Uma moeda caiu e parecia que tinha caído da lua.

— Você é ela, não é? Tem que ser ela, você é ela! Eskarina Smith, certo? A única mulher que se tornou uma maga!

— Em algum lugar aqui dentro, suponho que sim; mas parece que foi há muito tempo. Quer saber? Nunca me senti realmente uma maga, então nunca me preocupei realmente com o que alguém dizer sobre isso. E, de qualquer forma, eu tinha o cajado e ninguém poderia tirar isso de mim. — Eskarina hesitou por um momento e depois continuou: — Foi isso que aprendi na universidade: ser eu, exatamente o que sou, e não me preocupar sobre isso. Esse conhecimento é um cajado mágico invisível, por si só. Olha, eu realmente não quero falar sobre isso. Isso traz lembranças ruins.

— Por favor, me perdoe —, disse Tiffany. — Eu simplesmente não consegui me conter. Sinto muito se trouxe à tona quaisquer lembranças más.

Eskarina sorriu. — Oh, as más nunca são um problema. São as boas que podem ser difíceis de lidar. — Houve um clique vindo dos *emaranhados*. Eskarina levantou-se e foi até lá. — Minha nossa, é claro, apenas a bruxa que fez isso pode ler sua própria confusão, mas acredite em mim quando digo que a forma como o crânio girou e a posição da almofada de alfinetes ao longo do eixo da roca significam que ele está muito, muito perto. Quase bem em cima de nós, na verdade. Ou a magia aleatória neste lugar o pode estar confundindo, e o faça acreditar que você parece estar em todo lugar e em lugar nenhum; então ele irá embora em breve e tentará encontrar a trilha em outro lugar. E, como mencionei, em algum lugar do caminho ele vai parar para comer. Ele entrará na cabeça de algum tolo, e alguma senhora idosa ou alguma

garota que esteja usando símbolos de culto bastante perigosos, sem a menor ideia do que eles realmente significam, de repente se verá perseguida. Esperemos que consigam fugir.

Tiffany olhou em volta, perplexa. — E o que acontecer será minha culpa? — Isso é o lamento sarcástico de uma garotinha ou a pergunta retórica de uma bruxa em seu próprio comando? — Tiffany começou a responder, e então parou. — Você pode viajar no tempo, não é? — Disse ela.

— Sim.

— Então você sabe o que vou responder?

— Bem, não é tão simples assim —, disse Eskarina, e pareceu um pouco desconfortável por um momento, para grande surpresa de Tiffany e, diga-se, deleite. — Eu sei, deixe-me ver, que há quinze respostas diferentes que você pode dar, mas não sei qual será até que você dê, por causa da teoria das cordas elásticas.

— Então tudo o que direi —, disse Tiffany, — é muito obrigada. Lamento ter tomado seu tempo. Mas eu preciso seguir em frente; tenho tantas coisas para fazer. Você sabe que horas são?

— Sim —, disse Eskarina. — É uma forma de descrever uma das dimensões nocionais do espaço quadridimensional. Mas, para os seus propósitos, são cerca de dez e quarenta e cinco.

Essa pareceu a Tiffany uma forma desconcertantemente complicada de responder à pergunta, mas quando ela abriu a boca para dizê-lo, a confusão desmoronou e a porta se abriu para deixar entrar uma debandada de galinhas que, no entanto, não explodiram.

Eskarina agarrou a mão de Tiffany, gritando: — Ele encontrou você! Não sei como!

Uma galinha meio que pulou, meio que bateu as asas e meio que caiu nos destroços dos *emaranhado*s e cacarejou!

— *Cocoricó-Disgraça*!

Então as galinhas explodiram; explodiram em Feegles.

No geral não havia muita diferença entre as galinhas e os Feegles, já que ambos andavam em círculos fazendo barulho. Uma distinção importante, contudo, é que as galinhas raramente andavam armadas. Os Feegles, por outro lado, andavam armados o tempo todo e depois de se livrarem das últimas penas, começaram a lutar entre si por vergonha... e para ter algo para fazer.

Eskarina deu uma olhada neles e chutou a parede atrás dela, revelando um buraco pelo qual uma pessoa poderia conseguir rastejar, e gritou para Tiffany: — Vá! Tire eles daqui! Pegue a vassoura o mais rápido que puder e vá! Não se preocupe comigo! Não tenha medo, você ficará bem! Você só precisa se ajudar.

Uma fumaça pesada e desagradável começou a encher a sala. — O que você quer dizer? — Tiffany perguntou, lutando com a vassoura.

— Vá!

Nem mesmo Vovó Cera-do-Tempo conseguira dominar tão bem as pernas de Tiffany.

Ela foi.

## CAPÍTULO 9

## A DUQUESA E A COZINHEIRA

TIFFANY GOSTAVA DE VOAR. Ela se opunha a estar no ar, pelo menos a uma altura maior que sua própria cabeça. Ela fazia isso de qualquer maneira, porque era ridículo e impróprio para a bruxaria em geral ser vista voando tão baixo que suas botas raspassem o topo dos formigueiros. As pessoas riam e às vezes apontavam. Mas agora, navegando com a vassoura sobre casas em ruínas e pelos charcos sombrios e borbulhantes, ela ansiava pelo céu aberto.

Foi um alívio andar em volta de uma pilha de espelhos quebrados e ver a luz clara do dia, embora houvesse uma placa ao lado que dizia: SE VOCÊ ESTIVER PERTO O SUFICIENTE PARA LER ESTE SINAL, VOCÊ REALMENTE NÃO DEVERIA ESTAR TÃO PERTO.

Essa foi a gota d'água. Ela inclinou a vassoura até deixar um sulco na lama e subiu como um foguete, agarrando-se desesperadamente à alça, que rangia, para não escorregar. Ela ouviu uma vozinha dizer: 'Estamos passando por alguma turbulência, cê sabe. Se cê olhar para a direita e para a esquerda, verá que não há saídas de emergência...

O locutor foi interrompido por outra voz, que disse: — Na verdade, Rob, a vassoura tem saídas de emergência por toda parte, cê sabe.

— Ah, sim —, disse Rob Qualquerum, — mas existe algo chamado estilo, tá bom? Apenas esperar até quase atingirmos o chão e depois pular nos faz parecer caipiras idiotas...

Tiffany aguentou firme, tentando não ouvir e também tentando não chutar Feegles, que não tinham noção de perigo, sentindo, como sempre diziam, que eram mais perigosos do que qualquer outra coisa.

Finalmente ela conseguiu nivelar a vassoura e arriscou olhar para baixo. Parecia haver uma briga lá no exterior do quer que seja lá o que iam decidir ser o novo nome da Cabeça do Rei, mas não se via nenhum sinal da senhora Proust. A bruxa da cidade era uma mulher de recursos, não era? A senhora Proust sabia cuidar de si mesma.

A Senhora Proust cuidava de si mesma, correndo muito rápido. Quando sentiu o perigo, não perdeu um segundo; dirigiu-se para o beco mais próximo enquanto a neblina poluída subia ao seu redor. A cidade estava sempre cheia de fumaça, poluição e vapores, trabalho fácil para uma bruxa talentosa. Eram o sopro da cidade, a sua halitose, e ela conseguia tocá-los como se fossem um piano enevoado. Ela se encostou contra uma parede e respirou fundo.

Sentiu que aquilo se acumulava como uma tempestade em uma cidade que normalmente era extremamente tranquila. Qualquer mulher

que parecesse uma bruxa estava se tornando um alvo. Ela só podia esperar que as mulheres velhas e feias de todos os lugares estivessem tão seguras quanto ela.

Um momento depois dois homens saíram da névoa, um deles segurando um grande porrete; o outro não precisava de bastão, porque era enorme e portanto era seu próprio porrete.

Enquanto o homem do porrete corria em sua direção, a senhora Proust bateu o pé na calçada e a pedra sob os pés do homem se inclinou para cima, fazendo-o tropeçar e cair em segurança sobre o queixo com um estalo; o porrete rolou para longe.

A senhora Proust cruzou os braços e olhou para o corpulento. Ele não era tão estúpido quanto o amigo, mas seus punhos abriam e fechavam e ela sabia que seria apenas uma questão de tempo. Ela bateu o pé nas pedras novamente antes que ele criasse coragem.

O grandalhão estava tentando imaginar o que poderia acontecer a seguir, mas não esperava que a estátua equestre[30] de Lord Alfred Rust – famoso por ter perdido bravamente e valentemente todos os combates militares em que já havia participado – galopasse para fora do nevoeiro em cascos de bronze e o chutasse com tanta força entre as pernas que ele voou para trás e bateu a cabeça em um poste antes de cair no chão.

A senhora Proust reconheceu-o como um cliente que às vezes comprava de Derek pó-de-mico e charutos explosivos; não ficava bem

[30] Há muito folclore sobre estátuas equestres, especialmente aquelas com cavaleiros. Diz-se que existe um código no número e na posição dos cascos do cavalo: se um dos cascos do cavalo estiver no ar, o cavaleiro foi ferido em batalha; duas pernas no ar significam que o cavaleiro foi morto em batalha; três pernas para cima indicam que o cavaleiro se perdeu no caminho para a batalha; e quatro pernas no ar significa que o escultor era muito, muito inteligente. Cinco pernas no ar significam que provavelmente há pelo menos um outro cavalo parado atrás do cavalo que você está olhando; e o cavaleiro deitado no chão com o cavalo deitado em cima dele com as quatro patas para cima significa que o cavaleiro era um cavaleiro muito incompetente ou possuía um cavalo muito mal-humorado. N.A.

matar clientes. Ela o pegou pelos cabelos, gemendo, e sussurrou em seu ouvido:

— Você não estava aqui. Nem eu. Nada aconteceu e você não viu nada. — Ela pensou por um momento e, porque negócios são negócios:

— E da próxima vez que você passar pelo Empório de Piadas Boffo, você ficará encantado com sua variedade de coisas extremamente divertidas e práticas, com piadas para toda a família e a novidade da semana, a série de piadas escatológicas "Pérolas do Pavimento" de Fido, para o *connoisseur* que leva sua risada a sério. Esperamos, ansiosos, pelo prazer de sua visita. P.S. Nossa nova linha de charutos explosivos "relâmpago" é uma risada por minuto e, por favor, experimente nosso hilariante chocolate de borracha. Reserve um momento também para visitar nosso novo departamento masculino, com tudo o que há de melhor em ceras para bigode, copos para bigode, navalhas, uma variedade de rapé de primeira classe, cortadores de pelos do nariz com dorso de ébano e nossas sempre populares calças glandulares, fornecidas em embalagem lisa e limitadas a um par por cliente.

Satisfeita, a senhora Proust deixou cair a cabeça para trás e foi obrigada a aceitar que inconscientes não compram nada; então voltou sua atenção para o antigo e gemente dono do bastão. Bem, sim, a culpa era do homem sem olhos, pensou ela, e talvez isso pudesse ser uma desculpa, mas senhora Proust não era conhecida pela sua natureza misericordiosa. "O veneno vai para onde o veneno é bem-vindo", disse ela para si mesma. Ela estalou os dedos e subiu no cavalo de bronze, sentando-se no frio, mas confortável colo de metal do falecido Lorde Rust. Tilintando seus ferros e bufando, o cavalo de bronze cavalgou através da névoa de poluição que acompanhou todo o percurso da senhora Proust até sua loja.

Mais atrás no beco, porém, parecia que estava nevando, até que se percebia que o que caía do céu sobre os corpos inconscientes já estivera nos estômagos dos pombos que agora chegavam de todos os cantos da cidade sob o comando da senhora Proust. Ela os ouviu, com um riso sombrio. — Neste bairro não ficamos apenas olhando! — Disse com satisfação.

Tiffany se sentiu melhor quando o fedor e a fumaça da cidade ficaram para trás novamente. Como eles convivem com o cheiro? Perguntou-se. Era pior que um spog de Feegle. Mas agora havia campos abaixo dela e, embora a fumaça dos restolhos em chamas chegasse a essa altura, era uma fragrância comparada ao mundo dentro das muralhas da cidade.

E Eskarina Smith morava lá... bem, às vezes morava lá! Eskarina Smith! Ela real de verdade! A mente de Tiffany corria quase tão rápido quanto a própria vassoura. Eskarina Smith! Todas as bruxas já tinham ouvido algo sobre ela, mas não havia duas bruxas que concordassem.

A senhorita Umaturga dizia que Eskarina foi a garota que ganhou um cajado de bruxo por engano!

A primeira bruxa treinada por Vovó Cera-do-Tempo! Que a levou para a Universidade Invisível, dando aos bruxos de lá um vislumbre de sua mente... isto é, da mente dela, Vovó Cera-do-Tempo. Um vislumbre bastante grande, a acreditar em algumas das histórias, que incluíam contos de batalhas mágicas.

A senhorita Plana garantiu a Tiffany que a história de Eskarina era uma espécie de conto de fadas. A senhorita Traição mudou de assunto. Tia Ogg bateu na lateral do nariz de forma conspiratória e sussurrou: “muito falar, pouco acertar.”

E Annagramma garantiu orgulhosamente a todas as jovens bruxas que Eskarina existiu, mas estava morta.

Mas havia uma história que simplesmente não desaparecia e se enrolava em verdades e mentiras como trepadeira. E que contava ao mundo que a jovem Eskarina conheceu na Universidade um jovem chamado Simon que, ao que parecia, havia sido amaldiçoado pelos deuses com quase todas as doenças possíveis a que a humanidade estava propensa. Mas, como os deuses têm senso de humor, mesmo que seja bastante estranho; eles então lhe concederam o poder de entender... bem... tudo. Ele mal conseguia andar sem ajuda, mas era tão brilhante que conseguia manter o universo inteiro na cabeça.

Bruxos com barbas que desciam até o chão se aglomeravam para ouvi-lo falar sobre espaço, tempo e magia, como se todos fizessem parte da mesma coisa. E a jovem Eskarina alimentou-o e limpou-o, ajudou-o a andar e aprendeu com ele... bem... tudo.

E, segundo corriam os rumores, ela havia aprendido segredos que faziam

a mais poderosa das magias parecer nada mais do que truques de conjuração. E a história era verdadeira. Tiffany havia conversado com a história e comeu cupcakes com a história; e ali havia de fato uma mulher que podia caminhar no tempo e fazer com que ele obedecesse a suas ordens. Puxa!

Sim, e havia algo muito estranho em Eskarina... uma sensação de que ela não estava lá, mas de que de alguma forma estava em todos os outros lugares ao mesmo tempo; e nesse momento Tiffany viu o Giz no horizonte, sombrio e misterioso, como uma baleia encalhada. Ainda estava muito longe, mas seu coração deu um pulo. Era sua terra; e ela conhecia cada centímetro dela, e parte dela mesma estava sempre lá. Ela

poderia enfrentar qualquer coisa lá. Como poderia o Homem Astuto, um velho fantasma, vencê-la em seu próprio território? Ela tinha família lá, mais do que podia contar, e amigos, mais do que... bem, não tantos agora que ela era uma bruxa, mas assim era o mundo.

Tiffany percebeu que alguém escalava por seu vestido. Este não era o problema que poderia ter sido; uma bruxa não sonharia, é claro, em não usar vestido, mas se você fosse andar em uma vassoura com certeza investiria em uma calça bem resistente, se possível com algum acolchoamento. Fazia sua bunda parecer maior, mas também a tornava mais quente e, a trinta metros do chão, a moda ficava em segundo lugar em relação ao conforto. Ela olhou para baixo.

Havia um Feegle lá, usando um capacete de vigia, que parecia ter sido esculpido do topo de um antigo saleiro, um peitoral igualmente pequeno e, surpreendentemente, calças e botas. Normalmente você nunca via botas em um Feegle.

— Você é Arthur Piquininho Louco, não é? Vi você na Cabeça do Rei! Você é um policial!

— Ah, sim. — Arthur Piquininho Louco sorriu um sorriso que era puro Feegle. — A vida na Guarda é ótima e o dinheiro é bom. Um centavo vale muito mais quando a comida que você compra dura por uma semana!

— E então, veio aqui para manter nossos rapazes em ordem? Está pensando em ficar?

— Ah, não, não acredito nisso. Eu gosto da cidade, você sabe. Gosto de café que não é feito com essas pequenas bolotas e vou ao teatro, à ópera e ao balé. Tiffany já tinha ouvido falar de balé e até tinha visto figuras em um livro, mas era uma palavra que de alguma forma não cabia em nenhuma frase que incluísse a palavra “Feegle”.

— Balé? — Disse a custo.

— Ah, sim, é ótimo! Na semana passada assisti *Cisne em Lago de Zinco Quente*, uma reformulação de um tema tradicional feita por um de nossos jovens artistas performáticos em ascensão; e no dia seguinte, claro, houve uma reinterpretação de *Die Flabbergast* na Opera House; e você sabe, eles tiveram uma semana inteira de porcelana no Museu de Arte Real, com um dedal de xerez grátis. Ah, sim, é a cidade da cultura, com certeza.

— Tem certeza de que é um Feegle? — Disse Tiffany com um tom de fascínio na voz. — Isso é o que me dizem, senhorita. Mas não existe nenhuma lei que diga que não posso me interessar por cultura, existe? Eu disse aos rapazes que, quando voltar, os levarei para verem o balé com os próprios olhos.

A vassoura pareceu voar sozinha por um tempo enquanto Tiffany olhava para o nada, ou melhor, para uma imagem mental de Feegles em um teatro. Ela mesma nunca tinha entrado em um, mas tinha visto fotos e a ideia de Feegles entre bailarinas era tão impensável que era melhor simplesmente deixar sua mente se tornar confusa e depois esquecer. Ela se lembrou a tempo de que tinha uma vassoura para fazer pousar e a fez descer com muito cuidado perto do monte funerário dos Feegles.

Para sua surpresa, havia guardas do lado de fora. Guardas humanos.

Ela olhou incrédula. Os guardas do Barão nunca subiram às colinas. Nunca! Era inédito! E... ela sentiu sua raiva crescendo... um deles segurava uma pá.

Ela pulou da vassoura tão rápido que ela foi deslizando sobre a turfa, espalhando Feegles até esbarrar em uma obstrução, sacudindo os últimos que conseguiram se segurar.

— Mande soltarem esta pá, Brian Roberts! — Ela gritou para o sargento da guarda. — Se você deixá-lo cortar a turfa, haverá consequências! Como se atreve? Por que você estão aqui? E ninguém deve cortar ninguém em pedaços, entenderam?

Esta última ordem foi para os Feegles, que cercaram os homens com um anel de espadas pequenas, mas muito afiadas. Uma claymore Feegle era tão afiada que um humano poderia não saber que suas pernas foram cortadas até tentar andar. Os próprios guardas tinham a expressão típica de quem era conhecido como grande e forte, em teoria; mas que tinham acabado de dar-se conta de que "grande" ou "forte" não era nem de longe o suficiente para aquilo. Eles ouviram as histórias, é claro... ah, sim, todos no Giz ouviram as histórias sobre Tiffany Dolorida e seus pequenos... ajudantes. Mas eram apenas histórias, não eram? Até agora. E agora as histórias estavam ameaçando lhes subir pelas calças.

Num silêncio chocado, Tiffany olhou em volta, ofegante. Todo mundo estava olhando para ela agora, o que era melhor do que todo mundo brigando, certo? — Muito bem —, ela disse, como uma professora que fora apenas ligeiramente apaziguada em relação a uma turma de alunos rebeldes. Ela acrescentou uma fungada, que normalmente seria traduzida como: Estou apenas ligeiramente apaziguada, observem. Ela fungou novamente. — Muito bem, então. Alguém pode me dizer o que está acontecendo aqui?

O sargento levantou sua mão, o mais visivelmente possível. — Podemos conversar em particular, senhorita? — Tiffany ficou impressionada por ele ter conseguido falar, visto que de repente sua mente estava tentando entender o que seus olhos lhe diziam.

— Muito bem, siga-me. — Ela se virou de repente, fazendo os guardas e Feegles pularem. — E ninguém, e quero dizer ninguém, deve

desenterrar a casa de alguém ou cortar as pernas de alguém enquanto estivermos fora, está entendido? Eu disse, está entendido? Houve um coro murmurado de "sim" e "sim, claro", mas não incluía o rosto para o qual ela estava olhando. Rob Qualquerum estava agachado e tremendo de raiva, pronto para saltar. — Você me ouviu, Rob Qualquerum?

Ele olhou para ela, os olhos em chamas. — Não lhe farei nenhuma promessa nesse sentido, senhorita, por mais bruaca que cê seja! Onde está minha Jeannie? Onde estão os outros? Esses *fedidus* tão com espadas! O que eles iam fazer com elas? Quero uma resposta!

— Ouça-me, Rob —, começou Tiffany, mas parou. O rosto de Rob Qualquerum pingava lágrimas e ele puxava desesperadamente a barba enquanto lutava contra os horrores de sua própria imaginação. Estavam a um fio de uma guerra, ponderou Tiffany.

— Rob Qualquerum! Eu sou a bruxa destas colinas e ponho um juramento sobre você de não matar esses homens até que eu mande! Entenderam?

Houve um baque sonoro quando um dos guardas caiu para trás, desmaiado. Agora a garota estava conversando com as criaturas! E falando sobre matá-los! Eles não estavam acostumados com esse tipo de coisa. Normalmente, a coisa mais emocionante que lhes acontecia eram porcos invadindo as hortas.

O Grande Homem dos Feegles hesitou enquanto seu cérebro girava, digerindo a ordem de Tiffany. É verdade que não era uma ordem para matar naquele momento, mas pelo menos apresentava a possibilidade de que ele pudesse fazê-lo muito em breve para que pudesse libertar a cabeça das terríveis imagens que tinha nela. Era como segurar um cachorro faminto preso com uma teia de aranha, mas pelo menos lhe dava algum tempo. — Você verá que o monte não foi tocado

—, disse Tiffany, — então o que quer que fosse pretendido ainda não foi feito. — Ela se voltou para o sargento, que estava pálido, e disse: — Brian, se quiser os seus homens vivos, com todos os braços e pernas, vai lhes ordenar agora mesmo, e com muito cuidado, que baixem as armas. Suas vidas dependem da honra de um certo Feegle e ele está enlouquecendo de horror. Faça-o agora!

Para alívio de Tiffany, ele deu a ordem, e os guardas – felizes por ter seu sargento ordenando-lhes que fizessem algo que cada átomo em seus corpos lhes dizia que era exatamente o que deveriam fazer – largaram as armas de suas mãos trêmulas Um até levantou os braços em sinal universal de rendição. Tiffany puxou o sargento um pouco para longe dos carrancudos Feegles e sussurrou: — O que você pensa que está fazendo, seu idiota estúpido?

— Ordens do Barão, Tiff.

— O Barão? Mas o barão está...

— Vivo, senhorita. Há três horas que ele está de volta. Viajaram durante toda noite, sem paradas, disseram E as pessoas têm falado. — Ele olhou para as botas. — Nós fomos... nós fomos, bem, fomos enviados aqui para encontrar a garota que você entregou às fadas. Desculpe, Tiff.

— Entreguei? Entreguei?

— Eu não disse isso, Tiff —, disse o sargento, recuando, — mas, bem, você ouve histórias. Quero dizer, não há fumaça sem fogo, certo?

Histórias, pensou Tiffany. Ah, sim, era uma vez uma velha bruxa malvada... — E você acha que elas se aplicam a mim, não é? Estou pegando fogo ou apenas soltando fumaça?

O sargento mexeu-se inquieto e sentou-se. — Olha, sou apenas um sargento, ok? O jovem Barão me deu ordens, certo? E a palavra dele é lei, não é?

— Ele pode ser a lei lá embaixo. Aqui em cima, eu sou. Olhe para lá. Sim, bem ali! O que você vê?

O homem olhou para onde ela apontava e seu rosto empalideceu. As velhas rodas de ferro fundido e o fogão com sua chaminé curta eram claramente visíveis, embora um rebanho de ovelhas pastasse alegremente ao redor deles, como sempre. Ele ficou de pé como se estivesse sentado em um formigueiro.

— Sim —, disse Tiffany com alguma satisfação. — A sepultura de Vovó Dolorida. Lembra-se dela? As pessoas diziam que ela era uma mulher sábia, mas pelo menos tiveram a decência de inventar histórias melhores sobre ela! Está pretendendo escavar a turfa? Estou surpresa que Vovó não suba pela relva e morda sua bunda! Agora leve seus homens colina abaixo e eu resolverei isso, entendeu? Não queremos que ninguém fique nervoso.

O sargento assentiu. Não era como se ele tivesse outra opção.

Enquanto os guardas se afastavam, arrastando o colega inconsciente com eles e tentando não parecer, bem, guardas que estavam se afastando no mais próximo possível de uma fuga, Tiffany se ajoelhou ao lado de Rob Qualquerum e baixou a voz.

— Olha, Rob, eu sei sobre os túneis secretos.

— Que escória de *fedidu* lhe contou sobre os túneis secretos?

— Eu sou a bruaca das colinas, Rob —, disse Tiffany suavemente. — Eu não deveria saber sobre os túneis? Vocês são Feegle, e nenhum Feegle dormirá em uma casa com apenas uma entrada, certo?

O Feegle estava se acalmando um pouco agora. — Ah, sim, cê tem razão. — Então posso sugerir que você vá buscar a jovem Amber? Ninguém vai tocar no monte.

Depois de um pouco de hesitação, Rob Qualquerum saltou para dentro do buraco de entrada e desapareceu. Demorou algum tempo para ele retornar - tempo que Tiffany felizmente usou para fazer o sargento voltar e ajudá-la a recolher as armas caídas dos guardas - e quando Rob ressurgiu, estava acompanhado por muitos mais Feegles e a Kelda. E por uma Amber bastante relutante, que piscou nervosamente à luz do dia. — *Disgraça*! — disse. Tiffany sabia que seu próprio sorriso era falso quando disse: — Vim para levá-la para casa, Amber. — Pelo menos não sou estúpida o suficiente para dizer algo como "não vai ser legal?", acrescentou para si mesma.

Amber olhou para ela. — Cê num vai me levar de volta praquele lugar —, anunciou ela, — e pode enfiá-lo onde o macaco enfiou sua moeda![31]

E eu não culpo você, pensou Tiffany, mas agora posso passar por adulta e dizer algumas coisas estúpidas de adulta...

— Mas você tem mãe e pai, Amber. Tenho certeza de que eles sentem sua falta. — Ela estremeceu ao ver o olhar de desprezo que a garota lhe lançou.

— Ah, sim, e se o velho *fedidu* sentir minha falta de novo ele ainda vai me dar outra surra! — Talvez possamos ir juntos e ajudá-lo a mudar de atitude? — Tiffany se ofereceu, desprezando a si mesma; mas a

[31] No original: "*and ye can stick it where the monkey put his jumper!*". Poderia ser: "e pode enfiá-lo onde o macaco colocou ou enfiou seu suéter!". Jumper: suéter. Entretanto, há uma gíria escocesa antiga, "jumper", para uma moeda no valor de 10 pences cuja face mostra um cavaleiro e seu cavalo no ato de saltar. Ademais, há diversas piadas no mundo anglo-saxão sobre macacos que enfiam objetos no ânus antes de comê-los, para "testar" sua largura no caso de os expulsarem na evacuação seguinte. N.T.

imagem daqueles dedos grossos e cheios de picadas de urtiga daquele buquê horrível não desaparecia. Desta vez, Amber realmente riu. — Me desculpe, madame... é que Jeannie me disse que você era esperta.

O que foi que a vovó Cera-do-Tempo disse uma vez? "O mal começa quando você começa a tratar as pessoas como coisas". O que era o caso se você pensasse que tinha aqui uma coisa chamada pai, e uma coisa chamada mãe, e uma coisa chamada filha, e uma coisa chamada chalé, e dissesse a si mesma que se juntasse tudo isso teria uma coisa chamada família feliz.

Em voz alta, ela disse: — Amber, quero que você venha comigo ver o Barão, para que ele saiba que você está segura. Depois disso, você pode fazer o que quiser. Isto é uma promessa.

Tiffany sentiu uma batida na bota e olhou para o rosto preocupado da Kelda. — Posso ter uma palavrinha com você? — Disse. Ao lado dela, Amber se agachou para poder segurar a outra mão da Kelda.

Então Jeannie falou novamente, se é que era fala e não uma canção. Mas o que se poderia cantar que ficasse no ar, de modo que a próxima nota girasse em torno dele? O que poderia ser cantado que parecesse um som vivo que cantava de volta para você?

E então a canção desapareceu, deixando apenas um buraco e uma perda.

— Essa é uma canção Kelda —, disse Jeannie. — Amber me ouviu cantando para os pequenos. Faz parte dos calmantes, e ela entendeu, Tiffany! Não lhe dei nenhuma ajuda, mas ela entendeu! Eu sei que o Sapo lhe contou isso. Mas você sabe o que estou lhe dizendo agora? Ela reconhece o significado e o aprende. É o mais perto que um ser humano

pode estar de ser uma Kelda. Ela é um tesouro que não deve ser jogado fora!

As palavras saíram com uma força incomum para a Kelda, que geralmente falava muito suavemente. E Tiffany reconheceu aquilo como uma informação útil de que sua fala, ainda que contida, era também uma espécie de ameaça.

Até mesmo a viagem para fora das colinas e para dentro da aldeia teve de ser negociada. Tiffany, segurando Amber pela mão, passou pelos guardas que esperavam e continuou, para grande constrangimento do sargento. Afinal de contas, se você foi enviado para trazer alguém, então você vai parecer muito bobo se essa pessoa for e se apresentar, por assim dizer, por conta própria. Mas, por outro lado, se Tiffany e Amber caminhassem atrás dos guardas, parecia que estavam sendo conduzidas; afinal, esta era uma região de ovelhas, e todos sabiam, não é mesmo, que as ovelhas andavam na frente e um pastor andava atrás.

Finalmente, eles chegaram a um acordo sobre um método um tanto estranho, onde todos avançaram com uma certa quantidade de giros e embaralhamentos que fez parecer que estavam viajando dançando quadrilha. Tiffany teve que passar muito tempo impedindo Amber de rir.

Essa foi a parte divertida. Teria sido bom se a parte engraçada pudesse ter durado mais.

— Olha, só me disseram para ir buscar a garota —, disse o sargento desesperado enquanto atravessavam os portões do castelo. — Você não precisa vir. — Ele disse isso de uma forma que significava: "Por favor, por favor, não entre e me deixe mal na frente do meu novo chefe". Mas não funcionou.

O castelo estava no que já foi chamado de agitado, o que significava extremamente movimentado, com pessoas irritadas correndo em todas as direções, exceto para cima. Haveria um funeral e depois um casamento, e duas grandes ocasiões tão próximas poderiam testar ao máximo os recursos de um pequeno castelo, especialmente porque as pessoas que percorreriam um longo caminho por um provavelmente ficariam pelo outro, economizando tempo, mas gerando trabalho extra para todos. Mas Tiffany estava feliz com a atual ausência da senhorita Spruce, que tinha sido muito desagradável e nunca foi de sujar as mãos.

E então sempre haveria o problema dos assentos. A maioria dos convidados seriam aristocratas e era de vital importância que ninguém tivesse que se sentar ao lado de alguém que fosse parente de alguém que tivesse matado um dos seus antepassados em algum momento no passado. Dado que o passado é um lugar muito grande, e tendo em conta o fato de que os antepassados de todos estavam geralmente tentando matar os antepassados de todos os outros; por terra, dinheiro ou algo para fazer, era necessária uma trigonometria muito cuidadosa para evitar que outro massacre ocorresse antes das pessoas terminarem a sopa.

Nenhum dos criados parecia prestar atenção especial a Tiffany, Amber ou aos guardas, embora a certa altura Tiffany pensasse ter visto alguém fazendo um daqueles pequenos sinais que as pessoas fazem quando pensam que precisam de proteção contra o mal – ali, na terra dela! – e ela tinha a forte sensação de que de alguma forma as pessoas não estavam prestando atenção de uma forma muito definida de não prestar atenção, como se olhar para Tiffany pudesse ser perigoso para a saúde. Quando Tiffany e Amber foram introduzidas no escritório do Barão, parecia que ele também não iria prestar muita atenção nelas. Ele

estava inclinado sobre uma folha de papel que cobria toda a sua mesa e segurava na mão um maço de lápis de cores diferentes.

O sargento tossiu, mas mesmo sufocado até a morte não teria abalado a concentração do Barão. Finalmente, Tiffany gritou — Roland! — bem alto. Ele se virou, o rosto vermelho de vergonha e uma expressão de fundo de raiva.

— Eu preferiria, "meu senhor", senhorita Dolorida —, disse ele bruscamente.

— E eu preferiria "Tiffany", Roland —, disse Tiffany, com uma calma que ela sabia que o irritava.

Ele largou os lápis com um clique. — O passado é passado, senhorita Dolorida, e somos pessoas diferentes agora. Seria melhor se nos lembrássemos disso, não acha?

— O passado foi ontem —, disse Tiffany, — e seria melhor se você se lembrasse que houve um tempo em que eu te chamei de Roland. e você me chamou de Tiffany, não acha? — Ela estendeu a mão até o pescoço e tirou o colar com o cavalo prateado que ele lhe dera. Parecia que tinha sido há cem anos, mas este colar tinha sido importante. Ela enfrentou até Vovó Cera-do-Tempo por esse colar! E agora ela segurava o colar como uma acusação. — O passado precisa ser lembrado. Se você não sabe de onde veio, então não sabe onde está, e se não sabe onde está, então não sabe para onde está indo.

O sargento olhou de um para o outro e, com aquele instinto de sobrevivência que qualquer soldado desenvolve quando se torna sargento, decidiu sair da sala antes que as coisas começassem a ser atiradas.

— Vou apenas ver as... hum... as... coisas que precisam ser cuidadas, se estiver tudo bem? — Disse ele, abrindo e fechando a porta tão rapidamente que ela bateu com força na última sílaba. Roland olhou para ele por um momento e depois se virou.

— Eu sei onde estou, senhorita Dolorida. Estou no lugar do meu pai e ele está morto. Administro esta propriedade há anos, mas tudo o que fiz foi em nome dele. Por que ele morreu, senhorita Dolorida? Ele não era tão velho. Achei que você pudesse usar magia!

Tiffany olhou para Amber, que ouvia com interesse. — Não seria melhor discutir isso mais tarde? — Ela disse. — Você queria que seus homens trouxessem essa garota para você, e aqui está ela, saudável de corpo e mente. E eu não a entreguei, como você disse, às fadas: ela era uma convidada dos Nac Mac Feegle, cuja ajuda você teve em mais de uma ocasião. E ela voltou para aqui por vontade própria.

Ela olhou atentamente para o rosto de Roland e disse: — você não se lembra deles, não é?

Ela podia ver que não, mas sua mente estava lutando com o fato de que definitivamente havia algo que ele deveria ter lembrado. Ele fora um prisioneiro da Rainha das Fadas, Tiffany lembrou a si mesma. O esquecimento pode ser uma bênção, mas me pergunto que horrores havia em sua mente quando os Petty lhe contaram que ela havia levado a filha deles para os Feegles. Para as fadas. Como eu poderia imaginar o que ele sentia?

Ela suavizou um pouco a voz. — Você se lembra de algo vago sobre fadas, certo? Nada de ruim, espero, mas nada muito claro, como se talvez fosse algo que você leu em um livro, ou uma história que alguém lhe contou quando você era pequeno. Estou certa?

Ele olhou furioso para ela, mas a palavra derramada que ele havia estrangulado em seus lábios lhe disse que ela estava certa.

— Chamam isso de último presente —, disse ela. — Faz parte dos calmantes. É para quando for melhor para todos que você esqueça as coisas que eram terríveis demais e as coisas que eram maravilhosas demais. Estou lhe contando isso, meu senhor, porque Roland ainda está aí em algum lugar. Amanhã você esquecerá até mesmo o que eu lhe disse agora. Não sei como funciona, mas funciona para quase todo mundo.

— Você tirou a criança dos pais dela! Eles vieram me ver assim que cheguei esta manhã! Todos vieram me ver esta manhã! Você matou meu pai? Você roubou dinheiro dele? Você tentou estrangular o velho Petty? Você bateu nele com urtigas? Você encheu a cabana dele com demônios? Não acredito que acabei de lhe fazer estas perguntas mas a senhora Petty parece pensar assim! Pessoalmente, não sei o que pensar, principalmente porque alguma fada pode estar brincando com meus pensamentos! Você me entende? — Enquanto Tiffany tentava reunir algum tipo de resposta coerente, ele se deixou cair na cadeira antiga atrás da mesa e suspirou.

— Disseram-me que você estava diante de meu pai com um atiçador na mão e que exigia dinheiro dele —, disse ele com tristeza.

— Isso não é verdade!

— E você me diria se fosse?

— Não! Porque nunca haveria um "se fosse"! Eu nunca faria uma coisa dessas! Bem, talvez eu estivesse diante dele...

— Aarrá!

— Não se atreva a vir com um "aarrá", Roland, não se atreva! Olha, eu sei que as pessoas têm lhe contado coisas, mas não são verdadeiras.

— Mas você acabou de admitir que estava em cima dele, certo?

— Foi simplesmente porque ele queria que eu lhe mostrasse como mantenho as mãos limpas! — Ela se arrependeu assim que disse isso. Era verdade, mas o que isso importava? Não parecia verdade.

— Olha, posso ver que...

— E você não roubou um saco de dinheiro? — Não!

— E você não sabe nada sobre um saco de dinheiro?

— Sim, seu pai me pediu para tirar um do baú de metal. Ele queria...

— Roland a interrompeu. — Onde está esse dinheiro agora? — Sua voz era monótona e sem expressão.

— Não faço ideia —, disse Tiffany. E quando a boca dele se abriu novamente, ela gritou: — Não! Você vai ouvir, entendeu? Sente-se aí e ouça! Atendi seu pai por quase dois anos. Eu gostava do velho e não faria nada para machucar ele ou você. Ele morreu quando chegou a hora de morrer. Quando essa hora chega, não há nada que alguém possa fazer.

— Então para que serve a magia?

Tiffany balançou a cabeça. — A magia, como você a chama, afastou a dor, e não se atreva a pensar que ela veio sem um preço! Já vi pessoas morrerem e digo que seu pai morreu bem e pensando em dias felizes.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Roland, e ela sentiu a raiva dele por ser visto assim, uma raiva estúpida, como se as lágrimas o tornassem menos homem e menos barão.

Ela o ouviu murmurar: — você pode acabar com essa dor?

— Sinto muito —, ela respondeu calmamente. — Todo mundo me pede o mesmo. E eu não faria isso mesmo que soubesse como. Isso pertence a você. Só o tempo e as lágrimas tiram a dor; é para isso que servem.

Ela se levantou e pegou a mão de Amber; a garota observava o Barão atentamente.

— Vou levar Amber para casa comigo —, anunciou Tiffany, — e parece que você precisa de um sono decente.

Isso não obteve resposta. Ele ficou ali sentado, olhando para a papelada como se estivesse hipnotizado por ela. Aquela enfermeira miserável, ela pensou. Eu deveria saber que ela iria causar problemas. O veneno vai aonde o veneno é bem-vindo e, no caso da senhorita Spruce, teria sido recebido por uma multidão entusiasmada e possivelmente por uma pequena banda de música. Sim, a enfermeira teria convidado o Homem Astuto para entrar. Ela era exatamente o tipo de pessoa que o deixaria entrar, lhe daria poder, poder invejoso, poder ciumento, poder orgulhoso. Mas sei que não fiz nada de errado, disse a si mesma. Ou fiz? Só consigo ver a minha vida por dentro e suponho que por dentro ninguém faz nada de errado. Ah, dane-se! Todo mundo traz seus problemas para a bruxa! Mas não posso culpar o Homem Astuto por tudo o que as pessoas disseram. Eu só queria que houvesse alguém – além de Jeannie – com quem conversar e que não notasse o chapéu pontudo. Então, o que eu faço agora? Sim, o que eu faço agora, senhorita Dolorida? O que você aconselharia, senhorita Dolorida, que é tão boa em tomar decisões por outras pessoas? Bem, eu aconselharia que você dormisse um pouco também. Você não dormiu muito bem ontem à noite, já que a senhora Proust é uma campeã em ronco, e muita coisa aconteceu desde então. Além disso, não me lembro quando foi a última

vez que você fez refeições regulares e posso também salientar que você está falando sozinha?

Ela olhou para Roland caído na cadeira, com o olhar distante. — Eu disse que vou levar Amber para casa comigo por enquanto.

Roland encolheu os ombros. — Bom, não posso impedi-la, não é? — Ele disse sarcasticamente. — Você é a bruxa.

A mãe de Tiffany, sem reclamar, preparou uma cama para Amber e Tiffany se deixou cair para dormir em sua própria cama, no outro extremo do grande quarto. Ela acordou em chamas. As chamas encheram a sala inteira, tremeluzindo em laranja e vermelho, mas queimando tão suavemente quanto o fogão da cozinha. Não havia fumaça e, embora a sala estivesse quente, nada estava realmente queimando. Era como se o fogo tivesse acabado de surgir para uma visita amigável, não para negócios. Suas chamas crepitavam.

Encantada, Tiffany levou um dedo à chama e a fez subir como se a pequena chama fosse tão inofensiva quanto um passarinho. Pareceu ficar mais fria, mas ela soprou mesmo assim e ela voltou à vida.

Tiffany saiu cuidadosamente da cama em chamas e, se isso era um sonho, estava fazendo um ótimo trabalho com os tilintar e os tinidos que a antiga cama tradicionalmente fazia. Amber estava deitada pacificamente na outra cama, sob um cobertor de chamas; enquanto Tiffany observava, a garota se virou e as chamas se moveram com ela. Ser uma bruxa significava que você não ficava simplesmente correndo por aí gritando só porque sua cama estava pegando fogo. Afinal, não era um fogo comum; era um fogo que não fazia mal. Então está na minha cabeça, ela pensou. Fogo que não faz mal. A lebre corre para o fogo... Alguém está tentando me dizer alguma coisa.

Silenciosamente, as chamas se apagaram. Houve um movimento quase imperceptível na janela e ela suspirou. Os Feegles nunca desistiam. Desde os nove anos de idade, ela sabia que eles cuidavam dela à noite. Eles ainda faziam isso, e foi por isso que ela tomou banho na banheira atrás de um lençol. Com toda a probabilidade ela não tinha nada que os Nac Mac Feegles estivessem interessados em ver, mas isso a fazia se sentir melhor.

*A lebre corre para o fogo...* Certamente parecia uma mensagem que ela precisava decifrar, mas de quem? Da bruxa misteriosa que a estava observando, talvez? Os presságios eram coisas muito boas, mas às vezes ajudaria se as pessoas apenas escrevessem as coisas de maneira que se entendesse! Porém, valeu a pena não ignorar esses pequenos pensamentos e coincidências: aquelas lembranças repentinas, pequenos caprichos. Muitas vezes eles eram apenas outra parte da sua mente, tentando transmitir uma mensagem até você... uma que você estava ocupada demais para perceber. Mas já era dia claro lá fora e os quebra-cabeças podiam esperar. Outras coisas não poderiam. Ela começaria no castelo.

— Meu pai me bateu, não foi? — Amber falou com uma voz neutra enquanto caminhavam em direção às torres cinzentas. — Meu bebê morreu?

— Sim.

— Ah —, disse Amber com a mesma voz monótona.

— Sim, Tiffany disse. — Sinto muito.

— Eu meio que lembro, mas não exatamente —, disse Amber. — Está tudo um pouco… confuso.

— São os calmantes trabalhando. Jeannie tem ajudado você.

— Compreendo —, disse a garota.

— Compreende? — disse Tiffany.

— Sim —, disse Amber. — Mas meu pai, ele vai se meter em encrencas?

Ele estaria se eu contasse como encontrei você, pensou Tiffany. As mulheres cuidariam disso. As pessoas da aldeia tinham uma atitude tacanha em relação à punição dos rapazes, que quase por definição eram diabinhos travessos e precisavam de ser domesticados, mas bater numa garota daquele jeito? Não era nada bom. — Conte-me sobre o seu namorado —, ela disse em voz alta. — Ele é alfaiate, não é?

Amber sorriu e poderia iluminar o mundo com aquele sorriso.

— Ah, sim. Seu avô ensinou muito a ele antes de morrer. Ele pode fazer praticamente qualquer coisa com tecido, meu William. Todo mundo por aqui diz que ele deveria ser admitido como aprendiz e que ele próprio se tornaria um mestre em alguns anos. Mas os mestres querem pagamento pelo aprendizado, e sua mãe nunca iria arranjar dinheiro para comprar um contrato para ele. Ah, mas meu William tem dedos maravilhosos e ajuda a mãe a costurar os espartilhos e a fazer lindos vestidos de noiva.

Isso significa trabalhar com cetins e coisas assim —, disse a garota com orgulho. — E a mãe de William é muito elogiada pela delicadeza da costura! — Amber sorriu com um orgulho de segunda mão. Tiffany olhou para o rosto brilhante, onde os hematomas, apesar do toque calmante da Kelda, ainda eram bastante evidentes.

Então o namorado é alfaiate, pensou ela. Para homens grandes e corpulentos como o senhor Petty, um alfaiate dificilmente era um homem, com suas mãos macias e trabalhando em casa. E se ele

costurava roupas para mulheres também, bem, era ainda mais vergonhoso que a filha o estivesse trazendo para aquela pequena família infeliz.

— O que você quer fazer agora, Amber? — Ela disse. — Eu gostaria de ver minha mãe —, disse a garota prontamente.

— Mas e se você encontrar seu pai?

Amber se virou para ela. — Então eu vou entender... por favor, pode não fazer nada desagradável com ele, tipo transformá-lo em um porco ou algo assim?

Um dia como porco poderia ajudá-lo a se corrigir, pensou Tiffany. Mas havia algo de Kelda na maneira como Amber dissera: "Vou entender". Uma luz brilhante em um mundo escuro.

Tiffany nunca tinha visto os portões do castelo fechados, exceto à noite. De dia era uma mistura de Câmara Municipal, local de trabalho do carpinteiro e do ferreiro, espaço para as crianças brincarem quando chovia e, aliás, para guardar temporariamente as colheitas de feno e trigo quando os celeiros sozinhos não dessem conta. Nunca havia muito espaço nem mesmo nos maiores chalés; então se você quisesse um pouco de paz e sossego ou um lugar para pensar, ou alguém com quem conversar, você iria até o castelo. Isto sempre funcionava.

Pelo menos a essa altura o choque do retorno do novo Barão havia passado, mas o lugar ainda fervilhava de atividade quando Tiffany entrou, ainda que bem mais moderada e com as pessoas conversando menos. Possivelmente a razão para isso era a Duquesa,

A futura sogra de Roland, que passeava pelo grande salão e ocasionalmente cutucava as pessoas com uma vara. Tiffany não

acreditou na primeira vez que viu a coisa, mas lá estava de novo: um bastão preto brilhante com um remate prateado na ponta, com o qual ela cutucou uma empregada que carregava um cesto de roupa suja. Foi só nesse momento que Tiffany percebeu também que a futura noiva seguia atrás da mãe, como se estivesse com vergonha de se aproximar de alguém que cutucava as pessoas com bastões.

Tiffany ia protestar, mas então ficou curiosa ao olhar ao redor. Ela recuou alguns passos e deixou-se desaparecer. Era um talento; e um talento em que ela era muito boa. Não era invisibilidade; dava-se apenas que as pessoas não notavam você. Sem ser vista, ela se aproximou o suficiente para ouvir o que as duas estavam conversando, ou pelo menos o que a mãe estava dizendo e a filha estava ouvindo.

A Duquesa estava reclamando. — Permitiram que este lugar fosse arruinado. De fato, ele precisa de uma reforma completa! Você não pode se dar ao luxo de ser complacente em um lugar como este! Firmeza é tudo! Só Deus sabe o que esta família pensava que estava fazendo!

Seu discurso foi pontuado pelo golpe de bastão nas costas de outra empregada que estava apressada, mas claramente não com pressa suficiente, sob o peso de um cesto cheio de roupa suja.

— Você deve ser rigorosa no cumprimento de seu dever para garantir que eles sejam igualmente rigorosos com o deles —, continuou a Duquesa, examinando o salão em busca de outro alvo. — A negligência vai acabar.

— Você vê?

— Você vê? Eles aprendem. Você nunca deve baixar a guarda em sua busca pelo desleixo, tanto nos atos quanto nas maneiras. Não permita nenhuma familiaridade indevida! E isso, claro, inclui sorrisos. Ah, você pode pensar, o que poderia haver de tão ruim em um sorriso

feliz? Mas o sorriso inocente pode facilmente tornar-se um sorriso malicioso e talvez sugerir o compartilhamento de uma piada. Está ouvindo o que estou lhe dizendo?

Tiffany estava atônita. Sozinha e com pouco esforço, a Duquesa obrigou-a a fazer algo que ela nunca pensou que faria, que era sentir pena da futura noiva, que a essa altura estava diante da mãe como uma criança travessa.

Seu hobby, e possivelmente sua única atividade na vida, era pintar aquarelas, e embora Tiffany estivesse tentando, contra o pior de seus instintos, ser generosa com a garota, não havia como negar que ela parecia uma aquarela e não apenas uma aquarela, mas uma aquarela pintada por alguém que não tinha muito suprimento de cor, mas sim grande quantidade de água, dando-lhe a impressão não só de ser incolor, mas também bastante úmida. Você poderia acrescentar, também, que havia tão pouco dela que, numa tempestade, seria bem possível que ela quebrasse sob o vento. Invisível como estava, Tiffany sentiu apenas uma pontada de culpa e parou de inventar outras coisas desagradáveis para pensar. E não bastasse, estava começando a sentir pena dela, droga!

— Agora, Letícia, recite novamente o poemazinho que eu te ensinei —, disse a Duquesa.

A futura noiva, não apenas corada, mas derretendo de constrangimento e vergonha, olhou em volta como um rato apanhado em meio a um grande salão, sem saber para que lado correr.

— Se suave —, sua mãe começou, irritada, e deu-lhe uma cutucada com o bastão. — Se suave... — a garota conseguiu dizer. — Se suave... *Se suave a urtiga for tomada/ Muita dor virá em confusão/ Mas se resoluta for tua pegada/ A terás macia em conclusão/ Assim também*

*a humana natureza/ Se entregas a bondade, há rebelião/ Mas se resoluta for tua presteza/ Macia como seda a terás então.*

À medida que a vozinha úmida desaparecia, Tiffany percebeu que se fizera silêncio absoluto no salão e todos estavam olhando. Ela quase desejou que alguém se esquecesse o suficiente de onde estava para começar a bater palmas, embora isso provavelmente significasse o fim do mundo. Em vez disso a noiva olhou para as bocas abertas e fugiu, soluçando, tão rápido quanto seus sapatos muito caros, porém muito pouco práticos, podiam levá-la; Tiffany os ouviu clicando loucamente durante todo o caminho escada acima, seguido logo depois pela batida de uma porta.

Tiffany se afastou lentamente, apenas uma sombra no ar para quem não estava prestando atenção. Ela balançou a cabeça. Por que ele fez aquilo? Por que diabos Roland fez aquilo? Roland poderia ter se casado com qualquer uma! Não a própria Tiffany, é claro, mas por que ele escolheu aquela, bem – para não ser desagradável – magrela?

E o pai dela era duque, em teoria, sem pátina; a mãe era duquesa, talvez com alguma pátina e ela era uma patinha... bem, alguém poderia tentar ser caridoso, mas ela tendia a andar como tal. Bem, ela de fato andava como uma. Se você olhasse com atenção, poderia ver que ela andava com os pés para os lados. E se você se importasse com essas coisas, a mãe terrível e a filha sentimental estavam acima de Roland em grau nobiliárquico! Eles poderiam tê-lo oficialmente como vassalo!

O velho Barão, no entanto, era um tipo diferente de pessoa. Ah, sim, ele gostava que as crianças fizessem uma pequena reverência ou uma mesura quando ele passava por elas na rua, mas ele sabia o nome de todo mundo e geralmente também a data de aniversário, e era sempre educado. Tiffany lembrou-se dele um dia a parando na rua e dizendo:

"Você poderia fazer a gentileza de pedir ao seu pai para vir me ver, por favor?". Era uma frase muito gentil para um homem com tanto poder.

Sua mãe e seu pai costumavam discutir sobre ele, quando pensavam que ela estava seguramente enfiada em sua cama. Entre a sinfonia das molas da cama ela frequentemente ouvia uma quase, mas não exatamente, briga. O pai dela dizia coisas como: "Está tudo bem você dizer que ele é generoso e tudo mais, mas não me diga que os ancestrais dele não conseguiam seu dinheiro oprimindo os pobres!". E sua mãe retrucava: "Nunca o vi oprimir ninguém! De qualquer forma, isso foi nos velhos tempos. E você precisa ter alguém para te proteger. Isso é lógico!". E o pai dela respondia com algo como: "Proteger-nos de quem? De outro homem com uma espada? Acho que poderíamos fazer isso sozinhos!". Aí então a conversa ia enfraquecendo, já que os pais dela, de uma forma confortável, ainda estavam apaixonados e nenhum deles realmente queria que alguma coisa nisso mudasse.

Parecia-lhe, olhando ao longo do salão, que não era necessário oprimir aos pobres contanto que se os ensinasse a promover a sua própria opressão.

O pensamento a deixou tonta, mas permaneceu em sua mente. Os guardas eram todos meninos locais ou casados com meninas locais; e o que aconteceria se todos na aldeia se reunissem e dissessem ao novo Barão: "Olha, vamos deixar você ficar aqui e você pode até dormir no quarto grande e, é claro, lhe daremos todas as refeições e sacudiremos o espanador de vez em quando, mas fora isso esta terra agora é nossa, entendeu?". Funcionaria?

Provavelmente não. Mas então ela se lembrou de ter pedido ao pai para limpar o velho celeiro de pedra. Isso seria um começo. Ela tinha planos para o velho celeiro.

— Você aí! — Sim! Você aí nas sombras! Está vagabundeando, você?

Desta vez ela ficou atenta. Estivera tão ocupada com tais pensamentos que havido parado de dar a atenção necessária ao seu pequeno truque de "ninguém me vê". Ela saiu das sombras, o que significava que o chapéu preto pontudo não era mais apenas uma sombra. A Duquesa a fitava, severa.

Era hora de Tiffany quebrar o gelo, embora ele fosse tão grosso que exigiria um machado. E disse educadamente: — Não sei vagabundear, senhora, mas vou dar o melhor de mim.

— Que? Que? Do que você me chamou?

As pessoas no salão aprendiam rápido e corriam o mais rápido que podiam para sair do local, porque o tom de voz da Duquesa era um alerta de tempestade e ninguém gosta de sair durante uma tempestade.

Uma raiva repentina tomou conta de Tiffany. Não era como se ela tivesse feito alguma coisa para merecer que alguém gritasse com ela daquela maneira. — Lamento, senhora; até onde eu sei não chamei você de nada. — Disse.

Isso não ajudou em nada; os olhos da Duquesa se estreitaram. — Ah, eu sei quem é você. A bruxa... a bruxa que nos seguiu até a cidade, sabe-se lá em que missão sombria? Oh, sabemos sobre bruxas de onde eu venho! Intrometidas, semeadoras de dúvidas, criadoras de descontentamento, desprovidas de qualquer moralidade e, ainda por cima, charlatãs!

A Duquesa levantou-se e olhou carrancuda para Tiffany como se tivesse acabado de obter uma vitória decisiva. E golpeou o chão algumas com seu bastão.

Tiffany não disse nada, mas era difícil não dizer nada. Ela podia sentir os servos vigiando por trás das cortinas e pilares, ou espiando pelas portas. A mulher estava sorrindo e realmente era preciso que aquele sorriso fosse removido, porque Tiffany devia a todas as bruxas mostrar ao mundo que uma bruxa não poderia ser tratada assim. Por outro lado, se Tiffany dissesse o que pensava, isso certamente seria descontado nos criados. Aquilo requeria algumas palavras escolhidas a dedo. Mas isto não aconteceria, porque a velha morcega deu uma risadinha desagradável.

— E então, criança? — Disse. — Você não vai tentar me transformar em algum tipo de criatura indescritível?

Tiffany tentou. Realmente tentou. Mas há momentos em que as coisas simplesmente não se dão. Ela respirou fundo.

— Acho que não vou me preocupar em fazê-lo, senhora, visto que você mesma está fazendo um ótimo trabalho neste sentido!

O silêncio repentino foi, no entanto, salpicado de pequenos sons, como um guarda atrás de um pilar colocando a mão sobre a boca para que sua risada chocada não fosse ouvida; e um balbucio quando – do outro lado de uma cortina – uma empregada quase conseguiu fazer o mesmo. Mas foi o pequeno som de clique de uma porta lá no alto que ficou na memória de Tiffany. Letícia? Ela tinha ouvido? Bem, isso não importava mais agora, porque a Duquesa agora regozijava, com Tiffany na palma da mão.

Ela não deveria ter aceitado os insultos estúpidos, quem quer que estivesse ouvindo. E agora a mulher teria um prazer terrível em criar problemas para Tiffany, para qualquer pessoa próxima dela e provavelmente para todos que ela conhecia. Tiffany sentiu um suor frio escorrendo pelas costas. Nunca tinha sido assim antes... nem mesmo

com o artesão do inverno; nem mesmo com Annagramma sendo desagradável num dia ruim; nem mesmo com a Rainha das Fadas, uma referência na arte de ser rancorosa. A Duquesa espancou-os a todos: ela era uma agressora; o tipo de agressora que obrigava a vítima a retaliar; o que se tornava, portanto, a justificação para mais e mais desagradáveis intimidações, com danos colaterais para quaisquer espectadores inocentes que seriam convidados pelo agressor a colocar o culpar na vítima pelo seu desconforto.

A Duquesa olhou ao redor do salão sombrio. — Há um guarda aqui? — E ela esperou com malícia encantada. — Eu sei que há um guarda aqui em algum lugar!

Houve o som de passos hesitantes e Preston, o guarda novato, apareceu das sombras e caminhou nervoso em direção a Tiffany e à Duquesa. Claro, teria que ser Preston, pensou Tiffany; os outros guardas seriam demasiado experientes para arriscar a uma exposição generosa da ira da Duquesa. E ele também sorria nervosamente, o que não era uma boa coisa a se fazer quando se lidava com pessoas como a Duquesa. Pelo menos ele teve o bom senso de saudá-la quando a alcançou e, pelos padrões de pessoas que nunca tinham sido instruídas sobre como cumprimentá-la adequadamente e, de qualquer forma, tinham que fazê-lo muito raramente, era uma boa saudação.

A Duquesa estremeceu. — Está sorrindo por que, jovem?

Preston refletiu seriamente sobre a questão e disse: — O sol está brilhando, senhora, e estou feliz sendo um guarda.

— Você não vai sorrir para mim, jovem. Sorrir leva à familiaridade, o que, a qualquer preço, não vou tolerar. Onde está o barão?

Preston mudou de um pé para o outro. — Ele está na cripta, senhora, prestando homenagem ao pai.

— Você não vai me chamar de senhora! "Senhora" é um título para as esposas de merceeiros! Nem pode me chamar de "minha senhora", que é um título para as esposas de cavaleiros e outras ralés! Sou uma duquesa e, portanto, devo ser chamada de "Vossa Graça". Entendeu?

— Sim... s... Vossa Graça! — Preston fez outra saudação em legítima defesa. Por um momento, pelo menos, a Duquesa pareceu satisfeita, mas foi definitivamente um dos momentos mais curtos.

— Muito bem, então. E agora você vai pegar essa criatura – ela acenou com a mão para Tiffany – e trancá-la em sua masmorra. Você me entendeu? — Chocado, Preston olhou para Tiffany em busca de orientação. Ela deu-lhe uma piscadela, só para mantê-lo animado. Ele se voltou para a Duquesa.

— Trancá-la na masmorra?

A duquesa o fitou. — Foi isso que eu disse!

Preston franziu a testa. — Tem certeza? — Ele disse. — Significa tirar as cabras.

— Jovem, não é da minha conta o que você faz com as cabras! Eu ordeno que você encarcere essa bruxa imediatamente! Agora vá em frente, ou cuidarei para que você perca sua posição.

Tiffany já estava impressionada com Preston, mas agora ele ganhou uma medalha.

— Não posso fazer isso —, disse ele, — pur causa do habas. O sargento me falou disso. Habas. Habas corpius. Significa que você não pode simplesmente trancar alguém se ele não infringiu a lei. Habas corpius. Está tudo escrito. Habas corpius, — ele repetiu prestativamente.

Esse desafio pareceu levar a Duquesa além da raiva e a uma espécie de horror fascinado. Este jovem de rosto manchado e armadura mal ajustada a estava desafiando com algumas palavras estúpidas. Tal coisa nunca havia acontecido com ela antes. Foi como descobrir que os sapos falavam. Isso seria muito fascinante e tudo mais, mas mais cedo ou mais tarde um sapo falante terá que ser esmagado.

— Você entregará sua armadura e deixará este castelo imediatamente, entendeu? Você está demitido. Você perdeu seu cargo e farei questão de garantir que você nunca mais consiga um emprego como guarda, jovem.

Preston balançou a cabeça. — Isso não pode acontecer, senhora Vossa Graça. Pur causa do habas corpius. O sargento me disse: "Preston, sempre preste atenção no habas corpius. Ele é seu amigo. Você sempre pode confiar no habas corpius".

A Duquesa olhou feio para Tiffany; e como o silêncio de Tiffany parecia incomodá-la ainda mais do que qualquer coisa que tivesse a dizer, ela sorriu e não disse nada, na esperança de que a Duquesa pudesse explodir. Em vez disso, e como esperado, ela se voltou contra Preston.

— Como ousa me responder desse jeito, seu canalha! — Ela ergueu o bastão brilhante com a maçaneta. De repente, porém, o bastão parecia congelado, imóvel.

— Você não vai bater nele, senhora —, disse Tiffany com voz calma. — Vou ver seu braço quebrar antes de acertá-lo. Não espancamos pessoas neste castelo. — A Duquesa rosnou e puxou a vara, mas nem a vara nem o braço pareciam querer se mover.

— Em um momento, o bastão se soltará —, disse Tiffany. — Se tentar espancar alguém com ele novamente, ele se quebrarei ao meio. Por favor, entenda que isto não é um aviso... é uma previsão.

A Duquesa olhou para ela, mas deve ter visto algo no rosto de Tiffany que conseguiu preocupar sua própria estupidez resoluta. Ela soltou a vara e ela caiu no chão. — Você ainda não deu sua última palavra sobre isso, garota-bruxa!'

— Apenas bruxa, madame. Apenas bruxa —, disse Tiffany enquanto a mulher saía rapidamente do salão.

— Vamos ter problemas? — Disse Preston calmamente.

Tiffany deu de ombros. — Vou cuidar para que você não tenha —, disse ela. E o sargento também, ela pensou. E vou conversar com ele sobre disso. Ela olhou ao redor do salão e viu os rostos dos servos que assistiam se afastarem apressadamente, como se estivessem com medo. Não houvera magia de verdade ali, ela pensou. Eu apenas mantive minha posição. Você tem que defender sua posição, porque é a sua posição.

— Eu estava me perguntando —, disse Preston, — se você iria transformá-la em uma barata e pisoteá-la. Ouvi dizer que as bruxas podem fazer isso —, acrescentou, esperançoso.

— Bem, não direi que é impossível —, disse Tiffany, — mas você não verá uma bruxa fazendo isso. Além disso, existem problemas práticos.

Preston assentiu sabiamente. — Bem, sim —, ele disse. — A massa corporal diferente, para começar, o que significaria que você acabaria com uma enorme barata de tamanho humano, que eu acho que provavelmente entraria em colapso sob seu próprio peso, ou dezenas ou

mesmo centenas de baratas em forma de pessoas. Mas o problema aí, eu acho, pode ser que o cérebro deles pode funcionar muito mal... embora, é claro, se você tivesse os feitiços certos, eu suponho que você poderia magicar todos os pedaços do humano que não coubessem na barata em algum tipo de balde grande para que pudessem usá-lo para ficarem maiores novamente quando estivessem cansadas de serem pequenas. Mas o problema seria o que aconteceria se algum cachorro faminto aparecesse quando a tampa fosse aberta. Isso seria muito ruim. Desculpe, eu disse algo errado?

— É... não, — disse. — E... você não acha que é inteligente demais para ser um guarda, Preston?

Preston deu de ombros. — Bem, todos os rapazes acham que sou um inútil —, disse ele alegremente. — Eles acham que deve haver algo errado com alguém que consegue pronunciar a palavra "maravilhoso".

— Mas, Preston... Sei que você é muito inteligente e suficientemente erudito para saber o significado da palavra "erudito". Por que você às vezes finge ser estúpido... você sabe, como "doutrina" e "habas corpius"?

Preston sorriu. — Infelizmente, nasci inteligente, senhorita, e aprendi que às vezes não é uma boa ideia ser tão inteligente. Evita problemas.

Neste momento, parecia a Tiffany que o mais inteligente seria não estar mais no salão. Certamente aquela mulher horrível não poderia causar muito mais danos, poderia? Mas Roland tinha sido tão estranho, agindo como se nunca tivessem sido amigos, soando como se acreditasse em todas as reclamações contra ela... Ele nunca tinha sido assim antes. Ah, sim... ele estava de luto pelo pai, mas simplesmente não parecia... ele mesmo. E aquela velha nojenta iria assediá-lo enquanto ele

se despedia do pai no frescor da cripta, enquanto procurava uma maneira de dizer as palavras para as quais nunca houve tempo, enquanto tentava compensar o excesso de silêncio, enquanto tentava trazer de volta ao ontem e fixá-lo firmemente no agora. Todo mundo fazia isso. Tiffany havia retornado de vários leitos de morte e alguns eram quase felizes, quando alguma velha alma decente estava pacificamente pondo abaixo o peso de seus anos. Ou poderiam ser trágicos, quando Morte precisasse se curvar para colher o que lhe era devido; ou, bem, poderiam ser simplesmente comuns... triste, mas esperado, como uma luz piscando em um céu cheio de estrelas. E ela se perguntava, enquanto preparava chá, confortava as pessoas e ouvia as histórias chorosas sobre os bons e velhos tempos de pessoas que sempre tinham palavras sobrando que achavam que deveriam ter sido ditas. E pensava que eles não estavam lá para serem referidos no passado, mas para serem lembrados no aqui e agora.

— O que você acha da palavra "enigma"?

Tiffany olhou para Preston, sua mente ainda cheia das palavras que as pessoas nunca diziam. — O que foi que você perguntou? — ela disse, franzindo a testa.

— A palavra "enigma" —, Preston repetiu prestativamente. — Quando você diz a palavra, na sua cabeça ela não parece uma cobra cor de cobre, enrolada no sono?

Agora, pensou Tiffany, durante um dia como este, qualquer pessoa que não fosse bruxa consideraria isso um pouco bobo, então isso significa que eu não devo fazê-lo.

Preston era o guarda mais malvestido do castelo; o guarda mais novo sempre era. Foram-lhe dadas calças de cota de malha, na sua

maioria cheias de buracos[32] e que sugeriram, contra tudo o que sabemos sobre as mariposas, que as elas podiam comer aço.

Lhe deram um capacete que, não importava o tamanho da sua cabeça, deslizava para baixo e fazia suas orelhas parecerem grandes; e isso sem esquecer que também herdara um peitoral com tantos buracos que poderia ser mais útil para coar a sopa.

Mas seu olhar estava sempre alerta, a ponto de incomodar as pessoas. Preston olhava para as coisas. Ele realmente olhava para as coisas, e tão intensamente que depois disso as coisas sentiam que foram realmente olhadas. Ela não tinha ideia do que se passava na cabeça dele, mas ela estava certamente bem lotada.

— Bem, devo dizer que nunca pensei na palavra "enigma" —, ela disse lentamente, — mas ela é certamente metálica e escorregadia.

— Gosto de palavras —, disse Preston. — "Perdão": não parece que é adequada ao que é? Não parece um lenço de seda caindo suavemente? E quanto a "sussurrar"? Não lembra tramas cochichadas e mistérios obscuros?

— ... desculpe, há alguma coisa errada?

— Sim, acho que algo pode estar errado —, disse Tiffany, olhando para o rosto preocupado de Preston. "Sussurro" era sua palavra favorita; ela nunca conheceu ninguém que soubesse disso.

— Por que você é guarda, Preston?

— Não gosto muito de ovelhas, não sou muito forte, então não posso ser um lavrador, sou muito desajeitado para ser alfaiate, tenho muito medo de me afogar para fugir para o mar. A minha mãe me

[32] Na verdade, calças de cota de malha estavam sempre cheias de buracos, mas não deveriam ter buracos de dezoito centímetros de largura. N.A.

ensinou a ler e a escrever, muito contra a vontade do meu pai, e como isso significava que eu não era adequado para um emprego adequado, fui despachado para ser sacerdote aprendiz na Igreja de Om. Eu gostei bastante daquilo; Aprendi muitas palavras interessantes, mas eles me expulsaram por fazer muitas perguntas, tipo: "Isso é realmente verdade ou o quê?" E na verdade, eu gosto bastante da guarda. — Ele se abaixou e tirou um livro de seu peitoral, que parecia poder acomodar uma pequena biblioteca, e continuou: — Há muito tempo para ler se você ficar fora de vista, e a metafísica também é bastante interessante.

Tiffany piscou. — Acho que perdi alguma coisa aí, Preston.

— Mesmo? — Disse. — Bem, por exemplo, quando estou de plantão noturno e alguém chega no portão, tenho que dizer "Quem vai lá, amigo ou inimigo?", para o qual, claro, a resposta correta é "Sim".

Tiffany levou um momento para remoer aquilo e começou a ter algumas sugestões de como Preston poderia ter problemas para manter um emprego. Ele continuou: — O enigma começa se a pessoa no portão disser "Amigo", pois pode muito bem estar mentindo; mas os rapazes que têm que sair à noite inventaram muito habilmente seu próprio shibbolet[33] para responder à minha pergunta, que é: "Tire o nariz desse livro, Preston, e deixe-nos entrar agora mesmo!"

— E um "Shibboleth" é...? — O rapaz era fascinante. Não era sempre que se encontrava alguém capaz de fazer bobagens parecerem maravilhosamente sensatas.

— Uma espécie de palavra-código —, disse Preston. — Estritamente falando, significa uma palavra que seu inimigo seria

[33] Juízes 12,6: Em guerra contra os efraimitas, os Gileaditas venceram a batalha e estavam à caça de fugitivos. A cada homem que viam perguntavam se era efraimita; se dissesse que não, pediam que pronunciassem a palavra "shibboleth". Os efraimitas pronunciavam a palavra como " sibboleth", diferentemente dos efraimitas. Assim, os que pronunciassem "sibboleth" eram degolados. Por conta disso a palavra "Shibboleth" acabou tomando o significado de senha. N.T.

incapaz de dizer. Por exemplo, no caso da Duquesa, pode ser uma boa ideia escolher uma palavra como "por favor". Tiffany tentou não rir.

— Esse seu cérebro vai lhe trazer problemas um dia, Preston.

— Bem, desde que ele seja bom para alguma coisa.

Houve um grito vindo da cozinha distante, e uma coisa que torna os humanos diferentes dos animais é que eles correm em direção a um pedido de socorro, em vez de fugir dele. Tiffany chegou apenas alguns segundos atrás de Preston, e nem eles foram os primeiros. Duas meninas confortavam a senhora Coble, a cozinheira, que soluçava numa cadeira enquanto uma das garotas envolvia seu braço um pano de prato. O chão fumegava e um caldeirão preto estava caído de lado.

— Estou dizendo, eles estavam lá! — A cozinheira conseguiu dizer entre soluços. — Todos se contorcendo. Sempre me lembrarei disso. E chutando e gritando "Mãe!"; vou me lembrar de seus rostinhos enquanto viver! — Ela começou a soluçar novamente; grandes soluços que ameaçavam sufocá-la. Tiffany acenou para a empregada de cozinha mais próxima, que reagiu como se tivesse levado um golpe e tentou se encolher.

— Escutem —, disse Tiffany, — alguém pode me explicar o que...?, Ei! O que você está fazendo com esse balde? — Isto foi dirigido a outra empregada que veio do porão carregando um balde cheio e que, ouvindo a voz de comando acima da confusão, deixou-o cair. Cacos de gelo voaram pelo chão. Tiffany respirou fundo.

— Senhoras, não se põe gelo numa escaldadura, por mais que pareça o certo. Deixe esfriar um pouco de chá – mas o deixe morno – e mergulhe o braço dela nele por pelo menos um quarto de hora. Todo mundo entendeu? Bom. Agora, o que aconteceu?

— Estava cheio de sapos! —, gritou a cozinheira. — Eram pudins e eu coloquei para ferver, mas quando abri, eram sapinhos, todos gritando pela mãe! Eu avisei, eu disse a eles! Um casamento e um funeral na mesma casa; claro que isso dá azar. É bruxaria, é isso mesmo! — Então a mulher engasgou e tapou a boca com a mão livre.

A face de Tiffany manteve-se séria. Ela olhou dentro do caldeirão e ao redor no chão. Não havia sinal de sapos em parte alguma, embora houvesse dois pudins enormes, ainda embrulhados em seus panos no fundo do caldeirão. Quando ela os pegou, ainda muito quentes, e os colocou sobre a mesa, não pôde deixar de notar que as criadas se afastaram deles.

— Uma massa de ameixas muito boa —, ela disse alegremente. — Nada para se preocupar aqui.

— Tenho notado muitas vezes —, disse Preston, — que, em algumas circunstâncias, a água fervendo pode assumir um aspecto muito estranho, com gotas de água parecendo saltar para cima e para baixo mesmo acima da superfície, o que, posso sugerir... pode ser uma das razões pelas quais a senhora Coble pensou que estivesse vendo sapos? — Ele se inclinou para mais perto de Tiffany e sussurrou: — E outro motivo pode muito bem ser aquela garrafa do melhor xerez cremoso que vejo ali na prateleira e que parece estar quase vazia, junto com o único copo visível na tigela de lavar louça ali. — Tiffany ficou impressionada; não tinha notado o copo.

Todo mundo estava olhando para ela. Alguém deveria estar dizendo alguma coisa, e como ninguém estava, era melhor que fosse ela.

— Tenho certeza de que a morte do nosso Barão nos perturbou a todos —, começou ela e não foi mais longe, porque a cozinheira sentou-se ereta na cadeira e apontou para ela um dedo trêmulo.

— Todos menos você, sua criatura perversa! — Ela acusou. — Peguei você, não peguei? Todo mundo estava soluçando, chorando e lamentando, mas você não! Ah, não. Você estava apenas pavoneando-se, dando ordens aos mais velhos e aos superiores! Assim como sua avó! Todo mundo sabe! Você foi gentil com o jovem Barão, e quando ele te dispensou, você matou o velho Barão, só para irritá-lo! As pessoas viram. Ah, sim, e agora o pobre rapaz está fora de si de tristeza e sua noiva está chorando e não quer sair do quarto! Oh, como você deve estar rindo por dentro! As pessoas estão dizendo que o casamento deveria ser adiado! Aposto que você gostaria disso, não é? Isso seria como uma medalha para enfeitar o seu chapéu preto, se não me engano! Me lembro de quando você era pequena e subia para as montanhas, onde o povo é tão estranho e selvagem, como todo mundo sabe, e o que volta? Sim, o que volta? O que volta, toda sabichona, agindo de forma tão arrogante, tratando-nos como lixo e destruindo a vida de um jovem? E isso não é o pior! É só falar com a senhora Petty! Não me fale sobre sapos! Conheço sapos quando os vejo, e foi isso que eu vi! Sapos! Deveriam...

Tiffany saiu de seu corpo. Ela era muito boa nisso agora, ah, sim. Às vezes ela praticava o truque com animais, que geralmente eram muito difíceis de enganar: mesmo que ali não houvesse nada mais que uma mente rondando, eles ficavam nervosos e acabavam fugindo. Mas humanos? Os humanos eram fáceis de enganar. Desde que seu corpo permanecesse onde você o deixara, piscando os olhos, respirando, mantendo o equilíbrio e todas as outras pequenas coisas que os corpos são bons em fazer mesmo quando você não está lá, outros humanos pensariam que você estava lá de fato.

E agora ela se deixou levar em direção à cozinheira bêbada enquanto ela murmurava, gritava, se repetindo, cuspindo idiotices

ofensivas cheias de bile e ódio, além também de pequenas gotículas de saliva que permaneciam em seu queixo.

E agora Tiffany podia sentir o fedor. Era fraco, mas estava lá. Ela se perguntou: se eu me virar, verei dois buracos em uma face? Não, as coisas não estavam tão ruins, com certeza. Talvez ele estivesse apenas pensando nela. Deveria correr? Não. Pode estar correndo tanto para um lado, o dele, como para outro. Ele poderia estar em qualquer lugar! Bem, podia ao menos tentar pôr um fim naquele jorro de ofensas.

Tiffany teve o cuidado de não passar através das pessoas; era possível, mas embora ela fosse, em teoria, tão insubstancial quanto um pensamento, passar através de uma pessoa era como andar por um pântano... pegajoso, desagradável e escuro.

Ela havia passado pelas serventes da cozinha, que pareciam hipnotizadas; o tempo sempre parecia passar mais devagar quando ela estava fora do corpo.

Sim, a garrafa de xerez estava quase vazia e havia outra vazia, visível atrás de um saco de batatas. A senhora Coble tresandava ao cheiro daquilo. Ela sempre gostou de uma gota de xerez e talvez de mais outra gota também; podia ser uma doença relacionada ao trabalho entre os cozinheiros, junto com três queixos tremelicantes. Mas e todas aquelas imprecações nojentas? De onde veio aquilo? Era algo que ela sempre quis dizer ou ele colocou na boca dela?

Não fiz nada de errado, ela pensou novamente. Pode ser útil manter isso firmemente em mente. Mas também fui muito estúpida e terei de lembrar disso também.

A mulher, ainda hipnotizando as serventes com seus discursos, parecia muito feia no mundo em câmera lenta: seu rosto estava de um vermelho cruel e toda vez que ela abria a boca seu hálito fedia e havia

um pedaço de comida presa em seus dentes não escovados. Tiffany se moveu um pouco para o lado. Seria possível colocar uma mão invisível em seu corpo estúpido e ver se conseguia parar as batidas do coração?

Nunca lhe tinha ocorrido nada como isso antes, e claro, era fato que não se podia segurar nada quando se estava fora do corpo; mas talvez fosse possível interromper algum pequeno fluxo, alguma minúscula faísca? Mesmo uma criatura grande, gorda e miserável como a cozinheira poderia ser derrubada pelo menor dos transtornos; e aquele estúpido rosto vermelho estremeceria; aquele hálito fedorento iria ofegar e aquela boca suja se fecharia...

Primeiros Pensamentos, Segundos Pensamentos, Terceiros Pensamentos e os muito raros Quartos Pensamentos se puseram alinhados em sua cabeça como planetas para gritar em coro: *Isso não somos nós! Observe o que você está pensando!*

Tiffany bateu de volta em seu corpo, quase perdendo o equilíbrio, e teve que ser amparada por Preston que estava bem atrás dela.

Rápido! Lembre-se de que a senhora Coble perdeu o marido há apenas sete meses, disse a si mesma. E lembre-se de que ela costumava lhe dar biscoitos quando você era pequena; e lembre-se de que ela brigou com a nora e não pode mais ver os netos. Lembre-se disso e veja uma pobre senhora que bebeu demais e ouviu muitas fofocas... daquela desagradável senhorita Spruce, por exemplo. Lembre-se disso, porque se você revidar, se tornará o que ele quer que você seja! Não dê espaço a ele na sua cabeça novamente!

Atrás dela, Preston grunhiu: — Sei que não é a coisa certa a dizer a uma senhora, senhorita, mas você está suando como um porco!

Tiffany, tentando organizar seus pensamentos despedaçados, murmurou: — Minha mãe sempre disse que os cavalos suam, os homens transpiram e as mulheres apenas brilham...

— Mesmo? — Preston falou jovialmente. — Bem, senhorita, você está brilhando como um porco!

Isso causou muitas risadas nas garotas, já abaladas com o discurso da cozinheira, mas qualquer risada seria melhor do que aquilo e, ocorreu a Tiffany, que talvez Preston já tivesse pensado a mesma coisa.

A senhora Coble, porém, conseguiu se levantar e acenou com um dedo ameaçador para Tiffany... embora estivesse balançando tanto que durante algum tempo, dependendo da direção para qual estivesse inclinada, passou também a ameaçar Preston, uma das garotas e uma prateleira de queijos.

— Você não me engana, sua sirigaita perversa —, disse ela. — Todo mundo sabe que você matou o velho Barão! A enfermeira viu tudo! Como se atreve a mostrar sua cara aqui? E vai fazer o mesmo com todos nós, mais cedo ou mais tarde, e eu não permitirei isso! Queria que o chão se abrisse e engolisse você! — A cozinheira rosnou. Ela cambaleou para trás. Houve um baque forte, um rangido e, só por um momento até ser interrompido, o início de um grito quando a cozinheira despencou no porão.

## CAPÍTULO 10

## A GAROTA DERRETENDO

— Senhorita Dolorida, devo pedir-lhe que saia do Giz —, disse o Barão, com o rosto rígido.

— Não, não vou!

A expressão do Barão não mudou. Roland, às vezes, ficava daquele jeito, ela lembrou; piorado agora, é claro. A Duquesa insistiu em estar no escritório dele para esta entrevista; e ainda insistiu em ter dois de seus próprios guardas lá, bem como dois do castelo. Isso praticamente preencheu todo o espaço do escritório, e os dois pares de guardas se entreolhavam em total rivalidade profissional. — Esta terra é minha, senhorita Dolorida.

— Sei que tenho alguns direitos! — Tiffany replicou.

Roland assentiu como um juiz. — Um argumento de peso, senhorita Dolorida, mas infelizmente não lhe cabe mais nenhum direito. Você não é arrendatária, não é inquilina e não possui terras. Em suma, você não tem nada em que direitos possam se basear. — Ele disse tudo isso sem tirar os olhos do papel almaço à sua frente.

Tiffany estendeu a mão e habilmente o arrancou dos dedos dele, voltando para sua cadeira antes que os guardas pudessem reagir. — Como se atreve falar assim sem me olhar nos olhos! — Mas ela sabia o que as palavras significavam. Seu pai era arrendatário da fazenda. Ele tinha direitos. Ela não. — Olha —, disse, — você não pode simplesmente me expulsar. Não fiz nada de errado.

Roland suspirou. — Eu realmente esperava que você visse a razão, senhorita. Dolorida. Mas como você declara total inocência, devo explicar os seguintes fatos. Um: você admite que tirou a criança Amber Petty dos pais e a hospedou com o povo das fadas que vive em buracos no chão. Você achou que aquele era o lugar certo para uma jovem? De acordo com meus homens, parecia haver muitos caracóis nas proximidades.

— Agora espere, Roland...

— Você se dirigirá ao meu futuro genro como "meu senhor" —, retrucou a Duquesa.

— E se eu não fizer isso vai me bater com seu bastão, Vossa Graça? Vai segurar a urtiga com firmeza?

— Como você ousa! — Disse a Duquesa, com os olhos brilhando. — É assim que você gosta que seus convidados sejam tratados, Roland?

Pelo menos sua perplexidade parecia genuína. — Não tenho a menor ideia do que está sendo falado aqui —, disse ele.

Tiffany apontou o dedo para a Duquesa, fazendo com que os guarda-costas da Duquesa pegassem suas armas, o que fez com que os guardas do castelo sacassem as suas também, para não ficarem de fora. No instante em que as espadas foram desembaraçadas com segurança e colocadas de onde tinham saído, a Duquesa já estava lançando um contra-ataque. — Você não pode tolerar essa insubordinação, meu jovem! Você é o Barão e já intimou a esta... esta criatura para deixasse suas terras. Ela atenta contra a ordem pública e, se ainda insistir voluntariamente em não ir embora, preciso lembrá-lo de que os pais dela são seus arrendatários?

Tiffany já estava furiosa por causa da "criatura", mas para sua surpresa o jovem Barão balançou a cabeça e disse: — Não, não posso punir bons arrendatários por terem uma filha rebelde.

Rebelde? Isso era pior que "criatura"! Como ele se atrevia...! E seus pensamentos se alinharam. Ele não se atreveu. Ele nunca se atreveu, nem quando se conheceram; quando que ela era apenas Tiffany e ele era apenas Roland. E tinha sido um relacionamento estranho, principalmente porque não era um relacionamento. Eles não foram atraídos um pelo outro: foram empurrados um para o outro pela forma como o mundo funcionava. Ela era uma bruxa, o que significava que era automaticamente diferente das crianças da aldeia, e ele era filho do Barão, o que significava automaticamente que era diferente das crianças da aldeia.

E onde eles erraram foi em acreditar, em algum lugar de suas mentes, que porque duas coisas eram diferentes, elas deveriam, portanto, ser parecidas entre si. Descobrir lentamente que isso não era

verdade não foi bom para nenhum deles e houve um certo número de coisas que ambos desejavam que não tivessem sido ditas. Então não acabou porque nunca tinha começado, não de verdade, é claro. E isto foi o melhor para ambos. Claro. Certamente. Sim.

E em todo esse tempo ele nunca foi assim, nunca foi tão frio, nunca foi tão estúpido e de uma forma tão meticulosa que você não poderia culpar a desgraçada da Duquesa, muito embora, se pudesse fazê-lo, teria adorado. Não, havia outras coisas mais acontecendo ali. Ela tinha que se pôr em guarda. E ali, observando-os enquanto a observavam, ela percebeu como uma pessoa poderia ser ao mesmo tempo estúpida e inteligente.

Ela pegou sua cadeira, colocou-a cuidadosamente em frente à mesa, sentou-se nela, cruzou as mãos e disse: — Sinto muito, meu senhor. — E voltando-se para a duquesa, fez-lhe leve reverência com a cabeça. — E para você também, sinto muito, Vossa Graça. Temporariamente, esqueci qual era o meu lugar. Isto não voltar a acontecer. Obrigado.

A Duquesa grunhiu. Teria sido impossível para Tiffany ter menos consideração pela duquesa do que já tinha, mas, bem, um grunhido? Depois de um abaixar de cabeça daqueles? Humilhar uma jovem bruxa arrogante mereceria muito mais do que isso... alguma observação tão cortante que chegasse até os ossos. Honestamente, ela pode ter feito um esforço.

Roland estava olhando para Tiffany, numa perplexidade que era quase menosprezo. Ela o confundiu um pouco mais ao entregar-lhe a folha de papel agora amassada, dizendo: — Quer tratar dos outros assuntos, meu senhor?

Ele lutou por um momento, conseguindo, para sua satisfação, colocar e alisar o papel sobre a mesa. — Há a questão da morte de meu pai e do roubo de dinheiro de seu cofre. — Tiffany o fitou com um sorriso prestativo, o que o deixou mais nervoso ainda. — Mais alguma coisa, meu senhor? Estou ansiosa para que tudo seja resolvido.

— Roland, ela está tramando alguma coisa —, disse a Duquesa. — Fique em guarda. — E ela acenou com a mão para os guardas. — E vocês, guardas, também deveriam estar em guarda, lembrem-se!

Os guardas, tendo alguma dificuldade com a ideia de ficarem ainda mais em guarda quando já estavam – devido ao nervosismo – muito mais em guarda do que nunca, esforçaram-se de qualquer modo em parecer um pouco mais altos.

Roland pigarreou. — Bem, então há a questão da falecida cozinheira; que morreu quase coincidentemente, creio eu, enquanto insultava a você. Compreende do que está sendo acusada?

— Não —, Tiffany disse.

Houve um momento de silêncio antes de Roland dizer: — Hmmm, por que não?

— Porque não são acusações, meu senhor. Você não está declarando abertamente que acredita que roubei o dinheiro e matei seu pai e a cozinheira. Você está simplesmente acenando com a ideia para mim, na esperança de que eu comece a chorar, suponho. E as bruxas não choram e eu quero algo que provavelmente nenhuma outra bruxa pediu antes. Eu quero uma audiência. Uma audiência de verdade, oficial. E isto significa provas. E isso significa testemunhas, e isso significa que as pessoas que dizem o que dizem têm que dizê-lo na frente de todos. E isso significa um júri composto por meus pares, o que significa pessoas como eu, e isso significa habeas corpus, muito obrigada. — Ela se

levantou e virou-se para a porta, que estava bloqueada por uma multidão de guardas contorcendo-se em aperto. Neste momento olhou para Roland e fez uma pequena reverência. — A menos que se sinta confiante o bastante para me prender, meu senhor, estou indo embora.

Eles observaram com a boca aberta enquanto ela caminhava até os guardas.

— Boa noite, sargento, boa noite, Preston, boa noite, senhores. Isso não levará nem um minuto. Se vocês me derem licença, estou indo embora. — Ela ganhou uma piscadela de Preston enquanto empurrava sua espada; momento em que ouviu aos guardas desabarem de repente.

Ela caminhou pelo corredor até o salão. Havia um fogo enorme na lareira ainda maior, que era grande o suficiente para ser uma sala por si só. O fogo era de turfa. Não havia muito para aquecer a maior parte do salão, que nunca esquentava nem no auge do verão, mas era aconchegante estar perto e se você tinha que respirar fumaça, então não havia nada melhor do que fumaça de turfa; que subia pela chaminé e flutuava como uma névoa quente em volta das laterais do bacon que ficava pendurado ali para defumar.

Tudo iria ficar complicado de novo, mas no momento Tiffany simplesmente sentou-se ali para descansar e, enquanto isso, gritar consigo mesma por ter sido tão estúpida. Quanto veneno ele podia infiltrar em suas cabeças? De quanto mais ele precisava?

Esse era o problema da bruxaria: era como se todos precisassem das bruxas, mas odiassem o fato de precisarem delas. E, de alguma forma, o ódio por esta necessidade se transferia para a pessoa da bruxa. As pessoas então começavam a pensar: quem é você para ter todas essas habilidades? Quem é você para conhecer todas essas coisas? Quem é você para pensar que é melhor que nós? Mas Tiffany não se achava

melhor que eles. Ela era melhor do que eles em bruxaria, isso era verdade, mas não sabia tricotar uma meia, ela não sabia ferrar um cavalo e, embora fosse muito boa em fazer queijo, precisava de três tentativas para assar um pão que pudesse ser mordido com os dentes. Todo mundo era bom em alguma coisa. A única coisa ruim era não descobrir a tempo.

Havia poeira fina no chão da lareira, porque não havia nada como turfa para gerar poeira e enquanto Tiffany observava, pequenas pegadas apareciam nela.

— Tudo bem —, ela disse, — o que vocês fizeram com os guardas?

Uma chuva de Feegles pousou levemente no assento ao lado dela.

— Bem —, disse Rob Qualquerum, — pessoalmente eu teria gostado de ter roubado eles, ter deixados eles limpinhos de tudo, os desgraçados escavadores de montes Feegles que eles são, mas pude ver onde isso poderia tornar as coisas um pouco difíceis para você; então simplesmente amarramos seus cadarços juntos. Talvez eles culpem os ratinhos.

— Escute, vocês não machucaram ninguém, certo? Os guardas têm que fazer o que lhes mandam.

— Não, eles num tem não —, disse Rob com desdém. — Essa num é coisa de guerreiro, fazer o que lhe mandam. E o que eles teriam feito com você, se fizessem o que lhes foi dito? Aquela carcaça de sogra tava jogando espadas com os olhos procê o tempo todo, maldição pra ela! Rá! Vamos ver se ela gosta da água do banho esta noite!

O tom em sua voz colocou Tiffany em alerta. — Você não vai ferir ninguém, entendeu? Ninguém, de maneira nenhuma, Rob.

O Grande Homem resmungou. — Uuuch, sim, senhorita, levei em consideração o que você disse!

— E você promete, pela sua honra como Feegle, que não esquecer disso assim que eu virar as costas, certo?

Rob Qualquerum começou a resmungar novamente, usando crepitantes palavras Feegle que ela nunca tinha ouvido antes. Pareciam palavrões e, por uma ou duas vezes, quando os cuspiu, fumaça e faíscas saíram com eles. Ele também batia os pés, sempre um sinal de um Feegle no limite. — Eles vieram trazendo aço afiado para desenterrar minha casa, desenterrar meu clã e desenterrar minha família —, disse ele, e suas palavras eram ainda mais ameaçadoras porque eram muito equilibradas e calmas. Então ele cuspiu uma frase curta em direção ao fogo, que ficou verde por um momento quando as palavras atingiram as chamas.

— Não vou desobedecer à bruaca das colinas, cê sabe, mas aviso firmemente que se eu vir uma pá perto do meu monte novamente, o dono vai encontrar ela enfiada pela parte rombuda na parte traseira do kilt; para que machuque as mãos quando tentar tirar. E isso será apenas o começo dos seus problemas! E se houver alguma coisa para ser estoporada aqui, juro pelo meu spog que seremos nós que faremos a estoporação! — Ele pisoteou mais um pouco para cima e para baixo e depois acrescentou: — E o que é isso que nós ouvimos sobre você exigir o cumprimento da lei? Num somos amigos da lei, cê sabe.

— E quanto a Arthur Piquininho Louco? — perguntou Tiffany.

Era quase impossível ver um Feegle se portando como se fosse uma ovelha tímida, mas Rob Qualquerum parecia prestes a dizer "Béééé".

— Ah, foi uma coisa terrível que aqueles gnomos fizeram com ele —, disse ele, parecendo triste. — Sabe que ele lava o rosto todos os dias? quero dizer, esse tipo de coisa é aceitável quando a sujeira fica muito

espessa, mas todos os dias? Eu pergunto: como um corpo pode suportar isso?

Num momento havia os Feegles e então houve um leve barulho, seguido por uma total falta de Feegles, e no momento seguinte havia um suprimento mais do que adequado de guardas. Felizmente eram o sargento e Preston, em posição de sentido.

O sargento pigarreou. — Estou me dirigindo à senhorita Tiffany Dolorida? — Disse.

— Parece-me que sim, Brian —, disse Tiffany, — mas você é o juiz. — O sargento olhou em volta rapidamente e depois se aproximou. — Por favor, Tiff —, ele sussurrou, — tudo ficou sério para nós. — Ele se endireitou rapidamente e disse, muito mais alto do que o necessário: — Senhorita Tiffany Dolorida! Recebi ordens de meu senhor, o Barão, para informá-la de que é ordem dele que você permaneça nos *redores* do castelo...

— Nos que? — Perguntou.

Sem dizer nada, com os olhos fixos no teto, o sargento entregou-lhe um pedaço de pergaminho.

— Ah, você quis dizer nos arredores —, ela disse. — Isso significa o castelo e os lugares ao redor também —, ela disse a ele prestativamente. — Mas eu pensei... o Barão não queria que eu fosse embora?

— Olha, estou só estava lendo o que está escrito aqui, Tiff, e recebi ordens de trancar sua vassoura na masmorra.

— Uma missão impressionante essa que você tem aí, senhor guarda do castelo. Está encostada na parede, sirva-se. — O sargento pareceu aliviado.

— Você não vai causar nenhum... problema? —, ele disse.

Tiffany balançou a cabeça. — Nenhum problema, sargento. Não vou brigar com um homem que está apenas cumprindo seu dever. — O sargento caminhou cautelosamente até a vassoura. Todos conheciam a vassoura, é claro; a tinham visto passando por cima, e geralmente apenas por cima, praticamente todos os dias. Mas ele hesitou, com a mão a poucos centímetros da madeira.

— Hmmm, o que acontece quando eu tocar nela? — Perguntou.

— Ah, então estará pronta para voar —, disse Tiffany.

A mão do sargento recuou muito lentamente da vizinhança, ou possivelmente dos arredores, do cabo de vassoura. — Mas ela não vai voar comigo, certo? — Disse com uma voz suplicante e cheia de acrofobia.

— Ah, provavelmente não muito longe nem muito alto —, disse Tiffany, sem olhar em volta. O sargento era conhecido por ter vertigens simplesmente por ficar em pé em uma cadeira. Ela caminhou até ele e pegou a vassoura. — Brian, quais foram suas ordens se eu me recusasse a obedecê-las, se você entende o que quero dizer?

— Eu deveria prender você!

— Que? E me trancar na masmorra?

O sargento estremeceu. — Você sabe que eu não gostaria de fazer isso —, disse ele. — Alguns de nós estamos gratos, e todos sabíamos que a pobre senhora Coble estava bêbada como um gambá, pobre mulher.

— Então não vou incomodar você —, disse Tiffany. — Então por que eu não coloco essa vassoura, com a qual você parece tão preocupado, na masmorra e a tranco? Então não poderei ir a lugar nenhum, certo?

O alívio inundou o rosto do sargento e, enquanto desciam os degraus de pedra até a masmorra, ele baixou a voz e disse: — Não sou eu, você entende, são eles lá em cima. Parece que a "Graça Dela" está dando as ordens agora.

Tiffany não tinha visto muitas masmorras, mas as pessoas diziam que a do castelo era muito boa para os padrões de masmorras e provavelmente ganharia pelo menos cinco bolas e correntes se alguém decidisse escrever um Bom Guia de Masmorras. Era espaçosa e bem drenada, com uma calha bem no meio que terminava no inevitável buraco redondo, que não cheirava muito mal, por assim dizer, no todo.

E nem as cabras, desdobradas em suas camas confortáveis feitas de pilhas de palha, de olhos atentos nela para o caso dela fazer alguma coisa interessante, como alimentá-las, por exemplo. Elas não pararam de comer, porque sendo cabras, já estavam jantando pela segunda vez.

A masmorra tinha duas entradas. Uma ia direto para fora: provavelmente estava lá para arrastar os prisioneiros, nos velhos tempos, porque isso evitaria ter que empurrá-los pelo grande salão, sujando o chão de sangue e lama.

Hoje em dia, a masmorra era usada principalmente como galpão de cabras e, em prateleiras mais altas – altas o suficiente para ficar fora do alcance de todos, exceto das cabras mais determinadas –, uma dispensa de maçãs.

Tiffany colocou a vassoura no suporte de maçãs mais baixo, enquanto o sargento acariciava uma das cabras, tomando cuidado para não erguer os olhos, caso isso o deixasse tonto. Isso significava que ele estava totalmente despreparado quando Tiffany o empurrou para fora da porta, tirou as chaves da fechadura, voltou para a masmorra e trancou a porta por dentro.

— Sinto muito, Brian, mas, veja bem, é você. Não apenas você, é claro, e nem mesmo principalmente você; e foi bastante injusto da minha parte tirar vantagem de você, mas se vou ser tratada como uma criminosa é melhor agir como tal. — Brian balançou a cabeça...

— Nós temos outra chave, sabe.

— Vai ser pouco útil se eu bloquear o buraco da fechadura —, disse Tiffany, — mas veja pelo lado positivo. Estou trancada a sete chaves, o que acho que algumas pessoas gostariam. E você só está preocupado com detalhes. Veja, acho que você pode estar olhando para isso pelo lado errado. Estou segura em uma masmorra. Eu não fui trancada aqui para ficar longe de vocês, o resto de vocês é que foi trancado longe de mim. — Brian parecia prestes a chorar e ela pensou: Não, não posso fazer isso. Ele sempre foi decente comigo. Ele está tentando ser decente agora. Só porque sou mais inteligente do que ele não significa que ele deva perder seu emprego. Além disso, já conheço o caminho para sair daqui. Esse é o problema das pessoas que têm masmorras; elas não passam tempo suficiente nelas. Ela devolveu as chaves.

O rosto dele se iluminou de alívio. — Obviamente vamos trazer-lhe comida e água —, disse ele. — Você não pode viver de maçãs o tempo todo!

Tiffany sentou-se na palha. — Sabe, é bem aconchegante aqui. É engraçado como os arrotos de cabra tornam tudo quente e confortável. Não, não vou comer as maçãs, mas algumas delas precisam ser viradas ou apodrecerão, então cuidarei disso enquanto estiver aqui também. É claro que, estando trancada aqui, não posso estar lá fora. Não poderei fazer remédios. Não vou cortar unhas dos pés de ninguém. Não poderei ajudar. Como está a perna da sua velha mãe hoje em dia? Ainda bem,

espero? Você se importaria de sair agora, por favor, por que eu gostaria de usar o buraco? — Ela ouviu as botas dele na escada. Foi um pouco cruel, mas o que mais ela poderia ter feito? Ela olhou em volta e levantou um monte de palha muito velha e muito suja que não era tocada há muito tempo. Todos os tipos de coisas rastejaram, pularam ou deslizaram para longe. Ao seu redor, agora que a área estava limpa, cabeças de Feegle ergueram-se com pedaços de palha caindo delas.

— Chame meu advogado, por favor —, disse Tiffany alegremente. — Acho que ele vai gostar de trabalhar aqui...

O Sapo revelou-se bastante entusiasmado... se considerado que era um advogado que sabia que seria pago em besouros.

— Acho que começaremos com detenção ilícita. Juízes não gostam desse tipo de coisa. Se alguém vai ser preso, preferem que sejam eles quem faça isso.

— Hmmm, na verdade eu me tranquei —, disse Tiffany. — Isto conta?

— Eu não me preocuparia com isso no momento. Você estava sob pressão, sua liberdade de movimento estava sendo restringida e você estava com medo.

— Eu certamente não estava com medo! Eu estava extremamente zangada!

O Sapo baixou a pata em uma centopeia em fuga. — Você foi interrogada por dois membros da aristocracia na presença de quatro homens armados, certo? Ninguém te cientificou do que ocorreria? Ninguém leu para você sobre seus direitos? E você diz que o Barão aparentemente acredita, sem nenhuma evidência, que você matou o pai dele e a cozinheira, além de ter roubado algum dinheiro?

— Acho que Roland está se esforçando para não acreditar —, disse Tiffany. — Alguém lhe contou uma mentira.

— Então podemos por isto em evidência; de fato, devemos. Ele não pode sair por aí fazendo alegações de assassinato quando elas não podem ser fundamentadas. Ele pode ter sérios problemas por causa disso!

— Ah —, Tiffany disse, — não queria que nenhum mal acontecesse a ele! — Era difícil saber quando o Sapo está sorrindo, então Tiffany teve que adivinhar. — Eu disse algo engraçado?

— Não é nada engraçado, não de fato; mas à sua maneira é bastante triste e bastante engraçado —, disse o Sapo. — Divertido, mas neste caso divertido de um modo agridoce. Este jovem está fazendo acusações contra você que poderiam, se verdadeiras, levá-la a ser executada em muitos lugares deste mundo. E ainda assim você não deseja que ele sofra qualquer inconveniente?

— Eu sei que é tolice sentimental, mas a Duquesa o pressiona o tempo todo e a garota com quem ele vai se casar é tão bobinha quanto... — Ela parou. Ouviram-se passos do salão até a masmorra nas escadas de pedra; passos que certamente não tinham o estridular pesado das botas com cravos dos guardas.

Era Letícia, a noiva, toda de branco e toda chorando. Ela alcançou as grades da cela de Tiffany, pendurou-se nelas e continuou chorando: não grandes soluços, mas apenas uma choradeira interminável, gotejamento de nariz e lágrimas do tipo mexendo-na-manga-em-procura-do-lenço-de-renda-já-totalmente-encharcado.

A garota realmente não olhava para Tiffany, apenas soluçava na direção dela. — Eu sinto tanto! Eu realmente sinto tanto! O que você vai pensar de mim?

E ali, bem ali, estava a desvantagem de ser uma bruxa. Aqui estava uma pessoa cuja mera existência levou Tiffany, em uma certa noite, a se perguntar sobre toda aquela história toda de espetar alfinetes em uma figura de cera. Na verdade, ela não tinha feito isso; porque era algo que você não deveria fazer, algo que as bruxas desaprovavam e porque era cruel e perigoso; e acima de tudo porque ela não conseguiu encontrar nenhum alfinete.

E agora a infeliz criatura estava em algum tipo de agonia, tão perturbada que a modéstia e a dignidade estavam sendo lavadas por uma torrente de lágrimas pegajosas. Por que não poderiam elas lavar todo o ódio também? E, na verdade, nunca houve tanto ódio; foi mais uma espécie de sentimento de raiva. Ela sempre soube que nunca seria uma dama, não sem os longos cabelos loiros. Isso seria totalmente contrário a tudo o que estava nos livros de contos de fadas. Ela simplesmente não gostou de ser apressada em aceitar aquilo.

— Eu realmente nunca quis que as coisas acontecessem assim! — Letícia engoliu em seco. — Eu realmente sinto muito, muito mesmo, não sei no que estava pensando!

Havia tantas lágrimas rolando por aquele vestido bobo e rendado e... pior que isso, havia um bolinho de meleca perfeito em um nariz perfeito. Tiffany observa fascinada e horrorizada enquanto a garota chorosa parece que preparava uma grande e borbulhante fungada e... ah, não, ela não ia fazer isso, não é? Sim, ela ia. Sim. Ela espremeu o lenço pingando no chão, que já estava molhado pelo choro incessante.

— Olha, tenho certeza de que as coisas não podem ser tão ruins assim —, disse Tiffany, tentando não ouvir os ruídos horríveis de bolhas de catarro estourando no chão de pedra. — Se você parasse de chorar

por um momento, tenho certeza de que tudo pode ser resolvido, seja lá o que for.

Isso causou mais lágrimas e alguns soluços reais, genuínos e antiquados, do tipo que você nunca ouviu na vida real... bem, pelo menos não até ali. Tiffany sabia que quando as pessoas choravam, diziam buá-úuu... ou pelo menos era assim que estava escrito nos livros. Mas ninguém fazia isso na vida real. Só que Letícia fazia isso, enquanto projetava seu choro pelos degraus das escadas. Havia algo mais ali também. Tiffany captou as palavras derramadas quando elas foram bem e verdadeiramente derramadas, e as leu quando, um tanto quanto encharcadas, pousaram em seu cérebro.

Ah é? Pensou. Mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ouviu-se novamente um barulho nos degraus. Roland, a Duquesa e um de seus guardas desceram correndo, seguidos por Brian, que claramente estava ficando muito irritado com o barulho dos guardas de outras pessoas nas pedras de sua casa, e por isso estava se certificando de que sempre que um barulho estivesse acontecendo, ele estava totalmente envolvido.

Roland derrapou na área úmida e jogou os braços protetoramente em volta de Letícia, que espremeu e escorreu mais um pouco. A Duquesa pairava sobre os dois, o que deixava pouco espaço disponível para os guardas, que tiveram que se contentar em olhar com raiva um para o outro.

— O que você fez com ela? — Roland exigiu saber. — Como você a atraiu até aqui?

O Sapo pigarreou e Tiffany deu-lhe uma cutucada indignada com a bota. — Não diga uma palavra, seu anfíbio —, ela sibilou. Ele poderia

ser seu advogado, mas se a Duquesa visse um sapo atuando como seu conselheiro jurídico isso só pioraria as coisas.

Acontece que o fato de ela não ter visto o Sapo piorou as coisas, porque gritou: — Ouviram isso? Não há fim para a insolência dela? Me chamou de anfíbio.

Tiffany estava prestes a dizer "Não me referi a você, quis dizer o outro anfíbio", mas se conteve a tempo. Ela se sentou, com uma das mãos espalhando palha sobre o Sapo e se virou para Roland. — Qual pergunta você gostaria que eu não respondesse primeiro?

— Meus homens saberão como fazer você falar! — A Duquesa disse por cima do ombro de Roland.

— Já sei falar, obrigada —, disse Tiffany. — Pensei que talvez ela tivesse vindo para se gabar, mas as coisas parecem ser mais... molhadas.

— Ela não pode sair, pode? — Roland perguntou ao sargento.

O sargento fez uma saudação atenta e disse: — Não, senhor. Tenho as chaves de ambas as portas firmemente em meu bolso, senhor. — Ele lançou um olhar presunçoso para o guarda da Duquesa quando disse isso, como se dissesse "algumas pessoas recebem perguntas importantes e voltam com respostas precisas e rápidas por aqui, só pra te informar!"

Isso foi bastante estragado pela duquesa dizendo: — Ele o chamou duas vezes de “senhor” em vez de “meu senhor”, Roland. Você não deve permitir que as classes inferiores ajam de maneira tão familiar com você. Já lhe falei isso antes.

Tiffany teria alegremente chutado Roland por não ter respondido bruscamente a essa pergunta. Brian o ensinara a andar a cavalo, ela sabia; e o ensinara a empunhar uma espada e a caçar. Talvez ele devesse ter lhe ensinado boas maneiras também.

— Com licença —, ela disse bruscamente. — Pretende me manter trancada para sempre? Eu não me importaria com mais meias e alguns vestidos extras e, claro, algumas imencionáveis, para quando for o caso. — Possivelmente a menção da palavra "imencionáveis" foi o que perturbou o jovem Barão. Mas se recuperou rapidamente e disse:

— Nós, é... isto é, eu, é... sinto que talvez devêssemos mantê-la cuidadosamente sob detenção, mas humanamente, onde você não possa fazer mal até depois do casamento. Você parece ser o centro de muitos acontecimentos infelizes recentemente. Sinto muito por tudo isso.

Tiffany não se atreveu a dizer nada, porque não era educado cair na gargalhada depois de uma frase tão solene e estúpida como essa.

Roland continuou, tentando sorrir —, você ficará confortável e, é claro, levaremos as cabras para passear, se desejar.

— Gostaria que você as deixasse aqui, se não se importa —, disse Tiffany. — Estou começando a gostar do prazer da companhia delas. Posso fazer uma pergunta?

— Sim, claro.

— Isso não tem nada a haver com rocas, tem? — Perguntou Tiffany. Bem, no fim das contas, o raciocínio estúpido deles só poderia levá-los por este caminho.

— Que? — Disse Roland.

A Duquesa riu triunfante. — Ah, sim, quão típico desta jovem senhora, atrevida e confiante demais, nos tantalizar com suas insinuações! Quantas rocas temos neste castelo, Roland? — O jovem pareceu surpreso. Ele sempre ficava assim quando sua futura sogra se dirigia a ele.

— Hmm, realmente não sei. Acho que a governanta tem uma, a roca da minha mãe ainda está na torre alta... sempre tem algumas por aí. Meu pai gosta... gostava... de ver as pessoas ocupadas com as mãos. E... realmente, não sei.

— Vou dizer aos homens para revistarem o castelo e destruírem cada uma delas! — Disse a Duquesa. — Eu vou expor seu blefe! Certamente todo mundo já ouviu falar de bruxas rancorosas e rocas, não é? Uma pequena picada no dedo e todos acabaríamos dormindo por cem anos!

Letícia, ainda num estado de fungação, conseguiu dizer: — Mãe, você sabe que nunca me deixou tocar numa roca.

— E você nunca vai tocar numa roca, nunca, Letícia, nunca em sua vida. Essas coisas são para as classes trabalhadoras. Você é uma dama. Girar rocas é para as criadas.

Roland ficou vermelho. — Minha mãe costumava fiar —, disse ele de uma forma deliberada. — Eu costumava sentar na torre alta quando ela a usava de vez em quando. Era incrustada com madrepérola. Ninguém deve tocá-la. — Pareceu a Tiffany, observando através das grades, que apenas alguém com metade do coração, muito pouca gentileza e nenhum bom senso teria dito alguma coisa naquele momento. Mas a Duquesa não tinha bom senso, provavelmente porque era, bem, uma coisa que todos podiam ter.

— Eu insisto... — Ela começou.

— Não, — disse Roland. Não foi dito em voz alta, mas tinha uma quietude que era de alguma forma mais alta do que um grito; e tons e subtons que teriam parado uma manada de elefantes em seu caminho. Ou, neste caso, uma Duquesa. Ela, porém, lançou ao genro um olhar

que lhe prometia tempos difíceis, ocasiões em que ela se daria ao trabalho de proporcionar-lhe um ou dois.

Por simpatia, Tiffany disse: — Olha, eu só mencionei as rocas para ser sarcástica. Esse tipo de coisa simplesmente não acontece mais. Não tenho certeza se já aconteceu. Quero dizer, as pessoas vão dormir durante cem anos enquanto todas as árvores e plantas crescem sobre o palácio? Como isso deveria funcionar? Por que as plantas não dormem também? Caso contrário, surgiriam espinheiros crescendo nas narinas das pessoas, e aposto que isso acordaria qualquer um. E o que aconteceria quando nevasse? — Ao dizer isso ela fixou sua atenção em Letícia, que estava quase gritando uma palavra derramada muito interessante, que Tiffany havia anotado para consideração posterior.

— Bem, posso ver que uma bruxa causa transtornos onde quer que ela ande —, disse a Duquesa —, e então você vai ficar aqui, sendo tratada com mais decência do que merece, até que nós digamos o contrário.

— E o que você dirá ao meu pai, Roland? — Disse Tiffany docemente.

Ele agiu como se tivesse levado um soco, o que provavelmente levaria se o senhor Dolorida soubesse daquilo. Ele precisaria de muitos mais guardas se o senhor Dolorida descobrisse que sua filha mais nova havia sido presa com cabras... — Vou te dizer uma coisa —, disse Tiffany. — Por que não dizemos que vou ficar no castelo para tratar de assuntos importantes? Tenho certeza de que o sargento aqui é confiável para levar uma mensagem ao meu pai sem incomodá-lo? — Ela transformou isso em uma pergunta e viu Roland assentir, mas a Duquesa não se conteve. — Seu pai é um arrendatário do Barão e fará o que ele mandar!

Agora Roland tentava não mostrar sua inquietação. Quando o senhor Dolorida fora trabalhar para o velho Barão, eles, como homens do mundo, chegaram a um acordo sensato segundo o qual o senhor Dolorida faria tudo o que o Barão lhe pedisse. Desde que o Barão pedisse ao senhor Dolorida para fazer o que o senhor Dolorida queria e precisava ser feito.

Era isso que significava lealdade, seu pai lhe dissera um dia. Significava que homens bons de todos os tipos trabalhavam bem quando entendiam os direitos e deveres e a dignidade das pessoas comuns. E as pessoas valorizavam ainda mais essa dignidade porque ela consistia em dar ou receber roupa de cama, panelas e algumas ferramentas e talheres; mais ou menos tudo o que tinham. O acordo não precisava ser comentado porque toda pessoa sensata sabia como funcionava: enquanto você for um bom patrão, eu serei um bom trabalhador. Serei leal a você, enquanto você for leal a mim, e enquanto este círculo não for quebrado, é assim que as coisas continuarão a ser.

E Roland estava quebrando o círculo, ou pelo menos permitindo que a Duquesa fizesse isso por ele. Sua família governara o Giz por algumas centenas de anos e tinha pedaços de papel para provar isso. Não havia nenhum meio de prova que registrasse quando o primeiro Dolorida pisou no Giz; ninguém havia inventado o papel naquela época.

As pessoas não estavam felizes com as bruxas naquele momento – estavam perturbadas e confusas – mas a última coisa que Roland poderia provocar seria fazer o senhor Dolorida vir procurando por respostas. Mesmo com alguns fios grisalhos no cabelo, o senhor Dolorida conseguia fazer algumas perguntas bem difíceis. E preciso ficar aqui agora, pensou Tiffany. Encontrei um fio, e o que você faz com os fios é puxá-los. Em voz alta, ela disse: — Não me importo de ficar aqui. Tenho certeza de que não queremos problemas.

Roland pareceu aliviado com isso, mas a Duquesa virou-se para o sargento e disse: — Tem certeza de que ela está trancada?

Brian endireitou-se; ele já estava em pé e provavelmente agora estava na ponta dos pés. — Sim, sen... Vossa Graça, como eu disse, só há uma chave que cabe nas duas portas e as tenho no meu bolso bem aqui. — Ele deu um tapa no bolso direito, que tilintou. Aparentemente, o tilintar foi suficiente para satisfazer a Duquesa, que disse: — Então acho que poderemos descansar um pouco mais felizes em nossas camas esta noite, Sargento. Venha, Roland, e cuide de Letícia. Temo que ela precise do remédio de novo. Só Deus sabe o que a infeliz garota lhe disse.

Tiffany os observou partir, exceto Brian, que teve a decência de parecer envergonhado. — Você poderia vir aqui, por favor, sargento?

Brian suspirou e aproximou-se um pouco mais das grades. — Você não vai me causar problemas, vai, Tiff?

— Certamente que não, Brian, e espero e confio que você não tentará criar problemas para mim.

O sargento fechou os olhos e gemeu. — Você está planejando alguma coisa, não está? Sei que está.

— Deixe-me colocar desta forma —, disse Tiffany, inclinando-se para frente. — Qual é a probabilidade, você acredita, de eu ficar na cela esta noite?

Brian ia dar um tapinha no bolso. — Bem, não se esqueça que eu tenho... — Foi terrível ver seu rosto se contorcer como um cachorrinho que recebeu uma repreensão severa. — Você pegou do meu bolso! — Ele olhou para ela suplicante, como um cachorrinho que agora esperava algo muito pior do que uma repreensão.

Para choque e espanto do sargento, Tiffany devolveu-lhe as chaves novamente, com um sorriso. — Você certamente não acha que uma bruxa precisa de chaves, acha? E prometo a você que estarei de volta aqui às sete da manhã. Acho que você concordará, dadas as circunstâncias, que este é um ótimo negócio, especialmente porque encontrarei algum tempo para trocar o curativo na perna de sua mãe.

A expressão em seu rosto era o suficiente. Ele pegou as chaves com gratidão. — Suponho que não adianta perguntar como você pretende sair? — Ele disse, esperançoso.

— Não creio que você deva fazer essa pergunta dadas as circunstâncias, não é, sargento?

Ele hesitou e depois sorriu. — Obrigado por pensar na perna da minha mãe —, disse ele. — Ela anda um pouco roxa.

Tiffany respirou fundo. — O problema, Brian, é que você e eu somos os únicos que estamos pensando na perna ruim da sua mãe. Existem idosos por aí que precisam de alguém para ajudá-los a entrar e sair da banheira. Existem pílulas e poções que precisam ser preparadas e levadas para pessoas em lugares de difícil acesso. Há o senhor Bouncer, que mal consegue andar a menos que eu lhe dê uma boa esfregada com linimento. — Ela pegou seu diário, preso com pedaços de barbante e elásticos, e acenou para ele. — Isso está cheio de coisas para eu fazer, porque eu sou a bruxa. Se eu não fizer isso, quem o fará? A jovem senhora Trollope vai ter gêmeos em breve, tenho certeza; posso ouvir os batimentos cardíacos separados. Primeiro parto, também. Ela já está morrendo de medo e a outra parteira mais próxima está a dezesseis quilômetros de distância e, devo dizer, um pouco míope e esquecida. Você é um guarda, Brian. Supõe-se que os guardas sejam homens de

recursos; por isso, se a pobre jovem mãe vier em busca de ajuda, tenho certeza de que você saberá o que fazer.

Ela teve o prazer de ver seu rosto ficar quase branco. Antes que ele pudesse gaguejar uma resposta, ela continuou: — Mas não posso ajudar, sabe, porque a bruxa má deve ser presa caso ela coloque as mãos em uma roca de fiar carregada! Trancada por conta de um conto de fadas! E o problema é que acho que alguém pode morrer. E se eu os deixar morrer, então serei uma bruxa má. O problema é que, de qualquer maneira, sou uma bruxa má. Devo ser, porque vocês me trancaram.

Ela realmente sentiu pena dele. Ele não se tornou sargento para lidar com coisas assim; a maior parte de sua experiência tática consistia na captura de porcos fugitivos. Devo culpá-lo pelo que lhe foi ordenado? Perguntou-se. Afinal, não se pode culpar o martelo pelo que o carpinteiro faz com ele. Mas Brian tinha um cérebro e o martelo não. Talvez ele devesse tentar usá-lo.

Tiffany esperou até que o som de suas botas indicasse que o sargento havia decidido corretamente que poderia ser uma boa ideia manter uma distância plausível entre ele e a cela naquela noite, e talvez também pensar um pouco sobre seu futuro. Além disso, os Feegles começaram a aparecer em todas as fendas e tinham um instinto maravilhoso para não serem avistados.

— Não deveria ter furtado as chaves dele —, ela disse enquanto Rob Qualquerum cuspia um pedaço de palha.

— Mesmo? Ele quer manter você trancada!

— Bem, sim, mas ele é uma pessoa decente. — Ela sabia que parecia estúpido e Rob Qualquerum também devia saber disso.

— Ah, sim, claro, uma pessoa decente que vai prender você por ordem daquela velha carcaça arrogante? — Rosnou. — E aquela piquininha grandona choraminguenta no vestido branco? Eu tava calculando que nós ia ter que construir calhas na frente dela.

— Ela era uma daquelas ninfas da água? — Disse Wullie Doido, mas a opinião da maioria era de que a menina era de alguma forma feita de gelo e estava derretendo. Descendo os degraus, um rato nadava para um lugar seguro.

Quase sem perceber, a mão esquerda de Tiffany deslizou para dentro do bolso e puxou um pedaço de barbante, que foi temporariamente colocado na cabeça de Rob Qualquerum. A mão voltou ao bolso e voltou com uma chave pequena e interessante que ela havia apanhado na beira da estrada há três semanas, um pacote vazio que antes continha sementes de flores e uma pequena pedra com um buraco. Tiffany sempre pegava pedrinhas furadas porque davam sorte; ela os guardava no bolso até que a pedra atravessasse o tecido e caísse, deixando apenas o buraco. Isso foi o suficiente para criar um emaranhado de emergência, exceto que normalmente você precisava de algo vivo, é claro. O jantar de besouros do Sapo havia desaparecido completamente, principalmente no Sapo, então ela o pegou e amarrou-o suavemente no padrão, sem prestar atenção às suas ameaças de ação legal.

— Não sei por que você não usa um dos Feegles —, disse ele. — Eles gostam desse tipo de coisa!

— Sim, mas na metade das vezes o *emanharado* acaba me apontando para o pub mais próximo. Agora, apenas não se solte, está bem?

As cabras continuavam mastigando enquanto ela movia o emaranhado de um lado para outro, em busca de uma pista. Letícia estava arrependida, profundamente arrependida. E a última enfiada de palavras derramadas foi um conjunto de palavras que ela não teve coragem de dizer, mas não foi rápida o suficiente para fazê-las parar. E elas foram: "Eu não queria ter feito aquilo!"

Ninguém sabia como funcionava um emaranhado. Todo mundo sabia que funcionava. Talvez tudo o que fizesse era fazer você pensar. Talvez o que aquele tenha feito fora dar a seus olhos algo para olhar enquanto pensava, e Tiffany pensou: Mais alguém neste prédio é mágico. O *emanharado* se retorceu, o Sapo reclamou e o fio prateado de uma conclusão flutuou pela Segunda Visão de Tiffany. Ela virou os olhos para o teto. O fio prateado brilhou e ela pensou: Alguém neste prédio está usando magia. Alguém que está agora muito arrependido por ter feito isso.

Seria possível que Letícia, permanentemente pálida, permanentemente úmida e irrevogavelmente aquarelada, fosse na verdade uma bruxa? Parecia Impensável. Bem, não fazia sentido ficar imaginando o que estava acontecendo quando você poderia simplesmente descobrir por si mesma.

Era bom pensar que os barões do Giz se deram tão bem com tantas pessoas ao longo dos anos que se esqueceram de como prender alguém. A masmorra havia se tornado um galpão de cabras, e a diferença entre uma masmorra e um galpão de cabras é que você não precisa de fogo em um galpão de cabras, porque as cabras são muito boas em se manterem aquecidas. Você precisa de um em uma masmorra, entretanto, se quiser manter seus prisioneiros bem aquecidos; e se você realmente não gosta de seus prisioneiros, então você precisará de uma grande fogueira para deixá-los bem quentes.

Terminalmente quentes. Vovó Dolorida dissera uma vez a Tiffany que quando ela era menina havia todo tipo de coisas horríveis de metal nas masmorras, principalmente para desmontar as pessoas, um pouquinho de cada vez; mas, no fim das contas, nunca houve um prisioneiro ruim o suficiente para que fossem usadas. E, se chegasse a esse ponto, ninguém no castelo queria usar nenhuma das coisas, que muitas vezes prendiam seus dedos se você não tomasse cuidado; então todas elas eram enviadas ao ferreiro para serem transformadas em coisas mais sensatas, como pás e facas, exceto a donzela-de-ferro, que tinha sido usada como pinça de nabo até a parte superior cair.

E assim, como ninguém no castelo nunca ficara muito entusiasmado com a masmorra, todos esqueceram que ela tinha uma chaminé. E foi por isso que Tiffany olhou para cima e viu, bem acima dela, aquela pequena mancha azul que um prisioneiro chama de céu, mas que ela, assim que escureceu o suficiente, pretendia chamar de saída.

Acabou sendo um pouco mais complicado de usar do que ela esperava; era estreito demais para ela subir sentada na vassoura, então ela teve que se segurar nas cerdas e deixar a vassoura arrastá-la para cima enquanto ela se defendia das paredes com as botas.

Mas pelo menos ela saberia se virar lá em cima. Todas as crianças sabiam. Provavelmente não houve um menino crescido no Giz que não tivesse escrito seu nome no chumbo do telhado, muito provavelmente ao lado dos nomes de seu pai, avôs, bisavôs e até tataravôs, até que os nomes se perdessem na confusão de arranhões.

O ponto principal de um castelo é que ninguém deveria entrar se você não quisesse, e por isso não havia janelas até chegar perto do topo, onde ficavam os melhores quartos. Roland havia se mudado há muito

tempo para o quarto do pai... ela sabia disso porque o ajudara a mudar suas coisas quando o velho Barão finalmente aceitou que estava doente demais para continuar subindo as escadas. A Duquesa ficaria no grande quarto de hóspedes, a meio caminho entre aquele quarto e a Torre da Donzela – que era mesmo o seu nome – onde Letícia dormiria. Ninguém prestava muita atenção para isso, mas o arranjo significava que a mãe da noiva dormiria no quarto entre o noivo e a noiva, possivelmente com os ouvidos sempre atentos a qualquer som como o de afogamento ou mesmo um som de ganso.

Tiffany arrastou-se silenciosamente pela escuridão e entrou cuidadosamente em uma alcova quando ouviu passos subindo as escadas. Pertenciam a uma empregada que carregava uma jarra em uma bandeja, que ela quase derramou quando a porta do quarto da Duquesa foi aberta e a própria Duquesa olhou para ela, só para verificar se nada estava acontecendo. Quando a empregada voltou a andar, Tiffany a seguiu, silenciosamente e, como já pegara o truque, também invisível. O guarda sentado perto da porta ergueu os olhos esperançoso quando a bandeja chegou e foi instruído rispidamente a descer e pegar seu próprio jantar; a empregada então entrou no quarto, colocou a bandeja ao lado da cama grande e saiu, perguntando-se por um momento se seus olhos estariam pregando peças nela.

Letícia parecia estar dormindo sob neve recém-caída, mas o efeito era muito prejudicado quando você percebia que a maior parte era papel de seda amassado. Papel de seda usado, aliás. Era muito raro no Giz, na verdade, porque era muito caro e se você tivesse algum não era considerado falta de educação secá-lo em frente ao fogo para reutilizá-lo mais tarde. O pai de Tiffany dizia que quando ele era pequeno tinha que assoar o nariz em ratos, mas isso provavelmente era dito para fazê-la gritar.

Neste momento, Letícia assoou o nariz com uma buzina pouco feminina e, para surpresa de Tiffany, olhou ao redor da sala com desconfiança. Ela até disse um —, Alô? Tem alguém aí? — Uma pergunta que, considerada com sensatez, nunca levará você a lugar nenhum.

Tiffany se escondeu ainda mais na sombra. Ela às vezes conseguia enganar a Vovó Cera-do-Tempo em um dia bom; e uma princesa sentimental não deveria sentir sua presença.

— Eu posso gritar, sabe —, disse Letícia, olhando em volta. — Há um guarda bem na minha porta!

— Na verdade, ele desceu para jantar —, disse Tiffany, — o que, francamente, considero muito pouco profissional. Ele deveria ter esperado para ser substituído por outro guarda. Pessoalmente, acho que sua mãe está mais preocupada com a aparência dos guardas do que com o que eles pensam. Até o jovem Preston guarda melhor do que eles. Às vezes, as pessoas nunca sabem que ele está lá até que ele lhes dê cutucada no ombro. Você sabia que as pessoas raramente começam a gritar enquanto alguém ainda está falando com elas? Eu não sei por quê. Suponho que seja porque fomos educadas para sermos educadas. E se você acha que vai fazer isso agora, gostaria de salientar que, se eu estivesse planejando fazer algo desagradável, já o teria feito, não acha?

A pausa foi bem mais longa do que Tiffany gostaria. — Você tem todo o direito de ficar com raiva. — Letícia disse. — Você está com raiva, não está?

— Não no momento. A propósito, você não vai beber seu leite antes que esfrie?

— Na verdade, eu sempre jogo isso na latrina. Eu sei que é um desperdício terrível de boa comida e que há muitas crianças pobres que

adorariam uma bebida com leite morno, mas elas não merecem o meu porque minha mãe faz as empregadas colocarem um remédio para me ajudar a dormir.

— Por quê? — Tiffany disse, incrédula.

— Ela acha que eu preciso disso. Não preciso, na verdade. Você não tem ideia de como é. É como estar numa prisão.

— Bem, acho que sei como é agora —, disse Tiffany. A garota na cama começou a chorar de novo e Tiffany a silenciou.

— Eu não queria que as coisas ficassem tão ruins —, disse Letícia, assoando o nariz como se fosse uma trompa de caça. — Eu só queria que Roland não gostasse tanto de você. Você não pode imaginar como é ser eu! O máximo que posso fazer é pintar quadros, e apenas aquarelas. Nem mesmo esboços a carvão!

— Eu me perguntava sobre isso —, disse Tiffany distraidamente. — Roland costumava escrever para a filha de Lord Diver, Iodine, e ela também pintava aquarela o tempo todo. Me perguntava se era algum tipo de punição.

Mas Letícia não estava ouvindo. — Você não precisa apenas sentar e pintar quadros. Você pode voar o tempo todo —, ela estava dizendo. — Dá ordens às pessoas, faz coisas interessantes. Ah, eu queria ser uma bruxa quando era pequena. Mas, para minha sorte, eu tinha longos cabelos loiros, pele clara e um pai muito rico. Que bem veio disso? Garotas assim não podem ser bruxas!

Tiffany sorriu. Estavam descobrindo a verdade; e era importante permanecer prestativa e amigável antes que a barragem rompesse novamente e todas as duas fossem inundadas. — Você tinha um livro de contos de fadas quando era jovem?

Letícia assoou o nariz novamente. — Ah, sim.

— Por acaso foi aquele com uma imagem muito assustadora do trasgo na página sete? Eu costumava fechar os olhos quando chegava àquela página.

— Eu o rabisquei todo com giz de cera preto —, disse Letícia em voz baixa, como se fosse um alívio contar para alguém.

— Você não gostava de mim. E então você decidiu fazer alguma mágica contra mim... — Tiffany disse isso bem baixinho, porque havia algo frágil em Letícia. A garota pegou mais um lenço de papel, de fato, mas pareceu ter perdido os soluços por um momento... como se tivessem dado uma saída por um momento.

— Eu sinto tanto! Se eu soubesse, nunca teria...

— Talvez eu devesse ter lhe contado —, continuou Tiffany — que Roland e eu éramos... bem, amigos. Mais ou menos o único amigo que cada um tinha. Mas de certa forma, era o tipo errado de amizade. Nós nunca nos juntamos por nós mesmos; aconteceram coisas que nos juntaram. E não percebemos isso. Ele era filho do Barão, e uma vez que você sabe que é filho do Barão e todas as crianças foram informadas sobre como agir em relação ao filho do Barão, então você não terá muitas pessoas com quem conversar. E então lá estava eu. Eu era a garota esperta o suficiente para ser bruxa e devo dizer que este é um trabalho que não permite que você tenha uma coisa grande o bastante para chamar de vida social. Se preferir, duas pessoas que estavam de fora pensaram que eram o mesmo tipo de pessoa. Sei disso agora.

Infelizmente Roland foi o primeiro a perceber isso. E essa é a verdade. Eu sou a bruxa e ele é o Barão. E você será a Baronesa, e não deverá se preocupar se a bruxa e o Barão – para o benefício de todos –

estiverem se dando bem. E isso é tudo o que existe, e na verdade nem existe isso, apenas o fantasma de um isso.

Ela viu o alívio percorrer o rosto de Letícia como o sol nascente.

— E essa é a verdade vinda de mim, senhorita; então eu gostaria que você ouvisse a verdade. Olha, podemos sair daqui? Tenho medo de que alguns guardas possam entrar a qualquer momento e tentar me colocar em um lugar de onde não consigo sair. — Tiffany conseguiu colocar Letícia na vassoura com ela. A garota ficou inquieta, então simplesmente arfou quando a vassoura desceu suavemente das ameias do castelo, flutuou sobre a aldeia e pousou em um campo.

— Você viu aqueles morcegos? — Disse Letícia.

— Oh, eles muitas vezes voam em volta da vassoura se você não se mover muito rápido —, disse Tiffany. — Seria de se pensar que eles deveriam evitar isso, realmente. E agora, senhorita, agora que nós duas estamos longe de qualquer ajuda, me conte o que você fez para que as pessoas me odiassem. — O pânico tomou conta do rosto de Letícia.

— Não, não vou machucar você —, disse Tiffany. — Se eu fosse, já teria feito isso há muito tempo. Quero apenas limpar minha vida. Me diga o que você fez.

— Eu usei o truque do avestruz —, disse Letícia prontamente. — Sabe, isso se chama magia antipática: você faz um modelo da pessoa e a coloca de cabeça para baixo em um balde de areia. Eu realmente sinto muito, muito mesmo...

— Sim, você já disse isso —, disse Tiffany, — mas nunca ouvi falar desse truque. Não consigo ver como isso poderia funcionar. Não faz sentido.

Mas funcionou comigo, ela pensou. Essa garota não é uma bruxa e tudo o que ela tentou não foi um feitiço de verdade, mas funcionou comigo.

— Não precisa fazer sentido se for magia —, disse Letícia esperançosa.

— Tem que fazer algum sentido em algum lugar —, disse Tiffany, olhando para as estrelas que surgiam. — Bem —, disse Letícia, — tirei isso de *Feitiços para os Amantes*, de Anathema Bugloss, se isso ajudar.

— Esse é aquele que tem a ilustração da autora sentada em uma vassoura, não é? — Disse Tiffany. — Sentada do lado errado, devo acrescentar. E sem alça de segurança. E nenhuma bruxa que conheci usa óculos de proteção. E quanto a levar um gato com você, é melhor nem pensar nisso. E é um nome inventado também. Já vi o livro no catálogo do Boffo. É um lixo. Feito para garotas sentimentais que acham que comprar um bastão muito caro com uma pedra semipreciosa colada na ponta, é o que se precisa para fazer magia, sem querer ofender. Você também pode pegar um pedaço de pau na cerca viva e chamá-lo de varinha.

Sem dizer nada, Letícia desceu um pouco até a sebe que havia entre o campo e a estrada. Há sempre um pedaço de pau útil debaixo de uma cerca viva, se você fuçar o suficiente.

Ela acenou vagamente no ar e deixou uma linha azul clara depois dele.

— Tipo assim? Por um bom tempo, não houve nenhum som além do pio ocasional de uma coruja e, para quem realmente podia ouvir, o farfalhar dos morcegos.

— Acho que é hora de termos uma conversinha mais específica e apropriada, não acha? — Disse Tiffany.

# CAPÍTULO 11

# A FOGUEIRA DAS BRUXAS

— EU DISSE QUE SEMPRE quis ser bruxa —, disse Letícia. — Você não sabe o quão difícil isso pode ser quando sua família mora em uma grande mansão e é tão antiga que o brasão, comparando, faz dos outros brasões medalhas comemorativas. Tudo isso atrapalha e, se me dá licença, eu queria muito ter nascido com suas desvantagens. Só descobri o catálogo do Boffo quando ouvi duas empregadas rindo enquanto o folheavam, quando entrei na cozinha um dia. Eles fugiram, ainda rindo, devo acrescentar, mas deixaram tudo para trás. Não posso pedir tantas coisas quanto gostaria, porque minha aia me espiona e conta para minha mãe. Mas a cozinheira é uma pessoa decente, então

dou-lhe o dinheiro e os números de catálogo e eles são entregues à irmã dela em Pão-Com-Presunto. Mas não posso pedir nada muito grande, porque as aias estão sempre tirando o pó e limpando por toda parte. Eu realmente gostaria de ter um desses caldeirões borbulhando uma coisa verde, mas pelo que você me contou é só uma piada.

Letícia pegou alguns outros gravetos da sebe e enfiou-os no chão à sua frente. Havia um brilho azul na ponta de cada um. — Bem, para todos os outros é uma piada —, disse Tiffany, — mas para você, imagino, produziria frangos fritos.

— Acha realmente? — Letícia disse ansiosamente.

— Não tenho certeza se consigo pensar, uma vez que estou virada do avesso e com a cabeça enfiada em um balde de areia —, disse Tiffany. — Sabe que isso parece um pouco com magia de mago? Esse truque... estava no livro da Senhora Bugloss, você diz. Olha, me desculpe, mas isso realmente é coisa de Boffo. Não é real. É só para pessoas que pensam que bruxaria tem tudo a ver com flores, poções do amor e dançar sem calcinhas. Algo que não consigo imaginar nenhuma bruxa de verdade fazendo... — Tiffany hesitou, porque era naturalmente honesta, e continuou: — Bem, talvez Tia Ogg, quando der na telha. É bruxaria com todas as crostas aparadas, e a verdadeira bruxaria é toda crosta. Mas você pegou um de seus feitiços bobos para aias risonhas e usou em mim e funcionou! Existe uma bruxa de verdade na sua família?

Letícia balançou a cabeça e seus longos cabelos loiros brilhavam mesmo sob o luar. — Nunca ouvi falar de uma. Meu avô era alquimista... não profissionalmente, é claro. Ele foi a razão pela qual o salão não tem mais ala leste. Minha mãe... Não consigo imaginá-la fazendo mágica, você consegue?

— Ela? Absolutamente sim!

— Bem, eu nunca a vi fazer e, de verdade, ela é uma pessoa bem-intencionada. Ela diz que tudo o que ela quer é o melhor para mim. Ela perdeu toda a família em um incêndio, sabia? Perdeu tudo —, disse Letícia.

Tiffany não podia deixar de gostar da garota. Seria como não gostar de um cachorrinho bastante perdido, mas ela não pôde deixar de dizer: — E você, teve boas intenções? Sabe, quando você fez um boneco meu e colocou de cabeça para baixo num balde de areia? — Letícia Devia ter um reservatório em algum lugar. Ela nunca estava a mais de uma gota de uma lágrima.

— Olha —, disse Tiffany, — eu não me importo, honestamente. Embora, francamente, eu gostaria de acreditar que foi apenas um feitiço! Basta tirar o boneco do balde e podemos esquecer tudo. Por favor, não comece a chorar de novo, isso deixa tudo muito encharcado.

Letícia fungou. — Ah, é só que, bem, eu não fiz aquilo aqui. Eu o deixei em casa. Está na biblioteca.

A última palavra daquela frase ressoou na cabeça de Tiffany. — Uma biblioteca? Com livros? — As bruxas não deveriam se preocupar particularmente com livros, mas Tiffany lia todos os que podia. Você nunca sabia o que poderia tirar de um livro. — Está uma noite muito quente para esta época do ano —, ela disse, — e sua casa não é muito longe, não é? Você poderá estar de volta à torre e à cama em algumas horas.

Pela primeira vez desde que Tiffany a conheceu, Letícia sorriu, sorriu genuinamente. — Posso ir na frente desta vez? — Ela disse.

Tiffany voava baixo sobre as colinas.

A lua estava quase no alto e era uma verdadeira lua cheia, uma lua de colheita, de um cobre quase sanguíneo. A cor vinha da fumaça da queima de restolho, pairando no ar. Como a fumaça azul dos talos de trigo queimados fazia a lua ficar vermelha, ela não sabia; mas com certeza não iria voar até lá para descobrir. E Letícia parecia estar numa espécie de paraíso pessoal. Ela tagarelava o tempo todo, o que era melhor do que os soluços. A menina era apenas oito dias mais nova que ela. Tiffany sabia disso porque se deu a um trabalho muito cuidadoso para descobrir. Mas eram apenas números. Tiffany não via as coisas deste modo. De fato, se sentia velha o suficiente para ser mãe da garota. Era estranho, mas Petúlia, Annagramma e o resto delas nas montanhas lhe disseram a mesma coisa: as bruxas envelheciam por dentro. Você tinha que fazer coisas que precisavam ser feitas, mas que reviravam seu estômago como uma roca. Você às vezes via coisas que ninguém deveria ver. E, geralmente sozinha e muitas vezes na escuridão, você precisava fazer as coisas que tinham que ser feitas.

Nas aldeias distantes, quando uma nova mãe estava dando à luz e as coisas caminhavam para se tornarem sérios problemas, você esperava que houvesse uma velha parteira local que pudesse pelo menos lhe dar algum apoio moral; mas ainda assim, quando chegava a hora e a decisão de vida ou morte tinha que ser tomada, então era você quem tomava, porque você era a bruxa. E às vezes não era uma decisão entre uma coisa boa e uma coisa ruim, mas uma decisão entre duas coisas ruins; nenhuma escolha certa, apenas... escolhas.

E agora ela viu algo acelerando sobre a grama enluarada e acompanhando facilmente a vassoura. Aquilo manteve o ritmo por vários minutos e então, com um salto giratório, voltou para as sombras iluminadas pela lua. A lebre corre para o fogo, pensou Tiffany, e tenho a sensação de que também corro.

O Palácio Keepsake ficava no extremo do Giz, e era realmente o extremo do Giz porque ali o Giz dava lugar ao barro e ao cascalho. Havia um parque aqui, árvores altas – florestas delas – e fontes em frente à própria casa, o que levava a palavra "palácio" ao limite, já que parecia meia dúzia de mansões coladas umas às outras. Havia dependências, alas, um grande lago ornamental e um cata-vento em forma de garça, no qual Tiffany quase esbarrou. — Quantas pessoas moram aqui? — Ela conseguiu dizer enquanto firmava a vassoura e pousava no que ela esperava ser um gramado, mas descobriu que era grama seca com quase um metro e meio de profundidade. Coelhos dispersaram-se, alarmados com a intrusão aérea.

— Agora, só eu e a mãe —, disse Letícia, com a grama seca estalando sob seus pés enquanto ela saltava, — e os criados, claro. Temos muitos deles. Não se preocupe, todos eles já devem estar na cama.

— De quantos empregados se precisa para duas pessoas? — Tiffany perguntou.

— Cerca de duzentos e cinquenta.

— Não acredito em você.

Letícia se virou enquanto se dirigia para uma porta distante. — Bem, incluindo as famílias, há cerca de quarenta na fazenda e outros vinte na leiteria, e outros vinte e quatro para trabalhar nas florestas, e setenta e cinco para os jardins e pomares, que incluem a casa da banana, o poço do abacaxi, a casa do melão, a casa dos nenúfares e a pesca da truta. Os restantes trabalham na casa e nos quartos de albergue.

— O que é isso?

Letícia parou com a mão na maçaneta de latão corroída. — Você pensa que minha mãe é uma pessoa muito rude e mandona, não é?

Tiffany não conseguia ver nenhuma alternativa a não ser dizer a verdade, mesmo correndo o risco de um choro de meia-noite. — É, eu penso —, disse.

— E você tem razão —, disse Letícia, girando a maçaneta. — Mas ela é leal às pessoas que são leais a nós. Sempre fomos. Ninguém é demitido por ser muito velho, muito doente ou muito confuso. Se não conseguem sobreviver em seus chalés, moram em uma das alas. Na verdade, a maioria dos servos cuida dos velhos servos! Podemos ser antiquados, um pouco esnobes e atrasados, mas ninguém que trabalhe para os Keepsake jamais precisará mendigar por comida no fim da vida.

Por fim, a maçaneta teimosa girou, abrindo-se para um longo corredor que cheirava a... que cheirava a... que cheirava a velho. Essa era a única maneira de descrevê-lo, mas se você tivesse tempo para pensar, diria que era uma mistura de fungos secos, madeira úmida, poeira, ratos, tempo morto e livros antigos, que têm seu cheiro próprio e intrigante. Era isso, decidiu Tiffany. Dias e horas morreram silenciosamente aqui, sem que ninguém percebesse.

Letícia remexeu em uma prateleira dentro da porta e acendeu um candeeiro. — Ninguém vem aqui hoje em dia, exceto eu —, disse ela, — porque é mal-assombrado.

— Certo —, disse Tiffany, tentando manter a voz neutra. — Por uma senhora sem cabeça com uma abóbora debaixo do braço. Ela está caminhando em nossa direção agora. — Ela esperava que eu ficasse chocada? Ou em lágrimas? O que Tiffany certamente não esperava que Letícia dissesse:

— Esta era Mavis. Terei que trocar a abóbora dela assim que as novas estiverem maduras. Eles começam a ficar, bem, nojentas depois de algum um tempo. — Ela levantou a voz. — Sou só eu, Mavis, não há

nada para ter medo! — Com um som semelhante a um suspiro, a mulher sem cabeça virou-se e começou a caminhar de volta pelo corredor.

— A abóbora foi ideia minha —, continuou Letícia, tagarela. — Ela era simplesmente impossível de lidar antes disso. Procurando por sua cabeça, entendeu? A abóbora lhe dá algum conforto e, francamente, acho que ela não percebe a diferença, pobre alma. A propósito, ela não foi executada. Acho que ela quer que todos saibam disso. Foi simplesmente um acidente estranho envolvendo um lance de escadas, um gato e uma foice.

E esta é a garota que passa o tempo todo chorando, pensou Tiffany. Porém este é o lugar dela. Em voz alta, ela disse: — Mais algum fantasma para me mostrar, caso eu queira me molhar de novo?

— Bom, agora não —, disse Letícia, caminhando pelo corredor. — O esqueleto gritante parou de gritar quando eu dei a ele um velho ursinho de pelúcia, embora eu não tenha certeza do porquê isso funcionou e, ah, sim, o fantasma do primeiro duque continua assombrando o banheiro ao lado da sala de jantar, que nós não usamos com muita frequência. Ele tem o hábito de puxar a corrente em momentos inconvenientes, mas isso é melhor do que as chuvas de sangue que costumávamos ter.

— Você é uma bruxa. — As palavras saíram sozinhas da boca de Tiffany, incapaz de permanecer na privacidade de sua mente.

A garota olhou para ela com espanto. — Não seja boba —, ela disse. — Nós duas sabemos como são as coisas, não é? Longos cabelos loiros, pele branca como leite, nobre – bem, um nascimento razoavelmente nobre – e rica, pelo menos tecnicamente. Sou oficialmente uma dama.

— Sabe —, disse Tiffany, — talvez seja errado basear o futuro de alguém em um livro de contos de fadas. Normalmente, as garotas dos contos de princesas não ajudam fantasmas angustiados e sem cabeça dando-lhes uma abóbora para carregar. Quanto a fazer o esqueleto para de gritar dando-lhe um ursinho de pelúcia, devo dizer que estou impressionada. É isso que Vovó Cera-do-Tempo chama de cabeçologia. A maior parte do ofício é cabeçologia, quando você vai direto ao assunto: cabeçologia e Boffo.

Letícia parecia nervosa e satisfeita ao mesmo tempo, o que deixava seu rosto manchado de branco e rosa. Era, Tiffany tinha que concordar, o tipo de rosto que espiava pelas janelas da torre, esperando por um cavaleiro que não tinha nada melhor para fazer com seu tempo do que salvar sua dona de dragões, monstros e, se tudo mais falhasse, do tédio.

— Você não precisa fazer nada a respeito —, acrescentou Tiffany. — O chapéu pontudo é opcional. Mas se a senhorita Umaturga estivesse aqui, ela definitivamente sugeriria uma carreira. Não é bom ser uma bruxa sozinha.

Eles haviam chegado ao fim do corredor. Letícia girou outra maçaneta rangente que gemeu, assim como a porta que se abriu. — Isso ficou claro para mim, pelo que pude ver —, disse Letícia. — E a senhorita Umaturga é...?

— Ela viaja pelo interior procurando garotas que tenham talento para o ofício —, disse Tiffany. — Dizem que você não encontra a bruxaria, ela encontra você; e geralmente é a senhorita Umaturga quem vai lhe dar uma batidinha no ombro. Ela é uma caçadora de bruxas, mas não creio que entre em muitas mansões senhoriais. Elas deixam as bruxas nervosas. — Minha nossa! — Então foi por isso foi que Letícia tinha acendido uma lamparina. A sala estava cheia de estantes e os livros

nelas brilhavam. Não eram livros modernos baratos; eram livros encadernados em couro, e não apenas em couro mas em couro de vacas inteligentes que deram a vida pela literatura depois de uma existência feliz nas melhores pastagens. Os livros brilhavam enquanto Letícia circulava pela grande sala acendendo outras luminárias. Ela as puxava em direção ao teto em suas longas correntes que balançavam suavemente enquanto ela puxava, de modo que o brilho dos livros se misturava com o brilho do latão até que a sala parecesse estar cheia de um ouro rico e vivo.

Letícia ficou claramente satisfeita com a forma como Tiffany estacou e olhou. — Meu bisavô era um grande colecionador —, disse ela. — Vê todo o latão polido? Isso não é para mostrar, é para o leitor ávido tipo traça calibre 0,303, que pode se mover tão rápido que pode abrir um buraco em uma estante inteira de livros em uma fração de segundo. Rá, mas não quando batem em latão maciço na velocidade do som! A biblioteca era maior, mas meu tio Charlie fugiu com todos os livros de uma coleção... Acho que se chamava... erótica? Acho que era assim que se chamava... erótica? Não tenho certeza, só sei não consegui encontrar em nenhum mapa. De qualquer forma, acho que sou a única que entra aqui agora. A mãe acha que ler deixa as pessoas inquietas. Desculpe, mas por que você está cheirando? Espero que outro rato não tenha morrido aqui.

Há algo muito errado neste lugar, pensou Tiffany. Algo... tenso... e tensionando. Talvez seja todo o conhecimento dentro dos livros, ansioso para sair. Ela tinha ouvido falar da biblioteca da Universidade Invisível... dos livros dotados de alma, todos comprimidos juntos no espaço e no tempo, de modo que à noite, dizia-se, eles conversavam entre si e uma espécie de relâmpago brilhava de livro em livro. Muitos livros em um só lugar, quem sabia o que eles poderiam fazer? A senhorita Umaturga um

dia lhe dissera: "Conhecimento é poder, poder é energia, energia é matéria, matéria é massa, e massa muda tempo e espaço.". Mas Letícia parecia tão feliz entre as prateleiras e escrivaninhas que Tiffany não teve coragem de protestar.

A garota acenou para ela. — E é aqui que eu faço minhas pequenas mágicas —, disse ela, como se estivesse dizendo a Tiffany que era ali que ela brincava com suas bonecas.

Tiffany estava suando agora; todos os pelinhos de sua pele tremiam, um sinal para si mesma de que deveria se virar e correr, mas Letícia tagarelava sem parar, sem perceber que Tiffany tentava não vomitar.

O fedor dele era terrível. Ele surgiu na alegre biblioteca como uma baleia morta há muito tempo subindo novamente à superfície, cheia de gás e corrupção.

Tiffany olhou em volta desesperadamente em busca de algo que a distraísse daquela imagem. A senhora Proust e Derek certamente se beneficiaram com Letícia Keepsake. Ela havia comprado toda a linha, com verrugas e tudo.

— Mas eu só uso verrugas no momento. Acho que elas dão a sensação certa, sem exageros, concorda? — Ela dizia.

— Nunca me preocupei com elas —, disse Tiffany fracamente.

Letícia fungou. — Oh, querida, sinto muito pelo cheiro; são os ratos, eu acho. Eles comem a cola dos livros, embora eu diria que devem ter encontrado um livro particularmente desagradável.

A biblioteca estava realmente começando a incomodar Tiffany.

Foi como, bem, acordar e descobrir que uma família de tigres havia entrado durante a noite e estava dormindo profundamente na

ponta da cama: tudo estava em paz no momento, mas a qualquer momento alguém iria perder um braço. Tinha aquela coisa do Boffo, que era uma espécie de bruxaria para exibição. Isso impressionava as pessoas e talvez ajudasse um novato a entrar no clima, mas com certeza a senhora Proust não estava mandando coisas que realmente funcionassem, estava?

Ouviu-se o barulho de uma alça de balde atrás dela quando Letícia contornou uma estante, segurando o balde com as duas mãos. Areia caiu quando ela o pôs no chão; a seguir, mexeu nele por um momento. — Ah, aí está você —, disse ela, tirando algo que parecia uma cenoura que havia sido mastigada por um rato que não estava lá com muita fome.

— Era para ser eu? — Tiffany disse.

— Receio que não sou muito boa em escultura —, disse Letícia, — mas o livro diz que o que você está pensando é... o que conta? — Foi uma declaração nervosa com uma pequena pergunta no final, esperando para explodir em lágrimas.

— Desculpe-me —, disse Tiffany. — O livro entendeu errado. Não é tão legal assim. É o que você faz que conta. Se você quiser lançar um feitiço em alguém, você precisa de algo que pertenceu a essa pessoa... cabelo, um dente, talvez. E você não deveria mexer nisso, porque não é legal e é muito fácil errar. — Ela olhou atentamente para a bruxa muito mal esculpida. — E vejo que você escreveu a palavra "bruxa" a lápis. Hmmm... sabe quando eu disse que é fácil errar? Bem, há momentos em que "errar" simplesmente não significa bagunçar a vida de outra pessoa.

Com o lábio inferior tremendo, Letícia assentiu.

A pressão na cabeça de Tiffany estava piorando e o fedor horrível agora era tão forte que parecia algo físico. Ela tentou se concentrar na pequena pilha de livros sobre a mesa da biblioteca. Eram pequenos

volumes tristes, do tipo que Tia Ogg, que podia ser estranhamente mordaz quando tinha vontade, chamava de "cagalhõezinhos brilhantes" para meninas que brincavam de ser bruxas por diversão.

Mas pelo menos Letícia fora minuciosa; havia alguns cadernos de notas no púlpito que dominavam a mesa. Tiffany se virou para dizer algo para a garota, mas de alguma forma sua cabeça não queria virar. Sua Segunda Visão a puxava de volta. E sua mão levantou-se lentamente, quase automaticamente, e afastou a pequena pilha de livros bobos. O que ela pensava ser o topo do púlpito era na verdade um livro muito maior, tão grosso e escuro que parecia fundir-se com a própria madeira. O pavor invadiu seu cérebro como xarope preto, dizendo-lhe para correr e... Não, isso foi tudo. Apenas corra e continue correndo, e não pare. Nunca

Ela tentou manter a voz firme. — Você sabe alguma coisa sobre esse livro? — Letícia olhou por cima do ombro.

— É bem antigo. Eu nem reconheço a escrita. Mas a encadernação é maravilhosa, e o mais engraçado é que está sempre um pouco quente.

Aqui e agora, pensou Tiffany, ele está diante de mim aqui e agora. Eskarina disse que tinha um livro dele. Poderia ser uma cópia? Mas um livro não pode machucar, pode? Só que os livros contêm ideias, e as ideias podem ser perigosas.

Nesse ponto, o livro no púlpito abriu-se com um rangido de couro e com um pequeno ruído de batida quando a capa foi virada. As páginas farfalhavam como um bando de pombos em fuga, e então lá estava ela, uma página enchendo a sala à meia-noite com uma luz solar brilhante de dar água nos olhos. E naquela luz do sol, correndo em sua direção, através do deserto escaldante, estava uma figura vestida de preto...

Automaticamente, Tiffany fechou o livro com força e segurou-o com as duas mãos, agarrando-o como uma estudante. Ele me viu, ela pensou. Sei que fez isso. O livro pulou em seus braços como se algo pesado o tivesse atingido, e ela pôde ouvir

... palavras, palavras que ela estava feliz por não conseguir entender. Outro golpe atingiu o livro, abaulando a capa e quase derrubando-a. Quando veio o próximo baque, ela caiu para frente, aterrissando com a capa embaixo dela e todo o seu peso sobre o livro.

Fogo, ela pensou. Ele odeia fogo! Mas não acho que conseguiria levar isso muito longe e, bem, não se incendeia bibliotecas, simplesmente não se faz isso. Além disso, todo este lugar está seco como um osso.

— Tem alguma coisa tentando sair do livro? — Disse Letícia.

Tiffany olhou para seu rosto rosado e branco. — Sim —, ela conseguiu dizer e bateu o livro na mesa enquanto ele saltava novamente em seus braços.

— Não vai ser como aquele trasgo do livro de contos de fadas, não é? Sempre tive tanto medo de que ele se mexesse entre as páginas.

O livro saltou no ar e caiu novamente sobre a mesa, tirando o fôlego de Tiffany. Ela conseguiu grunhir: — Acho que isso é muito pior do que o trasgo!

Porque este é o nosso trasgo, ela lembrou inconvenientemente. Afinal, ambas tinham o mesmo livro. Não foi um bom livro em muitos aspectos, mas depois você cresce e torna-se apenas uma imagem boba, mas parte de você nunca esquece.

Parecia ser algo que acontecia com todo mundo. Quando ela mencionou a Petúlia que estava assustada com uma imagem de um

livro, a garota confessou que tinha ficado extremamente assustada com um esqueleto de aparência feliz em um livro ilustrado quando era jovem. E aconteceu que todas as outras garotas também se lembraram de algo parecido. Era como se fosse um fato da vida. Um livro começaria assustando você.

— Acho que sei o que fazer —, disse Letícia. — Você pode mantê-lo ocupado por um tempo? Não vai demorar mais que um momento. — E com isso desapareceu de vista e depois de alguns segundos Tiffany, ainda se esforçando para manter o livro fechado, ouviu um rangido. Ela não prestou muita atenção por conta de seus braços, agarrados com força ao livro que balançava, estarem em brasa. Foi aí que, atrás dela, Letícia disse baixinho: — Olha, vou te guiar até a prensa de livros. Quando eu der o aviso, empurre o livro e tire as mãos do caminho muito, muito rapidamente. É muito importante que você faça isso rapidamente!

Tiffany sentiu a garota ajudá-la a se virar e juntas elas avançaram até algo metálico que esperava na escuridão, enquanto o livro balançava de raiva e golpeava seu peito o tempo todo; era como segurar o coração de um elefante enquanto ele ainda batia.

Ela mal ouviu a voz de Letícia acima das batidas enquanto ela gritava: — Coloque o livro na placa de metal, empurre-o um pouco para frente e tire os dedos do caminho... agora!

Algo girou. Por um instante aterrador de molhar as calças, Tiffany viu uma mão passar pela capa do livro antes que uma placa de metal batesse nela, cortando as pontas de suas unhas.

— Ajude-me com esta barra, sim? Vamos apertar o máximo que pudermos. — Isso veio de Letícia, que estava apoiada em... no que mesmo? — É a velha prensa de livros —, disse ela. — Meu avô

costumava usá-lo o tempo todo quando reformava livros velhos que estavam danificados. Ajuda quando você precisa colar uma página novamente, por exemplo. Quase nunca a usamos, exceto na Vigília-dos-Porcos. Muito bom para quebrar nozes com precisão, sabe? Basta girar a manivela até ouvi-las começarem a rachar. Parecem minúsculos cérebros humanos. — Tiffany arriscou uma olhada na prensa, cujas placas superior e inferior estavam agora pressionadas firmemente uma contra a outra, para ver se algum cérebro humano estava pingando do lado de fora. Não estavam, mas não ajudou muito naquele momento, pois um pequeno esqueleto humano saiu da parede, atravessou as prateleiras da biblioteca como se fossem fumaça e desapareceu. Estava segurando um ursinho de pelúcia. Era uma daquelas coisas que o cérebro arquivava como "algo que preferia não ter visto".

— Aquilo era algum tipo de fantasma? — Letícia perguntou. — Não o esqueleto. Eu falei sobre ele, não foi? Pobre coisinha. Quero dizer, a outra coisa. A coisa no livro...

— Ele é, bem, suponho que você poderia dizer que ele é algo como uma doença; e também algo como um pesadelo que acontece no seu quarto quando você acorda. E acho que você o chamou. Invocou, se você preferir.

— Não gosto de nenhum dos dois! Tudo o que eu fiz foi um pequeno feitiço que estava em um livro que custou um dólar! Tudo bem, eu sei que devo ter sido uma garota boba, mas não queria nada nada assim... como isso! — Ela apontou para a prensa ainda rangendo.

— Mulher estúpida —, disse Tiffany. Letícia piscou. — O que você disse?

— Mulher estúpida! Ou mulher tola se você preferir. Você vai se casar daqui a alguns dias, lembra? E você tentou lançar um feitiço em

alguém por ciúme. Você viu o título desse livro? Eu vi. Estava bem na minha frente! Era A Fogueira das Bruxas! Foi ditado por um sacerdote Omniano que estava tão louco que não seria capaz de ver a sanidade com um telescópio. E sabe de uma coisa? O livro está vivo. As páginas se recordam! Você já ouviu falar da biblioteca da Universidade Invisível? Eles têm livros lá que precisam ser acorrentados ou mantidos no escuro ou até debaixo d'água! E você, senhorita, brincou de magia a poucos centímetros de um livro que fervilha de magia maligna e vingativa. Não admira que tenha obtido um resultado! Eu o acordei e desde então ele está me procurando, me caçando. E você, com seu pequeno feitiço, mostrou a ele onde eu estava! Você o ajudou! Ele voltou e ele me encontrou agora! O queimador de bruxas. E ele é contagioso, como eu lhe disse, uma espécie de doença.

Ela fez uma pausa para respirar, que veio, e para a torrente de lágrimas, que não veio. Letícia ficou ali parada como se estivesse pensando profundamente. Então ela disse: — Suponho que um "me desculpe" não seja suficiente, certo?

— Na verdade, seria um bom começo —, disse Tiffany, mas pensou: Esta jovem, que nunca percebeu que é hora de parar de usar vestidos de garotinha, deu a um fantasma sem cabeça uma abóbora para carregar debaixo do braço para que se sentisse melhor e presenteou um pequeno esqueleto gritando com um ursinho de pelúcia. Eu teria pensado em fazer isso? Era algo absolutamente dentro da linha do que uma bruxa faria.

— Veja —, ela disse, — você definitivamente tem algum talento mágico, estou falando sério. Mas você terá muitos problemas se começar a mexer em coisas, quando não souber o que está fazendo. Embora dar o ursinho de pelúcia ao pobre esqueleto tenha sido um toque de gênio. Baseie-se nesse pensamento e obtenha algum treinamento, e você

poderá ter um futuro na magia. Você terá que passar algum tempo com uma velha bruxa, assim como eu fiz.

— Bem, isso é maravilhoso, Tiffany —, disse Letícia. — Mas eu tenho que passar algum tempo me casando! Vamos voltar agora? E o que você sugere que façamos com o livro? Não gosto da ideia dele aqui. Suponhamos que ele consiga fugir!

— Ele já saiu, na verdade. Este livro é... bem, uma espécie de janela que facilita a passagem dele. Para me alcançar. Você tem esse tipo de coisa ocasionalmente. É uma espécie de caminho para outro mundo, ou talvez para algum outro lugar deste mundo.

Tiffany se sentiu um tanto arrogante ao explicar isso, e por isso se sentiu um tanto repreendida quando Letícia disse: — Ah, sim, o bosque de campânulas com o chalé que às vezes tem fumaça saindo pela chaminé e às vezes não; e a menina alimentando os patos no lago, onde os pombos da casa atrás dela às vezes estão voando e às vezes empoleirados. Eles são mencionados no livro *Mundos Flutuantes* de H. J. Toadbinder. Gostaria de ver? Sei onde está. — E antes que Tiffany pudesse dizer uma palavra, a garota correu entre as estantes. Ela voltou em um minuto, para seu grande alívio, e carregava um grande volume de couro brilhante que de repente caiu nas mãos de Tiffany.

— É um presente. Você foi mais gentil comigo do que eu fui com você.

— Você não pode me dar isso! Faz parte da biblioteca! Isso deixará uma lacuna!

— Não, eu insisto —, disse Letícia. — De qualquer forma, sou a única que entra aqui agora. Minha mãe guarda todos os livros de história da família, genealogia e heráldica em seu próprio quarto; e ela é a única que se interessa por eles. Além de mim, a única outra pessoa que

vem aqui atualmente é o senhor Tyler; e acho que o ouço agora, fazendo sua última ronda da noite. — Bem —, acrescentou ela, — ele é muito velho e muito lento e leva cerca de uma semana para fazer sua vigília noturna, tendo em mente que ele dorme o dia todo. Vamos. Ele terá um ataque cardíaco se encontrar alguém.

De fato, ouviu-se um rangido de uma maçaneta distante.

Letícia baixou a voz. — Você se importa se sairmos pelo outro lado? Ele pode ficar numa situação desagradável se realmente descobrir alguém.

Uma luz descia pelo longo corredor, embora fosse preciso observá-la por algum tempo para ver que estava se movendo. Letícia abriu a porta para o mundo exterior e elas correram para o que teria sido o gramado se alguém o tivesse cortado nos últimos dez anos. Tiffany teve a impressão de que o corte da grama aqui acontecia na mesma velocidade decrépita do senhor Tyler. Havia orvalho na grama e uma certa sensação de que a luz do dia seria uma possibilidade distinta em algum momento no futuro. Assim que chegaram à vassoura, Letícia murmurou mais um pedido de desculpas e correu de volta para a casa adormecida por outra porta, saindo novamente cinco minutos depois carregando uma sacola grande. — Minhas roupas de luto —, ela disse enquanto a vassoura subia no ar suave. — Amanhã será o funeral do velho Barão, pobre homem. Minha mãe sempre viaja com suas roupas de funeral. Ela diz que nunca se sabe quando alguém vai cair morto.

— Esse é um ponto de vista muito interessante, Letícia, mas quando você voltar para o castelo eu gostaria que você contasse ao Roland o que fez, por favor. Não me importo com todo o resto, mas, por favor, conte a ele sobre o feitiço que você fez. — Tiffany esperou. Letícia

estava sentada atrás dela e, neste momento, em silêncio. Muito "em silêncio". Tanto silêncio que você podia ouvir.

Tiffany passou o tempo olhando a paisagem enquanto ela passava.

Aqui e ali subia fumaça dos fogos de cozinha, embora o sol ainda estivesse abaixo do horizonte. De um modo geral as mulheres nas aldeias corriam para serem as primeiras a mostrar fumaça; isto provava que você era uma dona de casa ocupada. Ela suspirou. O problema da vassoura era que, quando você a montava, via as pessoas de cima. Você não conseguiu evitar, por mais que tentasse. Os seres humanos pareciam não passar de um monte de pontos em movimento. E quando você começava a pensar assim, já era hora de encontrar a companhia de outras bruxas, para colocar a cabeça no lugar. Você não será uma bruxa estando só, dizia o ditado. Não era tanto um conselho, mas uma exigência.

Atrás dela, Letícia falou, com uma voz que parecia ter pesado cada palavra com muito cuidado antes de decidir falar: — Por que você não está mais brava comigo?

— O que você quer dizer?

— Você sabe! Depois de tudo o eu fiz! Você está sendo terrivelmente... legal! — Tiffany ficou feliz porque a garota não conseguia ver o rosto dela e, por falar nisso, ela não conseguia ver o dela.

— As bruxas não costumam ficar com raiva. Toda essa história de gritaria nunca leva ninguém a lugar nenhum.

Depois de outra pausa, Letícia disse: — Se isso for verdade, então talvez eu não tenha nascido para ser bruxa. Às vezes sinto muita raiva.

— Oh, muitas vezes fico com muita raiva —, disse Tiffany, — mas simplesmente guardo-a em algum lugar até poder fazer algo útil com ela. Essa é a questão da bruxaria... e da magia, falando nisso. Na melhor das hipóteses, não fazemos muita mágica e, quando o fazemos, geralmente fazemos isso em nós mesmas. Agora, veja, o castelo está logo à frente. Vou deixá-la no telhado e, francamente, estou ansiosa para ver o quão confortável será a palha.

— Olha, eu realmente estou muito, muito...

— Eu sei. Você já disse. Não há ressentimentos, mas você tem que resolver sua própria bagunça. Isso é outra parte da bruxaria. — E ela acrescentou para si mesma: se é que eu sei disso!

CAPÍTULO 12

# O PECADO DOS PECADOS

A PALHA revelou-se bastante confortável; os chalés pequenos geralmente não tinham quartos vagos, então uma bruxa que estava ali a serviço, como o nascimento de uma criança, teria sorte se conseguisse uma cama no estábulo.  Muita sorte, na verdade. Muitas vezes cheirava melhor, e Tiffany não era a única a pensar que o hálito de uma vaca, quente e com cheiro de grama, era em si uma espécie de remédio.

As cabras na masmorra eram quase tão boas quanto. Deitavam-se placidamente, mastigando o jantar repetidas vezes, sem nunca tirarem

o olhar solene dela, como se esperassem que ela começasse a fazer malabarismos ou a algum tipo de música e dança.

Seu último pensamento antes de adormecer foi que alguém devia ter lhes dado a comida e, portanto, deve ter notado que a masmorra tinha menos um prisioneiro. Nesse caso, ela estava com mais problemas, mas era difícil imaginar em quantos mais problemas ela poderia estar. Possivelmente não tanto, ao que parecia, porque quando ela acordou novamente, apenas uma hora depois, alguém a cobriu enquanto ela dormia. O que estava acontecendo?

Ela descobriu quando Preston apareceu com uma bandeja de ovos e bacon; os ovos e bacon tendo um leve sabor de café por terem caído ao descer a longa escadaria de pedra. — Sua senhoria diz que isto vem com seus cumprimentos e desculpas —, disse Preston, sorrindo, — e devo lhe dizer que, se você quiser, ele providenciou um banho quente que está esperando por você na câmara branca e negra. E quando estiver pronta, o Barão... o novo Barão gostaria de vê-la em seu escritório.

A ideia de um banho parecia maravilhosa, mas Tiffany sabia que simplesmente não haveria tempo e, além disso, mesmo um banho medianamente digno significava que algumas pobres garotas teriam que arrastar uma carga de baldes pesados por quatro ou cinco lances de escadas de pedra. Ela teria que se contentar com uma rápida lavagem em uma pia quando surgisse a oportunidade.[34]

[34] As bruxas sempre se certificavam de que suas mãos estivessem escrupulosamente limpas; o resto da bruxa tinha que esperar algum tempo na agenda lotada... ou possivelmente por uma tempestade. N.A.

Mas ela certamente estava pronta para bacon e ovos. Ela fez uma nota mental, enquanto limpava o prato, que se este fosse um "dia de ser gentil com Tiffany", ela poderia tentar outra porção mais tarde.

As bruxas gostavam de aproveitar ao máximo a gratidão enquanto ainda estava quente. As pessoas tendiam a ficar um pouco esquecidas depois de um ou dois dias. Preston observou com a expressão de um menino que comeu mingau salgado no café da manhã e, quando ela terminou, disse cuidadosamente: — E agora você vai ver o Barão?

Ele está preocupado comigo, pensou Tiffany. — Primeiro, gostaria de ir ver o velho Barão —, disse ela.

— Ele ainda está morto —, disse Preston, parecendo preocupado.

— Bem, isto traz algum conforto, de qualquer maneira —, Disse Tiffany. —Imagine quão embaraçoso não seria, se fosse o contrário. — Ela sorriu diante da perplexidade de Preston. — E o funeral dele é amanhã e é por isso que devo vê-lo hoje, Preston, e agora mesmo. Por favor? Neste momento, ele é mais importante que o filho.

Tiffany sentiu os olhares das pessoas sobre ela enquanto caminhava em direção à cripta com Preston quase correndo para acompanhá-la, descendo os longos degraus atrás dela. Ela sentiu um pouco de pena dele, pois sempre se comportara de modo gentil e respeitoso; mas ninguém deveria pensar que ela estava sendo conduzida a algum lugar por um guarda. E já estava mais do que farta daquilo. Os olhares que as pessoas lançavam para ela pareciam mais de medo do que de raiva, e ela não sabia se isso era um bom sinal ou não.

Ao final da escada ela respirou fundo. Havia apenas o cheiro habitual da cripta, frio com um toque de batata. Ela sorriu um pequeno sorriso de autocongratulação. E lá estava o Barão, deitado pacificamente

exatamente como ela o havia deixado, com as mãos cruzadas sobre o peito, parecendo para todo o mundo como se estivesse dormindo.

— Eles pensaram que eu estava praticando bruxaria aqui, não é, Preston?

— Houve alguma fofoca, sim, senhorita.

— Bem, eu estava. Sua avó lhe ensinou como cuidar dos mortos, certo? Então você sabe que não é certo que os mortos fiquem muito tempo na terra dos vivos. O clima está quente e o verão tem sido quente, e as pedras que poderiam ser tão frias quanto a sepultura não estão tão frias assim. Então, Preston, vá buscar dois baldes de água para mim, por favor. Ela sentou-se em silêncio ao lado da laje enquanto ele se afastava correndo.

Terra e sal e duas moedas para o barqueiro, essas eram as coisas que você dava aos mortos; e você observava e ouvia como se fosse a mãe de um bebê recém-nascido...

Preston voltou, carregando dois baldes grandes com – ela ficou satisfeita em ver – apenas uma quantidade mínima de resíduos. Ele os largou rapidamente e se virou para ir embora.

— Não, fique aqui, Preston —, ela ordenou. — Quero que você veja o que eu faço, para que, se alguém perguntar, você possa contar a verdade.

O guarda assentiu em silêncio. Ela ficou impressionada. A seguir, colocou um dos baldes ao lado da laje e ajoelhou-se perto dele; colocou uma mão no balde frio e pressionou a outra mão contra a pedra da laje e sussurrou para si mesma: — Equilíbrio é tudo.

A raiva ajudou. Era incrível como aquilo poderia ser útil se você a guardasse até que pudesse fazer algum bom uso, como havia dito a

Letícia. Ela ouviu o jovem guarda ofegar quando a água do balde começou a fumegar e depois a borbulhar.

Então se pôs de pé num salto. — Entendi, senhorita! Vou tirar o balde fervente e trazer outro frio, certo?

Três baldes de água fervente já haviam sido despejados até que o ar da cripta voltasse a apresentar o frio do solstício de inverno. Tiffany subiu os degraus com os dentes quase batendo. — Minha avó adoraria poder fazer algo assim —, sussurrou Preston. — Ela sempre disse que os mortos não gostam do calor. Você colocou frio na pedra, certo?

— Na verdade, retirei o calor da laje e do ar e coloquei-o no balde de água —, disse Tiffany. — Não é magia, exatamente. É mais uma... habilidade. Você só precisa ser uma bruxa para fazer, só isso.

Preston suspirou. — Eu curava as galinhas da minha avó de barriga-d'água. Tinha que cortá-las para limpar a bagunça e depois costurava novamente. Nenhuma delas morreu. E então, quando o cachorro da minha mãe foi atropelado por uma carroça, eu o limpei, empurrei todos os pedaços para dentro e ele ficou como novo, exceto pela perna que eu não consegui salvar, mas esculpi uma de madeira para ele, com arreios de couro e tudo, e ele ainda persegue carroças!

Tiffany tentou não parecer em dúvida. — Cortar galinhas para curar a barriga-d'água quase nunca funciona —, disse ela. — Conheço uma bruxa de porcos que trata de galinhas quando necessário e ela disse que isso nunca funcionou para ela.

— Ah, mas talvez ela não tivesse o conhecimento da raiz torcida —, Preston disse alegremente. — Se você misturar o suco com um pouco de poejo, eles cicatrizam muito bem. Minha avó tinha o conhecimento das raízes e me passou isso.

— Bem —, disse Tiffany —, se você consegue costurar uma moela de galinha, então você pode consertar um coração partido. Ouça, Preston, já considerou se tornar um aprendiz de médico?

Tinham chegado à porta do escritório do Barão. Preston bateu e a abriu para Tiffany.

— É por conta daquelas letras que você deve colocar antes do seu nome —, ele sussurrou. — São letras muito caras! Pode não custar dinheiro se tornar uma bruxa, senhorita, mas quando você precisar daquelas letras, ah, aí você vai precisar desse dinheiro, se vai!

Roland estava de frente para a porta quando Tiffany entrou, e sua boca estava cheia de palavras derramadas, caindo sobre si mesmas para não serem ditas. Ele conseguiu dizer —, Hmmm, senhorita Dolorida... Quero dizer, Tiffany, minha noiva me garante que fomos todos vítimas de uma conspiração mágica da qual você é o alvo. Espero que você perdoe qualquer mal-entendido de nossa parte e confio que não a incomodaremos muito, e devo acrescentar que me sinto animado pelo fato de que você claramente conseguiu escapar de nossa pequena masmorra. Hmmm...

Tiffany teve vontade de gritar: "Roland, você se lembra que nos conhecemos quando eu tinha quatro anos e você sete, correndo na poeira apenas com nossos coletes? Eu gostava mais de você quando não falava como um velho advogado com um cabo de vassoura enfiado na bunda. Você parece estar discursando em uma reunião pública.". Mas, em vez disso, ela disse: — Letícia lhe contou tudo?

Roland parecia envergonhado. — Suspeito que não, Tiffany, mas ela foi muito franca. Posso até dizer que ela foi enfática. — Tiffany tentou não sorrir. Ele parecia um homem que estava começando a compreender alguns fatos da vida de casado. Ele limpou a garganta. —

Ela me disse que fomos vítimas de algum tipo de doença mágica, que atualmente está presa dentro de um livro no Palácio Keepsake? — Certamente parecia uma pergunta e ela não ficou surpresa por ele ter ficado confuso.

— Sim, isto é verdade.

— E... aparentemente, está tudo bem agora que ela tirou sua cabeça de um balde de areia. — Ele parecia realmente perdido neste momento e Tiffany não o culpava.

— Acho que as coisas podem ter ficado um pouco distorcidas —, disse ela diplomaticamente.

— E ela me disse que vai ser uma bruxa. — Ele parecia um pouco infeliz neste ponto. Tiffany sentiu pena dele, mas não muito.

— Bem, acho que ela tem o talento básico. Cabe a ela decidir até onde quer ir.

— Não sei o que a mãe dela vai dizer.

Tiffany começou a rir. — Bem, você pode dizer à Duquesa que a Rainha Magrat de Lancre é uma bruxa. Não é segredo. Obviamente a rainha tem que vir primeiro, mas ela é uma das melhores que existem quando se trata de poções.

— Realmente? — Disse Roland. — O rei e a rainha de Lancre aceitaram gentilmente o convite para o nosso casamento. — E Tiffany tinha certeza de que podia ver a mente dele trabalhando. Neste estranho jogo de xadrez que era a nobreza, uma rainha de verdade vencia quase todo mundo, o que significava que a Duquesa teria que fazer uma reverência até que seus joelhos estalassem. Ela viu as palavras derramadas: Isso seria, claro, muito lamentável. Surpreendentemente,

Roland conseguia ser cuidadoso mesmo com suas palavras derramadas. No entanto, ele não conseguiu evitar o pequeno sorriso.

— Seu pai me deu quinze dólares Ankh-Morpork em ouro verdadeiro. Foi um presente. Acredita?

Ele viu a expressão nos olhos dela e imediatamente respondeu ele mesmo: — Sim!

— Bom, —, disse Tiffany. — Então descubra para onde a enfermeira foi.

Algum pequeno pedaço de vassoura ainda poderia estar na bunda de Roland quando ele disse: — Você acha que meu pai entendeu todo o valor do que ele estava lhe dando?

— A mente dele estava clara como água até o fim, você sabe disso. Você pode confiar nele, assim como pode confiar em mim; e pode confiar em mim agora, quando eu lhe disser que *ficará casado comigo*.

Sua mão tapou a boca tarde demais. De onde veio aquilo? E ele parecia tão chocado quanto ela.

Ele falou primeiro, alto e firmemente para afastar o silêncio. — Não ouvi bem o que você acabou de dizer, Tiffany... Suspeito que todo o seu trabalho árduo nos últimos dias tenha sobrecarregado de alguma forma a sua sensibilidade. Acho que todos ficaríamos muito mais felizes se soubéssemos que você está descansando bem. Eu... amo Letícia, você sabe. Ela não é muito, bem, complicada, mas eu faria qualquer coisa por ela. Quando ela está feliz, me faz feliz. E, de modo geral, não sou muito bom em ser feliz. — Ela viu uma lágrima escorrer pelo rosto dele e, incapaz de se conter, entregou-lhe um lenço razoavelmente limpo. Ele pegou e tentou assoar o nariz, rir e chorar, tudo ao mesmo tempo. — E você, Tiffany, eu tenho muito, muito carinho..., mas é como se você

tivesse um lenço para o mundo inteiro. Você é esperta. Não, não balance a cabeça. Você é esperta. Lembro que uma vez, quando éramos mais novos, você estava fascinada pela palavra "onomatopeia". Como formar um nome ou uma palavra a partir de um som, como cocoricar, zumbir ou...?

— Sibilar? — disse Tiffany, antes que pudesse se conter.

— Isso mesmo, e lembro que você disse que "pasmaceira" era o som que o tédio fazia, porque parecia uma mosca muito cansada zumbindo na janela fechada de um velho quarto no sótão, num dia escaldante de verão. E eu pensei que eu nunca conseguiria entender isso! Não faz sentido para mim, e sei que você é inteligente e faz sentido para você. Acho que você precisa de um tipo especial de cabeça para pensar assim. E um tipo especial de inteligência. E eu não tenho esse tipo de cabeça.

— Que som faz a gentileza? — Disse Tiffany.

— Eu sei o que é gentileza, mas não consigo imaginá-la fazendo barulho. Aí está você de novo! Só não tenho cabeça que vive em um mundo onde a gentileza tem som próprio. Tenho uma cabeça que vive num mundo onde dois mais dois são quatro. Deve ser muito interessante, e eu invejo você como o inferno. Mas acho que entendo Letícia. Letícia é descomplicada, se é que você me entende.

Uma garota que uma vez exorcizou um fantasma barulhento do banheiro como se fosse apenas mais uma tarefa de rotina, pensou Tiffany. Bem, boa sorte com essa aí, senhor. Mas ela não disse isso em voz alta. Em vez disso, ela disse: — Acho que você fez uma escolha de par muito sábia, Roland. — Para sua surpresa, ele pareceu aliviado e voltou para trás de sua mesa, como um soldado se esconderia atrás das ameias.

— Esta tarde, alguns dos convidados mais distantes chegarão aqui para o funeral de amanhã e, claro, alguns ficarão para o casamento. Afortunadamente — e essa foi outra pequena amostra do cabo de vassoura —, O pastor Egg está de passagem e gentilmente concordou em dizer algumas palavras boas sobre meu pai e permanecerá conosco como nosso convidado para oficializar o casamento. Ele é membro de uma seita omniana moderna. Minha futura sogra aprova os Omnianos mas, lamentavelmente, não esta seita em particular, então tudo isso é um pouco tenso. — Ele revirou os olhos. — Além disso, entendo que ele veio recentemente da cidade e, como você sabe, os pregadores da cidade nem sempre se dão bem aqui.[35]

— Eu consideraria um grande favor, Tiffany, se você pudesse ajudar de alguma forma a evitar pequenas dificuldades e perturbações, especialmente aquelas de natureza oculta, nos dias difíceis que virão. Por favor? Já existem histórias suficientes circulando.

Tiffany ainda estava corada após sua erupção verbal. Ela assentiu e conseguiu dizer: — Olha, sobre o que acabei de dizer há pouco, eu não... —

Ela parou, porque Roland levantou a mão. — Este é um momento desconcertante para todos nós. Há uma razão para todas as superstições. A época dos casamentos e funerais é repleta de estresse para todos os envolvidos, exceto no caso do funeral para o principal, por assim dizer,

[35] Não havia tradição de homens santos no Giz, mas como as colinas ficavam entre as cidades e as montanhas, geralmente havia - com bom tempo, pelo menos - uma procissão constante de sacerdotes de um tipo ou de outro passando que a troco de uma refeição decente ou uma cama para passar a noite, espalhavam algumas palavras sagradas e, geralmente, davam uma esfregada decente na alma das pessoas. Desde que os sacerdotes fossem claramente do tipo decente, as pessoas não se preocupavam indevidamente com quem era o seu deus, desde que ele - ou ocasionalmente ela e às vezes isso - mantivessem o sol e a lua girando adequadamente e não quisessem mais nada ridículo ou novo. Também ajudava se o pregador soubesse alguma coisa sobre ovelhas. N.A.

participante —, disse ele. — Vamos apenas ser calmos e cuidadosos. Fico muito feliz que Letícia goste de você. Não acho que ela tenha muitos amigos. E agora, se me dá licença, tenho mais providências para supervisionar.

A própria voz de Tiffany ainda ecoava em sua cabeça enquanto ela saía da sala. Por que ela disse aquilo sobre se casar? Ela sempre pensou que aconteceria. Bem, quando ela era um pouco mais nova ela pensava que aconteceria, mas tudo isso era passado, não era? Sim, era! E sair com algo tão meloso e estúpido como aquilo foi tão embaraçoso.

E para onde ela estava indo agora? Bem, havia muitas coisas para fazer, como sempre havia. Não havia fim para a necessidade. Ela já atravessara metade do salão quando uma das aias se aproximou dela nervosamente e disse que a senhorita Letícia queria vê-la em seu quarto.

A menina estava sentada na cama, torcendo um lenço – um lenço limpo, Tiffany ficou satisfeita em ver – e parecendo preocupada; o que significava mais preocupada do que sua expressão habitual, que era a de um hamster ao qual foi interrompido o giro de sua roda de gaiola.

— Que gentileza sua ter vindo, Tiffany. Podemos ter uma conversa particular? — Tiffany olhou em volta. Não havia mais ninguém lá. — Bem particular —, disse Letícia, e deu outra torção no lenço.

Não tem muitos amigos da sua idade, pensou Tiffany. Aposto que ela não tinha permissão para brincar com as crianças da aldeia. E não saía muito. E com um casamento para dali a poucos dias. Minha nossa. Não era uma conclusão muito difícil de se chegar. Uma tartaruga manca poderia ter saltado sobre ela. E havia Roland. Sequestrado pela Rainha dos Elfos, mantido em seu país desagradável por anos sem envelhecer, intimidado por suas tias, preocupado demais com seu pai idoso e

achando necessário agir como se fosse vinte anos mais velho do que realmente era. Minha nossa.

— Como posso ajudá-la? — Disse alegremente.

Letícia pigarreou. — Depois do casamento teremos uma lua de mel —, disse ela, com o rosto adquirindo um tom rosado delicado. — O que exatamente deve acontecer? — As últimas palavras foram murmuradas rapidamente, Tiffany notou.

— Você tem alguma... tia? — ela perguntou. As tias geralmente eram boas para esse tipo de coisa. Letícia negou com a cabeça. — Você já tentou conversar sobre isso com sua mãe? — Tiffany tentou, e Letícia virou para ela um rosto vermelho como uma lagosta cozida.

— Você conversaria sobre esse tipo de coisa com minha mãe?

— Posso ver o problema. Bem, falando de maneira geral, e não falo exatamente como especialista aqui... [36]— Mas ela era.

Uma bruxa não podia deixar de ser uma espécie de especialista nas formas como as pessoas vinham e entravam no mundo; quando ela tinha doze anos, as bruxas mais velhas confiaram nela para ir sozinha ao parto. Além disso, ela ajudou cordeiros a nascerem, mesmo quando era bem pequena. Isso vinha naturalmente, como diria Tia Ogg, embora não tão naturalmente quanto se possa imaginar. Ela se lembrou do senhor e da Senhora Hamper, um casal bastante decente que teve três filhos consecutivos antes de descobrirem o que estava causando isso. Desde então ela tentava conversar com as meninas da aldeia de uma certa idade, só por segurança.

[36] Se excluída a prática pessoal. N.A.

Letícia ouvia como quem ia fazer anotações depois, e possivelmente fazer o teste na sexta-feira. Ela não fez nenhuma pergunta até a metade, quando perguntou: — Tem certeza?

— Sim. Muita certeza.

— Bem, hmm, parece razoavelmente simples. Claro, suponho que os meninos saibam tudo sobre esse tipo de coisa... por que você está rindo?

— É uma questão de opinião —, Tiffany disse.

*Arrá, agora eu vejo você. Eu vejo você, sua sujeira, sua praga, sua abominação nociva!*

Tiffany olhou para o espelho de Letícia, que era grande e tinha em volta muitos querubins gordos e dourados que claramente estavam morrendo de frio. Havia estava o reflexo de Letícia, e lá estava – fraco, mas visível – o rosto sem olhos do Astuto.

O contorno do Homem Astuto começou a engrossar. Tiffany sabia que nada havia mudado em seu rosto. Disso ela sabia. Não vou responder a ele, pensou. Eu quase tinha me esquecido dele. Não responda. Não deixe que ele controle você!

Conseguiu sorrir enquanto Letícia tirava de malas e baús o que chamava de seu enxoval que, na opinião de Tiffany, continha todo o estoque de babados do mundo. Ela tentou se concentrar nisso, deixar que os babados preenchessem sua mente e de alguma forma afugentar as palavras que vinham dele. Aquelas que ela entendia já eram ruins o suficiente; as que não, só as faziam as piores. Apesar de tudo, a voz rangente e sufocada voltou a soar: *Você acha que teve sorte, bruxa. Você espera ter sorte novamente. Você precisa dormir. Eu nunca durmo. Você tem que ter sorte sempre. Eu tenho que ter sorte apenas uma vez. Apenas*

*uma vez e você vai... queimar*. Essa última palavra foi suave, quase gentil, depois das palavras rangentes, tossidas e ásperas que vieram antes. Parecia piorar as coisas.

— Você sabe —, disse Letícia, olhando pensativamente para uma peça de roupa que Tiffany sabia que nunca poderia comprar. — Embora eu esteja realmente ansiosa para ser a senhora deste castelo, devo dizer que o sistema de drenagem daqui tem um cheiro horrível. Na verdade, cheira como se nunca tivesse sido limpo desde o início do mundo. Honestamente, eu poderia acreditar que monstros pré-históricos fizeram o seu negócio nele.

Então ela pode sentir o cheiro dele, pensou Tiffany. Ela era uma bruxa. Uma bruxa precisada de treinamento porque sem ele será uma ameaça para todos, inclusive para si mesma. Letícia continuava tagarelando... não havia outra palavra para isso. Tiffany, ainda tentando derrotar a voz do Homem Astuto por pura vontade, disse em voz alta: — Por quê?

— Ah, porque acho que os laços parecem muito mais atraentes do que os botões —, disse Letícia, que segurava uma camisola de considerável esplendor, outro lembrete para Tiffany de que as bruxas nunca tiveram dinheiro.

*Você queimou antes e eu também!* resmungou a voz em sua cabeça, *mas desta vez você não vai me levar! Eu levarei você e sua confederação do mal!!!!!*

Tiffany pensou que podia realmente ver os pontos de exclamação. Eles gritavam por ele, mesmo quando falava baixinho. Eles pulavam e atacavam saindo de suas palavras. Ela podia ver seu rosto contorcido e as pequenas partículas de espuma que acompanhavam o movimento

dos dedos e os gritos... bocados de loucura líquida voando pelo ar atrás do espelho.

Que sorte a Letícia de ainda não poder ouvi-lo, mas no momento sua mente estava cheia de babados, sinos, arroz e a perspectiva de estar no centro de um casamento. Nem mesmo o Homem Astuto poderia abrir caminho através disso.

Ela conseguiu dizer: — Isso não vai funcionar para você. — E parte dela repetia, dentro de sua cabeça: Sem olhos. Sem nenhum par de olhos. Apenas dois túneis em sua cabeça. — Sim, acho que você está certa. Possivelmente o lilás ficaria melhor —, disse Letícia, — embora sempre me tenham dito que *eau-de-nil* é mesmo a minha cor. A propósito, eu poderia compensar você de alguma forma tendo você como minha principal dama de honra? Claro, já tenho um monte de priminhas distantes que, pelo que sei, estão usando seus vestidos de damas de honra há duas semanas.

Tiffany ainda estava olhando para o nada, ou melhor, para dois buracos no nada. No momento, essas eram as coisas mais importantes em sua mente, e já eram ruins o suficiente sem adicionar priminhas à mistura. — Não acho que bruxas sejam adequadas para damas de honra, obrigada mesmo assim —, disse ela. "Damas de honra? Um casamento?"

O coração de Tiffany afundou ainda mais. Não havia mais remédio; não podia desdizer o que disse. Ela saiu correndo da sala antes que a criatura pudesse saber mais alguma coisa. Como ele procurava as coisas? O que ele procurava? Aquilo poderiam ser pistas para ele? Ela fugiu para a masmorra, que agora era um local de refúgio.

Lá estava o livro que a Letícia tinha dado para ela. Ela abriu e começou a ler. Ela havia aprendido a ler rápido nas montanhas, quando os únicos livros que você podia conseguir eram da biblioteca itinerante,

e se você demorasse para devolvê-los, eles cobravam um centavo extra, uma quantia apreciável quando sua unidade monetária padrão é uma bota velha.

O livro contava histórias de janelas. Não janelas comuns, embora algumas pudessem ser. E por trás delas... coisas... monstros, às vezes. Uma pintura, uma página de um livro – até mesmo uma poça no lugar certo – pode ser uma janela. Ela se lembrou mais uma vez do desagradável trasgo do antigo livro de contos de fadas; às vezes estava rindo e outras vezes estava sorrindo um sorriso cheio de significados. Ela sempre teve certeza disso. Não era uma grande mudança, mas ainda assim era uma mudança. E você sempre se perguntava: o que foi que sentiu da última vez? Estaria recordando mal?

O livro farfalhou sob as mãos de Tiffany como um esquilo faminto acordando em uma árvore oca cheia de nozes. O autor era um mago, e prolixo, mas mesmo assim o livro era fascinante. Houve pessoas que entraram em uma pintura e pessoas que saíram de uma. As janelas eram uma forma de passar de um mundo para outro, e qualquer coisa poderia ser uma janela e qualquer coisa poderia ser um mundo. Ela tinha ouvido falar que o sinal de uma boa pintura era que os olhos seguiam você pelo quarto, mas de acordo com o livro era bastante provável que eles também pudessem segui-lo para casa e para a cama... uma ideia que ela preferia não considerar por agora. Sendo um mago, o autor tentou explicar tudo com gráficos e tabelas, mas nenhum deles ajudava em nada.

O Homem Astuto correu em sua direção dentro de um livro, e ela o fechou antes que ele saísse. Ela viu os dedos dele no momento em que a prensa desceu. Mas ele não poderia ter sido espremido dentro do livro, ela pensou, porque ele não estava realmente no livro, exceto de alguma forma mágica, e ele tem me encontrado de outras maneiras também.

Como? Neste momento, aqueles dias cansativos de ver pernas quebradas, estômagos ruins e unhas encravadas de repente pareciam bastante atraentes. Ela sempre disse às pessoas que a bruxaria era isso, e isso era verdade, até o momento em que algo horrível pudesse surgir do nada. Era quando um cataplasma simplesmente não funcionava.

Um pedaço de palha flutuou e pousou no livro. — É seguro para vocês saírem —, disse Tiffany. — Você estão aqui, não estão?

E bem perto de seu ouvido uma voz disse: — Ah, sim, estamos. — Eles apareceram por trás de fardos de palha, teias de aranha, prateleiras de maçãs, cabras e uns dos outros. — Você não é Arthur piquininho Louco?

— Sim, senhoria, correto. Tenho que lhe dizer, para meu constrangimento, que Rob Qualquerum está depositando uma grande confiança em mim porque sou um home da lei e Rob parece pensar, cê sabe, que se'ocê tiver lidando com grandãozis, um pulícia vai deixar eles ainda mais aterrorizados. Além disso, posso falar grandãozinês! Rob está Rob tá passando mais tempo no monte agora, cê sabe. E ele num confia que o Barão novim num vá lá com pás.

— Vou cuidar para que isso não aconteça —, disse Tiffany com firmeza. — Houve um mal-entendido.

Arthur Piquininho Louco não parecia convencido. — Fico feliz em ouvi-la dizer isso, senhorita, e o Grande Homem também ficará, porque posso lhe garantir que quando a primeira pá romper o monte não restará um homem vivo naquele castelo, e grande será seja a lamentação das mulheres, exceto a companhia presente. — Houve um murmúrio geral dos outros Feegle sobre o amplo tema do massacre para quem colocasse a mão em um monte funerário Feegle, e como cada um dos que fizessem isto se arrependeria do que fez.

— São aquelas calças —, disse Jock-Um-Pouco-Mais-Magro-Que-Jock-Gordo. — Depois que um homem coloca um Feegle nas calças, seu tempo de provação e tribulação está apenas começando.

— Ah, sim, e aí vai ser o grande momento de nós pular, saltar e atacar eles —, disse Jock-Piquininho-Da-Cabeça-Branca.

Tiffany estava chocada. — Quando foi a última vez que Feegles lutaram com grandãozis, então?

Depois de alguma discussão entre os Feegles, informou-se que tal se dera na Batalha da Estrumeira quando, de acordo com Jock-Piquininho-Da-Cabeça-Branca, — Nunca houve tantos gritos e correrias e batidas no chão, e soluços lamentáveis, algo que nunca fora ouvido antes, junto com as risadas grosseiras das damas enquanto os homens lutavam para se desfazer de calças que de repente não eram mais suas amigas, se é que você me entende.

Tiffany, que estava ouvindo a história com a boca aberta, teve a presença de espírito de fechá-la e depois abriu-a novamente para perguntar: — Os Feegles já mataram um humano?

Isso levou a uma certa falta deliberada de contato visual entre os Feegles, além de muitos pés arrastados e coçando a cabeça, com a habitual precipitação de insetos, comida acumulada, pedras interessantes e outros itens indescritíveis. No final, Arthur Piquininho Louco disse: — Sendo como sou, senhorita, um Feegle que só recentemente aprendeu que não é um sapateiro de fadas, não tenho orgulho a perder ao lhe dizer que é verdade que tenho estado conversando com meus novos irmãos e descobri que, quando eles viviam nas montanhas distantes, às vezes eles tinham que lutar contra humanos, quando vinham para escavar em busca do ouro das fadas, e uma luta terrível acontecia é verdade, e aqueles bandidos que eram

estúpidos demais para fugir podem ter se achado espertos o suficiente para morrer. — Ele tossiu. — No entanto, em defesa dos meus novos irmãos, devo salientar que eles sempre se certificaram de que as probabilidades fossem justas, o que significa um Feegle para cada dez homens. Você não pode dizer de algo mais justo do que isso. E não foi culpa deles que alguns homens só estavam ali no interesse de cometer suicídio.

Houve um brilho nos olhos de Arthur Piquininho Louco que levou Tiffany a perguntar: — Como exatamente eles cometeram suicídio?

O policial Feegle encolheu os ombros pequenos e largos. — Eles levaram uma pá para um monte Feegle, senhorita. Sou um homem que conhece a lei, senhorita. Nunca vi um monte até conhecer esses finíssimos cavalheiros, mas mesmo assim meu sangue ferve, senhorita, ferve e ferve. Meu coração bate forte, meu pulso acelera e de minha garganta surge como que o sopro de um dragão só de pensar em uma pá de aço brilhante penetrando a argila de um monte Feegle, cortando e esmagando. Eu mataria o homem que fizer isso, senhorita. Eu o mataria e o perseguiria pela próxima vida para matá-lo outra vez, e faria isso de novo e de novo, porque seria o pecado dos pecados, matar um povo inteiro; e uma morte não seria o suficiente em retribuição.

No entanto, como já referi que sou um homem da lei, espero sinceramente que o atual mal-entendido possa ser resolvido na raiz, sem necessidade de carnificina generalizada, de derramamento de sangue, de gritos, de lamentos e de prantos, e de as pessoas terem pedaços de si próprias pregados em árvores, como nunca foi visto antes, sabe? — Arthur Piquininho Louco, segurando seu distintivo de policial como um escudo, olhou para Tiffany com uma mistura de comoção e desafio.

E Tiffany era uma bruxa. — Preciso lhe contar uma coisa, Arthur Piquininho Louco —, disse ela, — e você deve entender o que digo. Você voltou para casa, Arthur Piquininho Louco.

O escudo caiu de sua mão. — Sim, senhorita, eu sei disso agora. Um policial não deveria dizer as palavras que acabei de dizer. Ele deveria falar sobre juízes e júris, prisões e sentenças, e diria que você não pode fazer justiça com as próprias mãos. Portanto, entregarei o meu distintivo e ficarei aqui entre os meus, embora, devo dizer, com melhores padrões de higiene.

Isso recebeu uma salva de palmas dos Feegles reunidos, embora Tiffany não tivesse certeza se a maioria deles entendia completamente o conceito de higiene ou, nesse caso, de obedecer à lei.

— Você tem minha palavra —, disse Tiffany, — de que o monte não será tocado novamente. Eu cuidarei disso, entendeu?

— Ahhh, muito, muito bem —, disse Arthur Piquininho Louco, entre lágrimas. — Isso pode ser muito bom, senhorita, mas o que acontecerá pelas suas costas quando você estiver voando e zunindo sobre seus assuntos realmente importantes através das colinas? O que acontecerá então? — Todos os olhos se voltaram para Tiffany, incluindo os das cabras. Ela não fazia mais esse tipo de coisa porque sabia que era falta de educação, mas pegou Arthur Piquininho Louco no colo e o manteve na altura dos olhos. — Eu sou a bruaca das colinas —, ela disse. — E prometo a você e a todos os outros Feegles que a casa dos Feegles nunca mais será ameaçada com ferro. Isto nunca estará nas minhas costas, mas sempre estará diante dos meus olhos. E enquanto isto for assim, nenhum homem vivo tocará nela se quiser permanecer um homem vivo. E se eu falhar com os Feegles nisso, que eu seja arrastada pelos sete infernos em uma vassoura feita de pregos. — Estritamente

falando, Tiffany admitiu para si mesma, essas eram ameaças praticamente vazias, mas os Feegles não achavam que um juramento fosse uma obrigação. Não se o juramento se não contivesse muitos trovões e relâmpagos, ostentação e sangue. O sangue, de alguma forma, o tornava oficial. Cuidarei para que o monte nunca mais seja tocado, pensou ela. Não há como Roland me recusar isso agora. Além disso, tenho uma arma secreta: tenho a confiança de uma jovem que em breve será sua esposa. Nenhum homem podia estar seguro sob essas circunstâncias.

No brilho da segurança recém adquirida, Arthur Piquininho Louco disse alegremente: — Bem falado, senhora, e posso aproveitar a oportunidade em nome de meus novos amigos e parentes para lhe agradecer por explicar tudo sobre o assunto das núpcias. Foi muito interessante para aqueles de nós que nunca tiveram a ver com essas coisas. Alguns de nós estavam se perguntando se poderíamos fazer perguntas? — Ser ameaçado por um horror espectral já era terrível o suficiente agora, mas de alguma forma a ideia dos Nac Mac Feegle fazendo perguntas sobre os fatos da vida de casado entre os humanos era ainda pior. Não adiantava explicar por que ela não ia explicar; Tiffany simplesmente disse "Não" em um tom de voz de aço e com muito cuidado o colocou de volta no chão. Ela acrescentou: — Vocês não deveriam estar ouvindo.

— Por que não? — disse Wullie Doido.

— Vocês simplesmente não deveriam! Eu não vou explicar. Vocês simplesmente não deveriam! E agora, cavalheiros, gostaria de ter um pouco de tempo para mim, se não se importarem.

Alguns deles a seguiriam mesmo assim, é claro, ela pensou. Eles sempre o faziam. Ela voltou para o salão e sentou-se o mais próximo

possível do enorme fogo. Mesmo no final do verão, o salão era frio. Tapeçarias dependuradas serviam como isolamento do frio das paredes de pedra. E estavam decoradas com as imagens habituais: homens de armadura brandindo espadas, arcos e machados contra outros homens de armadura. Dado que as batalhas são muito rápidas e barulhentas, provavelmente tiveram que parar de lutar a cada dois minutos para dar às senhoras que estavam fazendo a tapeçaria um pouco de tempo para se atualizarem. Tiffany sabia de cor a história contada pelo tapete que estava mais próximo da lareira. Todas as crianças sabiam. Você aprendia sobre as histórias nas tapeçarias, se houvesse algum velho por perto para explicar o que estava acontecendo. Mas geralmente, quando ela era bem mais nova, era mais divertido inventar histórias sobre os diferentes cavaleiros; como aquele que corria desesperadamente para alcançar seu cavalo, e aquele que havia sido derrubado por seu cavalo e, porque tinha um capacete pontiagudo, agora estava de cabeça para baixo, no chão, o que, mesmo quando crianças, eles reconheceram que não era uma boa posição para se estar no campo de batalha. Eram como velhos amigos, congelados numa guerra cujo nome ninguém no Giz conseguia lembrar.

E... de repente havia outro, um que nunca tinha estado ali antes, correndo em direção a Tiffany durante a batalha. Ela olhou para ele, seu corpo exigindo que ela dormisse um pouco agora, e quaisquer outras partes que ainda estivessem trabalhando em seu cérebro insistindo para que ela fizesse alguma coisa. Em meio a isso, sua mão agarrou um tronco na beira do fogo e ela o ergueu propositalmente em direção à tapeçaria.

O tecido praticamente havia esfarelado com o tempo. Queimaria como grama seca.

A figura estava andando com cautela agora. Ela não conseguia ver nenhum detalhe ainda e não queria. Os cavaleiros da tapeçaria estavam

entrelaçados sem qualquer perspectiva; eles eram tão planos quanto uma pintura de berçário de criança.

Mas o homem de preto, que começara como um borrão distante, foi ficando maior à medida que se aproximava e agora... Ela podia ver o rosto e os olhos vazios, que mesmo dali mudavam de cor conforme ele passava pelas armaduras pintadas de cavaleiro após cavaleiro; e agora ele começava a correr novamente, ficando maior. E o fedor estava escorrendo em direção a ela novamente... Quanto valia a tapeçaria? Ela tinha algum direito de destruí-la? Com aquela coisa saindo de lá? Ah, sim, ah sim!

Não seria bom ser um mago e invocar aqueles cavaleiros para travar uma última batalha!

Não seria bom ser uma bruxa que não estivesse aqui! Ela ergueu o tronco crepitante e olhou para os buracos onde deveriam estar os olhos. Você tinha que ser uma bruxa para estar preparado para encarar um olhar que não existia, porque de alguma forma você sentia que ele estava sugando seus próprios olhos de sua cabeça.

Aqueles túneis no crânio eram hipnóticos, e agora ele se movia lentamente de um lado para o outro, como uma cobra.

— Por favor, não.

Ela não esperava por isso; a voz era urgente, mas bastante amigável... e pertencia a Eskarina Smith. O vento era prateado e frio.

Tiffany, deitada de costas, olhou para o céu branco; no limite de sua visão, a grama seca balançava e balançava ao vento, mas, curiosamente, atrás desse pequeno pedaço de campo havia a grande lareira e os cavaleiros em batalha.

— É realmente muito importante que você não se mova —, disse a mesma voz atrás dela. — O lugar onde você está agora foi, como dizemos, remendado para esta conversa e não existia até você chegar aqui, e deixará de existir no momento em que você partir. Estritamente falando, pelos padrões da maioria das disciplinas filosóficas, não se pode dizer que tenha qualquer existência.

— Então é um lugar mágico, certo? Como as Herdades Irreais?

— Uma maneira muito sensata de colocar as coisas —, disse a voz de Eskarina. — Aqueles de nós que sabem sobre isso o chamam o Agora Viajante. É uma maneira mais fácil de falar com você em particular; quando fechar, você estará exatamente onde estava e nenhum tempo terá passado. Entendeu?

— Não!

Eskarina sentou-se na grama ao lado dela. — Então agradeça por isso. Seria bastante perturbador se você entendesse. Sabe, você é uma bruxa extremamente incomum. Pelo que posso dizer, você tem um talento natural para fazer queijo e, no que diz respeito aos talentos, é um talento muito bom para se ter. O mundo precisa de queijeiros. Um bom queijeiro vale seu peso em, bem, queijo. O que significa que você não nasceu com talento para bruxaria.

Tiffany abriu a boca para responder antes que tivesse alguma ideia do que iria dizer, mas isso não é incomum entre os seres humanos. A primeira coisa que conseguiu atravessar em meio à multidão de perguntas era: — Espere aí, eu estava segurando um tronco em chamas. Mas agora você me trouxe aqui, onde quer que seja exatamente aqui. O que aconteceu? — Ela olhou para o fogo. As chamas estavam congeladas. — As pessoas vão me notar —, disse ela e então, dada a natureza da situação, acrescentou: — Não vão?

— A resposta é não. A razão...é complicada. O Agora Viajante é... tempo domado. É tempo que está do seu lado. Acredite em mim, existem coisas mais estranhas no universo. Neste momento, Tiffany, estamos realmente vivendo em um tempo emprestado.

As chamas continuavam congeladas. Tiffany teve uma primeira impressão de que deveriam estar frias, mas ela podia sentir-lhes o calor. E ela também teve tempo para pensar. — E quando eu voltar?

— Nada terá mudado —, disse Eskarina, — exceto o conteúdo da sua cabeça, que é, neste momento, muito importante.

— E você se deu a todo esse trabalho só para me dizer que não tenho talento para bruxaria? — Tiffany disse categoricamente. — Muito gentil da sua parte.

Eskarina riu. Era sua risada jovem, que parecia estranha quando se viam as rugas em seu rosto. Tiffany nunca tinha visto uma pessoa idosa parecer tão jovem. — Eu disse que você não nasceu com talento para bruxaria: não foi fácil; você trabalhou duro porque queria. Você forçou o mundo a dar isso a você, não importava o preço, e o preço é e sempre será alto. Você já ouviu o ditado "a recompensa que você ganha por cavar buracos é uma pá maior"?

— Sim —, disse Tiffany, — ouvi Vovó Cera-do-Tempo dizer isso uma vez.

— Ela inventou isso. As pessoas dizem que você não encontra bruxaria; a bruxaria encontra você. Mas você a encontrou, mesmo que na época não soubesse o que estava encontrando, e a agarrou pelo pescoço magro e a fez trabalhar para você.

— Isso tudo é muito... interessante —, disse Tiffany, — mas tenho coisas que preciso fazer.

— Não no Agora Viajante —, disse Eskarina com firmeza. — Veja, o Homem Astuto encontrou você de novo.

— Acho que ele se esconde em livros e pinturas —, Tiffany sugeriu. — E tapeçarias. — Ela estremeceu.

— E espelhos —, disse Eskarina, — e poças, e o brilho da luz num pedaço de vidro quebrado, ou o brilho de uma faca. Quantas outras maneiras ocorrem a você? Quanto medo você está disposta a ter?

— Vou ter que lutar com ele —, disse Tiffany. — Eu acho que sempre soube que teria que fazer isso. Ele não me parece ser alguém de quem você possa fugir. Ele é um valentão, não é? Ele ataca onde acha que vai vencer, então tenho que encontrar uma maneira de ser mais forte do que ele. Acho que posso dar um jeito... afinal, ele é um pouco parecido com o Colmeeiro. E aquilo foi realmente muito fácil.

Eskarina não gritou; ela falou muito baixo e de uma forma que parecia fazer mais barulho do que um grito teria feito. — Você persistirá em não reconhecer o quanto isso é importante, Tiffany Dolorida, a queijeira? Você tem a chance de derrotar o Homem Astuto e, se fracassar, a bruxaria fracassa... e cai junto com você. Ele possuirá seu corpo, seu conhecimento, seus talentos e sua alma. E para o seu próprio bem – e para o bem de todos – suas irmãs bruxas resolverão suas diferenças e levarão vocês dois ao esquecimento antes que possam causar mais danos. Você entende? Isto é importante? Você tem que ajudar a si mesma.

— As outras bruxas irão me matar? — disse Tiffany, horrorizada.

— Claro. Você é uma bruxa e sabe o que Vovó Cera-do-Tempo sempre diz: Fazemos o que é certo, não o que é agradável. Será você ou ele, Tiffany Dolorida. O perdedor morrerá. No caso dele, lamento dizer

que poderemos vê-lo novamente dentro de alguns séculos; no seu caso, não me proponho a adivinhar.

— Espere um momento —, disse Tiffany. — Se elas estão preparadas para lutar contra ele e comigo, por que não nos unimos todas para lutar contra ele agora?

— Claro. Você gostaria que elas fizessem isso? O que você realmente quer, Tiffany Dolorida, aqui e agora? É sua escolha. Tenho certeza de que as outras bruxas não pensarão pior de você. — Eskarina hesitou por um momento e depois disse: — Bem, espero que elas sejam muito gentis sobre isso.

A bruxa que enfrentou o julgamento e fugiu? Pensou Tiffany. A bruxa com quem elas eram gentis, porque sabiam que ela não era boa o suficiente? Se você achar que não é boa o suficiente para a bruxaria, então você já não é bruxa de nenhum tipo. Em voz alta, ela disse: — Prefiro morrer tentando ser uma bruxa do que ser a garota com quem todos foram gentis.

— Senhorita Dolorida, você está demonstrando uma autoconfiança quase pecaminosa e um orgulho e uma certeza avassaladores, e devo dizer que não esperaria nada menos de uma bruxa.

O mundo oscilou um pouco e depois mudou. Eskarina esvaneceu-se, ainda quando suas palavras estavam sendo processadas na mente de Tiffany. A tapeçaria estava de volta à sua frente e ela ainda estava erguendo a tora em chamas, mas desta vez ela a levantou com confiança. Ela sentiu como se estivesse cheia de ar; um ar que a levantava. O mundo havia ficado estranho, mas pelo menos ela sabia que o fogo queimaria a tapeçaria seca no momento em que a tocasse. — Eu queimaria este lençol velho num instante, senhor, acredite em mim. Já de volta para o lugar de onde veio, senhor! — Para seu espanto, a figura escura recuou.

Houve um silvo momentâneo e Tiffany sentiu como se um peso tivesse sido tirado de si, arrastando consigo o fedor.

— Tudo isso foi muito interessante. — Tiffany se virou e olhou para o sorriso alegre de Preston. — Sabe —, disse ele, — Fiquei muito preocupado quando você ficou tão rígida por alguns momentos. Pensei que você estivesse morta. Quando toquei seu braço – com muito respeito, sem brincadeiras – parecia o ar em um dia de trovoada. Então pensei: isso é assunto de bruxa, e decidi ficar de olho em você, e então você ameaçou uma tapeçaria inocente com uma morte ardente!

Ela olhou para os olhos do rapaz como se fossem um espelho. Fogo, ela pensou. O fogo o matou uma vez, e ele sabe disso. Ele não chegará perto do fogo. O fogo é o segredo. *A lebre corre para o fogo*. Hmm.

— Na verdade, gosto bastante de fogo —, disse Preston. — Eu não acho que seja meu inimigo.

— O quê? — disse Tiffany.

— Receio que você estivesse falando baixinho —, respondeu. — Não vou perguntar do que se tratava. Minha avó dizia: Não se meta nos assuntos das bruxas porque elas te dão um tapa na orelha.

Tiffany olhou para ele e tomou uma decisão instantânea. — Você consegue guardar segredo?

Preston assentiu. — Certamente! Nunca contei a ninguém que o sargento escreve poesia, por exemplo.

— Preston, você acabou de me contar!

Preston sorriu para ela. — Ah, mas uma bruxa não é qualquer um. Minha avó me disse que contar seu segredo para uma bruxa é como sussurrar para uma parede.

— Bem, sim — começou Tiffany e depois fez uma pausa. — Como você sabe que ele escreve poesia?

— Foi difícil não saber —, disse Preston. — Pois, veja bem, ele escreve isso nas páginas do livro de registros da casa da guarda, provavelmente quando está de plantão noturno. Ele rasga as páginas com cuidado, e faz isso com tanto cuidado que você nem imagina, mas pressiona o lápis com tanta força que é muito fácil ler a impressão no papel embaixo.

— E os outros homens, não notaram? — Tiffany perguntou.

Preston balançou a cabeça, o que fez seu capacete enorme girar um pouco. — Ah, não, senhorita, você os conhece: eles acham que ler é uma coisa delicada, para as meninas. De qualquer modo, se chego cedo arranco o papel que está embaixo para não rirem dele. Devo dizer que para um autodidata, ele é um poeta muito bom; com bom entendimento de metáfora. Todos foram escritos para alguém chamado Millie.

— Essa seria a esposa dele —, disse Tiffany. — Você deve tê-la visto na aldeia; mais sardas do que qualquer pessoa que eu já vi. Ela é muito sensível quanto a isso.

Preston assentiu. — Isso pode explicar por que seu último poema é intitulado *Para que serve o céu sem estrelas?* — Você não saberia disso olhando para o homem, não é?

Preston pareceu pensativo por um momento. — Com licença, Tiffany —, ele disse, — mas você não parece muito bem. Na verdade, sem querer ofender, você parece absolutamente horrível. Se você fosse outra pessoa e olhasse para você, diria que estava realmente muito doente. Parece que você não dormiu nada.

— Eu tive pelo menos uma hora ontem à noite. E uma soneca um dia antes! — Disse Tiffany.

— Sério? — disse Preston, parecendo severo. — E, além do café da manhã desta manhã, quando foi a última vez que você fez uma refeição adequada?

Por alguma razão, Tiffany ainda se sentia cheia de luz por dentro. — Acho que posso ter comido um lanche ontem...

— Ah, é mesmo? — Preston disse. — Lanches e cochilos? Não é assim que alguém deveria viver; é assim que as pessoas morrem!

Ele estava certo. Ela sabia que ele estava certo. Mas isso só piorava as coisas.

— Olha, estou sendo rastreada por uma criatura horrível que pode dominar outra pessoa completamente, e cabe a mim lidar com isso!

Preston olhou em volta com interesse. — Isso poderia me dominar?

O veneno vai para onde o veneno é bem-vindo, pensou Tiffany. Obrigada por essa frase útil, senhora Proust. — Não, acho que não. Acho que você tem que ser o tipo certo de pessoa; ou seja, o tipo errado de pessoa. Você sabe, alguém com um toque de maldade.

Pela primeira vez, Preston pareceu preocupado. — Eu fiz algumas coisas ruins no meu tempo, lamento dizer.

Apesar do cansaço repentino, Tiffany sorriu. — Qual foi a pior?

— Uma vez eu roubei um pacote de lápis de cor de uma banca de mercado. — Ele olhou para Tiffany desafiadoramente, como se esperasse que ela gritasse ou apontasse o dedo com desprezo.

Em vez disso, ela balançou a cabeça e perguntou: — Quantos anos você tinha então?

— Seis.

— Preston, não creio que essa criatura consiga entrar na sua cabeça. Independentemente de qualquer outra coisa, ela me parece muito lotada e complicada.

— Senhorita Tiffany, você precisa de um descanso, um descanso adequado em uma cama adequada. Que tipo de bruxa pode cuidar de todo mundo se não for sensata o suficiente para cuidar de si mesma? *Quis custodiet ipsos custodes*. Significa: quem guardará os guardiões, é o que diz —, continuou Preston. — Então, quem guarda as bruxas? Quem cuida das pessoas que cuidam das pessoas? Neste momento, parece que precisa ser eu.

Ela cedeu.

A neblina da cidade era densa como cortinas quando a senhora Proust correu em direção à forma escura e taciturna do Tanty, mas as ondas de névoa obedientemente se separaram quando ela se aproximou e se fecharam novamente atrás dela...

O diretor estava esperando no portão principal, uma lanterna na mão. — Desculpe, senhora, mas achamos que você deveria ver isto aqui antes que se torne oficial. Eu sei que as bruxas parecem um pouco impopulares agora, mas sempre pensamos em vocês como uma família, se é que você me entende. Todo mundo se lembra do seu pai. Que artesão! Podia enforcar um homem em sete segundos e um quarto! Nunca foi superado. Nunca mais veremos pessoas como ele. — Ele se pôs solene. — E permita-me dizer, senhora, que espero nunca mais ver

algo como o que você verá agora. Isso nos deixou abalados, creia em mim. Acho que cabe em sua área de atuação.

A senhora Proust sacudiu as gotas de água do manto na secretaria da prisão e sentiu o cheiro do medo no ar. Havia o barulho geral e os gritos distantes que sempre se ouve quando as coisas estão indo mal em uma prisão: uma prisão, por definição, é um monte de gente amontoada com todos os medos e ódios e preocupações e pavores e boatos todos sentados em cima um do outro, sufocando por espaço. Ela pendurou a capa em um prego perto da porta e esfregou as mãos. — O rapaz que você enviou disse algo sobre uma fuga? — Ala D —, disse o diretor. — Macintosh. Lembra-se? Está aqui há cerca de um ano.

— Ah, sim, eu me lembro —, disse a bruxa. — Tiveram que interromper o julgamento porque o júri continuava vomitando. Realmente muito desagradável. Mas ninguém nunca escapou da ala D, certo? As grades das janelas não são de aço?

— Dobrado —, disse o diretor incisivamente. — É melhor você vir e ver. Isso está nos dando arrepios, não me importo de dizer a você.

— Macintosh não era um homem particularmente grande, pelo que me lembro —, disse a bruxa enquanto corriam pelos corredores úmidos.

— Verdade, senhora Proust. Baixo e desagradável, isso é o que ele era. Iria ser enforcado na próxima semana também. Arrancou barras que um homem forte não seria capaz de deslocar com um pé-de-cabra e caiu de nove metros até o chão. Isso não é natural, não está certo. Mas foi a outra coisa que ele fez... ah, minha nossa, fico doente só de pensar nisso.

Um guarda aguardava do lado de fora da cela recentemente desocupada pelo ausente Macintosh; mas sem um motivo que a senhora

Proust pudesse reconhecer, visto que o homem já havia partido definitivamente. Ele tocou a aba do chapéu respeitosamente quando a viu.

— Bom dia, senhora Proust —, disse. — Posso dizer que é uma honra conhecer a filha do melhor carrasco da história. Cinquenta e um anos diante da alavanca e nunca um cliente se decepcionou. É o senhor Trooper agora, cara decente, mas às vezes eles saltam um pouco e não considero isso profissional. E seu pai nunca abria mão de um bem-merecido enforcamento por medo de que fogos do mal e demônios do pavor o assombrassem depois. E guarde bem o que digo; ele iria atrás deles e os enforcaria também! Sete segundos e um quarto, que cavalheiro.

A senhora Proust, porém, estava olhando para o chão.

— É uma coisa terrível para uma senhora ver —, continuou o guarda.

Quase distraidamente, a senhora Proust disse: — Bruxas não são damas quando estão a negócios, Frank —, e então cheirou o ar e soltou uma obscenidade que fez os olhos de Frank lacrimejarem.

— Isso faz você se perguntar o que deu nele, não é?

A senhora Proust endireitou-se. — Não preciso me perguntar, meu rapaz —, ela disse severamente. — Eu sei.

A neblina se amontoou contra os prédios em seu esforço para sair do caminho da senhora Proust enquanto ela voltava correndo para a Rua do Décimo Ovo, deixando para trás um túnel em forma de senhora Proust na escuridão.

Derek estava bebendo uma caneca tranquila de chocolate quente quando sua mãe irrompeu com os estertores de produção de um, por

assim dizer, grande peido. Ele olhou para cima, franzindo a testa. — Isso soou como si bemol para você? Não me pareceu si bemol.

Ele enfiou a mão na gaveta embaixo do balcão em busca do diapasão, mas sua mãe passou correndo por ele.

— Onde está minha vassoura?

Derek suspirou. — No porão, lembra? Quando os anões lhe disseram no mês passado quanto custaria o conserto, você disse a eles que não passavam de um monte de pequenos enfeites cinzelados de jardim, lembra? De qualquer forma, você nunca a usa muito mesmo.

— Tenho que ir para o... campo —, disse a senhora Proust, olhando em volta das prateleiras lotadas para ver se havia ali outra vassoura funcionando.

Seu filho ficou olhando. — Tem certeza, mãe? Você sempre disse que isso faz mal à saúde.

— Questão de vida ou morte —, murmurou a senhora Proust. — O que me diz da Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda?

— Oh, mãe, você realmente não deveria chamá-la assim —, disse Derek em tom de censura. — Ela não consegue evitar ser alérgica às marés.

— No entanto, ela tem uma vassoura! Rá! Se não é uma coisa é outra. Faça alguns sanduíches para mim, sim?

— É sobre aquela garota que esteve aqui na semana passada? — Perguntou Derek, desconfiado. — Não achei que ela tivesse muito senso de humor.

Sua mãe o ignorou e vasculhou embaixo do balcão, voltando com um grande cassetete de couro. Os pequenos comerciantes da Rua do

Décimo Ovo trabalhavam com margens estreitas de lucro e tinham uma abordagem muito direta ao furto em lojas. — Não sei, realmente não sei —, resmungou. — Eu? Fazendo o bem nesta altura de vida? Devo estar ficando mole da cabeça. E nem vou ser paga por isso! Eu não sei, realmente não sei. A próxima coisa que você sabe é que vou começar a dar três desejos às pessoas e, se começar a fazer isso, Derek, gostaria que você me batesse com muita força na cabeça. — Ela entregou-lhe o cassetete. — Vou deixar você no comando. Tente passar adiante um pouco do chocolate de borracha e dos ovos fritos falsos bem-humorados, certo? Diga às pessoas que são novidades em marcadores de livros ou algo assim.

E com isso a Senhora Proust saiu correndo noite adentro. As ruas e vielas da cidade eram muito perigosas à noite, com assaltantes, ladrões e aborrecimentos semelhantes. Desapareceram todos na escuridão quando ela passou, porém. A Senhora Proust era uma má notícia, e era melhor não ser perturbada se a pessoa quisesse manter todos os ossos dos dedos apontados para o caminho certo.

O corpo que fora Macintosh corria dentro da noite. Estava cheio de dor. Isso não importava para o fantasma; não era a dor dele. Seus tendões cantavam de agonia, mas não era a agonia do fantasma. Os dedos sangravam onde arrancaram as barras de aço da parede. Mas o fantasma não sangrou. Nunca sangrou.

Não conseguia se lembrar de quando teve um corpo que fosse realmente seu. Os corpos tinham que ser alimentados e tinham que beber. Essa era uma característica irritante dos trastes miseráveis. Mais cedo ou mais tarde, eles ficavam sem utilidade. Muitas vezes, isso não importava; sempre havia alguém. Uma pequena mente inflamada de

ódio, inveja e ressentimento que daria as boas-vindas ao fantasma lá dentro. De momento, porém, tinha que ser cuidadoso e rápido. Mas acima de tudo tinha que ser prudente. Aqui, nas estradas vazias, seria difícil encontrar outro contêiner adequado. Lamentando, permitiu que o corpo parasse e bebesse das águas turvas de um lago. Acabou que estava cheio de sapos, mas um corpo também tinha que comer, não é?

CAPÍTULO 13

SACUDINDO OS LENÇÓIS

SUA CAMA ADEQUADA na câmara branca-e-negra do castelo era muito melhor que a masmorra, embora Tiffany tivesse sentido falta dos arrotos calmantes das cabras.

Sonhara com fogo, novamente. E ela estava sendo vigiada. Ela podia sentir, e desta vez não eram as cabras. Ela estava sendo vigiada dentro de sua cabeça. Mas não era uma vigilância ruim; alguém estava cuidando dela. E no sonho o fogo ardia e uma figura escura afastava as chamas como se fossem cortinas; e lá estava a lebre sentada ao lado da

figura escura como se fosse um animal de estimação. A lebre trocou olhares com Tiffany e pulou no fogo. E Tiffany soube.

Alguém bateu na porta. Tiffany acordou de repente. — Quem está aí?

Uma voz do outro lado da pesada porta disse: — Que som faz o esquecimento?

Ela mal teve que pensar. — É o som do vento na grama morta em um dia quente de verão.

— É, acho que isso basta —, disse a voz de Preston do outro lado da porta. — Para ir direto ao ponto, senhorita, tem muita gente lá embaixo, senhorita. Acho que eles precisam de sua bruxa.

Era um bom dia para um funeral, pensou Tiffany, olhando pela estreita janela do castelo. Não deveria chover em um funeral. Deixava as pessoas muito sombrias. Ela tentava não ficar triste nos funerais. As pessoas viviam, morriam e eram lembradas. Acontecia da mesma forma como o inverno seguindo ao verão. Não era uma coisa errada. Havia lágrimas, claro, mas era pelos que ficavam; aqueles que partiam não precisavam delas.

A equipe da casa acordou muito cedo e as mesas compridas foram colocadas no corredor para preparar o café da manhã para todos. Era uma tradição; Rico ou pobre, senhor ou senhora: o desjejum fúnebre foi servido a todos, em respeito ao velho Barão; e também por respeito a uma boa refeição, o salão foi enchendo. A Duquesa estava lá, com um vestido preto que era mais preto do que qualquer preto que Tiffany já tinha visto antes. O vestido brilhava. O vestido preto da bruxa comum geralmente era apenas teoricamente preto. Na realidade, muitas vezes estava bastante empoeirado e, muito possivelmente, remendado perto dos joelhos e um tanto esfarrapado nas bainhas e, claro, quase

desgastado pelas lavagens frequentes. Era o que era: roupa de trabalho. Você não poderia imaginar a Duquesa dando à luz um bebê com aquele vestido... Tiffany piscou. Ela podia imaginar a Duquesa fazendo exatamente isso; se fosse uma emergência, ela o faria. Ela intimidaria, reclamaria e daria ordens às pessoas, mas faria isso. Ela era esse tipo de pessoa.

Tiffany piscou novamente. Sentia sua cabeça lúcida, clara como cristal. O mundo parecia compreensível, mas um pouco frágil, como se pudesse ser quebrado, como uma bola de espelhos.

— Bom dia, senhorita! — Essa era Amber e atrás dela, seus pais; o senhor Petty parecendo lavado, envergonhado e também bastante tímido. Ele claramente não sabia o que dizer. Tampouco Tiffany.

Houve uma agitação nas portas principais e Roland correu naquela direção e voltou com o rei Verence de Lancre e Magrat, sua rainha. Tiffany já os conhecera antes. Não havia como não os encontrar em Lancre, que era um reino muito pequeno; e ainda menor se se levasse em conta que vovó Cera-do-Tempo também morava lá.

E Vovó Cera-do-Tempo estava ali, aqui e agora, com *Você*[37] caída nos ombros como um lenço, atrás do Rei e da Rainha e bem na frente de uma voz enorme e alegre que gritava: — Olha aí você, Tiff! Como tá indo com a vida! — O que significava que meio metro abaixo dela, mas escondida por razões de tamanho, estava Tia Ogg. Havia rumores de que ela era mais esperta que vovó Cera-do-Tempo; e que era esperta o suficiente, pelo menos, para não a deixar descobrir.

[37] *Você* era uma gatinha branca triste quando Tiffany a deu à velha bruxa. Agora ela era uma rainha, muito mais esnobe que a Duquesa. Ela devia ter reconhecido Tiffany porque gentilmente condescendeu em piscar para ela e depois desviar o olhar como se estivesse entediada. Já fazia algum tempo que na cabana de Vovó nunca mais aparecia um único rato; e isto porque *Você* os olhava até que eles entendiam o quão desprezíveis eram e iam embora. N.A.

Tiffany curvou-se diante deles como era o costume. Ela pensou: Eles até se reúnem, não é? Ela sorriu para Vovó Cera-do-Tempo e disse: — Muito prazer em vê-la aqui, Madame Cera-do-Tempo, e um pouco surpresa. — Vovó a fixou com um olhar, porém foi Tia Ogg quem falou: — É uma viagem longa e acidentada desde Lancre, então nós duas pensamos em dar a Magrat e seu rei uma viagem mais agradável até aqui embaixo.

Possivelmente Tiffany estava imaginando isso, mas a explicação de Tia Ogg parecia algo em que ela estava trabalhando há algum tempo. Parecia que estava recitando um roteiro.

Mas não havia mais tempo para conversar. A chegada do rei desencadeou algo no ar e, pela primeira vez, Tiffany viu o Pastor Egg, com uma túnica preta e branca. Ela ajustou seu chapéu pontudo e caminhou até ele. Ele parecia bastante satisfeito com a companhia, o que fez com que ela lhe desse um sorriso agradecido. — Rá, uma bruxa, pelo que vejo.

— Sim, o chapéu pontudo é um pouco revelador, não é? —, disse ela.

— Mas não um vestido preto, notei bem...?

Tiffany ouviu o ponto de interrogação passar. — Quando eu ficar velha, me vestirei de meia-noite —, disse ela.

— Totalmente apropriado —, disse o pastor, — mas por agora você veste verde, branco e azul, as cores da planície, não posso deixar de comentar!

Tiffany ficou impressionada. — Então, você não está interessado em caçar bruxas? — Ela se sentiu um pouco boba por perguntar abertamente, mas estava pelas tampas.

O pastor Egg balançou a cabeça. — Posso assegurar-lhe, senhora, que a Igreja não se envolve seriamente nesse tipo de coisa há centenas de anos! Infelizmente algumas pessoas têm memória longa. Na verdade, foi há apenas alguns anos que o famoso Pastor Oats disse no seu famoso Testamento das Montanhas que as mulheres conhecidas como bruxas personificam, de uma forma atenciosa e prática, os melhores ideais do profeta Brutha. Isso é bom o suficiente para mim. Espero que... seja bom o suficiente para você?

Tiffany deu a ele seu sorriso mais doce, que não era tão doce, por mais que você tentasse; ela nunca pegou o jeito do doce.

— É importante deixar claro essas coisas, não acha?

Ela fungou e não notou nenhum odor além de um toque de creme de barbear. Mesmo assim, ela teria que estar em guarda.

Foi um bom funeral também; do ponto de vista de Tiffany, um bom funeral era aquele em que o protagonista era muito idoso. Ela esteve em alguns – muitos – onde eles eram ainda jovens e envoltos em mortalha. Os caixões eram pouco conhecidos no Giz e, de fato, em quase qualquer outro lugar. A madeira decente era cara demais para ser deixada apodrecer no subsolo. Uma mortalha prática de lã branca servia para a maioria das pessoas; era fácil de fazer, não muito caro e bom para a indústria laneira. O Barão, porém, foi para o descanso eterno dentro de um túmulo de mármore branco que, sendo ele um homem prático, havia projetado, comprado e pago há vinte anos. Haveria uma mortalha branca dentro dele, porque o mármore pode ser um pouco frio para se deitar.

E esse foi o fim do velho Barão, só que apenas Tiffany sabia onde ele realmente estava. Ele caminhava com o pai pelos restolhos, onde

queimavam os talos de milho e as ervas daninhas, em um dia perfeito de fim de verão; um momento perfeito e imutável mantido no tempo...

Ela ofegou. — O desenho! — Embora ela tivesse falado baixinho, as pessoas ao seu redor se viraram para olhar. Que egoísmo da minha parte! Ela pensou. E então pensou: Certamente ainda estará lá.

Assim que a tampa da tumba de pedra foi colocada no lugar com um som que Tiffany sempre lembraria, ela saiu à procura e encontrou Brian, que estava assoando o nariz; quando ele olhou para ela tinha os olhos vermelhiços.

Ela o pegou gentilmente pelo braço, tentando não dar a parecer que era urgente. — O quarto em que o Barão morava está trancado?

Ele parecia chocado. — É claro! E o dinheiro está no grande cofre do escritório. Por que você quer saber?

— Havia algo muito valioso lá. Uma pasta de couro. Isso também foi colocado no grande cofre? — O sargento balançou a cabeça. — Acredite em mim, Tiff, depois do... — ele hesitou, — pequeno problema, fiz um inventário de tudo naquela sala. Dali não saiu nada sem que eu visse e anotasse no meu caderno. Com meu lápis —, acrescentou ele, para máxima precisão. — Nada parecido com uma pasta de couro foi retirada, tenho certeza disso.

— Não. Porque a senhorita Spruce já havia retirado —, disse Tiffany. — Aquela enfermeira miserável! Não me preocupei com o dinheiro, porque nunca contei com ele! Talvez ela tenha pensado que haveria escrituras ou algo assim! — Tiffany correu de volta para o corredor e olhou em volta. Roland era agora o Barão, em todos os aspectos. E um dos aspectos que as coisas tomavam era que as pessoas agora se aglomeravam em torno dele, dizendo coisas como: "Ele era um homem muito bom", e "Ele teve uma boa vida", e "Pelo menos ele não

sofreu", e todas as outras coisas que as pessoas dizem depois de um funeral quando não sabem o que dizer.

Tiffany dirigiu-se propositalmente em direção ao Barão e parou quando uma mão pousou em seu ombro. Ela seguiu o braço até o rosto de Tia Ogg, que havia conseguido o maior jarro de cerveja que Tiffany já tinha visto. Para ser mais precisa, notou que era uma jarra de cerveja cheia pela metade.

— É bom ver algo assim bem-feito —, disse Tia Ogg. — Nunca conheci o velho, é claro, mas parece que era um sujeito decente. Que bom ver você, Tiff. Cuidando bem de tudo?

Tiffany olhou para aqueles olhos inocentes e sorridentes e passou deles para o rosto muito mais severo de Vovó Cera-do-Tempo e para a aba de seu chapéu. Tiffany fez uma reverência.

Vovó Cera-do-Tempo pigarreou com um som parecido com cascalho. — Não estamos aqui a negócios, minha garota, só queríamos ajudar o rei a fazer uma boa entrada.

— Também não estamos aqui por causa do Homem Astuto —, acrescentou Tia Ogg alegremente. Havia soado como uma revelação inocente que lhe havia escapado, e Tiffany ouviu um suspiro de desaprovação de Vovó. Porém, de modo geral, quando Tia Ogg fazia um comentário bobo e embaraçoso por acidente, era porque havia pensado naquilo com muito cuidado antes. Tiffany sabia disso, e Tia Ogg certamente sabia que Tiffany sabia, e Tiffany também sabia disso. Muitas vezes, porém, era um típico comportamento das bruxas, e tudo funcionava perfeitamente se ninguém pegasse um machado.

— Eu sei que este é o meu problema. Eu vou resolver isso —, disse.

Isso era uma coisa realmente estúpida para se dizer, aparentemente. Seria muito útil ter as bruxas mais velhas ao seu lado. Mas como pareceria isso a outros olhos? Aquela era uma herdade[38] de bruxa recente, e ela tinha que mostrar orgulho.

Não se podia dizer: "Já fiz coisas difíceis e perigosas antes", porque isso era sabido. O que importava era o que você fazia hoje. Era uma questão de orgulho. Era uma questão de estilo.

E era também uma questão de idade. Talvez daqui a vinte anos, se ela pedisse ajuda, as pessoas pensariam: Bem, até uma bruxa experiente pode se deparar com algo realmente incomum. E elas ajudariam naturalmente. Mas agora, se ela pedisse ajuda, bem... as pessoas ajudariam. As bruxas sempre ajudavam outras bruxas. Mas todos pensariam: ela era realmente boa? Ela poderia aguentar o que mais viesse? Ela é forte o suficiente a longo prazo? Ninguém diria nada, mas todos pensariam isso.

Tudo isso foi pensado em um segundo e quando ela piscou, as bruxas a estavam observando.

— A autoconfiança é a melhor amiga da bruxa —, disse Vovó Cera-do-Tempo, com ar severo.

Tia Ogg concordou com a cabeça e acrescentou: — Você sempre pode confiar na autoconfiança, eu sempre disse isso. — Ela riu da expressão de Tiffany. — Você acha que é a única que teve que lidar com o Homem Astuto, amor? Vovó aqui teve que lidar com ele quando tinha a sua idade. Ela o mandou de volta para o lugar de onde veio em muito pouco tempo, acredite em mim.

[38] Uma herdade é a área de atuação de uma bruxa, o seu território. N.T.

Sabendo que era inútil, mas tentando mesmo assim, Tiffany virou-se para Vovó Cera-do-Tempo e disse: — Você pode me dar alguma dica, senhora Cera-do-Tempo?

Vovó, já estava caminhando propositalmente em direção ao bufê de almoço, parou por um momento, virou-se e disse: — Confie em si mesma. — Ela deu mais alguns passos e estacou, como se estivesse perdida em pensamentos, então acrescentou: — E não seja a perdedora.

Tia Ogg deu um tapa nas costas de Tiffany. — Nunca conheci esse desgraçado, mas ouvi dizer que ele é muito ruim. Aqui, a noiva tímida terá uma despedida de solteira esta noite? — A velha senhora piscou e derramou o conteúdo restante do jarro garganta abaixo.

Tiffany tentou pensar rapidamente. Tia Ogg se dava bem com todos.

Tiffany tinha apenas uma vaga ideia do que era uma despedida de solteira, mas algumas ideias do estoque pessoal da senhora Proust lhe deram algumas pistas; e se Tia Ogg também sabia delas, era certo que havia álcool envolvido.

— Não acho apropriado fazer uma festa dessas uma noite depois de um funeral, não é, Tia? Embora eu ache que Letícia poderia gostar de um pouco de bate-papo —, acrescentou ela.

— Ela é sua amiga, não é? Achei que você mesma já teria conversado um pouco com ela.

— Já conversei! — Tiffany protestou. — Mas não acho que ela acreditou em mim. E você teve pelo menos três maridos, Tia!

Tia Ogg olhou para ela por um momento e depois disse: — Isso daria para muita conversa, eu suponho. Tudo bem. Mas e o jovem noivo? Quando será a despedida de solteiro dele?

— Ah, já ouvi falar disso! É onde seus amigos o embebedam, o levam para longe, o amarram em uma árvore e depois... Acho que às vezes envolve um balde de tinta e um pincel, mas geralmente eles o jogam no chiqueiro. Por que perguntou?

— Ah, a despedida de solteiro é sempre muito mais interessante do que a despedida de solteira —, disse Tia Ogg, com uma expressão travessa nos olhos... — O noivo sortudo tem alguns camaradas?

— Bem, há alguns rapazes nobres de outras famílias chiques, mas as únicas pessoas que ele realmente conhece moram aqui na aldeia. Todos nós crescemos juntos, entende? E nenhum deles ousaria jogar o Barão num chiqueiro!

— E o seu jovem ali? — Tia Ogg gesticulou em direção a Preston, que estava parado ali perto.

Ele sempre parecia estar sempre por perto.

— Preston? — disse Tiffany. — Não creio que ele conheça muito bem o Barão. E de qualquer forma... — Ela parou e pensou: meu jovem? Ela se virou e olhou para Tia Ogg, parada com as mãos atrás das costas e o rosto voltado para o teto com a expressão de um anjo, embora reconhecidamente um anjo que poderia ter conhecido alguns demônios em sua época. E essa era Tia Ogg. Quando se tratava de assuntos do coração – ou mesmo de quaisquer outras partes – não se podia enganar Tia Ogg.

Mas ele não é "meu jovem", ela insistiu consigo mesma. Ele é apenas um amigo. Que por acaso é um jovem.

Preston deu um passo à frente e tirou o capacete na frente de Tia Ogg. — Temo, senhora, que seria contra as regras para mim, como

militar, colocar a mão em meu comandante —, disse ele. — Não fosse por isso, eu o faria com entusiasmo.

Tia Ogg assentiu apreciativamente à resposta polissilábica e deu uma piscadela para Tiffany que a fez corar até a sola das botas. O sorriso de Tia Ogg era agora tão largo que você poderia encaixá-lo em uma abóbora.

— Ah, querida, ah, querida, ah, querido —, disse ela. — Posso ver que este lugar precisa de um pouco de diversão. Ainda bem que estou aqui! — Tia Ogg tinha um coração de ouro, mas se você fosse pessoa que se chocasse facilmente, era melhor enfiar os dedos nos ouvidos quando ela dissesse alguma coisa. No entanto, tinha que haver bom senso, não é?

— Tia, estamos em um funeral!

Tia Ogg, porém, nunca alteraria seu curso de ação, não importa o tom de voz que usasse. — Ele era um bom homem?

Tiffany hesitou apenas por um momento. — Ele cresceu e se tornou bom.

Tia Ogg prestava atenção a tudo. — Ah, sim, creio que sua avó Dolorida lhe ensinou boas maneiras. Mas ele morreu como um bom homem, então? Bom. Ele será lembrado com carinho?

Tiffany tentou ignorar o nó na garganta e conseguiu dizer: — Ah, sim, por todos.

— E você providenciou para que ele morresse bem? Manteve a dor distante?

— Tia, se é que eu posso dizer isto, então digo que ele teve uma morte perfeita. A única morte melhor teria sido não morrer.

— Muito bem —, disse Tia Ogg. — Sabe se ele tinha uma música favorita?

— Ah, sim. *As cotovias cantavam, melodiosas* —, disse Tiffany.

— Ah, acho que é isso que é aquela chamamos de *Agradável e Delicioso* lá em casa. Apenas me siga, certo? E logo os deixaremos de bom humor.

E com isso Tia Ogg agarrou pelo ombro um garçom que passava, pegou um jarro cheio de sua bandeja, pulou sobre uma mesa, tão animada quanto uma menina e gritou por silêncio com uma voz tão viva quanto a de um sargento-mor. — Damas e cavalheiros! Para celebrar a boa vida e o passamento tranquilo de nosso falecido amigo e Barão, pediram-me que cantasse sua música favorita. Juntem-se a mim se tiverem fôlego!

Tiffany ouviu, fascinada. Tia Ogg era uma aula magna em forma de gente, ou melhor, em forma de mulher, sobre pessoas. Ela tratava estranhos como se os conhecesse há anos e, de alguma forma, eles agiam como se ela realmente os conhecesse. Arrastados, por assim dizer, por uma voz extremamente boa para cantar de uma senhora idosa com um dente só, pessoas perplexas elevavam suas vozes além de um murmúrio e no final do primeiro verso já estavam se harmonizando como um coro, e ela os tinha na mão. Tiffany chorou e viu, em meio às lágrimas, um garotinho com sua nova jaqueta de tweed que cheirava a xixi, caminhando com o pai sob diferentes estrelas.

E então ela viu o brilho das lágrimas nos rostos, incluindo os do Pastor Egg e até mesmo da Duquesa. Os ecos eram de perda e lembrança, e o próprio salão respirava, vivo.

Eu deveria ter aprendido isso, ela pensou. Eu queria aprender sobre fogo e dor, mas deveria ter aprendido sobre pessoas. Eu deveria ter aprendido a não cantar como um peru...

A música havia terminado e as pessoas olhavam timidamente umas para as outras, mas a bota de Tia Ogg já estava fazendo a mesa balançar.

— Dancem, dancem, sacudindo os lençóis/ Dancem, quando do flautista ouvirem os bemóis —, ela cantou.

Tiffany pensou: Esta é a música certa para um funeral? E então ela pensou: Claro que é! É uma música maravilhosa e nos diz que um dia todos nós morreremos, mas – e isso é o importante – ainda não estamos mortos.

E agora Tia Ogg pulou da mesa, agarrou o pastor Egg e, ao girá-lo, cantou: — De nenhum pregador tenha a certeza/ Que tenha a destreza de manter silente/ A morte devida a qualquer vivente —, e ele teve a graça de sorrir e dançar com ela.

As pessoas aplaudiram... algo que Tiffany jamais esperaria em um funeral. Ela desejava, ah, como desejava, ser como Tia Ogg, que entendia as coisas e sabia como transformar o silêncio em risadas.

E então, quando os aplausos cessaram, uma voz masculina cantou: — *Bem no fundo do vale/ Do vale profundo/ Abaixe a cabeça com calma e leveza/ E do sopro do vento sinta a beleza*... — E o silêncio ficou de lado diante da voz inesperadamente prateada do sargento.

Tia Ogg foi até onde Tiffany estava. — Bem, parece que eu os aqueci. Pode ouvi-los limpando a garganta? Acho que o pastor estará cantando até o final da noite! E eu poderia tomar outra bebida. É um trabalho que dá sede este de cantar. — Houve uma piscadela e então ela

disse a Tiffany: — O ser humano primeiro, a bruxa depois; difícil de lembrar, fácil de fazer.

Aquilo foi magia; a magia que transformou um salão cheio de pessoas que em sua maioria não conheciam muitos dos outros ali presentes, em seres humanos que sabiam que estavam entre outros seres humanos; e que naquele momento, era tudo o que havia com que se importar. Estava neste pensamento quando Preston tocou em seu ombro. Ele tinha um sorriso curioso e preocupado no rosto.

— Desculpe, senhorita, mas estou de plantão, azar, e acho que você deveria saber que temos mais três visitantes.

— Você não pode simplesmente acompanhá-los? — disse Tiffany.

— Eu gostaria de fazer isso, senhorita, só que *elas* estão presas no telhado no momento. O som feito por três bruxas é um monte de palavrões, senhorita.

Se havia palavrões antes, as recém-chegadas aparentemente tinham ficado sem fôlego quando Tiffany localizou a janela certa e rastejou até o telhado de chumbo do castelo. Não havia muito em que se segurar e estava bastante nublado, mas ela cuidadosamente caminhou até lá, apoiada nas mãos e nos joelhos, e se dirigiu aos resmungões.

— Há alguma bruxa aqui? — Ela disse.

E da escuridão veio a voz de alguém que nem sequer tentava controlar a calma. — E o que diabos você faria se eu dissesse não, senhorita Tiffany Dolorida?

— Senhora Proust? O que está fazendo aqui?

— Segurando uma gárgula! Nos faça descer agora mesmo, minha querida, porque estas pedras não são minhas e a senhora Happenstance precisa ir ao banheiro.

Tiffany se arrastou um pouco mais, bem consciente da queda abrupta a poucos centímetros de sua mão. — Preston foi buscar uma corda. Você tem uma vassoura?

— Uma ovelha bateu nela —, disse a senhora Proust.

Tiffany já podia distingui-la, agora. — Você bateu em uma ovelha no ar? — Talvez tenha sido uma vaca, ou algo assim. O que são aquelas coisas que fungam?

— Você foi de encontro a um ouriço voador?

— Não, não foi bem assim. Estávamos lá embaixo, procurando um arbusto para a Senhora Happenstance. — Houve um suspiro na escuridão. — É por causa do problema dela, pobre alma. Paramos em muitos arbustos no caminho até aqui, acredite! E você sabe o que mais? Dentro de cada um deles há sempre algo que pica, morde, chuta, grita, uiva, esmaga, peida de montão, fica todo cheio de espinhos, tenta derrubá-la ou deixa uma enorme pilha de cocô! Vocês aqui não ouviram falar de porcelana?

Tiffany embatucou, perplexa. — Bem, sim, mas não no campo, no meio do mato.

— Pois não lhes faria nenhum mal —, disse a senhora Proust. — Eu estraguei um bom par de botas, estou lhe dizendo.

Houve um tilintar na névoa e Tiffany ficou aliviada ao ouvir Preston dizer: — Eu forcei a abertura do velho alçapão, senhoras, poderiam ter a gentileza de rastejar por aqui?

O alçapão dava para um quarto, claramente um quarto onde uma mulher dormira na noite anterior. Tiffany mordeu o lábio. — Acho que é aqui que a Duquesa está hospedada. Por favor, não toque em nada, ela já é ruim o suficiente sem isso.

— Duquesa? Soa chique —, disse a senhora Proust. — Que tipo de duquesa, posso perguntar?

— A Duquesa de Keepsake —, disse Tiffany. Você a viu quando tivemos aquela dificuldade na cidade. Lembra? Na Cabeça do Rei? Eles têm uma propriedade enorme a cerca de cinquenta quilômetros de distância.

— Que bom —, disse a Senhora Proust de um modo que sugeria que provavelmente não era tão bom assim, mas poderia ser muito interessante e provavelmente embaraçoso para alguém que não fosse a Senhora Proust. — Lembro-me dela e lembro-me de ter pensado quando voltei de tudo aquilo: onde é que já a vi antes, minha senhora? Você sabe alguma coisa sobre ela, minha querida?

— Bem, a filha dela me contou que um terrível incêndio destruiu suas propriedades e toda a sua família antes de ela se casar com o duque.

A Senhora Proust iluminou-se, embora fosse um brilho como o do fio de uma faca. — Ah, é mesmo? — disse ela, com a voz toda melosa. — Imagine isso. Estou ansiosa para encontrar esta senhora novamente e oferecer minhas condolências...

Tiffany decidiu que este era um quebra-cabeça que ela não tinha tempo para desvendar, pois havia outras coisas em que pensar. — Hmm...? — Ela começou, olhando para a senhora muito alta que de alguma forma tentava se esconder atrás da senhora Proust, que se virou e disse: — Oh, meu Deus, onde estão meus modos? Tá, eu sei, para começar nunca tive nenhum. Tiffany Dolorida, esta é a senhorita Cambric, mais conhecida como Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda. A senhorita Cambric está sendo treinada pela velha senhora Happenstance, que foi aquela que você viu brevemente descendo as escadas correndo com um objetivo em mente. Sally sofre terrivelmente

com as marés, coitada. Tive que trazer as duas porque Sally tinha a única vassoura funcional que consegui encontrar e ela não deixaria a Senhora Happenstance para trás. Foi o diabo para manter a vassoura nivelada. Não se preocupe, ela voltará a ter cerca de um metro e sessenta e cinco em algumas horas. Claro, ela é uma mártir dos tetos. E, Sally, é melhor você ir atrás da Senhora Happenstance agora mesmo.

Ela acenou com a mão e a bruxa mais jovem saiu correndo, parecendo nervosa. Quando a senhora Proust dava ordens, elas tendiam a ser obedecidas. Ela se voltou para Tiffany. — A coisa que está atrás de você agora tem um corpo, mocinha. Ele roubou o corpo de um assassino trancado em Tanty. E sabe mais o que? Antes do sujeito sair do prédio ele matou seu canário. Eles nunca matam seu canário. Isto nunca se faz. Você pode bater na cabeça de outro prisioneiro com uma barra de ferro durante um motim, mas nunca mata um canário. Isso seria o puro mal.

Era uma forma estranha de introduzir o assunto, mas a senhora Proust não era de conversa fiada nem, aliás, de oferecer conforto.

— Achei que algo assim iria acontecer —, disse Tiffany. — Eu sabia que iria acontecer. Como ele é?

— Nós o perdemos algumas vezes — disse a senhora Proust. — Chamados da natureza e assim por diante. Ele poderia ter invadido uma casa em busca de roupas melhores, eu não saberia dizer. Ele não vai se importar com o corpo. Ele vai usá-lo até encontrar outro ou se acontecer do corpo se despedaçar. Ficaremos de olho nele. E esta aqui que é sua herdade?

Tiffany suspirou, — Sim.  E agora ele está me perseguindo como um lobo atrás de um cordeiro.

— Pois então, se você se preocupa com as pessoas, precisa se livrar dele rapidamente —, disse a senhora Proust. — Se um lobo ficar com

fome o suficiente, ele comerá qualquer coisa. E agora, onde estão seus modos, senhorita Dolorida? Estamos com frio e molhadas, e pelo que parece há comida e bebida lá embaixo, certo?

— Ah, sinto muito, e ainda mais, você veio até aqui para me avisar — disse Tiffany.

A senhora Proust acenou com a mão como se não fosse importante. — Tenho certeza de que Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda e a Senhora Happenstance gostariam de se refrescar depois da nossa longa viagem, mas estou apenas cansada —, disse ela. E então, para horror de Tiffany, ela se jogou para trás e caiu na cama da Duquesa com apenas as botas para fora, pingando água. — Esta duquesa —, ela disse, — está lhe causando muito mais problemas?

— Bem, sim, infelizmente —, disse Tiffany. — Ela não parece ter nenhum respeito por ninguém inferior a um rei, e mesmo assim suspeito que isso seja apenas um talvez. Ela intimida a filha também —, acrescentou e, pensando melhor, acentuou: — Uma de suas clientes, na verdade. — E então contou à senhora Proust tudo sobre Letícia e a Duquesa porque senhora Proust era o tipo de mulher para quem você contava tudo. e à medida que a história se desenrolava, o sorriso da senhora Proust se alargava e Tiffany não precisava de nenhuma habilidade de bruxa para suspeitar que a Duquesa estaria em apuros.

— Achei que fosse ela mesma. Nunca esqueço um rosto. Você já ouviu falar em espetáculos de variedade, minha cara? Ah, não. Você não poderia, não aqui. Tem a ver com comediantes, cantores e atos de cães falantes... e, claro, dançarinas. Acho que você está tendo uma ideia da coisa, não é? Não é um trabalho tão ruim para uma garota que consegue mostrar e chacoalhar uma perna bonita, especialmente porque depois do show todos os cavalheiros elegantes estariam esperando do lado de

fora da porta do palco para levá-las para um jantar adorável e assim por diante. — A bruxa tirou o chapéu pontudo e o deixou cair no chão ao lado da cama. — Não suporto vassouras —, disse ela. — Elas me dão calos em lugares onde ninguém deveria ter calos.

Tiffany estava perdida, sem saber o que fazer. Ela não podia exigir que a senhora Proust saísse da cama; não era a cama dela. Não era o castelo dela. Ela sorriu. De fato, realmente não era problema dela. Que bom encontrar um problema que não era seu.

— Senhora Proust —, disse ela, — posso convencê-la a descer? Há algumas outras bruxas aqui que eu realmente gostaria que você conhecesse. — De preferência quando eu não estiver na sala, ela pensou consigo mesma, mas duvido que isso seja possível.

— Bruxas de sebe, de cerca-viva? — A senhora Proust soltou um fungado. — Embora não haja nada de errado com a magia de sebe —, ela continuou. — Uma vez conheci uma que conseguia passar as mãos sobre uma sebe de alfeneiro e três meses depois ela tinha crescido na forma de dois pavões e um cachorrinho ofensivamente fofo segurando um osso de alfeneiro na boca e tudo isso, veja bem, sem um uma tesoura em qualquer lugar perto dela.

— Por que ela quereria fazer algo assim? — Disse Tiffany, surpresa.

— Duvido muito que ela realmente quisesse fazer aquilo, mas alguém lhe pediu para fazer aquilo e pagou um bom dinheiro também e, estritamente falando, a jardinagem de topiaria não é realmente ilegal, embora eu suspeite que uma ou duas pessoas vão ser as primeiras contra a cerca quando a revolução chegar. Bruxas de sebe... é assim que chamamos as bruxas do campo na cidade.

— Ah, é mesmo? — Tiffany disse inocentemente. — Bem, não sei como chamamos as bruxas da cidade no campo, mas tenho certeza de que a senhora Cera-do-Tempo lhe dirá. — Ela sabia que deveria ter se sentido culpada por isso, mas fora um dia longo, depois de uma longa semana, e uma bruxa precisava ter um pouco de diversão em sua vida.

A descida passava pelo quarto de Letícia. Tiffany ouviu vozes, e uma risada. Era a risada de Tia Ogg. Você não poderia confundir aquela risada; era do tipo de risada que dá um tapa em suas costas. Então a voz de Letícia disse: — Isso funciona mesmo? — E Tia disse algo baixinho que Tiffany não conseguiu ouvir direito, mas fosse o que fosse, fez Letícia quase se engasgar de tanto rir. Tiffany sorriu. A noiva tímida estava sendo instruída por alguém que provavelmente nunca foi tímida na vida, e parecia um arranjo bastante feliz. Pelo menos ela não estava chorando a cada cinco minutos. Tiffany conduziu a senhora Proust até o salão. Era incrível ver que tudo o que as pessoas precisavam para fazê-las felizes era comida, bebida e outras pessoas. Mesmo com Tia Ogg não os incentivando mais, o lugar estava se enchendo com, bem, pessoas sendo pessoas. E, parada onde podia ver quase todo mundo, Vovó Cera-do-Tempo. Ela estava conversando com o pastor Egg.

Tiffany aproximou-se dela com cuidado, julgando pela expressão do padre que ele não se importaria se ela se intrometesse. Vovó Cera-do-Tempo sabia ser muito franca quando se tratava de religião. Ela o viu relaxar enquanto dizia:

— Madame Cera-do-Tempo, posso apresentar-lhe a senhora Proust? De Ankh-Morpork, onde dirige um notável empório. — Engolindo em seco, Tiffany virou-se para a senhora Proust e disse: — Apresento-lhe Vovó Cera-do-Tempo. — Ela recuou enquanto as duas

bruxas idosas se entreolhavam e prendeu a respiração. O salão ficou em silêncio e nenhuma das duas sequer piscou. E então – mas não podia estar acontecendo – Vovó Cera-do-Tempo piscou e a senhora Proust sorriu.

— É um prazer conhecê-la —, disse Vovó.

— O prazer é todo meu —, disse a senhora Proust.

Eles trocaram mais um olhar e se viraram para Tiffany Dolorida, que de repente entendeu que bruxas velhas e inteligentes eram mais velhas e mais inteligentes há muito mais tempo do que ela.

Vovó Cera-do-Tempo quase riu quando senhora Proust disse: — Não precisamos saber o nome uma do outra para nos reconhecermos, mas posso sugerir, mocinha, que você comece a respirar novamente.

Vovó Cera-do-Tempo pegou leve e afetadamente o braço da senhora Proust e virou-se para onde Tia Ogg descia a escada, seguida por Letícia, que corava em lugares onde as pessoas não costumam corar, e disse: — Venha comigo, minha querida. Você precisa conhecer minha amiga, a Senhora Ogg, que compra muitas de suas mercadorias.

Tiffany saiu dali. Por um breve momento, não havia nada para ela fazer. Ela olhou para o corredor, onde as pessoas ainda se reuniam em pequenos grupos, e viu a Duquesa sozinha. Por que ela fez aquilo? Por que ela foi até a mulher? Talvez, ela pensou, se você sabe que vai enfrentar um monstro horrível, talvez seja melhor praticar um pouco. Mas, para seu espanto absoluto, a Duquesa estava chorando. — Posso ajudar de alguma forma? — Disse.

Ela foi imediatamente alvo de um olhar furioso, mas as lágrimas ainda caíam. — Ela é tudo que eu tenho —, disse a Duquesa, olhando para Letícia, que ainda seguia Tia Ogg. — Tenho certeza de que Roland

será um marido muito atencioso. Espero que ela pense que lhe dei uma boa base para levá-la com segurança pelo mundo.

— Acho que você definitivamente ensinou muitas coisas a ela —, disse Tiffany.

Mas a Duquesa agora estava olhando para as bruxas e, sem olhar para Tiffany, disse: — Sei que tivemos nossas diferenças, mocinha, mas me pergunto se você pode me dizer quem é aquela senhora lá em cima, uma de suas irmãs bruxas, conversando com aquela extraordinariamente alta.

Tiffany olhou ao redor por um momento. — Ah, aquela é a senhora Proust. Ela é de Ankh-Morpork, sabe. Uma velha amiga sua? Ela estava perguntando sobre você há pouco.

A Duquesa sorriu, mas foi um sorrisinho estranho. Se os sorrisos tivessem uma cor, seria verde. — Ah —, disse. — Isso foi, hmm... — ela fez uma pausa, balançando-se um pouco — muito gentil da parte dela. — Ela tossiu. — Estou muito feliz que você e minha filha pareçam ser amigas chegadas e gostaria de lhe apresentar minhas desculpas por qualquer precipitação de minha parte nos últimos dias. Eu também gostaria muito de apresentar a você e à equipe que trabalha duro aqui, minhas desculpas pelo que pode ter parecido um comportamento arbitrário, e confio que você aceitará que isso resultou da determinação de uma mãe em fazer o melhor por sua criança. — Ela falou com muito cuidado, as palavras saindo como blocos de construção coloridos de crianças, e entre os blocos – como argamassa – estavam as palavras não ditas: Por favor, por favor, não conte às pessoas que eu era dançarina em um teatro de variedades. Por favor!

— Bem, é claro, estávamos todos muito nervosos —, disse Tiffany. Muito falar, pouco acertar, é o que dizem.

— Lamentavelmente —, disse a Duquesa, — acho que não me distingui por falar pouco. — Tiffany notou que havia uma grande taça de vinho em sua mão e estava quase vazia. A duquesa fitou Tiffany por um tempo e depois continuou: — Um casamento quase logo após um funeral, é certo?

— Algumas pessoas pensam que dá azar mudar um casamento depois de planejado —, disse Tiffany.

— Você acredita na sorte? — Disse a duquesa.

— Acredito em não ter que acreditar na sorte —, disse Tiffany. — No entanto, Vossa Graça, posso dizer na verdade que, em ocasiões como as de agora, o universo se põe um pouco mais perto de nós. São tempos estranhos; tempos de princípios e tempos de finais. Tempos perigosos e tempos poderosos. E sentimos que, mesmo que não saibamos o que sejam. Esses tempos não são necessariamente bons e nem necessariamente ruins. De fato, o que eles são depende do que somos.

A duquesa olhou para a taça vazia na mão. — Por algum motivo, acho que deveria tirar uma soneca. — Ela se virou para ir em direção às escadas, quase perdendo o primeiro passo.

Houve uma explosão de risadas do outro extremo do corredor. Tiffany seguiu a duquesa, mas parou para tocar Letícia no ombro.

— Se eu fosse você, iria conversar com sua mãe antes de ela subir as escadas. Eu acho que ela gostaria de falar com você agora. — Ela se inclinou e sussurrou em seu ouvido, — mas não conte muito a ela sobre o que Tia Ogg disse. — Letícia voltou-se para ela com objeção no olhar, viu a expressão de Tiffany, pensou melhor e interceptou sua mãe. naquele momento, de repente, Vovó Cera-do-tempo estava ao lado de Tiffany.

Depois de um tempo, como se estivesse se dirigindo ao ar, Vovó falou: — Você tem uma boa herdade aqui. Pessoas gentis. E eu vou te contar uma coisa. Ele está perto. — Tiffany percebeu que as outras bruxas, até mesmo Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda, estavam agora alinhadas atrás de Vovó Cera-do-tempo. Ela era o foco de seus olhares e, quando muitas bruxas estão olhando para você, você pode sentir isso como se fosse o sol.

— Há algo que você quer dizer? — Disse Tiffany. — Há, não há?

Não era muito frequente; na verdade, agora que Tiffany pensou melhor sobre isso, ela nunca tinha visto a Vovó-do-Tempo parecer preocupada.

— Você está certa de que pode vencer o homem astuto, não está? Vejo que você ainda não veste meia-noite.

— Quando estiver velha, me vestirei de meia-noite —, disse Tiffany. — É uma questão de escolha. E Vovó, eu sei por que está aqui. É para me matar se eu falhar, não é?

— Dane-se você —, disse Vovó Cera-do-tempo. — Você é uma bruxa, uma boa bruxa. Mas algumas de nós pensam que podia ser melhor se insistíssemos em ajudá-la.

— Não —, Tiffany disse. — Minha herdade. Minha bagunça. Meu problema.

— Não importa o quanto custe? — Disse Vovó.

— Definitivamente!

— Bem, você tem meu elogio por se manter firme quanto à sua posição e desejo a você... não, não sorte, mas certeza! — Um sussurrar começou entre as bruxas e Vovó o cortou bruscamente, — Ela tomou sua decisão e, senhoras, é esta.

— Sem contestação —, disse Tia Ogg com um sorriso. — Eu quase tenho pena dele. Chuta ele no... chuta ele onde você puder, Tiff!

— É o seu solo —, disse a senhora Proust. — Como uma bruxa pode fazer qualquer coisa além de ter sucesso senão em seu próprio solo?

Vovó Cera-do-Tempo assentiu. — Se você deixar o orgulho tirar o melhor de você, então já perdeu; mas se você se agarrar o orgulho pela nuca e montá-lo como um garanhão, então você já pode ter vencido. E agora acho que é hora de você se preparar, senhorita Tiffany Dolorida. Você tem um plano para amanhã? — Tiffany olhou para os olhos azuis penetrantes.

— Sim. Não perder.

— Este é um bom plano.

A Senhora Proust sacudiu a mão de Tiffany com a sua, toda espinhosa de verrugas. — Por uma feliz coincidência, minha garota, acho que também tenho um monstro para matar...

CAPÍTULO 14

QUEIMANDO O REI

TIFFANY SABIA QUE não iria dormir naquela noite e nem tentou. As pessoas sentaram -se juntas em pequenos grupos, conversando, e ainda havia comida e bebida nas mesas. Possivelmente por causa da bebida, as pessoas não perceberam a rapidez com que a comida e a bebida estavam desaparecendo, mas Tiffany tinha certeza de que podia ouvir barulhos fracos nas vigas acima. É claro que as bruxas eram proverbialmente boas em enfiar comida nos bolsos para mais tarde, mas provavelmente os Feegles as superavam por uma simples e absoluta questão de número.

Tiffany se moveu sem rumo de grupo para grupo e, quando a duquesa finalmente saiu para subir as escadas, ela não a seguiu. Ela foi bastante enfática em dizer para si mesma que não a estava seguindo. Ela estava apenas indo na mesma direção. E, quando ela correu pelo chão de pedra para chegar à porta do quarto da duquesa, logo depois que ela se fechou atrás da mulher, não estava fazendo isso para escutar. Certamente que não. Ela chegou bem a tempo de ouvir o começo de um grito de raiva, e depois a voz da Senhora Proust: — Desembucha, Deirdre Parsley! Um tempão já, sem plumas nem lantejoulas! Ainda pode arrancar a cartola de um homem de sua cabeça com um chute? — E então houve silêncio. Tiffany saiu apressadamente, porque a porta era muito grossa e alguém certamente notaria se ela ficasse ali por mais tempo com o ouvido encostado nela.

Ela então chegou a tempo para conversar com Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda e a senhora Happenstance, que agora percebia que era cega, o que era uma pena, mas não uma grande tragédia para uma bruxa. Elas sempre tinham alguns sentidos extras de sobra.

E então ela desceu à cripta.

Havia flores ao redor do túmulo do velho Barão, mas não sobre ele, porque a tampa de mármore era tão lindamente feita que seria uma pena cobri-la, mesmo com rosas. Na lápide, pedreiros haviam esculpido o próprio Barão, de armadura e segurando a espada; fora feito com tanta perfeição que parecia que ele poderia, a qualquer momento, se levantar e ir embora. Nos quatro cantos da laje ardiam velas.

Tiffany caminhou de um lado para outro, passando por outros barões mortos em pedra. Aqui e ali havia uma esposa, esculpida com as mãos pacificamente cruzadas; era... estranho. Não havia lápides no Giz. A pedra era muito preciosa. Havia cemitérios e, em algum lugar do

castelo, havia um livro antigo com mapas desbotados que mostravam onde as pessoas haviam sido colocadas. A única pessoa comum a ter um memorial, e em muitos aspectos uma pessoa extremamente incomum, foi Vovó Dolorida; as rodas de ferro fundido e o fogão barrigudo que eram tudo o que restava de sua cabana de pastora certamente sobreviveriam por mais cem anos. Era um bom metal, e as ovelhas mordiscando sem parar mantinham o chão ao redor tão liso quanto o tampo de uma mesa e além disso a gordura da lã das ovelhas quando esfregada nas rodas era tão boa quanto óleo para manter o metal tão fino quanto no dia em que foi forjado.

Antigamente, antes de um cavaleiro se tornar cavaleiro, ele passava uma noite em seu salão com suas armas, rezando para que os deuses que estivessem ouvindo lhe dessem força e boa sabedoria.

Tiffany tinha certeza de ter ouvido às palavras ditas, pelo menos em sua cabeça, senão em seus ouvidos. Ela se virou e olhou para os cavaleiros adormecidos e se perguntou se a senhora Proust estava certa e se a pedra tinha mesmo memória.

E quais são as minhas armas? pensou. E a resposta lhe veio instantaneamente: orgulho. Oh, você ouve dizer que é pecado; você ouve dizer que isso aconteceu antes da queda. E isso não podia ser verdade. O ferreiro se orgulha por ter uma boa solda; o carroceiro orgulha-se de que seus cavalos estejam bem arrumados, brilhando como castanhas frescas ao sol; o pastor se orgulha de manter o lobo longe do rebanho; a cozinheira se orgulha de seus bolos. Nos orgulhamos de fazer uma boa história de nossas vidas, uma boa história para ser contada.

E também tenho medo – o medo de decepcionar aos outros – e porque tenho medo, vou superar esse medo. Não vou desonrar aquelas que me treinaram.

E tenho confiança, embora não tenha certeza no que estou confiando.

— Orgulho, medo e confiança —, disse ela em voz alta. E à sua frente as quatro velas lançavam fogo, como se fossem levadas pelo vento; e por um momento ela teve certeza, na torrente de luz, de que a figura de uma velha bruxa estava derretendo na pedra escura. — Ah, sim —, disse Tiffany. — Eu tenho o fogo.

E então, sem saber exatamente por que, ela disse: — Quando eu for velha, vestirei meia-noite. Mas hoje não. — Tiffany ergueu a lanterna e as sombras se moveram, mas uma delas, que parecia muito com uma velha vestida de preto, desapareceu completamente. E eu sei porque é que a lebre salta para o fogo, e amanhã... não, hoje mesmo eu também saltarei para dentro dele. Ela sorriu.

Quando Tiffany voltou ao salão, todas as bruxas a observavam da escada. Tiffany havia se perguntado como iriam se dar Vovó Cera-do-Tempo e a senhora Proust, visto que ambas eram tão orgulhosas quanto um pavão. Mas elas pareciam estar se dando bem o suficiente para rotinas do tipo Conversa-Sobre-O-Tempo ou Os-Modos-Dos-Jovens-Hoje-Em-Dia e O-Escandaloso-Preço-Do-Queijo. Mas Tia Ogg parecia estranhamente preocupada. E ver Tia Ogg preocupada era preocupante. Já passava da meia-noite; tecnicamente falando, a hora das bruxas. Na vida real, cada hora era uma hora de bruxa, mas mesmo assim a forma como os dois ponteiros do relógio ficavam retos era um pouco sinistro.

— Ouvi dizer que os rapazes voltaram da despedida de solteiro —, disse Tia Ogg, — mas me parece que eles esqueceram onde deixaram o noivo. Eu não acho que ele vá a lugar nenhum, no entanto. Eles têm

quase certeza de que abaixaram as calças dele e o amarraram em alguma coisa. — Ela tossiu. — Esse é geralmente o procedimento usual. Tecnicamente, o padrinho deveria lembrar onde, mas eles o encontraram e ele não consegue se lembrar nem do próprio nome.

O relógio do corredor bateu meia-noite; nunca estava na hora certa. Tiffany sentia como se cada batida fosse um golpe em sua coluna vertebral.

E lá, marchando em sua direção, estava Preston. E pareceu a Tiffany que por algum tempo, para onde quer que ela olhasse, ali estaria Preston, parecendo elegante, limpo e – de alguma forma – esperançoso.

— Escute, Preston —, disse. — Não tenho tempo para explicar as coisas e não tenho certeza se você acreditaria nelas... não, você provavelmente acreditaria se eu contasse. Tenho que ir lá para matar aquele monstro antes que ele me mate.

— Então eu protegerei você —, disse Preston. — De qualquer forma, meu comandante-chefe pode estar em algum lugar do chiqueiro com uma porca farejando seus imencionáveis! E eu represento o poder temporal aqui!

— Você? — Tiffany retrucou.

Preston esticou o peito, embora não tenha ido muito longe. — Na verdade, sim: os rapazes me nomearam oficial da Vigilância para que todos pudessem tomar um drink, e neste momento o sargento está na cozinha, vomitando na pia. Ele pensou que poderia beber mais que a senhora Ogg!

Ele fez uma saudação marcial. — Vou lá com você, senhorita. E você não pode me impedir. Sem ofensa, é claro. Porém, em virtude do poder investido em mim pelo sargento, enquanto ele vomita na pia,

gostaria de ordenar a você e sua vassoura que me ajudem em minha busca, se estiver tudo bem para você?

Era uma pergunta terrível para se fazer a uma bruxa. Por outro lado, isso estava sendo solicitado por Preston. — Tudo bem então —, ela disse, — mas não quero nenhum arranhão nela. E há uma coisa que preciso fazer primeiro, me desculpe. — Ela caminhou um pouco até a porta aberta do corredor e encostou-se na pedra fria.

— Eu sei que há Feegles me ouvindo —, disse ela.

— Ah, sim —, disse uma voz a cerca de dois centímetros de seu ouvido.

— Bem, eu não quero que você me ajude esta noite. Isso é coisa de bruaca, entendeu?

— Ah, sim, vimos um grande bando de bruxas. É a grande noite das bruacas.

— Eu devo... — começou Tiffany. E então uma ideia lhe ocorreu. — Eu tenho que lutar contra o homem sem olhos. E elas estão aqui para ver a quão boa lutadora eu sou. E por isso não devo trapacear usando Feegles. Essa é uma importante lei das bruacas. É claro que respeito o fato de que trapacear é uma tradição honrosa Feegle, mas bruxas não trapaceiam —, ela continuou, ciente de que isso era uma grande mentira. — Se vocês me ajudarem, elas saberão, e todas as bruacas me desprezarão.

E Tiffany pensou: E se eu perder, serão os Feegles contra as bruxas, e essa é uma batalha da qual o mundo se lembrará. Sem pressão, certo?

Em voz alta, ela disse: — Vocês entendem, certo? Desta vez, só desta vez, vocês farão o que eu digo e não me ajudarão.

— Sim, a gente entendeu. Mas cê sabe que Jeannie diz que devemos cuidar d'ocê o tempo todo, porque cê é a nossa bruaca das colinas —, disse Rob.

— Lamento dizer que a Kelda não está aqui —, disse Tiffany, — mas eu estou e tenho que lhes dizer que se vocês me ajudarem desta vez, não serei mais sua bruaca das colinas. Estou sob um *Geas*, cês sabe. É um *Geas* de bruaca, e esse é realmente um grande *Geas*. — Ela ouviu um grupo gemer e acrescentou: — Estou falando sério. A bruaca chefe é Vovó Cera-do-Tempo e vocês a conhecem. — Houve mais um gemido. — Bem, aí está. Desta vez, por favor, deixem-me fazer as coisas a minha maneira. Entenderam?

Houve uma pausa e então a voz de Rob Qualquerum disse: — Ah, sim.

— Muito bem —, disse Tiffany, que respirou fundo e foi procurar sua vassoura.

Levar Preston com ela não parecia mais uma boa ideia enquanto subiam acima dos telhados do castelo.

— Por que você não me disse que tinha medo de voar? — Ela disse.

— Isso não é justo —, disse Preston. — Esta é a primeira vez que voo.

Quando chegaram a uma altura decente, Tiffany olhou para o tempo. Havia nuvens acima das montanhas e ocasionais relâmpagos de verão. Ela podia ouvir o estrondo do trovão à distância. Você nunca estava longe de uma tempestade nas montanhas. A névoa havia se dissipado e a lua estava alta; era uma noite perfeita. E havia uma brisa. Ela esperava por isso. E Preston estava com os braços em volta de sua cintura; ela não tinha certeza se esperava por isso ou não.

Eles já estavam bem nas planícies ao pé do Giz, e mesmo à luz da lua Tiffany podia ver retângulos escuros onde os campos anteriores haviam sido desmatados. Os homens sempre foram meticulosos em não deixar o fogo sair do controle; ninguém queria incêndios florestais; não havia como saber o que iria queimar. O campo a que chegaram era o último. Sempre o chamaram de Rei. Geralmente, quando o rei era queimado, metade da aldeia esperava para pegar qualquer coelho que fugisse das chamas. Isso deveria ter acontecido hoje, mas todos estavam... ocupados com outras coisas.

Os galinheiros e o chiqueiro ficavam num campo logo acima, no topo de uma ribanceira, e dizia-se que o rei cultivava colheitas tão abundantes porque os homens achavam muito mais fácil carregar a palha para o rei, em vez de levar tudo para os campos inferiores.

Aterraram junto aos chiqueiros, ao som dos habituais gritos ferozes dos leitões, que acreditavam que, aconteça o que aconteça, o mundo sempre tentará cortá-los ao meio.

Ela cheirou o ar em volta. O ar cheirava a porco; ela tinha certeza, absoluta certeza, de que ainda assim sentiria o cheiro do fantasma se e quando ele estivesse aqui. Por mais sujos que fossem, os porcos tinham um cheiro natural; o cheiro do fantasma, por outro lado, faria um porco cheirar a violetas, em comparação.  Ela estremeceu. O vento estava aumentando.

— Tem certeza de que pode matá-lo? — Preston sussurrou.

— Acho que posso fazer com que ele se mate. E Preston, eu absolutamente te proíbo de me ajudar.

— Sinto muito —, disse Preston. — Poder temporal, você compreende. Você não pode me dar ordens, senhorita Dolorida, se estiver tudo bem para você.

— Você quer dizer que seu senso de dever e sua obediência ao seu comandante significam que você deve me ajudar?

— Bem, sim, senhorita —, disse Preston, — e algumas outras considerações.

— Então eu realmente preciso de você, Preston, preciso mesmo. Acho que poderia fazer isso sozinha, mas será muito mais fácil se você me ajudar. O que eu quero que você faça é...

Ela tinha quase certeza de que o fantasma não seria capaz de ouvir, mas baixou a voz de qualquer maneira, e Preston absorveu suas palavras sem piscar e disse simplesmente: — Parece bastante simples, senhorita. Você pode confiar no poder temporal.

— Ufff! Como é que eu acabei aqui?

Algo cinzento e pegajoso, com cheiro muito forte de porco e cerveja, tentou passar por cima do muro do chiqueiro. Tiffany sabia que era Roland, mas apenas porque era altamente improvável que dois noivos tivessem sido jogados no mesmo chiqueiro naquela noite. E ele subiu como algo desagradável do pântano, pingando... bem, apenas pingando; quase não havia necessidade de entrar em detalhes. Pedaços dele caíam e se espalhavam em salpicos.

Ele soltou um soluço de bêbado. — Parece que há um porco enorme no meu quarto e parece que perdi as calças —, disse ele, com a voz confusa pelo álcool. O jovem Barão olhou em volta, vindo-lhe uma compreensão que não era bem uma iluminação, estando mais para uma luz de brasas. — Acho que este não é o meu quarto, não é? — ele disse, e lentamente voltou para o chiqueiro.

Ela sentiu o cheiro do fantasma. Acima da mistura de cheiros vindos do chiqueiro, ele se destacava como uma raposa entre galinhas. E naquele momento o fantasma falou, numa voz de horror e decadência.

*Posso sentir você aqui, bruxa, e as outras também. Não me importo com elas, mas este novo corpo, embora não muito robusto, tem... uma agenda própria permanente. Eu sou forte. Eu estou chegando. Você não pode salvar a todos. Duvido que seu diabólico bastão voador possa transportar quatro pessoas. Quem você vai deixar para trás? Por que não deixar todos eles? Por que você não deixar a rival cansativa, ou o garoto que rejeitou você e aquele seu jovem persistente? Ah, eu sei como você pensa, bruxa!*

Só que eu não penso assim, Tiffany pensou consigo mesma. Ah, talvez eu tivesse gostado de ver Roland no chiqueiro, mas as pessoas não são apenas pessoas, são pessoas cercadas pelas circunstâncias.

Mas você não é. Você nem é mais uma pessoa.

Ao lado dela, com um barulho horrível de sucção, Preston puxou Roland para fora do chiqueiro, contra o protesto da porca. Que sorte para os dois não conseguirem ouvir a voz.

Ela estacou. Quatro pessoas? A rival cansativa? Mas só havia ela mesma, Roland e Preston, não era?

Ela olhou para o outro lado do campo, na sombra da lua do castelo. Uma figura branca corria em direção a eles em alta velocidade.

Tinha que ser Letícia. Ninguém por aqui usava tanto branco esvoaçante o tempo todo. A mente de Tiffany girava com a álgebra das táticas.

— Preston, vá embora. Leve a vassoura.

Preston assentiu e depois cumprimentou com um sorriso. — Ao seu serviço, senhorita. — Letícia chegou apressada e com chinelos brancos caros. Ela parou quando viu Roland, que estava sóbrio o suficiente para tentar cobrir com as mãos, o que Tiffany sabia que sempre consideraria como suas partes para o amor. O que resultou em um barulho de sucção, já que ele estava densamente incrustado em esterco de porco.

— Um dos amigos dele me contou que jogaram ele de brincadeira no chiqueiro! — Letícia disse indignada. — E eles se autodenominam amigos dele!

— Acho que eles acham que é para isso que servem os amigos —, disse Tiffany distraidamente. Para si mesma, ela pensou: isso vai funcionar? Eu esqueci alguma coisa? Eu entendi o que devo fazer? Com quem eu acho que estou falando? Suponho que estou procurando por um sinal, apenas um sinal.

Houve um farfalhar. Ela olhou para baixo. Uma lebre olhou para ela e então, sem pânico, perdeu-se entre os restolhos.

— Vou considerar isso um sim, então —, disse Tiffany, e entrou em pânico próprio. Afinal, isso era um presságio ou era apenas uma lebre que tinha idade suficiente para não correr instantaneamente ao ver pessoas? E não era de bom tom, ela tinha certeza, pedir um segundo sinal para lhe dizer se o primeiro sinal não era apenas uma coincidência, não é?

Neste momento, neste exato momento, Roland começou a cantar, possivelmente por causa da bebida; mas também talvez porque Letícia o enxugava diligentemente, mantendo os olhos fechados para que, como mulher solteira, não visse nada de impróprio ou surpreendente. E a canção que Roland cantava era: — *Doce e gentil é o verão na manhã*

*candente/ Ver os campos e bosques de milho cobertos/ Em cada verde ramo, dos pássaros o canto aberto/ De cotovias o melodioso canto ao dia nascente*... — Ele fez uma pausa. — Meu pai costumava cantar muito isso quando caminhávamos por estes campos... — ele disse. Ele estava naquela fase em que homens bêbados começaram a chorar, e as lágrimas deixavam pequenos rastros rosados enquanto a sujeira era lavada de seu rosto.

Tiffany, porém, pensou: Obrigada. Um presságio era um presságio. Você escolhia aqueles que funcionavam. E este era o grande campo, o campo onde queimavam o último restolho. *E a lebre corre para o fogo*. Ah, sim, os presságios. Eles sempre foram tão importantes.

— Escutem-me, vocês dois. Não vou discutir com você, porque você, Roland, está muito bêbado e você, Letícia, é uma bruxa. - Letícia sorriu naquele momento - Mas não uma bruxa plena comparada comigo e, portanto, vocês dois farão o que eu te mandar. E assim todos nós poderemos voltar vivos para o castelo.

Ambos pararam e ouviram, Roland balançando suavemente.

— Quando eu gritar —, continuou Tiffany, — quero que cada um de vocês pegue uma de minhas mãos e corra! Virem se eu virar, parem se eu parar, embora duvide muito que eu queira parar. Acima de tudo, não tenham medo e confiem em mim. Tenho quase certeza de que sei o que estou fazendo. — Tiffany percebeu que essa não era a melhor garantia, mas eles não pareceram notar. Ela acrescentou: — E quando eu disser pulem, pulem como se um demônio estivesse atrás de você, porque assim será.

O fedor tornou-se subitamente insuportável. O ódio absoluto parecia atingir o cérebro de Tiffany. Pela picada dos meus polegares, algo perverso vem por aí, ela pensou enquanto olhava para a escuridão da

noite. Pelo cheiro do meu nariz, alguma coisa maligna virá por aqui, ela acrescentou; e parou de balbuciar enquanto examinava a sebe distante em busca de movimento.

E lá estava a figura.

Ali, corpulento, caminhando em direção a eles ao longo do campo. Movia-se lentamente, mas estava ganhando velocidade. Havia algo estranho nele. — Quando ele assume um corpo, o dono do corpo se torna parte dele também. Não há fuga, não há libertação. — Foi isso que Eskarina lhe disse. Nada de bom, nada capaz de redenção, poderia ter pensamentos que cheirassem assim. Ela agarrou as mãos do casal que discutia e os arrastou para uma corrida. A... criatura estava entre eles e o castelo. E estava indo mais devagar do que ela esperava. Ela arriscou outro olhar e viu o brilho do metal em suas mãos. Facas.

— Qual é!

— Esses sapatos não são muito bons para correr —, observou Letícia.

— Minha cabeça dói —, contribuiu Roland enquanto Tiffany os rebocava para o fundo do campo, ignorando todas as reclamações enquanto talos de milho secos os agarravam, prendiam cabelos, arranhavam as pernas e picavam os pés. Eles agora estavam chegando perto do que se poderia chamar de correr. A criatura os seguia obstinadamente. Assim que eles se virassem para correr em direção ao castelo e à segurança, aquilo os alcançaria...

Mas a criatura também estava tendo dificuldades, e Tiffany se perguntou até onde seria possível empurrar um corpo se não sentíssemos sua dor, não pudéssemos sentir a agonia dos pulmões, as batidas do coração, o estalar dos ossos, a dor terrível que o empurrou até o último suspiro e além. A senhora Proust havia sussurrado para ela,

eventualmente, as coisas que o homem Macintosh havia feito; como se poluísse o ar dizer as palavras em voz alta. Contra isso, como se classificaria o esmagamento de um passarinho canoro? E ainda assim, de alguma forma, isso ficou gravado na mente dele como um crime além da misericórdia.

Não haveria misericórdia para uma canção agora silenciada. Nenhuma redenção por matar a esperança na escuridão. Eu conheço você, agora.

Foi você que sussurrou ao ouvido do Petty antes de ele bater na filha. Você é a primeira batida da música quebrada.

Você olha por cima do ombro para o homem enquanto ele pega a primeira pedra e, embora eu ache que você faça parte de todos nós e que nunca nos livraremos de você, certamente podemos tornar sua vida um inferno.

Sem piedade. Sem redenção.

Olhando para trás, ela viu seu rosto cada vez maior e redobrou seus esforços para arrastar o casal cansado e relutante pelo terreno acidentado. Ela conseguiu respirar para dizer: — Olhem para ele! Olhem para aquilo! Querem que ele nos pegue? — Ela ouviu um breve grito de Letícia e um gemido de sobriedade repentina de seu futuro marido. Os olhos do infeliz Macintosh estavam injetados e bem abertos, os lábios presos em um sorriso frenético. Ele tentou aproveitar a distância repentinamente reduzida, mas os outros dois encontraram forças renovadas em seu medo e estavam quase puxando Tiffany junto.

E agora havia uma corrida clara pelo campo. Tudo agora depende de Preston. Surpreendentemente, Tiffany se sentiu confiante. Ele é confiável, ela pensou, porém havia ainda aquele gorgolejo horrível por trás deles. O fantasma estava atacando seu hospedeiro com mais força,

e ela podia imaginar o sibilar de uma faca comprida. O tempo era tudo. Preston era confiável. Ele tinha entendido tudo, não tinha? Claro que tinha. Ela podia confiar em Preston.

Mais tarde, o que ela mais lembrava era o silêncio, quebrado apenas pelo estalar dos talos e pela respiração pesada de Letícia e Roland e pelo horrível chiado do perseguidor. Em sua cabeça o silêncio foi quebrado pela voz do Astuto.

*Você está preparando uma armadilha. Escória! Você acha que posso ser pego tão facilmente de novo? As garotinhas que brincam com fogo vão se queimar, e você vai queimar, eu prometo, ah, você vai queimar. Onde então estará o orgulho das bruxas! Vasos de iniquidade! Servas da impureza! Profanadores de tudo o que é sagrado!*

Tiffany manteve os olhos fixos no final do campo enquanto as lágrimas escorriam. Ela não pôde evitar. Era impossível manter a vileza afastada; chuviscava como veneno, infiltrando-se em seus ouvidos e fluindo sob sua pele.

Outro movimento no ar atrás deles fez com que os três corredores encontrassem forças redobradas, mas ela sabia que isso não poderia continuar. Era Preston o que ela via na escuridão à frente? Então quem era a figura escura ao lado dele, parecendo uma velha bruxa com um chapéu pontudo? Mesmo enquanto ela olhava para ela, desapareceu.

Mas de repente o fogo explodiu e Tiffany pôde ouvir o crepitar que se espalhava como um nascer do sol pelo campo em direção a eles, faíscas enchendo o céu com estrelas extras. E o vento soprou forte e ela ouviu novamente a voz fedorenta: *Você vai queimar. Você vai queimar!*

E o vento soprou em rajadas e as chamas explodiram, e agora uma parede de fogo corria através dos restolhos tão rápido quanto o próprio vento. Tiffany olhou para baixo e a lebre estava de volta, correndo ao

lado deles sem nenhum esforço aparente; ela olhou para Tiffany, levantou as pernas e correu, agora direto para o fogo, e a toda velocidade.

— Corram! — Tiffany ordenou. — O fogo não vai queimar vocês se fizerem o que eu digo! Corram rápido! Corram rápido! Roland, corra para salvar Letícia. Letícia, corra para salvar Roland.

O fogo estava quase sobre eles. Eu preciso da força, ela pensou. Eu preciso do poder. E ela se lembrou de Tia Ogg dizendo: — O mundo muda. O mundo flui. Há poder aí, minha garota.

Casamentos e funerais são momentos de poder... sim, casamentos. Tiffany apertou ainda mais as mãos deles. E aí veio. Uma parede de chamas crepitante e estrondosa...

— Saltem!

E enquanto eles saltavam, ela gritou: — Salta, canalha! Pula, piranha! — Ela os sentiu levantar quando o fogo os alcançou.

O tempo hesitou. Um coelho passou correndo por baixo deles, fugindo aterrorizado das chamas. Ele fugirá, ela pensou. Ele fugirá do fogo, mas o fogo correrá para ele. E o fogo corre muito mais rápido que um corpo moribundo.

Tiffany flutuou em uma bola de chama amarela. A lebre passou por ela, uma criatura feliz em seu elemento. Não somos tão rápidos quanto você, ela pensou. Ficaremos chamuscados.

Ela olhou, à direita e à esquerda, para os noivos, que olhavam para frente como se estivessem hipnotizados, e puxou-os em sua direção. Ela entendeu. *Você ficará casado comigo*, Roland. *Eu vou casar você, Roland*. Eu disse que o faria.

Ela faria algo lindo com esse fogo.

— Volte para o inferno de onde você veio, Homem Astuto —, ela gritou acima das chamas. — Pula, canalha! Pula, piranha! — Ela gritou novamente. — Estejam casados agora e para sempre! — E isto é um casamento, disse para si mesma. Um novo começo. E por alguns poucos segundos no mundo, este é um lugar de poder. Ah, sim, um lugar de poder.

Eles pousaram, rolando, atrás da parede de fogo. Tiffany estava pronta, apagando as brasas e chutando as pequenas chamas que restavam.

Preston de repente também apareceu lá, pegando Letícia e tirando-a das cinzas. Tiffany passou o braço em volta de Roland, que havia caído suavemente (possivelmente em sua cabeça, pensou parte de Tiffany), e o guiou.

— Parecem queimaduras superficiais e alguns cabelos tostados — , disse Preston, — e quanto ao seu antigo namorado, acho que a lama dele agora está assada. Como fez aquilo?

Tiffany respirou fundo. — A lebre salta através das chamas tão rápido que mal as sente —, disse ela, — e quando pousa, cai principalmente sobre as cinzas. Um incêndio na grama se apaga rapidamente sob um vento forte.

Houve um grito atrás deles, e ela imaginou uma figura desajeitada tentando escapar das chamas lançadas pelo vento, mas falhando. Ela sentiu a dor de uma criatura que havia vagado pelo mundo por centenas de anos.

— Vocês três, fiquem aqui. Não me sigam! Preston, cuide deles!

Tiffany atravessou as cinzas frias. Eu tenho que ver, ela pensou. Eu tenho que testemunhar. Eu tenho que saber o que é que eu fiz!

As roupas do morto estavam fumegantes. Não havia pulso. Ele fazia coisas terríveis com as pessoas, pensou ela: coisas que deixaram doentes até os guardas da prisão. Mas o que foi feito com ele primeiro? Seria ele apenas uma versão muito pior do senhor Petty? Ele poderia ter sido bom? Como você muda o passado? Onde começa o mal?

Ela sentiu as palavras deslizarem em sua mente como um verme: *facínora, imundície, assassina!* E ela sentiu que deveria pedir desculpas aos seus ouvidos pelo que eles tinham que ouvir. Mas a voz do fantasma era fraca, fina e queixosa, deslizando para trás na história.

Você não pode me alcançar, ela pensou. Você está esgotado. Você está muito fraco agora. Quão difícil foi forçar um homem a correr até a morte? Você não pode entrar. Posso sentir você tentando. Ela se abaixou nas cinzas e pegou um pedaço de pederneira de sílex, ainda quente do fogo; o solo estava cheio delas, a mais afiada das pedras. Nascida no Giz, como de certo modo, também Tiffany. Sua suavidade era como o toque de um amigo.

— Você nunca aprende, não é? —, ela disse. — Você não entende que outras pessoas também pensam. É claro que você não iria correr para o fogo; mas em sua arrogância você nunca percebeu que o fogo iria até você. — Seu poder é feito apenas de boato e mentiras, ela pensou. Você abre caminho até as pessoas quando elas estão inseguras, fracas, preocupadas e assustadas; e elas pensam que o inimigo delas são as outras pessoas quando o inimigo delas é, e sempre será, você, o mestre das mentiras. Por fora, você é assustador; por dentro, você não é nada mais que fraqueza.

Por dentro, eu sou sílex, sou pederneira.

Ela sentiu o calor de todo o campo; firmou-se e agarrou-se à pedra. Como você ousa vir aqui, seu verme! Como ousa invadir o que é

meu! Ela sentiu a pederneira ficar mais quente em sua mão e depois derreter e fluir entre seus dedos e gotejar no solo enquanto se concentrava. Ela nunca havia tentado isso antes e inalou o ar num hausto profundo, sentindo que de alguma forma as chamas o haviam purificado.

E se você voltar, Homem Astuto, haverá outra bruxa como eu. Sempre haverá outra bruxa como eu, porque sempre haverá coisas como você, porque abrimos espaço para elas.

Mas agora, neste pedaço sangrento de terra, eu sou a bruxa e você não é nada.

Pelo piscar dos olhos meus/ Algo ruim desta forma morreu.

Um silvo em sua mente desvaneceu e a deixou sozinha entre seus pensamentos.

— Sem piedade —, ela disse firme, — sem redenção. Você forçou um homem a matar seu inofensivo pássaro canoro e, de alguma forma, acho que esse foi o maior crime de todos.

Quando voltou ao campo, ela conseguiu se tornar, mais uma vez, a Tiffany Dolorida que sabia fazer queijo e lidar com as tarefas diárias e não espremia pedra derretida entre os dedos.

O casal feliz, mas um pouco chamuscado, estava começando a perceber as coisas. Letícia sentou-se. — Me sinto cozida —, ela disse. — Que cheiro é esse?

— Desculpe, é você —, disse Tiffany, — e temo que aquela maravilhosa camisola de renda só possa ser usada para limpar janelas de agora em diante. Receio que não tenhamos saltado tão rápido quanto a lebre. — Letícia olhou em volta.

— Roland está... ele está bem?

— Firme e forte —, disse Preston alegremente. — O estrume molhado de porco realmente ajudou.

Letícia parou por um momento. — E aquela... coisa?

— Foi embora —, disse Tiffany.

— Tem certeza de que Roland está bem? — Letícia insistiu.

Preston sorriu. — Totalmente nos trinques, senhorita. Nada de importante foi queimado, embora possa ser um pouco doloroso quando retirarmos as crostas. Ele está um tanto cozido, se é que você me entende.

Letícia assentiu e depois se virou, lentamente, para Tiffany. — O que foi que você disse quando estávamos pulando?

Tiffany respirou fundo. — Eu casei vocês.

— Você, quando você diz casados, você quer dizer unidos em matrimônio... nós? — Letícia perguntou.

— Sim —, Tiffany disse. — Foi isso que eu disse, com certeza. Pular juntos uma fogueira é uma forma muito antiga de casamento. Também não precisa de padres, o que representa uma grande economia nos comes e bebes.

A possível noiva avaliou aquilo. — Tem certeza?

— Bem, foi isso que a senhora Ogg me disse —, disse Tiffany, — e eu sempre quis experimentar.

Isso pareceu receber a aprovação de Letícia, porque ela disse: — A senhora Ogg é uma senhora muito instruída, devo admitir. Ela sabe um número surpreendente de coisas.

Tiffany, mantendo o rosto o mais sério possível, disse: — Um número surpreendente de coisas surpreendentes.

— Ah, sim... é... — Letícia pigarreou um tanto hesitante e fez seu "é..." ser seguido de um "é... hmm... bem".

— Há algo errado? — Disse Tiffany.

— Aquela palavra que você usou sobre mim enquanto estávamos pulando. Acredito tratar-se de um palavrão.

Tiffany estava esperando por isso. — Bem, aparentemente é tradicional. — E, com a voz quase tão hesitante quanto a de Letícia, ela acrescentou: — E também não acho que Roland seja um canalha. E, claro, as palavras e o seu uso mudam ao longo dos anos.

— Não acredito que seja o caso daquelas palavras! — Disse Letícia.

— Bem, depende das circunstâncias e do contexto —, disse Tiffany. — Mas, francamente, Letícia, uma bruxa usará qualquer ferramenta que tiver em uma emergência, como você poderá aprender um dia. Além disso, a forma como pensamos sobre algumas palavras muda. Por exemplo, você sabe o significado da palavra “peituda”? — Ela pensou consigo mesma: por que estou me dando ao trabalho com essa conversa fiada? Eu sei: porque é uma âncora e me garante que sou um ser humano entre outros humanos, e ajuda a lavar o terror da minha alma...

— Sim —, disse a futura noiva. — E eu receio não ser muito representativa nesse departamento.

— Isso teria sido um pouco lamentável há algumas centenas de anos, porque a cerimônia de casamento naquela época exigia que a noiva fosse peituda para seu marido.

— Eu teria que colocar uma almofada por baixo do meu corpete!

— Na verdade, não; costumava significar gentil, compreensiva e obediente —, disse Tiffany.

— Ah, eu posso fazer isso —, disse Letícia. — Pelo menos as duas primeiras —, acrescentou ela com um sorriso. Ela limpou a garganta.

— Quero dizer, além de nos casarmos, é claro – o que eu ainda acho muito engraçado – Aliás, o que foi que fizemos mesmo?

— Bem —, disse Tiffany. — Vocês me ajudaram a preparar uma armadilha um dos piores monstros que já sujaram o mundo. — A nova noiva se animou.

— Ajudamos? Bem, isto é bom —, ela disse.

— Estou muito feliz por termos feito isso. Mas não sei como poderemos retribuir toda a sua ajuda.

— Bem, roupa de cama limpa e usada e botas velhas são sempre bem-vindas —, disse Tiffany seriamente. — Mas você não precisa me agradecer por ser uma bruxa. Prefiro que você agradeça ao meu amigo Preston. Ele se colocou em perigo real por vocês dois. Pelo menos estávamos juntos. Ele, porém, estava aqui sozinho.

— Na verdade, isso não é totalmente exato —, disse Preston, — A parte todos os imprevistos, todos os meus fósforos estavam úmidos, mas felizmente o senhor Wullie Doido e seus amigos tiveram a gentileza de me emprestar alguns. E me disseram para dizer a você que estava tudo bem, porque eles estavam ajudando a mim, não a você! E embora haja senhoras presentes, devo dizer que elas ajudaram a fazer as coisas andarem rapidamente, agitando as chamas com os seus kilts. Uma visão, posso dizer, que uma vez vista nunca é esquecida.

— Eu gostaria muito de ter visto —, disse Letícia educadamente.

— De qualquer forma —, disse Tiffany, tentando tirar a imagem mental de sua mente, — talvez seja melhor se concentrar no fato de que

amanhã vocês serão casados de maneira mais convencional pelo Pastor Egg. E sabe de algo muito importante sobre amanhã? É que é hoje!

Roland, que segurava a cabeça e gemia, piscou e disse: — O que?

# CAPÍTULO 15

# UMA SOMBRA E UM SUSSURRO

FOI, NO GERAL, um casamento muito bom, na opinião de Tiffany; um casamento realmente muito bom. O pastor Egg, ciente do número incomum de bruxas na plateia, manteve a religião ao mínimo. A noiva tímida e corada caminhou pelo corredor, e Tiffany a viu corar um pouco mais quando avistou Tia Ogg, que lhe fez um alegre sinal de positivo com o polegar para cima ao passar. E depois houve o lançamento do arroz, seguido, claro, da varredura cuidadosa do arroz, porque era perverso desperdiçar boa comida. Depois houve aplausos e felicitações gerais e, para surpresa de alguns, uma duquesa feliz e radiante, que conversava alegremente, até mesmo com as criadas, e

parecia ter uma palavra gentil e tranquilizadora para todos. E só Tiffany sabia por que a mulher lançava ocasionais olhares nervosos para a senhora Proust. Tiffany saiu então, às escondidas, para ajudar Preston no campo do Rei, onde ele estava cavando um buraco fundo o suficiente para que o arado nunca encontrasse os restos carbonizados que foram coletados e jogados nele. Eles lavavam as mãos com um sabonete de soda cáustica bem forte, porque nunca é demais tomar cuidado. Não foi, estritamente falando, uma ocasião muito romântica.

— Acha que ele voltará algum dia? — Disse Preston enquanto eles se apoiavam nas pás.

Tiffany assentiu. — O Homem Astuto sim, pelo menos. Veneno é sempre bem-vindo em algum lugar.

— O que você vai fazer agora que ele se foi?

— Oh, você sabe, todas as coisas interessantes; em algum lugar há sempre uma perna que precisa de curativo ou um nariz que precisa ser assoado. Ficar ocupada, ocupada o dia todo.

— Não parece muito emocionante.

— Bem, suponho que não —, disse Tiffany, — mas comparado a ontem, esse tipo de dia de repente parece ser um dia muito bom. Eles seguiram em direção ao salão, onde o café da manhã do casamento estava sendo servido como almoço. — Você é um jovem de considerável desenvoltura —, disse Tiffany a Preston, — e agradeço muito por sua ajuda.

Preston assentiu alegremente. — Muito obrigado por isso, senhorita, muito obrigado mesmo, mas com apenas uma pequena – como posso dizer – correção. Você tem, afinal, dezesseis anos, mais ou menos, e eu tenho dezessete; então acho que você vai concluir que me

chamar de jovem... admito que tenho uma disposição alegre e jovem, mas sou mais velho que você, garota.

Houve uma pausa. Então Tiffany disse cuidadosamente: — Como você sabe quantos anos eu tenho?

— Eu perguntei por aí —, disse Preston, com um sorriso ansioso nunca deixando seu rosto.

— Por quê?

Tiffany não obteve resposta porque o sargento saiu pela porta principal com confetes caindo em cascata do capacete. — Ah, aí está você, senhorita. O Barão tem perguntado por você e a Baronesa também. — Ele fez uma pausa para sorrir e disse: — É bom ter uma delas novamente. — Seu olhar caiu sobre Preston e o sargento franziu a testa. — Vadiando de novo, como sempre, recruta-lanceiro Preston?

Preston prestou uma continência atentíssima às normas: — Você está correto em sua suposição, sargento; e expressou uma verdade absoluta. — Isso rendeu a Preston o olhar perplexo que sempre recebia do sargento, e houve também um grunhido de desaprovação, que significava: "Um dia vou descobrir o que você está dizendo, meu rapaz, e então você estará em apuros".

Os casamentos podem ser bastante semelhantes aos funerais, pois, além dos atores principais, quando tudo termina, as pessoas nunca têm certeza do que devem fazer a seguir, e é por isso que verificam se sobrou vinho. Mas Letícia estava radiante, o que é obrigatório para as noivas, e as mechas levemente frisadas do cabelo estavam bem escondidas pela tiara brilhante e cintilante. Roland também estava muito bem limpo e era preciso estar bem perto dele para sentir cheiro de porco.

— Sobre ontem à noite... — ele começou nervoso. — É... aquilo aconteceu, não foi? Quer dizer, eu me lembro do chiqueiro, e estávamos todos correndo, mas... — Sua voz desapareceu.

Tiffany olhou para Letícia, que murmurou as palavras:

— Lembro de tudo!

Sim, ela é mesmo uma bruxa, pensou Tiffany. Isso vai ser interessante. Roland pigarreou. Tiffany sorriu.

— Cara senhorita Dolorida —, disse ele, e pela primeira vez Tiffany perdoou-lhe sua voz de "reunião pública", — estou bem ciente de que tomei parte em um erro de julgamento em relação ao seu bom nome. — Pigarreou novamente. Eu realmente espero que Letícia consiga tirar um pouco da goma dele, Tiffany pensou. — Com isso em mente, falei aqui com o jovem Preston, que conversou com as meninas da cozinha ao seu jeito descontraído e descobriu para onde a enfermeira tinha ido. Ela gastou parte do dinheiro, mas a maior parte está aqui e, fico feliz em dizer, é seu.

Nesse ponto, alguém cutucou Tiffany.

Era Preston, que sussurrou: — Também encontramos isso.

Ela olhou para baixo e ele colocou uma pasta de couro desgastada em sua mão. Ela assentiu em agradecimento e olhou para Roland. — Seu pai queria que você ficasse com isso —, disse ela. — Pode valer mais para você do que todo esse dinheiro. Eu esperaria até estar sozinho antes de olhar para isso.

Ele o revirou nas mãos. — O que é isso?

— Apenas uma lembrança —, disse Tiffany. — Apenas uma lembrança.

O sargento deu um passo à frente e colocou uma pesada bolsa de couro sobre a mesa, entre copos e flores. Houve um arquejo por parte dos convidados.

Estou sendo observada como se por falcões por minhas irmãs bruxas, pensou Tiffany, e também estou sendo observada por praticamente todo mundo que conheço e que me conhece. Eu tenho que fazer isso direito. E eu tenho que fazer isso de modo que todos se lembrem disso.

— Acho que você deveria ficar com isto, senhor —, disse ela. Roland pareceu aliviado, mas Tiffany continuou: — No entanto, tenho alguns pedidos simples em nome de outras pessoas.

Letícia cutucou o marido nas costelas e ele estendeu as mãos. — Este é o dia do meu casamento! Como posso recusar qualquer pedido?

— A garota Amber Petty precisa de um dote que, aliás, permita que seu jovem prometido compre seu contrato junto a um mestre artesão e, você pode não saber, mas foi ele costurou o vestido que atualmente adorna sua linda e jovem esposa. Já viu algo mais esplêndido?

Isso gerou aplausos imediatos, além de assobios dos amigos de Roland, que gritaram caprichosamente coisas como: — Qual? A garota ou o vestido? — Quando tudo terminou, Tiffany disse: — E, além disso, senhor, e com sua indulgência, gostaria de sua promessa de que qualquer menino ou menina do Giz com um pedido semelhante o achará prestativo. Acho que você concorda que estou pedindo muito menos do que estou devolvendo para você?

— Tiffany, acredito que você esteja certa —, disse Roland, — mas posso suspeitar que você tenha algo mais na manga?

— Como você me conhece bem, senhor —, disse Tiffany e Roland, só por um momento, ficou vermelho.

— Eu quero uma escola, senhor. Quero uma escola aqui no Giz. Tenho pensado nisso há muito tempo; na verdade, muito antes que eu soubesse nomear o que eu queria. Há um velho celeiro em Terras-de-Dentro que não está sendo usado no momento e acho que poderemos torná-lo bastante aceitável em mais ou menos uma semana.

— Bem, os professores itinerantes aparecem a cada poucos meses —, disse o Barão.

— Sim, senhor, eu sei, senhor, e eles são inúteis, senhor. Eles ensinam fatos, não compreensão. É como ensinar as pessoas sobre florestas mostrando-lhes uma serra. Quero uma escola adequada, senhor, para ensinar a ler e a escrever e acima de tudo a pensar, senhor; para que as pessoas possam encontrar aquilo em que são boas, porque quem faz o que realmente gosta é sempre um ganho para qualquer terra, e também muitas vezes as pessoas nunca descobrem até que seja tarde demais. — Ela deliberadamente desviou o olhar do sargento, mas suas palavras causaram um burburinho na sala, Tiffany ficou feliz em ver. Ela abafou isso com: — Houve momentos, ultimamente, em que eu desejei muito poder mudar o passado. Bem, não posso, mas posso mudar o presente, para que, quando se tornar passado, se torne um passado que vale a pena ter. E eu gostaria que os meninos aprendessem sobre as meninas e gostaria que as meninas aprendessem sobre os meninos. Aprender é descobrir quem você é, o que você é, onde você está e onde você se apoia para estar onde está, no que você é bom e no que está além do horizonte e, bem, tudo mais. É sobre encontrar o lugar onde você se encaixa. Encontrei o lugar onde me encaixo e gostaria que todos os outros encontrassem o seu. E posso propor que Preston seja o primeiro professor da escola? Ele sabe praticamente tudo o que há para saber.

Preston fez uma profunda reverência com seu capacete, o que provocou risadas.

Tiffany continuou: — E a recompensa dele por um ano de trabalho como professor para você será, sim, dinheiro suficiente para ele comprar as letras antes de seu nome para que possa se tornar médico. As bruxas não podem fazer tudo e poderíamos fazer isso com um médico por aqui. — Tudo isso gerou grande aplauso, que é o que geralmente acontece quando as pessoas percebem que provavelmente conseguirão algo que não terão que pagar. Quando isso acabou, Roland olhou nos olhos do sargento e disse:

— Você acha que pode sobreviver sem as proezas militares de Preston, sargento?

Isso precipitou outras tantas risadas. Isso é bom, pensou Tiffany; o riso ajuda as coisas a deslizarem para o pensamento.

O sargento Brian tentou parecer solene, mas estava escondendo um sorriso. — Seria um golpe e tanto, senhor, mas acho que talvez consigamos, senhor. Sim, acho que posso dizer que a saída do recruta-lanceiro Preston aumentará a eficiência geral do esquadrão, senhor.

Isso causou mais outros aplausos gerais de pessoas que não pegado bem a coisa e risos daqueles que o fizeram.

O Barão bateu palmas. — Bem, então, senhorita Dolorida, parece que você conseguiu tudo o que pediu, certo?

— Na verdade, senhor, ainda não terminei minhas petições. Há mais uma coisa e não vai custar nada, então não se preocupe com isso. — Tiffany respirou fundo e tentou parecer mais alta. — Eu requeiro que você dê aos povos conhecidos como Nac Mac Feegle todas as terras baixas acima de Terras-de-Dentro, para que sejam deles para sempre,

tanto pela lei quanto pela justiça. Uma escritura adequada pode ser redigida e não se preocupe com o custo – conheço um sapo que fará isso por um punhado de besouros – e ela dirá que, por sua vez, os Feegles permitirão a todos os pastores e ovelhas acesso livre a as descidas, mas não haverá, e isto é importante, nenhum metal afiado além de uma faca. Tudo isso não lhe custará nada, meu senhor Barão, mas o que você e seus descendentes, e espero que pretendam ter descendentes... — Tiffany teve que parar por aí por causa do vendaval de risadas, no qual Tia Ogg teve grande participação, e então ela continuou: — Meu senhor Barão, acho que você se assegurará de uma amizade que nunca morrerá. Todos os benefícios, nenhum custo.

Para seu crédito, Roland não hesitou e disse: — Ficaria honrado em apresentar ao Nac Mac Feegle a escritura de suas terras e lamento, não, peço desculpas por qualquer mal-entendido entre nós. Como você disse, eles merecem suas terras por direito e por justiça.

Tiffany ficou impressionada com o breve discurso. A linguagem era um pouco antiquada, mas seu coração estava no lugar certo, e uma linguagem um pouco antiquada combinava muito bem com os Feegles. Para sua alegria, houve ainda outro sussurro nas vigas acima do salão do castelo. E o Barão, agora parecendo muito mais um barão de verdade, continuou: — Eu só gostaria de poder contar isso pessoalmente a eles agora mesmo.

E da escuridão acima veio um poderoso grito de:

*!Disgraça!*

O vento era prateado e frio. Tiffany abriu os olhos, com a alegria dos Feegles ainda ecoando em seus ouvidos. Foi substituído pelo barulho da grama seca ao vento. Ela tentou se sentar, mas não

conseguiu, e uma voz atrás dela disse: — Por favor, não se mexa, isso é muito difícil.

Tiffany tentou virar a cabeça. — Eskarina?

— Sim. Tem alguém aqui que quer falar com você. Você pode se levantar agora; eu equilibrei os nós. Não faça perguntas, porque você não entenderia as respostas. Você está no Agora Viajante, novamente. Num Agora novo, você pode dizer. Vou deixá-lo com sua amiga... e temo que você não possa ter muito tempo, dado um determinado valor de tempo. Mas devo proteger meu filho...

Tiffany disse: — Você quer dizer que você tem... — Ela parou porque uma figura estava se formando na frente de Tiffany e se tornou uma bruxa, uma bruxa clássica com vestido preto, botas pretas; bastante bonitas, Tiffany notou e, claro, o chapéu pontudo. Ela também tinha um colar. Na corrente havia uma lebre dourada.

A própria mulher era velha, mas era difícil dizer de quantos anos. Ela se portava de modo orgulhoso, como Vovó Cera-do-Tempo, mas como Tia Ogg, parecia sugerir que a velhice, ou algo assim, não estava sendo levada a sério.

Tiffany, porém, se concentrou no colar. As pessoas usavam joias para mostrar algo. Sempre tinha um significado, se você se concentrasse.

— Tudo bem, tudo bem —, disse ela, — só tenho uma pergunta: não estou aqui para enterrar você, estou?

— Minha nossa, você é rápida —, disse a mulher. — Você imediatamente elaborou uma narrativa extremamente interessante e adivinhou instantaneamente quem eu sou. — Ela riu. A voz era mais jovem que seu rosto. — Não, Tiffany. Por mais macabra que seja sua sugestão, a resposta é não. Lembro-me de Vovó Cera-do-Tempo me

dizendo que, quando você vai direto ao assunto, o mundo é feito de histórias; e Tiffany Dolorida é extremamente boa em finais.

— Eu sou?

— Ah, sim. Os finais clássicos de uma história romântica são um casamento ou um legado, e você engendrou os dois. Muito bem-feito.

— Você sou eu, certo? — Disse Tiffany. — Era disso que se tratava aquela história de "você tem que se ajudar", certo? — A Tiffany mais velha sorriu, e Tiffany não pôde deixar de notar que era um sorriso muito bonito.

— Na verdade, eu só interferi de algumas pequenas maneiras. Como, por exemplo, tendo certeza de que o vento realmente soprava com muita força para você... embora, se bem me lembro, uma certa colônia de homenzinhos acrescentasse seu próprio entusiasmo especial à aventura. Nunca tenho certeza se minha memória é boa ou ruim. Isso é uma viagem no tempo para você.

— Você pode viajar no tempo?

— Com alguma ajuda de nossa amiga Eskarina. E apenas como uma sombra e um sussurro. É um pouco como aquela coisa de não me ver, que eu... que nós... Você tem que convencer o tempo a não prestar atenção.

— Mas por que você quis falar comigo? — Disse Tiffany.

— Bem, a resposta irritante é que me lembrei de ter feito isso —, disse a velha Tiffany. — Desculpe, é a viagem no tempo novamente. Acho, porém, que queria te dizer que tudo dá certo, mais ou menos. Tudo se encaixa. Você deu o primeiro passo.

— Existe um segundo passo? —, disse Tiffany.

— Não; há outro primeiro passo. Cada passo é um primeiro passo se for um passo na direção certa.

— Mas espere —, disse Tiffany. — Não serei você um dia? E então falarei comigo agora, por assim dizer?

— Sim, mas o você com quem você fala não será exatamente você. Sinto muito por isso, mas estou tendo que falar sobre viagem no tempo em um idioma que não dá conta disso. Mas, resumindo, Tiffany, de acordo com a teoria das cordas elásticas, durante o resto do tempo, em algum lugar, uma velha Tiffany estará conversando com uma jovem Tiffany, e o fascinante é que cada vez que o fazem, serão um pouco diferentes. Quando você conhecer seu eu mais jovem, dirá a ela o que acha que ela precisa saber.

— Mas tenho uma pergunta —, disse Tiffany. — E é uma questão para a qual quero saber a resposta.

— Bem, seja rápida —, disse a velha Tiffany, — aquela coisa de corda elástica, ou seja lá o que for que Eskarina usa, não nos dá muito tempo.

— Bem —, disse Tiffany, — você pode pelo menos me dizer se algum dia vou conseguir...?

A velha Tiffany desapareceu, sorrindo até o nada, mas Tiffany ouviu uma palavra. Soava como, "Ouça".

E então ela estava no corredor novamente, como se nunca tivesse saído de lá, e as pessoas estavam aplaudindo e parecia haver Feegles por toda parte. E Preston estava a seu lado. Foi como se gelo tivesse derretido de repente. Mas quando recuperou o equilíbrio e parou de se perguntar se o que tinha acontecido realmente havia acontecido, Tiffany procurou

as outras bruxas e viu que elas estavam conversando entre si, como juízes somando uma pontuação.

A confusão se desfez e elas vieram em sua direção propositalmente, lideradas por Vovó Cera-do-Tempo. Quando chegaram até ela, curvaram-se e ergueram os chapéus, o que é um sinal de respeito no ofício.

Vovó Cera-do-Tempo olhou para ela com firmeza. — Vejo que você queimou a mão, Tiffany.

Tiffany baixou o olhar. — Não havia percebido —, disse. — Posso perguntar agora, Vovó? Vocês todas teriam me matado? — Ela viu as expressões das outras bruxas mudarem.

Vovó Cera-do-Tempo olhou em volta e parou por um momento.

— Digamos, jovem senhora, que teríamos feito o possível para não o fazer. Mas, apesar de tudo, Tiffany, parece-nos que você fez um trabalho de mulher hoje. O lugar onde procuramos bruxas está no centro das coisas. Bem, olhamos por aqui e vemos que você é tão central que esta herdade gira sobre você. Você é sua própria mestra, no entanto; e se não começar a treinar alguém, isso será um desperdício. Deixamos esta herdade nas melhores mãos.

As bruxas aplaudiram e alguns dos outros convidados juntaram-se a eles, embora não entendessem o que aquelas poucas frases significavam. O que eles reconheceram, entretanto, foi que se tratava, em sua maioria, de bruxas idosas, experientes, importantes e assustadoras. E eles estavam prestando homenagem a Tiffany Dolorida, uma delas, a bruxa deles. E se ela era uma bruxa muito importante, então o Giz tinha que ser um lugar muito importante. Claro, eles sabiam disso o tempo todo, mas era bom ter isso reconhecido.

Eles se puseram um pouco mais eretos e se sentiram orgulhosos.

A senhora Proust tirou novamente o chapéu e disse: — Por favor, não tenha medo de voltar para a cidade, senhorita Dolorida. Acho que posso prometer-lhe um desconto de trinta por cento em todos os produtos Boffo, exceto em produtos perecíveis ou consumíveis, uma oferta que não deve ser desprezada.

O grupo de bruxas ergueu os chapéus em uníssono novamente e voltou para a multidão.

— Você sabe que tudo o que fez até agora foi organizar a vida das pessoas para elas —, disse Preston atrás dela, mas quando ela se virou, ele recuou rindo e acrescentou: — Mas no bom sentido. Você é a bruxa, Tiffany. Você é a bruxa! — E as pessoas fizeram um brinde e houve mais comida, e mais dança e risadas e amizade e cansaço, e à meia-noite Tiffany Dolorida deitou-se sozinha em sua vassoura no alto das colinas do Giz e olhou para o universo, e depois, para o pedaço que pertencia a ela. Ela era a bruxa, flutuando acima de tudo, mas, é preciso dizer, com a tira de couro de segurança cuidadosamente afivelada.

A vassoura subia e descia suavemente conforme a brisa quente a levava e conforme o cansaço e a escuridão a tomavam, ela estendeu os braços para a escuridão e, só por um momento, enquanto o mundo girava, Tiffany Dolorida usava meia-noite.

Ela não desceu até que o sol cobrisse o horizonte com luz. E ela acordou com o canto dos pássaros. Por todo o Giz as cotovias subiam como faziam todas as manhãs, numa sinfonia de sons líquidos. Elas realmente cantavam melodiosamente. Elas passaram pela vassoura sem prestar atenção alguma e Tiffany as ouviu, fascinada, até que o último pássaro se perdesse no céu brilhante.

Ela aterrou, preparou o café da manhã para uma senhora idosa que estava acamada, alimentou seu gato e foi ver como estava a perna quebrada de Trivial Boxer[39].

Ela foi parada no meio do caminho pela vizinha da velha senhorita Swivel, que aparentemente, de repente, tornara-se incapaz de andar durante a noite; mas Tiffany felizmente conseguiu apontar que, lamentavelmente, o que ocorrera era que ela havia colocado os dois pés em uma perna de calcinha.

Então ela desceu ao castelo para ver o que mais precisava ser feito. Afinal, ela era a bruxa.

[39] O senhor e a Senhora Boxer eram um pouco mais educados do que seria conveniente para eles e achavam que 'trivial' seria um bom nome para seu terceiro filho. N.A.

## Epílogo

## MEIA-NOITE EM PLENO DIA

ERA A Feira da Escovação de novo, o mesmo realejo barulhento, as bacias com sapos para serem retirados com a boca, a leitura da sorte, as risadas, os batedores de carteira (embora nunca do bolso de uma bruxa); mas este ano, por consenso geral, nada de queijo rolando. Tiffany passou por tudo isso, acenando para as pessoas que ela conhecia, que eram todos, e geralmente aproveitando o sol. Já fazia um ano?

Tantas coisas aconteceram que eram como um amálgama, como os sons da feira.

— Boa tarde, senhorita.

E ali estava Amber com seu namorado...com seu marido...

— Quase não a reconheci, senhorita —, disse Amber alegremente, — já que você não está usando seu chapéu pontudo, se é que me entende.

— Decidi que hoje seria apenas Tiffany Dolorida —, disse Tiffany. — É um feriado, afinal.

— Mas você ainda é a bruxa?

— Ah, sim, ainda sou a bruxa, mas não sou necessariamente o chapéu.

O marido de Amber riu. — Eu sei o que você quer dizer, senhorita! Às vezes juro que as pessoas pensam que sou um par de mãos! — Tiffany olhou para ele de cima a baixo. Eles só se conheceram adequadamente quando ela o casou com Amber, é claro, e ela ficou impressionada; ele era o que chamavam de um rapaz firme e tão esperto quanto suas agulhas. Ele iria longe e levaria Amber com ele. E depois que Amber terminasse seu treinamento com a Kelda, quem sabe onde ela o levaria?

Amber estava pendurada em seu braço como se fosse um carvalho. — Meu William doou um presentinho para você, senhorita — , disse ela. — Vá em frente, William, mostre a ela!

O jovem ofereceu o pacote que carregava e pigarreou. — Não sei se você acompanha a moda, senhorita, mas agora eles estão fazendo tecidos maravilhosos na cidade grande, então, quando Amber me sugeriu isso, pensei neles. Mas também tem que ser lavável, para começar, talvez com uma saia dividida para o cabo de vassoura e mangas

perna de carneiro, que estão em alta nesta temporada, e com botões apertados nos pulsos para mantê-los fora do caminho e bolsos internos e com estilo para serem quase imperceptíveis. Espero que sirva, senhorita. Sou bom em medir sem fita. É um talento especial.

Amber saltou para cima e para baixo ao seu lado. — Coloque, senhorita! Vá em frente, senhorita! Coloque-o!

— Que? Na frente de todas essas pessoas? — Disse Tiffany, envergonhada e intrigada ao mesmo tempo.

Amber não tinha intenção de ceder. — Lá está a barraca para mães e bebês, senhorita! Não há homens ali, senhorita, não tenha medo! Eles têm medo de terem que fazer alguém arrotar, senhorita!

Tiffany cedeu. O pacote dava uma sensação rica ao tato; parecia macio, como uma luva. Mães e bebês a observavam enquanto ela vestia o vestido e ela ouvia os suspiros de inveja intercalados com arrotos.

Amber, ardendo de entusiasmo, abriu caminho pela aba da barraca e teve um arquejo.

— Ah, senhorita, ah, senhorita, combina muito com você! Ah, senhorita! Se ao menos você pudesse se ver, senhorita! Venha mostrar a William, senhorita, ele ficará tão orgulhoso quanto um rei! Ah, senhorita!

Você não poderia decepcionar Amber. Você apenas não poderia. Seria como chutar um cachorrinho.

Tiffany se sentia diferente sem o chapéu. Mais leve, talvez. William ofegou e disse: — Gostaria que meu mestre estivesse aqui, senhorita. Dolorida, porque você é uma obra-prima. Eu só queria que você pudesse se ver... senhorita? — E só por um momento, porque as pessoas não deveriam ficar muito desconfiadas, Tiffany ficou do lado de fora e se viu

girando o lindo vestido tão preto quanto um corvo, e ela pensou: vou usar meia-noite e serei boa nisso.

— ...

Ela voltou correndo para seu corpo e agradeceu timidamente ao jovem alfaiate. — É maravilhoso, William, e terei prazer em voar até onde for para mostrar ao seu mestre. Os punhos estão maravilhosos!

Amber estava pulando para cima e para baixo novamente. — É melhor nos apressarmos se quisermos ver o cabo de guerra, senhorita. São Feegles contra humanos! Vai ser divertido!

E, de fato, eles podiam ouvir o rugido dos Feegles se aquecendo, embora tivessem feito uma ligeira alteração em seu canto tradicional: — *Sem rei, sem rainha, sem senhor! Um barão... por força de contrato mutuamente acordado, cês sabe!*

— Vão em frente —, disse Tiffany. — Estou esperando por alguém. — Amber fez uma pausa por um momento. — Não demore muito, senhorita, não demore muito!

Tiffany caminhou lentamente com o vestido maravilhoso, imaginando se ousaria usá-lo todos os dias e... mãos passaram por suas orelhas e cobriram seus olhos.

Uma voz atrás dela disse: — Um ramalhete para a moça bonita? Nunca se sabe, isso pode ajudá-lo a encontrar seu namorado.

Ela se virou. — Preston!

Eles conversaram enquanto se afastavam do barulho, e Tiffany ouvia notícias sobre o jovem inteligente que Preston havia treinado para assumir o cargo de novo professor da escola; e sobre os exames e os médicos e o Hospital Gratuito Lady Sybil que tinha - e esta era a parte realmente importante – acabado de contratar um novo aprendiz, este

sendo Preston, possivelmente porque, como ele conseguia tirar a pata traseira de um burro, ele poderia ter um talento para cirurgia.

— Não creio que terei muitas férias —, disse ele. — Você não ganha muito quando é aprendiz e terei que dormir sob a autoclave todas as noites e cuidar de todas as serras e bisturis, mas sei todos os ossos de cor!

— Bem, não é tão longe assim de vassoura —, disse Tiffany.

A expressão de Preston mudou quando ele enfiou a mão no bolso e tirou algo embrulhado em tecido fino, que entregou a ela sem dizer uma palavra.

Tiffany desembrulhou-o, sabendo – sabendo absolutamente – que seria a lebre dourada. Não havia nenhuma possibilidade no mundo de que não teria fosse. Ela tentou encontrar as palavras, mas Preston sempre tinha um suprimento adequado.

Ele disse: — Senhorita Tiffany, a bruxa... você poderia fazer a gentileza de me dizer: qual é o som do amor? — Tiffany olhou para o rosto dele. O barulho do cabo de guerra foi silenciado. Os pássaros pararam de cantar. Na grama, os gafanhotos pararam de esfregar as pernas e olharam para cima. A terra moveu-se ligeiramente, enquanto até o gigante do Giz (talvez) se esforçava para ouvir, e o silêncio fluía sobre o mundo até que tudo o que havia era Preston, que sempre esteve lá.

E Tiffany disse: — Ouça.

FIM

## GLOSSÁRIO FEGLE

### Adaptado para leitores com temperamento delicado

### (Trabalho em andamento da Senhorita Umaturga)

**'SQUISITU**: Estranho, esquisito. Às vezes significa oblongo também, por algum motivo.

**AIDINÓIS**: Um grito geral de desespero.

**AVEXADU**: Preocupado, chateado.

**BESTÃOSZIS**: Pessoa sem valor.

**BOBÁGI**: Lixo, bobagem.

**BRUACA**: Uma bruxa de qualquer idade.

**BRUACA DAS BRUACAS**: Uma bruxa muito importante.

**BRUAQUICE**: Qualquer coisa que uma bruxa faça.

**CACAREJÁ CU SEUS VÔMITU**: Hmm, para colocar delicadamente... estar muito, muito assustado. Por assim dizer.

**CAGADÔ**: O vaso sanitário.

**CHATU**: Uma pessoa desagradável.

*DISGRAÇA!*: Uma exclamação geral que pode significar qualquer coisa, desde "Meu Deus!" até "Acabei de perder a paciência e pode haver problemas".

DOIDJU: Estar ansioso, como em "Estou ansioso por uma xícara de chá".

ESCROITO: Uma pessoa realmente desagradável.

ESCROITÃO: Uma pessoa realmente e de todo jeito, muito desagradável.

FRAQUIM: Uma pessoa fraca.

*GEAS*: Uma obrigação muito importante, apoiada na tradição e na magia. Não tem a ver com geada.

GONNAGLE: O bardo do clã, hábil em instrumentos musicais, poemas, histórias e canções.

GRANDÃOSZIS: Seres humanos.

GRANDE HOMEM: Chefe do clã (geralmente o marido da Kelda).

KELDA: A chefe feminina do clã e, eventualmente, a mãe da maior parte dele. Bebês Feegle são muito pequenos, e uma Kelda terá centenas ao longo de sua vida.

LINIMENTO ESPECIAL PARA OVELHAS: Provavelmente uísque caseiro do forte, lamento dizer. Ninguém sabe o que isso faria com as ovelhas, mas dizem que uma gota é boa para pastores em uma noite fria de inverno e para Feegles a qualquer momento. Não tente fazer isso em casa.

LONGI PRA TRÁS: Há muito tempo.

MUNDO DOS VIVOS: Os Feegles acreditam que estão mortos. Este mundo é tão bom, eles argumentam, que eles devem ter sido muito bons em uma vida passada e depois morreram e acabaram aqui. Parecer

morrer aqui significa apenas voltar ao Último Mundo, que eles acreditam ser bastante monótono.

NOJADO: Asseguro que isso significa "estar cansado".

SEGREDU: Segredos.

SOLTA SUA SINA: Enfrente o destino que está reservado para você/eu/ele/ela.

SPOG: Uma bolsa de couro, usada na frente de seu cinto, onde um Feegle guarda seus objetos de valor e comida não consumida, insetos interessantes, pedaços úteis de gravetos, barro da sorte e assim por diante. Não é uma boa ideia ver o conteúdo de um spog.

SUADOR: Encontrado apenas nos grandes montes funerários Feegle nas montanhas, onde há água suficiente para permitir banhos regulares; é uma espécie de sauna. Feegles do Giz tendem a confiar no fato de que você não está sujo antes que comece a cair por conta própria.

TIPIM: ver Bestãozis.

VÉIA: Mulher velha.

VÊLHAS: Coisas lanosas que comem grama e fazem baa. Não confundir com senhoras idosas.

ZÓIU: Olhos.

# NOTA DO AUTOR

Meu trabalho é inventar coisas, e a melhor maneira de inventar coisas é transformá-las em coisas reais... Quando eu era pequeno, logo após a última Idade do Gelo, morávamos em um chalé que Tiffany Dolorida reconheceria: tínhamos água fria, não tínhamos eletricidade e tomávamos banho uma vez por semana, porque a banheira de estanho tinha que ser tirada do prego, que ficava do lado de fora, atrás da parede da cozinha; e demorava muito para enchê-la, porque minha mãe só contava com uma única chaleira para aquecer a água. Então eu, como o mais novo, tomava o primeiro banho, seguido pela mamãe e depois pelo papai, e finalmente o cachorro, se papai achasse que ele estava começando a feder.

Havia velhos na aldeia que nasceram no período Jurássico e pareciam, para mim, todos iguais, com bonés chatos e calças severas presas por cintos de couro muito grossos. Um deles chamava-se senhor Allen e não bebia água da torneira porque, segundo ele, "não tinha sabor nem cheiro". Ele bebia água do telhado da sua casa, que alimentava um barril de chuva.

Presumivelmente, ele bebeu mais do que água da chuva, porque tinha um nariz que parecia dois morangos que se chocaram.[i]

O senhor Allen costumava sentar-se ao sol, em frente à sua casa, numa velha cadeira de cozinha, observando o mundo passar, e nós, crianças, costumávamos vigiar o seu nariz, caso ele explodisse. Um dia

eu estava conversando com ele e, do nada, ele me disse: "Você já viu restolhos queimando, garoto?"

Certamente que já vira: não perto de nossa casa; mas quando íamos de carro até a costa nas férias, embora às vezes a fumaça dos restolhos em chamas fosse tão densa que parecia neblina. Os restolhos era o que restava no solo depois que a maior parte dos caules do milho eram cortados. Dizia-se que a queima era boa para eliminar pragas e doenças, mas o processo significava que muitos pequenos pássaros e animais eram queimados. A prática já foi proibida há muito tempo, exatamente por esse motivo.

Um dia, quando a carroça da colheita passou pela nossa rua, o senhor Allen me disse: "Você já viu uma lebre, garoto?"

Eu disse: "Sim, claro." (Se você ainda não viu uma lebre, então imagine um coelho cruzado com um galgo, um que pode saltar magnificamente.) O Sr. Allen disse: "A lebre não tem medo do fogo. Ela olha para baixo, salta por cima e cai em segurança do outro lado."

Eu devia ter uns seis ou sete anos, mas lembrei-me disso, porque o Sr. Allen morreu pouco depois. Então, quando eu era muito mais velho, encontrei num sebo um livro chamado *The Leaping Hare* [A lebre saltadora], escrito por George Ewart Evans e David Thomson, e aprendi coisas que não teria ousado inventar.

O senhor Evans, que morreu em 1988, falava – durante a sua longa vida – aos homens que trabalhavam na terra: não na cabine de um trator, mas com cavalos, e eles viam a vida selvagem à sua volta. Suspeito que talvez eles tenham dado um pouco de brilho às coisas que lhe contaram, mas tudo fica melhor com um pouco de brilho, e não hesitei em polir a lenda da lebre para você. Se não for a verdade, então é o que a verdade deveria ser.

Dedico este livro ao Sr. Evans, um homem maravilhoso que ajudou muitos de nós a aprender sobre as profundezas da história sobre as quais flutuamos. É importante sabermos de onde viemos, porque se você não sabe de onde vem, então não sabe onde está, e se não sabe onde está, então não sabe aonde você está indo. E se você não sabe para onde está indo, provavelmente está indo pelo caminho errado.

Terry Pratchett

Wiltshire, 27 de maio de 2010

[i] Meu pai me dizia que se chamava "Nariz de bebedor", mas provavelmente ele estava errado, pois a condição, segundo me disseram, é um tipo de acne adulta (chamada rinofima, mas suspeito que isso seja muita informação).